

HISTÓRIA

História Integrada - Módulos



A História é o estudo do homem no tempo.

- | | |
|---|------------------------------------|
| 1 – Dividindo o tempo | 9 – Atenas |
| 2 – Pré-História | 10 – Período Clássico |
| 3 – Mesopotâmia | 11 – Roma: Monarquia |
| 4 – Egito | 12 – Roma: República |
| 5 – Fenícia e Israel | 13 – A expansão republicana |
| 6 – Pérsia | 14 – A crise da República |
| 7 – Grécia: Períodos Pré-Homérico e Homérico | 15 – Alto Império Romano |
| 8 – Esparta | 16 – Baixo Império Romano |

Módulo

1

Dividindo o tempo

Palavras-chave:

- Tempo • Cronologia
- Calendário • Periodização

1. O nascimento da Era Cristã

A História tem de ser pensada em termos de tempo ou não é História. É a sucessão dos acontecimentos, obedecendo a uma ordem cronológica, que forma o seu material de estudo, facilitando a sua compreensão. Portanto, para começar a entendê-la, é preciso saber como os acontecimentos foram classificados.

A unidade de tempo mais conhecida é o dia, mas é uma unidade muito pequena. Os meses são unidades maiores, mas ainda assim muito pequenas. Por isso, utilizamos basicamente os anos. A datação dos anos era feita, na Antiguidade, a partir dos reinados dos soberanos, da fundação de cidades pelos romanos ou de certos acontecimentos importantes como os *Jogos Olímpicos* na Grécia.

Durante os primeiros cinco séculos que se sucederam ao nascimento de Cristo, ainda se usava na Europa uma tríplice cronologia: a fundação de Roma, o nascimento de Cristo e a data de início de um determinado reinado.

Por muito tempo, seguiu-se o calendário juliano, criado por Júlio César em 46 a. C. No século VI d. C., o monge Dionísio, o Pequeno, procurou estabelecer o suposto ano do nascimento de Cristo e adequar a festa

do sol ao Natal. Em 1582, o papa Gregório XIII resolveu reformar o calendário juliano e adaptá-lo às festas cristãs, daí o nascimento do calendário cristão gregoriano que utilizamos hoje em dia.

Foi somente a partir do século XIX, com a corrida colonialista e a necessidade de padronização para facilitar o comércio mundial, que o calendário e a cronologia cristãos foram impostos aos povos não cristãos do mundo.

Outros calendários

Embora o gregoriano seja aceito universalmente, cada povo tem uma forma diferente de contar o tempo e o faz por ciclos naturais: o solar de 365 dias ou o lunar de 30 dias.

Entre os solares estão o gregoriano, o juliano e o maia. Já entre os lunares podemos citar o chinês, que inicia sua datação a partir do governo do patriarca Huangti; o judaico, que tem como ponto de partida a criação do mundo; o islâmico, que utiliza a Hégira, fuga de Maomé de Meca para Medina em 622 d. C.

Durante a Revolução Francesa, decidiu-se que os anos seriam contados a partir da proclamação da República e, mais tarde, Napoleão, em seu governo, restabeleceu o calendário cristão.

A universalização da cronologia cristã fez com que os anos anteriores ao nascimento de Cristo fossem contados de trás para diante. Assim, temos o ano 10 d. C., que corresponde a 10 anos após o nascimento de Cristo, e o ano 10 a. C., isto é, 10 anos antes do nascimento de Cristo. Observe que, como não existe um ano 0 na referida cronologia, o nascimento de Cristo situa-se já no ano 1 d. C., ou simplesmente ano 1.

Cem anos constituem um século. O primeiro século da Era Cristã começa com o nascimento de Cristo e vai até o ano 100. Do ano 101 ao ano 200, temos o segundo século. Daí em diante, a cronologia segue a mesma ordem.

O mesmo acontece se quisermos contar os séculos antes de Cristo: 765 a. C. pertence ao século VIII; 1598 a. C. pertence ao século XVI. O mecanismo somente não vale quando o ano termina em dois zeros (final de século). Por exemplo, o ano 800 pertence ao século VIII e 1900 ao século XIX.

Em resumo, os anos 1, 2, 3, ..., 98, 99 e 100 formam o primeiro século da Era Cristã. Para os demais anos, utilize uma regra simples para a contagem dos séculos: se o ano terminar em 00, separe os dois últimos algarismos da direita (00) e o número que está à esquerda indica o século; se o ano não terminar em 00, separe os dois algarismos que formam a dezena e acrescente uma unidade ao número que está à esquerda.

Exemplos:

476 – século V 1993 – século XX
 800 – século VIII 2000 – século XX
 1453 – século XV 2001 – século XXI

Dez séculos ou mil anos formam um *milênio*; assim, estamos no início do terceiro milênio depois de Cristo. A um período de 25 a 30 anos damos o nome de *geração*, porque corresponde à média entre o nascimento de um indivíduo e o momento em que ele constitui família e começa a procriar. Para a contagem do tempo, também se utiliza a *década*, que corresponde a um período de dez anos. Assim, quando citamos a década dos anos 60, do século XX, estamos nos referindo ao período que começa em 1961 e termina em 1970. Ainda é utilizada a expressão *época* para especificar o período dominado por uma grande personalidade, como a Época de Péricles, na Grécia; de Augusto, em Roma etc.

2. Os períodos da História

Costuma-se dividir a História em períodos. Eles facilitam o trabalho do historiador; são cômodos, embora superficiais. De fato, como não notamos a constante continuidade no processo histórico, essas divisões têm um caráter meramente didático.

Sobre essa divisão tradicional, é preciso considerar que se trata de um critério sobretudo político, em que os marcos fundamentais são todos ligados à história política. Se considerássemos outros aspectos (econômicos, sociais, religiosos), poderíamos encontrar outras datas mais significativas. Como exemplo, o Descobrimento da América, em 1492, é muito mais importante para a História do Ocidente do que a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453. Além do mais, situar um período de mudanças em uma única data é uma limitação muito séria, porque uma época de transição não pode ser reduzida a apenas um ano.

Idade Antiga

A História inicia-se exatamente no momento em que apareceram os documentos escritos; ora, como eles surgiram em torno do IV milênio a. C., quer dizer, por volta de 4000 a. C., podemos dizer que aí começa a História propriamente dita. O período anterior somente pode ser reconstituído com base em documentos não escritos. É necessário, portanto, interrogar documentos “mudos” (instrumentos, armas, desenhos, pinturas, restos) e, por isso, chamamos a esse período de **Pré-História**.

A Antiguidade divide-se em Oriental e Ocidental – ou Clássica. Com relação à primeira, estudamos as civilizações surgidas no Oriente Médio, como os egípcios, mesopotâmios (sumérios, babilônios e assírios), fenícios, hebreus e persas. A respeito da segunda, analisamos a civilização grega e a romana.

Este período se encerra com a queda do Império Romano do Ocidente por meio das invasões bárbaras.

Idade Média

O período medieval inicia-se com a queda de Roma e estende-se até a queda de Constantinopla em 1453 (ou ainda o fim da Guerra dos Cem Anos), sendo a fase em que o feudalismo se formou, se consolidou e iniciou a sua decadência, dando origem ao nascimento do capitalismo.

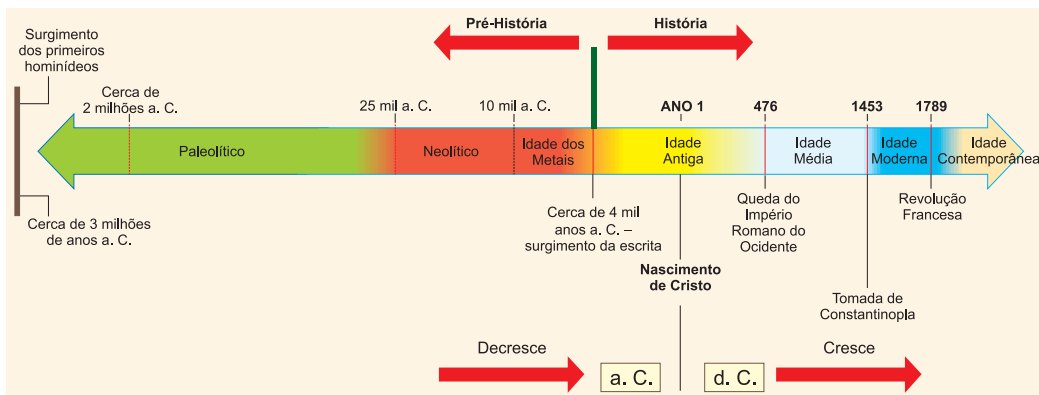
Idade Moderna

Neste período, estudamos a transição feudo-capitalista, em que as características feudais são suplantadas aos

poucos pelo capitalismo, até este se tornar dominante. Seu marco final é a eclosão da Revolução Francesa em 1789.

Idade Contemporânea

Nesta fase, ocorre a expansão e consolidação do capitalismo pelo mundo e seus efeitos perduram até os dias atuais.





O conhecimento da História

A análise da causa como instrumento do conhecimento histórico

Suponhamos um homem a andar por um caminho da montanha. E que tropeça e cai num precipício. Para que se desse um acidente, houve que verificar-se o concurso de um grande número de elementos determinantes. Entre outros, estes: a existência da gravidade, a presença de um relevo, resultante ele próprio de longas vicissitudes geológicas; o traçado do caminho, destinado, por exemplo, a ligar uma aldeia às suas pastagens de verão. Será, pois, perfeitamente legítimo afirmar que, se as leis da mecânica celeste fossem diferentes, se a evolução da Terra tivesse sido outra, se a economia alpestre não se baseasse na transumância sazonal, não se teria verificado a queda no precipício. Mas se perguntarmos entretanto: qual foi a causa? Toda a gente dirá: o passo em falso. Não é que esse antecedente fosse o mais necessário ao acontecimento. Muitos outros o eram no mesmo grau. Mas distingue-se dos demais por vários caracteres muito flagrantes: foi o último a dar-se; era o menos permanente, o mais excepcional na ordem geral do mundo; e, finalmente, por virtude mesmo desta menor generalidade, a sua intervenção parece a que poderia ter sido mais facilmente evitada. Por todas estas razões, o passo em falso pode parecer ligado ao efeito

por um vínculo mais direto, e quase não poderíamos evitar o sentimento de que só ele verdadeiramente o produziu. Aos olhos do senso comum, que ao falar de causa tem sempre dificuldade em desembaraçar-se de um certo antropomorfismo, este componente da última hora, este componente particular e inopinado, assemelha-se um pouco ao artista, que dá forma a uma matéria maleável já toda pronta.

História e verdade

O raciocínio histórico, na sua prática corrente, não procede de outro modo. Os antecedentes mais constantes e mais gerais, por muito necessários que sejam, continuam a ser simplesmente subentendidos. Qual é o historiador militar que pensará colocar entre as razões de uma vitória a gravitação, que explica as trajetórias dos obuses, ou as disposições fisiológicas do corpo humano, sem as quais os projéteis não provocariam ferimentos mortais? Já os antecedentes mais particulares, mais dotados ainda de uma certa permanência, formam o que se convencionou chamar as condições. O mais especial, aquele que no feixe das forças gerais representa, de qualquer modo, o elemento diferencial recebe de preferência o nome de "causa".

(BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976. pp. 164-165.)

As mentalidades

A história das mentalidades obriga o historiador a interessar-se mais de perto por alguns fenômenos essenciais de seu domínio: as heranças, das quais o estudo ensina a continuidade, as perdas, as rupturas (de onde, de quem, de quando vem esse hábito mental, essa expressão, esse gesto?); a tradição, isto é, as maneiras pelas quais se reproduzem mentalmente as sociedades, as defasagens, produto do retardamento dos espíritos em se adaptarem às mudanças, e da inegável rapidez com que evoluem os diferentes setores da história. Campo de análise privilegiado para a crítica das concepções lineares a serviço histórico. A inércia, força histórica capital, mais fato referente ao espírito do que à matéria, uma vez que esta evolui frequentemente mais rápido que o primeiro. Os homens servem-se das máquinas que inventam, conservando as mentalidades anteriores a essas máquinas. Os automobilistas têm um vocabulário de cavaleiros; os operários das fábricas do século XIX, a mentalidade dos camponeses, seus pais e avós. A mentalidade é aquilo que muda mais lentamente. História das mentalidades, história da lentidão na história.

(Extraído de: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos Objetos*. In: *As Mentalidades: uma História Ambígua*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. pp. 71-72.)

Exercícios Resolvidos

Leia os dois documentos a seguir e responda a questão 1.

DOCUMENTO 2

O cômputo da idade da Terra

Da Criação até o Dilúvio	1 656 anos
Do Dilúvio até Abraão	292
Do Nascimento de Abraão até o Êxodo do Egito	503
Do Êxodo até a Construção do Templo	481
Do Templo ao Cativoiro	414
Do Cativoiro até o Nascimento de Jesus Cristo	614
Do Nascimento de Jesus Cristo até hoje	1560
Idade da Terra	5520 anos

DOCUMENTO 1

Avalia-se em cerca de quatro e meio bilhões de anos a idade da Terra, pela comparação entre a abundância relativa de diferentes isótopos de urânio com suas diferentes meias-vidas radiativas.

1 (ENEM) – Considerando os dois documentos, podemos afirmar que a natureza do pensamento que permite a datação da Terra é de natureza





- a) científica no primeiro e mágica no segundo.
- b) social no primeiro e política no segundo.
- c) religiosa no primeiro e científica no segundo.
- d) religiosa no primeiro e econômica no segundo.
- e) matemática no primeiro e algébrica no segundo.

Resolução

As referências bíblicas, no primeiro documento, e as alusões a "isótopos de urânio" e "meias-vidas radioativas", no segundo, indiciam claramente o caráter religioso de um e a natureza científica do outro. Note-se a redação tautológica do enunciado: "...a natureza do pensamento... é de natureza..."

Resposta: C

2 (ENEM) – Os quatro calendários apresentados abaixo mostram a variedade na contagem do tempo em diversas sociedades.

1.º DE JANEIRO DE 2000  OCIDENTAL (Gregoriano) Baseado no ciclo solar, tem como referência o nascimento de Cristo.	24 DE RAMADÃ DE 1378  ISLÂMICO A base é a Lua. Inicia-se com a fuga de Maomé de Meca, em 622 d. C.	23 DE TEVET DE 5760  JUDAICO Calendário lunar, parte da criação do mundo conforme a Bíblia.	7.º DIA DO 12.º MÊS DO ANO DO COELHO  CHINÊS Referência lunar. Iniciado em 2697 a. C, ano do patriarca chinês Huangti.
---	--	---	--

(Adaptado de *Época*, n.º 55, 7 de junho de 1999.)

Com base nas informações apresentadas, pode-se afirmar que

- o final do milênio, 1999/2000, é um fator comum às diferentes culturas e tradições.
- embora o calendário cristão seja hoje adotado em âmbito internacional, cada cultura registra seus eventos marcantes em calendário próprio.
- o calendário cristão foi adotado universalmente porque, sendo solar, é mais preciso que os demais.
- a religião não foi determinante na definição dos calendários.
- o calendário cristão tornou-se dominante por sua antiguidade.

Resolução

O enunciado já determina a “variedade” na contagem do tempo em “diversas sociedades” e destaca a importância da religião na formação cultural de diversos povos, exigindo-se do examinando apenas saber que, nas relações internacionais, é atualmente utilizado o calendário cristão.

Resposta: B



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M101**



Exercícios Propostos

1 Por ser muito ampla e abrangente, a História pode ser fragmentada em vários aspectos do conhecimento, ajudando a relação das partes com o todo. Cite três ciências auxiliares da História e defina-as.

RESOLUÇÃO:

Economia: estudo da produção, distribuição e consumo de bens e serviços; Antropologia: estudo dos “modos de vida” dos grupos sociais e da evolução da espécie humana; Arqueologia: estudo dos materiais remanescentes de grupos sociais extintos.

2 A História é uma matéria decorativa? Explique.

RESOLUÇÃO:

Não, pois não inclui somente a memória, mas sobretudo o raciocínio lógico, a percepção da relação entre os fatos e a compreensão do processo histórico. O objetivo maior dessa compreensão está na observação daquilo que chamamos de rupturas e continuidades.

***Nota: Atente para o texto sobre as mentalidades.**

3 Indique os séculos que correspondem às datas abaixo:

- 1993 – século**XX**..... 1789 – século**XVIII**...
 1453 – século**XV**..... 476 – século**V**.....
 1500 – século**XV**.....

4 Relacione as colunas e assinale a alternativa correta:

- A) Nascimento de Cristo
 B) Hégira
 C) Êxodo do Egito para Canaã
 D) Proclamação da Convenção em 1792 (Vindimário)
- () Marca o início do calendário muçulmano.
 () Marca o início do calendário judeu.
 () Marca o início do calendário cristão.
 () Início do calendário revolucionário francês.
- a) D, C, A e B. b) A, D, B e C. c) B, A, C e D.
 d) B, C, A e D. e) C, D, A e B.

RESOLUÇÃO:

A marcação do tempo difere de uma cultura para outra e obedece a critérios religiosos ou políticos.

Resposta: D

Utilize o texto para responder a questão **5**.

Pelo olhar do poeta, também é possível compreender determinados aspectos essenciais para a conceituação de História. Leia, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade:

*Aconteceu há mil anos?
 Continua acontecendo.
 Nos mais desbotados panos
 estou me lendo e relendo.*

Ou, ainda, do mesmo autor:

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

5 (UnB – MODELO ENEM – modificada) – Com o auxílio das observações de Drummond, julgue os seguintes itens, referentes ao conceito de História e ao ofício do historiador.

I – Tendo por objeto o estudo do passado, a História parte das contingências da “vida presente” para inquirir aquilo que passou.

II – Especialmente em épocas de crise generalizada, sobressai o papel que se espera do historiador: lembrar o que os outros esqueceram.

III – O autor transmite a ideia de que o passado é continuamente reescrito, a partir de cada presente e de seus novos interesses, eliminando, assim, a possibilidade de a História conter um caráter científico.

IV – A reconstrução do passado, exatamente como ele ocorreu, é o que fazem os historiadores, independentemente de suas convicções ideológicas e pessoais.

RESOLUÇÃO:

A afirmativa III está incorreta, porque a História é uma ciência que utiliza uma metodologia e critérios próprios, apesar do historiador interferir com os seus valores e interesses na sua produção historiográfica.

A afirmativa IV está incorreta, pois é impossível reconstruir o passado, exatamente como ele ocorreu. Cabe ao historiador realizar um trabalho investigativo de recomposição a partir dos dados existentes. Na falta desses dados, as conclusões serão sempre parciais.

Módulo

2

Pré-História

Palavras-chave:

- Caça e coleta • Pedra lascada
- Revolução agrícola e urbana

1. A Revolução Neolítica

O Período **Neolítico** marca uma profunda transformação das relações do homem com a natureza, denominada **Revolução Agrícola**. Nesse período, verifica-se a passagem da economia de depredação (em que o homem se preocupa apenas com sua sobrevivência, destruindo recursos naturais) para uma economia de produção: quando o homem começa a plantar e aperfeiçoar, pela seleção, ervas, raízes e frutos comestíveis.

É também a fase em que se inicia a domesticação de animais. O homem resolve adaptar o meio geográfico às suas necessidades e não mais se ajustar a esse meio.

A vida em grupo permite a dinamização da agricultura e do pastoreio. O próprio processo de **sedentarização** garante o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, assim como a melhoria de vida, promovendo então um aumento populacional.

Quanto mais cresce o grupo, mais é necessário semear; e, assim, os mais jovens podem ser utilizados como força de trabalho no pastoreio e em serviços leves no campo.

O homem é caçador ainda. Entretanto, cada vez mais passa a percorrer maiores distâncias para que possa encontrar caça, cabendo à mulher o desenvolvimento da agricultura. Mesmo assim, segundo mostra a Arqueologia, nos períodos intermediários de caça, o preparo da terra e as atividades mais difíceis eram encargos masculinos.

A vida em sociedade vai se desenvolvendo. O homem vai aperfeiçoando ferramentas e armas que facilitam a vida em comunidade e o contato com a natureza. O aumento da produtividade agrícola cria a necessidade de encontrar utensílios para armazenar alimentos. Para tanto, desenvolveram-se as técnicas para a fabricação de cerâmica. Outros instrumentos deviam ser testados e o plantio do algodão e a tosa da lã vão permitir ao homem a fabricação de tecidos, o que exige conhecimentos e cultivo de determinadas plantas, além da técnica de tecer.

Nas comunidades, a terra era de uso coletivo, as técnicas de plantio eram precárias e quase não sobrava excedente de produção. O homem ainda não havia completado seu processo de sedentarização.

Em torno dessa nova realidade econômica, a sociedade também passou por transformações. Os homens organizaram-se na chamada comunidade primitiva, fundada a partir de laços de sangue, idioma e costumes. A posição social do indivíduo dependia do grau de parentesco que possuía com os membros do grupo, começando a estruturar-se o conceito de família.

A característica marcante desse período é a presença de monumentos **megalíticos**, grandes blocos de pedra, que possuíam um caráter funerário, pois os mortos eram enterrados junto a eles, geralmente com seus pertences.

Esses monumentos são representados pelos: menires, simples pedras fincadas no chão; dolmens, compostos de duas pedras fincadas verticalmente no chão sobre as quais repousa uma terceira, horizontalmente; *cromlechs*, formados por pedras dispostas em fileiras em torno de um dólmen.

Neolítico: referente ao período da pedra nova, também chamado de Idade da Pedra Polida (18 000 a 5 000 a. C.).

Sedentarização: ato de sedentarizar-se, isto é, ter habitação fixa.



Dólmen
ou mesa
de pedra.

2. A Idade dos Metais

Aos poucos, o conhecimento técnico do homem estendeu-se à fundição de metais, sendo abandonados progressivamente os instrumentos de pedra. O primeiro metal a ser fundido foi o cobre, por ser pouco duro; depois surgiu a técnica da fundição do estanho, que permitiu a obtenção do bronze, resultado da liga desses dois minérios. Por volta de 3000 a. C., o bronze era produzido no Egito e na Mesopotâmia, estendendo-se sua utilização, a partir daí, para algumas regiões da Europa.

O conhecimento da metalurgia do ferro é posterior ao do cobre, tendo início apenas por volta de 1500 a. C., na Ásia Menor. Sua difusão, porém, foi mais lenta, em virtude da dificuldade de extração e da necessidade de uma temperatura de fundição muito alta. Desta forma, o cobre continuou predominando. No entanto, a resistência do ferro para a fabricação de armamentos contribuiu para a supremacia dos povos que souberam utilizá-lo com esta finalidade.

As pequenas comunidades primitivas transformaram-se em cidades grandes e povoadas, dando origem a uma **Revolução Urbana**. Nesses novos centros, a economia primitiva foi substituída por uma agricultura intensiva, permitindo a produção de excedentes, além do desenvolvimento do artesanato, da manufatura e do comércio. Os homens passaram a utilizar a força de tração animal e dos ventos, a usar o carro de rodas e o barco a vela. A nova economia que se estabeleceu passou a exigir processos de contagem e padrões de medida e deu origem à escrita.

A apropriação dos excedentes agrícolas e artesanais apenas por alguns membros das comunidades gerou as diferenciações sociais. Para manter seu domínio sobre a propriedade e sua posição social, alguns indivíduos passaram a organizar o poder político, com a finalidade de arbitrar os antagonismos sociais, o que culminou no aparecimento do Estado.

3. Cronologia geral da Pré-História

PERÍODOS	CARACTERÍSTICAS	SOCIEDADES
Paleolítico Inferior (500 000 a. C. a 30 000 a. C.)	<i>Coup de poing</i> (machado manual sem cabo). <i>Coup de poing</i> aperfeiçoado e lascas. Início do emprego de ossos na confecção de objetos.	Sociedade comunitária. Esboço de organização social. Nascimento da instituição familiar. Domínio do fogo. Rudimentos de linguagem. Indícios de rituais funerários. Primeiras práticas de magia.
Paleolítico Superior (30 000 a. C. a 18 000 a. C.)	Nascimento da arte por meio da magia. Utilização de ossos, chifres e pedras lascadas. Instrumentos especiais para gravar e esculpir. Pequenas esculturas (Vênus de Willendorf). Bastões de comando. Auge do trabalho com sílex. Lâminas e pontas de arpão dentadas. Atiradores de dardo. Apogeu da arte das cavernas (Altamira e Lascaux). No final, declínio da produção artística.	Organização social mais complexa (agrupamentos baseados em famílias e clãs). Redução do nomadismo. Desenvolvimento da linguagem. Maior diversidade de ritos funerários. Uso mais frequente da magia.
Neolítico (18 000 a. C. a 5 000 a. C.)	Agricultura. Domesticação de animais. Teares simples (cordas, tecidos e redes trançadas). Cerâmicas. Barcos.	Formação da consciência de ser social. Embrião da vida urbana organizada em aldeias. Sedentarismo mais frequente. No final, esboço de concepções religiosas.
Idade dos Metais (5 000 a. C. a 4 000 a. C.)	Emprego de cobre, bronze, ferro e outros metais. Avanço técnico na agricultura, transporte e indústria. Escrita.	Vida urbana, agrícola e pastoril. Sociedade estratificada. Surgimento do Estado e da religião, agora como instituições definidas.

4. Pré-História no Brasil

Os estudos arqueológicos em nosso país estão cada vez mais avançados, e os pesquisadores têm-se esforçado para aprimorar as suas investigações e pesquisas.

Os sinais do nosso passado pré-histórico podem ser observados nos sítios arqueológicos espalhados por todo o País, tais como: o de Lagoa Santa (MG), o da Gruta dos Brejões (BA) e o mais conhecido de todos, o

de São Raimundo Nonato, no Parque Nacional da Serra da Capivara (PI). Ali, a arqueóloga Niéde Guidon comanda uma equipe que encontrou inúmeras pinturas rupestres, vários utensílios e vestígios de fogueira. Ela tem procurado demonstrar que eles datam, aproximadamente, de 50 mil anos atrás, mas a comunidade científica internacional não os reconhece, pois a teoria mais aceita a respeito da origem do homem americano (Estreito de Bering – ponte de gelo) aponta para 18 mil anos.

Exercícios Resolvidos

(UFPel – MODELO ENEM) – Leia os dois textos e responda à questão 1.

Texto 1

“Em todo o mundo, a leste e a oeste, as populações começaram a trocar a dependência às hordas de grandes animais, muitas das quais em rápido declínio, pela exploração de animais menores e de plantas. [...] Onde as condições fossem particularmente adequadas [...], as peças do quebra-cabeça da domesticação se acomodaram e os coletores transformaram-se em agricultores.”

(CROSBY, Alfred W. *Imperialismo ecológico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.)

Texto 2

“Os historiadores acostumaram-se a separar a coleta e a agricultura como se fossem duas etapas da evolução humana bastante diferentes e a supor que a passagem de uma à outra tivesse sido uma mudança repentina e revolucionária. Hoje, contudo, admite-se que essa transição aconteceu de maneira gradual e combinada. Da etapa em que o homem era inteiramente um caçador-coletor passou-se para outra em que começava a executar atividades de cultivo de plantas silvestres [...] e de manipulação dos animais [...]. Mas tudo isso era feito como uma atividade complementar da coleta e da caça.”

(VICENTINO, Cláudio. *História para o ensino médio: história geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2005.)

- 1 Os textos analisam
- a) o final do Período Neolítico e se posicionam de forma convergente quanto ao papel revolucionário desempenhado pela agricultura e pela domesticação dos animais.
 - b) o início do Período Neolítico e divergem entre si a respeito da existência da Revolução Neolítica, pois enquanto um indica uma transformação radical, o outro destaca a simultaneidade da caça, coleta e agricultura.
 - c) o início do Paleolítico Inferior e são contraditórios entre si, no que se relaciona aos efeitos da agricultura, dentre eles a sedentarização humana.
 - d) o final do Paleolítico Superior, no momento em que ocorreu a Revolução Agrícola, ambos afirmando que a caça e a coleta foram suprimidas pela agricultura.
 - e) a Transição Mesolítica, e concordam que, com o cultivo das plantas e a criação de animais, ocorreu a suspensão das atividades de caça e coleta, provocando a Revolução Neolítica.

Resolução

A explicação dada no primeiro texto apresenta uma visão cartesiana da evolução humana, enquanto o segundo texto demonstra que houve uma simultaneidade das atividades. Entretanto, cabe lembrar que, admitindo-se uma evolução no desenvolvimento técnico e social da espécie, ela não ocorreu uniformemente em todos os agrupamentos humanos espalhados pelo planeta Terra.

Resposta: B

- 2 (ENEM) – Segundo a explicação mais difundida sobre o povoamento da América, grupos asiáticos teriam chegado a esse continente pelo Estreito de Bering, há 18 mil anos. A partir dessa região, localizada no extremo noroeste do continente americano, esses grupos e seus descendentes teriam migrado, pouco a pouco, para outras áreas, chegando até a porção sul do continente. Entretanto, por meio de estudos arqueológicos realizados no Parque Nacional da Serra da Capivara (Piauí), foram descobertos vestígios da presença humana que teriam até 50 mil anos de idade. Validadas, as provas materiais encontradas pelos arqueólogos no Piauí
- a) comprovam que grupos de origem africana cruzaram o Oceano Atlântico até o Piauí há 18 mil anos.
 - b) confirmam que o homem surgiu primeiramente na América do Norte e, depois, povoou os outros continentes.
 - c) contestam a teoria de que o homem americano surgiu primeiro na América do Sul e, depois, cruzou o Estreito de Bering.
 - d) confirmam que grupos de origem asiática cruzaram o Estreito de Bering há 18 mil anos.
 - e) contestam a teoria de que o povoamento da América teria iniciado há 18 mil anos.

Resolução

Os estudos arqueológicos no Parque Nacional da Serra da Capivara (PI) apontam para uma origem do homem americano muito mais remota (50 mil anos) do que a teoria da “ponte de gelo” no Estreito de Bering (18 mil anos). **Resposta: E**

Exercícios Propostos

1 “Para se dar passagem para a nova economia, fizeram-se necessárias a produção e a acumulação de excedentes, para alimentar o numeroso contingente de trabalhadores empenhados em obras coletivas, que não produziam diretamente o necessário por estarem incumbidos daquelas tarefas. A passagem do estágio da barbárie para o da civilização ocorreu, principalmente, no Vale do Indo, Nilo, Tigre e Eufrates.”

Com base no texto e em seus conhecimentos,

a) cite o nome do processo descrito.

RESOLUÇÃO:

Revolução Neolítica.

b) identifique a atividade que permitiu esse excedente.

RESOLUÇÃO:
Agricultura.

c) indique o nome desse processo de produção e explique como se deu a formação das primeiras civilizações.

RESOLUÇÃO:

Modo de produção asiático. Predominou nas sociedades que se formaram na dependência dos grandes rios.

2 Por que podemos dizer que o processo de datação que considera o início da História com a invenção da escrita é de certa forma pouco científico?

RESOLUÇÃO:

Porque estabelece um critério dado pelos ocidentais sem considerar outros aspectos relevantes das culturas.

3 (FUVEST – MODELO ENEM) – Sobre o surgimento da agricultura – e seu uso intensivo pelo homem – pode-se afirmar que

- a) foi posterior, no tempo, ao aparecimento do Estado e da escrita.
- b) ocorreu no Oriente Próximo (Egito e Mesopotâmia) e daí se difundiu para a Ásia (Índia e China), Europa e, a partir desta, para a América.
- c) como tantas outras invenções, teve origem na China donde se difundiu até atingir a Europa e, por último, a América.
- d) ocorreu, em tempos diferentes, no Oriente Próximo (Egito e Mesopotâmia), na Ásia (Índia e China) e na América (México e Peru).
- e) de todas as invenções fundamentais, como a criação de animais, a metalurgia e o comércio, foi a que menos contribuiu para o ulterior progresso material do homem.

RESOLUÇÃO:

Várias civilizações se fixaram ao lado de rios ou de regiões que permitiam a produção de excedentes para garantir sua sobrevivência.

Resposta: D



Copo de ouro do Mar Egeu (ao lado) e espadas de bronze (abaixo).



4 (ESAN) – Sobre a conhecida Idade dos Metais, na transição entre a Pré-História e a História, é possível afirmar que

- a) foi marcada pela utilização do cobre, bronze e ferro, na produção de armas, instrumentos agrícolas, utensílios domésticos etc.
- b) apenas o bronze pode efetivamente ser apresentado como o primeiro metal utilizado.

- c) os homens lutavam entre si, enquanto a economia continuava coletora.
- d) a vida nômade dos primeiros grupos humanos foi um estímulo para o uso dos metais.
- e) não existe ligação entre o uso dos metais e a formação de grandes impérios.

RESOLUÇÃO:

O homem sedentário percebeu que certas rochas (minérios) derretem quando submetidas ao fogo constante e que poderiam ser moldadas.

Resposta: A

5 (MODELO ENEM) – “O Período Neolítico marca uma profunda transformação das relações do homem com a natureza, denominada Revolução Agrícola. Nesse período, verifica-se a passagem da economia de depredação (em que o homem se preocupa apenas com sua sobrevivência, devastando os recursos naturais) para uma economia de produção.” Com base nessas informações, escolha na relação a seguir as hipóteses compatíveis com este período.

- I – Os homens descobriram uma forma nova de obter alimentos: a agricultura, que os obrigou a conservar e cozinhar os cereais.
- II – Semeando a terra, criando gado, produzindo o próprio alimento, os homens não tinham mais por que mudar constantemente de lugar e tornaram-se sedentários.
- III – Os alimentos eram transportados por navios de grande porte, estimulando o comércio entre as várias civilizações.
- IV – Os homens ainda não produziam seus alimentos, não plantavam, nem criavam animais. Em verdade, eles coletavam frutos, grãos e raízes, pescavam e caçavam animais.

É correto o que se afirma apenas em

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV.

RESOLUÇÃO:

A afirmativa III está errada, pois esses navios começaram a ser fabricados quando se formaram as civilizações, portanto, numa fase posterior à Pré-História.

A afirmativa IV está errada, porque as atividades descritas fazem parte do Período Paleolítico, que antecede ao Neolítico.

Resposta: A



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M102**

1. Nascimento das civilizações

As primitivas comunidades de agricultores, autossuficientes, transformaram-se em núcleos urbanos, alimentados por suas “indústrias” (entenda-se a produção de artefatos) e pelo surgimento das primeiras relações comerciais.

Numa fase em que as últimas glaciações modificaram o planeta, o homem fixou-se em regiões **ribeirinhas**, como o vale dos Rios Tigre e Eufrates, Nilo, Jordão, Indo e Amarelo, dando origem aos povos da Antiguidade Oriental. Essas regiões são o berço de nossa civilização, ou seja, nossa herança oriental.

Crescente fértil: região de fertilidade em forma de meia lua, cercada por desertos e que compreende os rios Tigre, Eufrates, Orontes e Jordão.

“Toda a sociedade, toda a civilização está condicionada por fatores econômicos, técnicos, biológicos, demográficos. As condições materiais e biológicas são sempre um fator importante no destino das civilizações. O aumento ou a diminuição da população, a saúde ou a decadência física, o auge ou o declínio econômico ou técnico repercutem-se tanto no edifício cultural como social. A economia política, entendida no seu sentido mais lato, é o estudo de todos estes imensos problemas.”

(BRAUDEL, Fernand. *Le Monde Actuel, Histoire et Civilizations*. Paris: Ed. E. Belin.)

2. Sumérios, babilônios e assírios

O meio geográfico

Costuma-se dizer, geograficamente, que a **Mesopotâmia** é a região do Oriente Médio compreendida entre os Rios Tigre e Eufrates, onde predominavam condições semelhantes às do Egito, pois os dois rios forneciam facilidades para o transporte de mercadorias e as aves ribeirinhas e os peixes eram abundantes. O regime dos rios está preso ao derretimento da neve das grandes altitudes, onde se situam suas cabeceiras, inundando as terras e propiciando a abertura de canais de irrigação e a construção de diques.

Ribeirinho: que se encontra ou vive próximo a rios ou ribeiras; referente aos povos que habitavam as margens dos rios.

Mesopotâmia: *meso* (no meio, entre); *pótamos* (rios).

Sociedade hidráulica: povo que dependia da força das vias fluviais e gravitava em torno delas.

Apesar das enchentes periódicas dos rios, a Mesopotâmia apresentou certas dificuldades para o estabelecimento de populações ribeirinhas, pois essas cheias eram irregulares. Além disso, o clima mais seco e as doenças tropicais tornavam o trabalho do solo mais difícil, apesar de sua fertilidade.

Os povos das planícies, agricultores, viviam assediados, desde a época dos primeiros estabelecimentos humanos na área, pelos povos das montanhas, que viviam mais do saque e do pastoreio.

As civilizações da Baixa Mesopotâmia puderam desenvolver-se mais, notabilizando-se por seus aspectos econômicos e culturais. Surgiram assim importantes **sociedades hidráulicas**, com a instituição de um Estado baseado na posse das terras e no controle das águas dos rios.

Evolução política

A Mesopotâmia possuía várias cidades-Estado importantes – Ur, Uruk, Lagash, Nipur, Nínive, entre outras. No seu comando, havia um rei, chamado *patesi*, que governava de forma teocrática.

Ao sul, viviam vários povos – sumérios, acádios, amoritas, caldeus etc. – e, nessa região, formou-se o Império Sumério-Acadiano (2800 a 2000 a. C.), no qual se destacou o importante rei Sargão I.

Na parte central, constituiu-se o Primeiro Império Babilônico (1800 a 1600 a. C.), em que reinou o grande Hamurábi.

O Império Assírio (1875 a 612 a. C.), ao norte, teve momentos de glória e decadência alternados, sendo Senaqueribe seu grande rei. Tornou-se conhecido pela extrema violência no trato com os cativos.



Finalmente, estabeleceu-se o Segundo Império Babilônico (612 a 539 a. C.) no qual sobressaíram os reis Nabucodonosor e Nabopolassar. Este último foi derrotado pelos persas durante a expansão para o Ocidente e na região não se formou outro império.

Vida social e econômica

Nas sociedades hidráulicas da Mesopotâmia, o poder passou a se estruturar com a disputa pela posse das melhores áreas cultiváveis e da água. Os mais fracos foram submetidos pelos mais fortes que, utilizando-se da violência, reduziram-nos ao trabalho **compulsório**.

O homem da Mesopotâmia não era um indivíduo que se preocupava muito com a vida além-túmulo, como era o caso dos egípcios; estava mais voltado para a vida presente, tendo por isso formado sociedades pouco éticas, mas bastante organizadas juridicamente.

As grandes distâncias entre os **estamentos** sociais eram marcadas: de um lado, pelo rei, apoiado por fortes contingentes militares, pelos sacerdotes e pelos ricos mercadores; de outro lado, pelos artesãos, camponeses e escravos, que viviam de maneira miserável. A situação social era regulada pelo **Código de Hamurábi**, que acabou por prevalecer em toda a Mesopotâmia, em razão dos contatos contínuos entre os povos ali estabelecidos.



Estela babilônica, na qual Hamurábi aparece recebendo do deus Shamash as leis que compuseram o seu famoso código, em destaque a escrita cuneiforme.



Economicamente, a Mesopotâmia vivia mais da agricultura. As cheias dos rios eram aproveitadas para a fertilização das terras, completando-se com a construção de canais de irrigação e diques, que garantiam uma produção regular de trigo e cevada.

Compulsório: refere-se ao que não é livre; obrigatório.

Estamento: cada um dos grupos da sociedade com *status* jurídico próprio; sociedade na qual o nascimento e a tradição determinam a posição do indivíduo.

Grande parte da população dedicava-se ao plantio e à colheita. Quando as águas dos rios abaixavam, o **húmus** fertilizante acumulava-se às margens do Tigre e do Eufrates, proporcionando abundantes colheitas à população.

Em razão do desenvolvimento da agricultura, a criação de gado era pequena. Porém, desde o Neolítico, quando a produção artesanal marcou um grande avanço, os objetos de uso doméstico começaram a se aperfeiçoar. O artesanato egípcio e o mesopotâmico, com o surgimento do tear e da cerâmica, apresentaram um notável avanço e forneceram novos produtos para a sociedade. A construção de embarcações e a produção de tecidos desempenharam um importante papel nessas regiões.

O comércio da Mesopotâmia desenvolveu-se essencialmente por causa de sua posição geográfica, visto que é centralizadora das rotas provenientes do grande continente asiático e da África, e também pelas ligações entre o Alto e o Baixo Eufrates. Dessa forma, surgiram as condições para o nascimento de cidades-portos.

A religião na Mesopotâmia

Os sumérios dedicavam aos seus deuses templos, oferendas, alimentos e sacrifícios, só que os deuses sumerianos eram basicamente *antropomórficos* (semelhantes à forma humana). A incapacidade em explicar os fenômenos da natureza conduziu-os à criação de muitos deuses, entre eles: **Shamash**, o Sol; **Ishtar**, Vênus; **Marduc**, o deus principal. Esses deuses confundiam-se com os astros do firmamento. Os sumérios buscavam a origem do mundo na religião, desenvolvendo uma série de lendas.

Os mesopotâmicos adotaram uma religião politeísta, em que não lhes era acenada a vida além-túmulo, nem havia quaisquer preocupações éticas. As orações visavam à obtenção de favores dos deuses e os templos funcionavam até mesmo como bancos, emprestando dinheiro a juros; serviam ainda como depósitos de cereais. Era costume que todas as mulheres, uma vez na vida, deveriam se prostituir com um estrangeiro e entregar o dinheiro para a manutenção do templo. O clero era poderoso e interferia no poder político. Apoiando-se na crença da predestinação e do destino, lançaram os famosos horóscopos, que combinavam leituras astronômicas com uma interpretação mística.

No Império Babilônico, região essencialmente agrícola, acreditava-se no deus da fertilidade, representado por **Tamuz**. O mito dessa divindade é semelhante ao mito egípcio de *Osiris*. Contava-se que, quando *Tamuz* morreu e chegou ao mundo subterrâneo, a vida se deteve na Terra e as plantas secaram. “Aquele que fazia nascer os brotos sobre a Terra já não vive. O rei da força terrestre já não existe.” Assim chorava a deusa *Ishtar* pelo seu falecido esposo. Com grande esforço, *Ishtar* atravessou os sete pórticos do mundo subterrâneo e devolveu *Tamuz* à Terra. Quando regressou, toda a natureza reviveu.

Húmus: fonte de matéria orgânica, proveniente da decomposição de restos vegetais e animais, em menor escala, de grande importância na constituição do solo.

3. Cronologia do período estudado

IV milênio a. C.: ocupação da Mesopotâmia por povos originários da Armênia.

2800 a 2500 a. C.: chegada dos semitas à Mesopotâmia.

2500 a. C.: surgimento da primeira dinastia histórica, em Ur.

2800 a 2000 a. C.: predomínio dos sumérios e acádios.

2000 a. C.: destruição de Ur pelos elamitas.

1800 a 1600 a. C.: Primeiro Império Babilônico.

1728 a 1686 a. C.: reinado de Hamurábi na Babilônia.

Século XVI a. C.: invasão dos hititas e cassitas.

1875 a 1375 a. C.: Antigo Império Assírio.

1375 a 1047 a. C.: Médio Império Assírio.

883 a 612 a. C.: Novo Império Assírio.

745 a 728 a. C.: reinado de Tiglatfalasar III.

668 a 626 a. C.: reinado de Assurbanipal.

612 a. C.: tomada de Nínive pelos medos.

612 a 539 a. C.: Segundo Império Babilônico.

605 a 563 a. C.: reinado de Nabucodonosor.

539 a. C.: conquista da Babilônia por Ciro II.

331 a. C.: conquista da Babilônia por Alexandre Magno.



Saiba mais

O Código de Hamurábi

Encontram-se as leis de Hamurábi gravadas em um enorme bloco de pedra negra ou coluna monolítica de 2,25m de altura.



Estelas com escrita cuneiforme.

Eis alguns artigos do Código: “Se um homem negligenciar a fortificação do seu dique, se ocorrer uma brecha e o cantão inundar-se, o homem será condenado a restituir o trigo destruído por sua falta. Se não puder restituí-lo, será vendido assim como os seus bens, e as pessoas do cantão de onde a água arrebatou o trigo repartirão entre si o produto da venda. Se um homem der a um jardineiro um campo para ser transformado em pomar, se o jardineiro plantar o pomar e dele cuidar durante quatro anos, no quinto ano o pomar será repartido igualmente entre o proprietário e o jardineiro; o proprietário poderá escolher a sua parte. Se um homem alugar um boi ou um asno, e se nos campos o leão matar o gado, é o proprietário do gado quem sofrerá a perda. Se um homem bater em seu pai, terá as mãos cortadas. Se um homem furar o olho de um homem livre, ser-lhe-á furado um olho. Se um médico tratar da ferida grave de outro homem, com punção de bronze, e se ele morrer, terá as mãos decepadas. Se um arquiteto construir para um outro uma casa e não a fizer bastante sólida, se a casa cair, matando o dono, esse arquiteto é passível de morte. Se for o filho do dono da casa quem morrer, o filho do arquiteto será também morto.”

(Extraído de: ISAAC, J.; ALBA, A. *Oriente e Grécia*. São Paulo: Mestre Jou. p. 77.)

Exercícios Resolvidos

1 (UFSM – MODELO ENEM) – “(...) E a situação sempre mais ou menos / Sempre uns com mais e outros com menos / A cidade não para, a cidade só cresce / O de cima sobe e o de baixo desce / (...)”

Este trecho da música do pernambucano Chico Science (1966-1997) e grupo Nação Zumbi nos remete à vida em cidades, processo que passou a ser significativo na História, a partir do 4.º milênio a. C., na Mesopotâmia.

Sobre esse processo, é correto afirmar:

- a) Com o surgimento e crescimento das cidades, houve um progressivo aumento da especialização do trabalho e da igualdade social, enfraquecendo o poder político.
- b) A diminuição da produção agrícola assegurou excedentes para a manutenção de especialistas, desenvolvendo a urbanização em cidades-Estado socialmente desiguais.

c) Apesar da urbanização e das novas tecnologias de irrigação, mantém-se um Estado de caráter exclusivamente político e que não intervém na economia, conservando a ordem social hierarquizada.

d) A sedentarização do homem, o desenvolvimento de cidades, a especialização do trabalho e uma sociedade socialmente desigual levaram à constituição de polos de poder, como o Templo e o Palácio.

e) Mesmo se legitimando através de conquistas militares ou como mediadores entre o mundo terreno e o mundo divino, os soberanos separaram a esfera política da religiosa no intuito de conservar uma sociedade desigual.

Resolução

As civilizações do Modo de Produção Asiático se caracterizaram pela formação de Estados teocráticos, onde o governante se apresentava como um deus ou o seu representante.

Resposta: D

2 (UFRS – MODELO ENEM) – O mapa a seguir apresenta a região da Mesopotâmia.



A planície do Eufrates e do Tigre não constitui, como o vale do Nilo, um longo oásis no meio do deserto. Ela tem fácil comunicação com outras terras densamente povoadas desde tempos remotos. Por isso, a história da civilização mesopotâmica está marcada por uma sucessão de invasões violentas e de migrações pacíficas que deram lugar a um contínuo entrecruzamento de povos e culturas.

Entre esses povos, destacam-se

- egípcios, caldeus e babilônios.
- fenícios, assírios e hebreus.
- hititas, sumérios e fenícios.
- sumérios, babilônios e assírios.
- hebreus, egípcios e assírios.

Resolução

A Mesopotâmia (região entre os Rios Tigre e Eufrates) possibilitou a fixação de diversos agrupamentos humanos. Ao norte, os assírios; ao centro, os babilônios e ao sul, os sumérios, que se dividiam em vários povos: caldeus, acádios e amoritas.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 Discorra sobre o “Crescente Fértil” e as “civilizações hidráulicas”.

RESOLUÇÃO:

Região de extrema fertilidade, compreendida entre os vales dos Rios Tigre, Eufrates e Jordão. O aproveitamento das águas dos rios promoveu o desenvolvimento agrícola e a dependência do homem em relação a eles.

2 Sobre o Código de Hamurábi, responda:

a) O que ele refletia socialmente?

RESOLUÇÃO:

A desigualdade social e a aplicação da lei de acordo com o estamento do indivíduo.

b) Qual a sua essência filosófica?

RESOLUÇÃO:

O princípio da equidade, exposto na Lei de Talião: “Olho por olho, dente por dente”.

c) Qual a sua importância histórica?

RESOLUÇÃO:

Pioneirismo da sistematização jurídica e influência sobre outros povos.

3 Comente a concepção religiosa e científica da Mesopotâmia.

RESOLUÇÃO:

As preocupações religiosas conduziram ao desenvolvimento científico, de caráter pragmático e imediatista.

4 Considere as afirmações sobre a Mesopotâmia e assinale verdadeiro (V) ou falso (F).

- Compreendia a região entre os Rios Tigre e Eufrates.
- A Caldeia, ao sul, era bem distinta da Assíria, ao norte.
- O poder político nas cidades era exercido pelos comerciantes marítimos.
- Os acádios, sob a chefia de Sargão, assimilaram a cultura suméria.
- No Primeiro Império Babilônico, sobressaiu o rei Hamurábi na religião.
- A guerra, como elemento econômico, deu aos assírios uma característica belicosa e violenta.
- Nabucodonosor destacou-se no Segundo Império Babilônico, construindo os Jardins Suspensos.
- Os zigurates expressavam sua preocupação religiosa e científica.
- As cheias cíclicas dos rios impulsionaram as técnicas de irrigação.

RESOLUÇÃO:

Itens verdadeiros: (0), (1), (3), (5), (6), (7) e (8).

Itens falsos: (2) e (4).

(2) Era exercido pelo *patesi* (rei e sacerdote). Essa característica pertence aos fenícios.

(4) Hamurábi notabilizou-se pela criação do primeiro conjunto de leis escritas.

5 Na Antiguidade, a economia da Mesopotâmia apresentava as seguintes características:

- O Estado não tinha nenhum tipo de influência, predominando a propriedade privada.
- As terras eram divididas igualmente entre todos os camponeses, excluindo-se os escravos.
- Prevalcia a agricultura, que exigia maiores esforços individuais, em razão da inexistência de um Estado único e centralizado.
- A nobreza e a classe militar detinham o total controle da produção agrícola e dos meios de produção.
- Em virtude do comportamento irregular das cheias e vazantes dos rios, preponderou-se o desenvolvimento das atividades comerciais.

RESOLUÇÃO: O Estado era o organizador e coordenador da produção, emprestando aos camponeses as terras e apropriando-se dos excedentes.

Resposta: D

6 (MODELO ENEM) – “Bagdá – O famoso tesouro de Nimrud, desaparecido há dois meses em Bagdá, foi encontrado em boas condições em um cofre no Banco Central do Iraque em Bagdá, submerso em água de esgoto, segundo informaram autoridades do exército norte-americano. Cerca de 50 itens, do Museu Nacional do Iraque, estavam desaparecidos desde os saques que seguiram à invasão de Bagdá pelas forças da coalizão anglo-americana.

Os tesouros de Nimrud datam de aproximadamente 900 a. C. e foram descobertos por arqueólogos iraquianos nos anos 80, em quatro túmulos reais na cidade de Nimrud, perto de Mosul, no norte do país. Os objetos, de ouro e pedras preciosas, foram encontrados no cofre do Banco Central, em Bagdá, dentro de um outro cofre, submerso pela água da rede de esgoto.

Os tesouros, um dos achados arqueológicos mais significativos do século 20, não eram expostos ao público desde a década de 90. Uma equipe de pesquisadores do Museu Britânico chegará na próxima semana a Bagdá para estudar como proteger os objetos.”

(O Estado de S.Paulo. Acesso em: 7 jun 03.
Disponível em <www.estadao.com.br>)

Assinale a(s) proposição(ões) correta(s) em relação às sociedades que se desenvolveram naquela região na Antiguidade.

(01) A região compreendida entre os Rios Tigre e Eufrates, onde hoje se localizam os territórios do Iraque, do Kwait (Kwait) e parte da Síria, era conhecida como Mesopotâmia.

(02) Na Mesopotâmia viveram diversos povos, entre os quais podemos destacar os sumérios, acádios, assírios e babilônios.

(04) A religião teve notável influência na vida dos povos da Mesopotâmia. Entre eles surgiu a crença em uma única divindade (monoteísmo).

(08) Os babilônios ergueram magníficas construções feitas com blocos de pedra, das quais são exemplos as pirâmides de Gizé.

(16) Os povos da Mesopotâmia, além da significativa contribuição no campo da Matemática, destacaram-se na Astronomia e entre eles surgiu um dos mais famosos códigos de leis da Antiguidade, o de Hamurábi.

(32) Muitos dos povos da Mesopotâmia possuíram governos autocráticos. Entre os caldeus surgiu o sistema democrático de governo.

RESOLUÇÃO:

A proposição 04 está errada, pois a primeira forma de monoteísmo conhecida surgiu no Egito.

A proposição 08 está errada, porque as pirâmides de Gizé foram construídas no Egito.

A proposição 32 está errada, pois na Suméria os governantes das cidades-Estado (*patesi*) exerciam simultaneamente a função de rei e deus; portanto, não existia democracia.

Resposta: 01 + 02 + 16 = 19



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M103**

Módulo

4

Egito

Palavras-chave:

- Monoteísmo de Akenaton • Teocracia
- Império • Estamentos
- Cheias • Politeísmo

1. As condições geográficas

Os fatores geográficos tiveram grande importância para o estabelecimento das populações que se fixaram nas diversas regiões do Oriente Próximo e do Oriente Médio. Com a estiagem que varreu o interior africano, consequência da última grande retração dos gelos em direção aos polos, os animais começaram a migrar em busca de água, movidos pelo instinto de sobrevivência. Os homens, ainda na fase pré-histórica, vivendo quase exclusivamente da caça e da pesca, seguiram suas

trilhas. E assim, todos foram buscar refúgio no nordeste da África, no Vale do Rio Nilo.

Para compreender o povoamento da região, é preciso levar em conta as particularidades dele.

Em primeiro lugar, o Vale do Nilo não foi ocupado desde o início por uma migração homogênea. Na fase do **Paleolítico**, toda a África do Norte, coberta pela selva tropical, era percorrida por tribos de caçadores, à exceção do Vale do Nilo, devastado periodicamente pelas inundações de um rio mais formidável que o de hoje e infestado de animais ferozes. Essas tribos eram das mais diversas origens.

Paleolítico: referente ao período da pedra antiga (Pré-História), que antecede ao Neolítico, também chamado de Idade da Pedra Lascada.

Depois, com a seca produzida na África, durante o período **glaciário** mais recente, essa parte do continente passou progressivamente de floresta a estepe e, em seguida, de estepe a deserto. Para escapar à seca, sua população nômade se estabeleceu primeiramente em volta dos lagos interiores e depois nos afluentes do Nilo; enfim, quando também estes secaram, foram ocupar as esplanadas dos penhascos que dominavam a imensa vale onde corre o rio.

Foi preciso que esses povos, agrupados em famílias, começassem por conquistar uma natureza hostil, a porção do vale que lhes ficava defronte. Quando afinal conseguiram, transferiram-se para seus novos domínios. O Egito, então, acabou dividido em vários pequenos principados independentes uns dos outros, conhecidos como **nomos**, cada um deles liderado por um chefe: o **nomarca**.

Cavando seu leito na rocha, cruzando todo o deserto em busca do Mar Mediterrâneo, está o Rio Nilo, nascido no interior da África. Em suas margens, praticava-se a agricultura, a qual está estreitamente ligada ao comportamento do rio, uma vez que o nordeste da África é uma região seca e desértica, onde a água era obtida somente por meio de açudes e canais de irrigação. As cheias cíclicas do rio é que contribuíram para a formação de uma civilização peculiar, como foi a egípcia.



O Rio Nilo, o responsável por colheitas abundantes no Egito antigo.

O regime das cheias e vazantes do Nilo está ligado ao derretimento da neve nas altas montanhas do interior africano, bem como às chuvas que abundam nas cabeceiras do rio. O volume de água aumentava consideravelmente por volta de julho, arrastando sedimentos que eram depositados nas margens alagadas: o húmus.

Com isso, o solo tornava-se fértil a ponto de permitir uma ótima colheita e os canais de irrigação, construídos desde o Período Neolítico, ampliavam a área de aproveitamento agrícola. Dotado de uma vasta flora (**papiros**, palmeiras e trigo-selvagem) e de uma fauna abundante (**ibis**, crocodilos e hipopótamos), o Nilo sustentou uma das mais antigas civilizações do mundo: o Egito.

Glaciário: relativo a gelo ou geleira; referente ao período geológico da Pré-História que corresponde à fase do Paleolítico Inferior (500 000 a 30 000 a. C.).

Nomos: espécie de clã, que se constituiu na primeira unidade econômica, social e política dos egípcios.

Papiro: material sobre o qual se escrevia, obtido das hastas de uma

2. A evolução política

À medida que a população explorava a fértil área localizada às margens do Rio Nilo, os *nomos* se agruparam, dando origem a dois reinos: um ao norte, no Baixo Egito, e o outro ao sul, no *Alto Egito*. Por volta de 3200 a. C., *Menés*, um nomarca do sul, conquistou o norte, tornando-se senhor absoluto de todas as terras do Egito e, portanto, o primeiro *faraó*.

Antigo Império

Nesse momento, teve início o *Antigo Império*, que se prolongou por quase mil anos. Durante esse período de grande esplendor, foram construídas as pirâmides de *Quéops*, *Quéfren* e *Miquerinos* pelos faraós representantes da IV dinastia. No final dessa fase, houve um progressivo enfraquecimento do poder político dos faraós e os antigos nomarcas tomaram o poder.



As pirâmides de Quéfren, Quéops e Miquerinos, uma das maravilhas da Antiguidade.

Médio Império

Por volta de 2000 a. C., iniciou-se o *Médio Império*, com a restauração do poder do faraó, a partir da cidade de Tebas. A influência do Egito estendeu-se a Israel (Canaã) e à Núbia, por meio da expansão comercial e militar. Por volta de 1750 a. C., o Vale do Nilo foi invadido e conquistado pelos **hicsos**, que conheciam sofisticadas técnicas militares.

Novo Império

Durante o período de dominação estrangeira, os egípcios assimilaram os conhecimentos de guerra dos inimigos e, por volta de 1580 a. C., os invasores acabaram sendo expulsos do Egito, dando início ao *Novo Império*. A política expansionista e imperialista dessa fase atingiu o auge no governo do faraó Tutmés III, que conquistou a Síria, Israel (Canaã) e a Núbia, estendendo seus domínios até o Rio Eufrates, na Mesopotâmia. A abundância de escravos e riquezas promoveu um notável desenvolvimento. Ao mesmo tempo, houve um aumento no prestígio dos sacerdotes, que chegaram a ameaçar o poder do faraó. O faraó Ramsés II deu continuidade ao expansionismo, porém, com a sua morte, o Egito iniciou um processo de decadência.

comprida folha, de uma erva própria das margens do Rio Nilo.

Íbis: gênero de aves pernaltas, com várias espécies espalhadas pelas regiões quentes da Europa e norte da África.

Hicsos: povos nômades originários dos planaltos da Ásia, também conhecidos como povos pastores.



Após sofrer a invasão dos assírios, em 670 a. C., o Egito acabou sob o domínio dos persas. Nos séculos seguintes, foi dominado pelos gregos e romanos.

Detalhe do
Templo de Ramsés II.

3. O cenário social e econômico

No decorrer de sua história, o Egito transformou-se em uma imensa civilização presa ao comportamento do rio. A população dedicava-se a lavar o solo, levando uma vida pacífica. Contando com uma proteção natural, proporcionada pelos acidentes geográficos (Mar Vermelho, a leste; Saara, a oeste; Mediterrâneo, ao norte; florestas do Sudão, ao sul), o felá (camponês egípcio) pôde gozar de paz durante a maior parte da existência do Império Egípcio.

Nessas “sociedades hidráulicas”, a distinção social começou a se fazer notar quando a luta pela posse das áreas cultiváveis levou os camponeses a se defrontarem, na posição de possuidores da força de trabalho, com os proprietários das terras, que delas se apoderaram e as mantinham, invocando a proteção dos deuses e dos sacerdotes.

O topo da pirâmide social era ocupado pela família do faraó; este, por considerar-se um deus encarnado, possuía prerrogativas únicas.

Os sacerdotes também ocupavam uma posição invejável, juntamente com a nobreza, que detinha o controle das terras e o trabalho dos camponeses. Com o crescimento do comércio e do artesanato, durante o Médio Império, surgiu uma camada social média empreendedora, que chegou a conquistar uma certa posição social e alguma influência no governo.

Os burocratas passaram a ocupar um lugar destacado na administração, principalmente no que tangia à cobrança de impostos (em gêneros) dos camponeses. Havia toda uma hierarquia de **escribas**, cujos graus variavam de acordo com a confiança neles depositada pelo faraó e pela nobreza.

Os artesãos ocupavam uma posição inferiorizada perante os camponeses. Estes eram fiscalizados por funcionários especiais. O número de escravos aumentou consideravelmente a partir das guerras e do expansionismo egípcio na fase do Novo Império. Apesar de serem totalmente dependentes de seus senhores, em geral eram bem tratados.

Apesar de o governo manter escolas públicas, estas formavam, em sua maioria, escribas destinados a trabalhar na administração do Estado Faraônico.

A agricultura, no Egito, detinha a maior concentração de trabalho. Com exceção das culturas fenícia e egeia (cretense), que se lançaram ao comércio marítimo, os demais povos praticavam a agricultura, procurando extrair da terra o sustento da população.

O Egito foi o grande celeiro do Oriente Médio e uma das mais privilegiadas civilizações. Suas terras, favorecidas pelo rio e pela fertilização natural e beneficiadas pelos diques e canais, mostraram-se férteis e generosas. Ao longo do Nilo, estendiam-se as plantações de trigo, cevada e linho – cuidadas pelos felás –, que se desenvolveram rapidamente em razão do aperfeiçoamento das técnicas de plantio e semeadura. A **charrua**, puxada pelos bois, e o emprego de metais propiciaram grandes colheitas. Teoricamente, as terras pertenciam ao faraó, porém a nobreza detinha grande parte delas. Enormes armazéns guardavam as colheitas, que eram administradas pelo Estado. Uma parte da produção chegava a ser exportada. O comércio processava-se entre o Alto e o Baixo Egito por meio de embarcações que subiam e desciam o rio abarrotadas de cereais e produtos artesanais.

A presença da tecelagem e da fiação e a confecção de sandálias de folhas de papiro, como também a **ourivesaria**, propiciaram um desenvolvimento razoável do comércio interno, uma vez que poucas relações eram mantidas com o exterior.

Rebanhos de gado bovino e ovino podiam ser vistos nos campos próximos ao rio, guiados por pastores.

4. A vida religiosa

A religiosidade do Oriente pode facilmente ser aquilatada por uma constatação atual, pois as cinco grandes religiões de nossos dias tiveram sua origem nessa região. Daí provém uma enorme variedade de deuses, fórmulas religiosas e cultos.

A existência dos deuses satisfazia à ânsia do homem em ver suas aspirações atendidas, ao mesmo tempo que afastava seus temores íntimos. Protetores da água, da chuva, da colheita, das plantas e dos pescadores eram todos cultuados de formas diversas, que iam desde o incenso até o sacrifício de animais e homens, tudo com a intenção de conseguir suas boas graças. Os próprios governantes revestiam-se de caracteres divinos, a fim de serem mais respeitados. Paralelamente à instituição religiosa, uma casta fechada de sacerdotes cresceu e estruturou-se em todas as civilizações. O clero ocupava uma posição social e econômica privilegiada, influenciando o governo e o povo.

Escriba: funcionário real; pessoa que tinha instrução, permitindo-lhe o acesso à complicada escrita egípcia.

Charrua: arado grande, de ferro, utilizado para alargar o sulco da terra.

Ourivesaria: oficina onde se trabalha o ouro, com trabalhadores denominados ourives.



Esfinge de Quéops.

No Egito, como em quase toda a Antiguidade, a religião assumia a forma politeísta, compreendendo uma enorme variedade de deuses e divindades menores. Muitos animais gozavam de um culto todo especial, como era o caso do gato, do crocodilo, do íbis, do escaravelho e do boi **Ápis**; havia também divindades híbridas, com corpo humano e cabeça de animal (*antropozoomórficas*): **Hator** (a vaca), **Anúbis** (o chacal), **Hórus** (o falcão protetor do faraó). Cultuavam-se ainda fenômenos naturais, como as cheias do Rio Nilo.

O mito de **Osiris** ilustra bem a religiosidade dos egípcios, que decidiram erigir túmulos e templos em homenagem à morte e à vida futura.

O principal deus egípcio era **Amon-Ra**, combinação de duas divindades, e era representado pelo Sol. Em torno dele, girava o poder sacerdotal. A preocupação com a vida futura era grande e os cuidados com os mortos eram contínuos, bastando lembrar as cerimônias fúnebres, nas quais eram realizadas as oferendas de alimentos e de incenso.

Acreditava-se em um julgamento após a morte, quando o deus Osiris iria colocar em uma balança a alma do indivíduo, representada pelo seu coração, para julgar seus atos. Os justos e bons teriam como recompensa a reincorporação e depois iriam para uma espécie de Paraíso.

O politeísmo entravava o progresso egípcio, pois a camada sacerdotal era muito grande e a sua manutenção era bastante onerosa para o Estado, que desta forma aumentava constantemente a tributação. Os sacerdotes interferiam com frequência nos assuntos públicos e o próprio faraó, muitas vezes, não passava de um instrumento do clero. Aproveitando-se da religiosidade do povo, os sacerdotes alcançaram uma extraordinária ascendência, convertendo a civilização egípcia como se fosse sua propriedade particular.



O embalsamento era um rito ligado ao deus Osiris, o rei do reino dos mortos. A gravura mostra o deus Anúbis embalsamando um morto.

O perigo do poder clerical já havia sido constatado por Amenófis III. Para se livrar da influência do clero, o faraó havia mudado seu palácio para longe dos templos.

Reforma monoteísta

Por volta de 1500 a. C., o Egito viu nascer o primeiro culto monoteísta: o culto a **Áton**, representado pelo disco solar. O faraó Amenófis IV levantou-se contra a religião politeísta, expulsou o clero, fechou seus templos e distribuiu suas terras. Com essa revolução religiosa, esperava quebrar o poder dos sacerdotes. Em seguida, organizou uma nova classe sacerdotal e construiu, a 32 quilômetros ao norte de Tebas, a cidade de Tell el-Amarna (“a cidade do horizonte” ou “a morada de Áton”), transformada em residência real, e mudou seu nome para Akhenáton, compondo ao novo deus o *Hino ao Sol*.

Essa tentativa monoteísta foi efêmera. Com a morte do faraó Amenófis IV, seu sucessor, Tutancáton, permitiu ao clero recuperar sua influência e restaurar o culto ao deus *Amon*, sendo obrigado a mudar seu nome para *Tutancamon*.



Máscara de Tutancamon, faraó da XVIII dinastia egípcia.



Ao lado, vemos um exemplo da escrita ideográfica, a primeira forma utilizada pelos egípcios.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M104**

5. Cronologia do período estudado

IV milênio a. C.: formação dos nomos no Egito.

3200 a. C.: unificação do Alto e Baixo Egito por Menés, dando início ao Antigo Império.

2850 a 2052 a. C.: Antigo Império.

2650 a 2190 a. C.: época da construção das grandes pirâmides (Quéops, Quéfren e Miquerinos).

2400 a. C.: ascensão dos nomarcas ao poder.

2052 a 1570 a. C.: Médio Império.

1800 a. C.: chegada dos hebreus ao Egito.

1650 a. C.: invasão do Egito pelos hicsos.

1580 a. C.: expulsão dos hicsos e início do Novo Império.

1377 a 1358 a. C.: introdução do culto a Áton por Amenófis IV.

1320 a. C.: início do reinado dos faraós da dinastia de Ramsés II.

663 a. C.: curto período de recuperação.

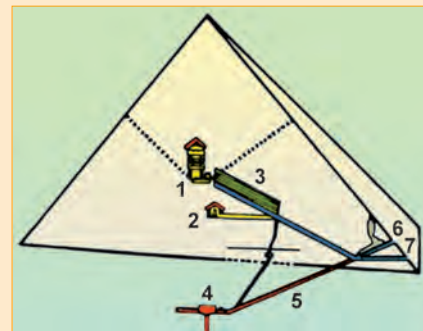
525 a. C.: derrota de Psamético III em Pelusa por Cambises; o Egito torna-se uma província persa.

332 a. C.: invasão do Egito por Alexandre Magno.

30 a. C.: início do domínio romano.

1798 d. C.: descoberta da Pedra de Roseta.

1822 d. C.: decifração dos hieróglifos por Champollion.



Corte de uma pirâmide. Seguindo pelo corredor (7), atinge-se a galeria (3) que conduzia às câmaras do faraó (1) e da rainha (2). A entrada (6) e o corredor (5), que na Antiguidade levavam à cripta primitiva (4), permanecem fechadas.

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – Entre os tesouros encontrados no túmulo de Tutancamon (faraó que reinou entre 1332 e 1322 a. C.), acha-se este baixo-relevo em ouro representando uma cena da vida privada da família real: a esposa do faraó esfregando óleo perfumado no corpo do marido (a seguir). Dos artesãos e trabalhadores em geral que produziram o túmulo e suas riquezas, não se acharam vestígios.



Sobre essas figuras anônimas, pode-se afirmar:
I – Eram cidadãos do Estado teocrático egípcio e, como tais, tinham direitos semelhantes aos dos seus reis e patrões.

II – Serviram aos soberanos egípcios e garantiram a sobrevivência dos valores deles por meio de obras artísticas.

III – Eram operários das obras funerárias dos reis e aristocratas e tinham seus direitos garantidos por severa legislação do Código de Hamurábi.

IV – Eram homens e mulheres que entregavam o trabalho e a vida para que a grandeza do Estado egípcio se perpetuasse no tempo.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I. b) apenas I e II.
c) apenas II e IV. d) apenas III e IV.
e) I, II, III e IV.

Resolução

A afirmativa I está errada, pois não havia o conceito de cidadania – igualdade jurídica, que surgiria tempos depois na Grécia Antiga. A afirmativa III está errada, pois o código de Hamurábi surgiu na Mesopotâmia. A rígida estrutura social egípcia era regida por princípios religiosos, cuja base se encontrava no *Livro dos Mortos*.

Resposta: C

Analise a charge e o texto a seguir e responda à questão **2**.



“Heródoto, historiador grego do século V antes de Cristo, dizia que o Egito era um presente do Rio Nilo. Durante os meses de cheias, suas águas inundavam as terras e as cobriam de adubos naturais. Mas isso não era o bastante, como dizia um documento provavelmente escrito por volta do

ano 2000 antes de Cristo: ‘Desejamos a inundação, nela achamos vantagem. Mas nenhum campo lavrado cria-se por si mesmo’.

De fato, eram muitas e árduas as tarefas que os camponeses tinham de realizar para criar os campos lavrados e eram os movimentos do Nilo que regulavam suas atividades durante todo o ano.”

(AQUINO, Rubim; MOURA, Maria Bernadete; AIETA, Luiza. *Fazendo a História*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A. Edição Revisada, 1993.)

2 (MODELO ENEM) – Quanto à relação do Nilo com o trabalho dos camponeses, é válido argumentar que os camponeses

a) podiam se ocupar com as atividades de lazer, quando o rio voltava ao seu leito e, então, o trabalho agrícola cessava.

b) precisavam construir diques, represas e canais de irrigação, para armazenar e distribuir as águas do rio para diferentes regiões.

c) semeavam e colhiam, durante os meses em que ocorriam as inundações, aproveitando-se do solo úmido, fertilizado e amolecido.

d) eram recrutados pelos faraós para o trabalho artesanal e doméstico nos palácios, durante os períodos de vazante.

e) constituíam a camada social mais privilegiada, em razão da importância atribuída ao seu trabalho.

Resolução

As cheias do Rio Nilo ocorriam entre julho e novembro, e depositavam em suas margens uma lama extremamente fértil. Esta sedimentação foi utilizada pelos camponeses para o plantio de cereais que garantiram a sobrevivência da civilização egípcia em meio àquela região hostil.

Resposta: B

“... a região do Egito, aonde vão os barcos dos gregos, é uma terra que se ajusta ao país dos egípcios, um presente do rio (...).

Os seus habitantes colhem os frutos da terra com o mínimo de fadiga; não se afligem a cavar regos, nem a executar nenhum daqueles trabalhos de que os outros se fatigam. Quando o rio por si mesmo alaga os seus campos e depois se retira, então cada qual semeia o seu terreno e ali solta os porcos.

Finalmente, quando estes tenham enterrado as sementes, calcando-as com as patas, só têm que esperar o momento da colheita.”

(Heródoto, *História*. Livro II.)

1 Com base no texto, responda:

a) Por que o historiador grego Heródoto afirmou não existir esforço na produção agrícola do Egito, na Antiguidade?

RESOLUÇÃO:

Por causa da extrema fertilidade do solo para o desenvolvimento da agricultura.

b) Por que Heródoto afirmava ser o Egito uma “dáviva do Nilo”?

RESOLUÇÃO:

Por ser uma região árida e seca, a vida no Egito só se tornou possível em razão das cheias do Rio Nilo, que sedimentava em suas margens o húmus.

2 “Homenagem a ti, Deus grande, Senhor da verdade e da justiça! (...)”

Não cometi fraude alguma para com os homens. Não atormentei as viúvas. Não menti ante o tribunal. Não conheço a má-fé. Não impus a um chefe de trabalhadores mais trabalho do que devia fazer cada dia. Não fui negligente. Não fui ocioso. Não cometi sacrilégios. Não maltratei o escravo perto do seu amo. A ninguém privei de alimento. Não fiz chorar. Não matei. Não roubei as faixas nem as provisões dos mortos. Não usurpei a terra. Não falseei a balança. Não tirei o leite da boca das criancinhas. Não cortei um canal! (...) Ó juízes, neste dia de julgamento supremo, permiti que o defunto chegue até vós, ele não pecou, não mentiu, nem praticou o mal, mas viveu da verdade e nutriu-se da justiça. O que ele fez, os homens o dizem e os deuses com isso se rejubilam: deu pão aos esfomeados, água ao sedento, roupas àqueles que estavam nus: ofereceu sacrifícios aos deuses, repastos funerários aos defuntos. A sua boca é pura e as suas mãos são puras.”

(*Livro dos Mortos*)

Cite a principal ideia do documento acima.

RESOLUÇÃO:

Preocupação com a vida após a morte e com a conduta moral e ética a ser seguida.

3

Amanheces formoso no horizonte celeste,

Tu, vivente Áton, princípio da vida!

Quando surgiste no horizonte do Oriente

Inundaste toda a terra com tua beleza.

És belo, grande, resplandecente e sublime sobre toda a terra;

Teus raios invadem as terras até o limite de tudo o que fizeste:

Sendo Rei, alcanças o fim delas,

Subjuga-as para teu filho predileto.

Embora estejas longe, teus raios estão na terra;

Embora toques as faces dos homens, ninguém conhece o teu destino.

(Akhenáton, *Hino a Áton*)

Com base no texto, responda:

a) Que faraó egípcio implantou o culto a Áton no Egito Antigo?

RESOLUÇÃO:

Amenófis IV (Akhenáton).

b) Qual o motivo dessa revolução religiosa no Novo Império?

RESOLUÇÃO:

Diminuir a influência dos sacerdotes na vida política, substituindo o culto politeísta pelo monoteísmo de Áton.

4 Coloque falso (F) ou verdadeiro (V) nas assertivas sobre a civilização egípcia.

(0) As cheias cíclicas do Rio Nilo influenciavam a vida social.

(1) A organização política dissolveu-se por meio dos nomos.

(2) Antigo, Médio e Novo Império correspondem à sua evolução política.

(3) As pirâmides de Gizé são exemplos do poder teocrático.

(4) O faraó Menés unificou o Egito por volta de 3 200 a. C.

(5) Amenófis IV revolucionou a religião tradicional, ao substituir o culto politeísta pelo monoteísmo.

(6) A religião era animista e antropozoomórfica.

(7) Os hebreus e os hicsos não tiveram relações com o Egito.

(8) A Pedra de Roseta permitiu que Champollion decifrasse os hieróglifos, ampliando os conhecimentos sobre o Egito.

RESOLUÇÃO:

Itens verdadeiros: (0), (2), (3), (4), (5), (6) e (8).

Itens falsos: (1) e (7).

(1) A primeira forma de organização política ocorreu por meio dos nomos.

(7) Os hebreus viveram durante algum tempo como escravos no Egito; os hicsos invadiram o Egito e se tornaram seus governantes.

5 (MODELO ENEM) – Relacione o texto às proposições a seguir colocadas, assinalando a correta:

“Ó senhor de todos! Rei de todas as casas. Nas decisões mais distantes fazes o Nilo celeste para que desça como chuva e açoite as montanhas, como um mar para regar os campos e jardins estranhos. Acima de tudo, porém, fazes o Nilo do Egito que emana do fundo da terra. E assim, com os teus raios, cuidas de nossas hortas. Nossas colheitas crescem, e crescem por ti (...). Tu estás em meu coração. Nenhum outro te conhece, a não ser teu filho Akhenáton.”

- a) Destaca a função geradora da vida do deus Amon e do faraó, responsáveis por tudo que existia no Egito.
- b) Mostra que o Sol, Áton, era encarnado na terra do faraó Akhenáton.
- c) Evidencia que o alimento e a vida do homem dependiam do grande deus tebanos.

d) O texto anterior assinala o caráter ideológico na sociedade egípcia, destacando a figura do faraó ligada ao deus principal e reforçando seu papel político.

e) Mostra a profunda ligação mística entre o faraó e o deus que dominou o Egito no Médio Império.

RESOLUÇÃO:

A reforma religiosa, empreendida por Amenófis IV (XVIII dinastia, no Novo Império), buscava neutralizar o poder e a influência dos sacerdotes junto ao povo, impondo o monoteísmo. Para consolidar o seu domínio, o faraó abandonou seu antigo nome, se apresentou como o filho do deus único (Áton) e passou a se denominar Akhenáton.

Resposta: D

Módulo

5

Fenícia e Israel

Palavras-chave:

- Comércio Marítimo • Cedro • Aristocracia mercantil • Cidades-Estado • Patriarcas
- Êxodo • Cisma • Diáspora • Monoteísmo

1. As disposições geográficas



O Vale do Jordão ou a “Terra Prometida”.

O **Crescente Fértil** compreende a extensão de terra que se inicia no Golfo Pérsico, avança na direção noroeste e se alarga à medida que os Rios Tigre e Eufrates se distanciam um do outro. O Crescente chega até a costa oriental do Mar Mediterrâneo, incluindo o Vale do Rio Jordão, em território dos atuais Estados de Israel e do Líbano. Embora nesta última área as condições não fossem tão favoráveis à agricultura, o **Crescente Fértil** abrigou fora da Mesopotâmia duas importantes civilizações: a **fenícia** e a **hebraica**.

2. Fenícios

Localização

Uma estreita faixa de terra, representada hoje pela República do Líbano, estende-se por aproximadamente 200 quilômetros, com menos da metade de largura, comprimida do lado leste pelos contrafortes das montanhas do Líbano e, a oeste, pelo Mar Mediterrâneo.



Localização geográfica da Fenícia.

Economia



Com exceção do fundo dos vales, onde a água pode ser aproveitada pela agricultura, tudo o mais são planícies secas, nas quais os pastores apascentavam o gado, ou encostas de montanhas onde crescia, em abundância, o cedro, madeira ideal para a navegação.



Os fenícios, em razão do comércio, desenvolveram o alfabeto fonético.

A disposição geográfica da região, associada ao crescimento populacional, levou os fenícios em direção ao Mar Mediterrâneo, buscando a sobrevivência na pesca. Aproveitando-se da decadência do comércio cretense, desenvolveram uma notável indústria de navegação, pondo seus barcos, sua habilidade comercial e as técnicas náuticas a serviço dos grandes impérios continentais: egípcio, assírio, babilônico etc.

“Antes de tudo negociantes, os fenícios mostraram-se hábeis em contar, medir, trocar os produtos por meios de barras de metais preciosos. Provavelmente para facilitar a sua correspondência comercial, simplificaram os antigos sistemas de escrita e puseram progressivamente em uso uma das maiores invenções humanas, o alfabeto: escolheram vinte e dois sinais para representar

não mais sílabas ou palavras, mas letras, tendo cada uma um som diferente. Pôde-se assim notar todos os sons e todas as articulações de uma língua falada. Esse alfabeto prático foi logo imitado pelos gregos e latinos: é o ancestral do nosso alfabeto moderno.”

(ISAAC, J.; ALBA, A. *Oriente e Grécia*.

São Paulo: Mestre Jou, 1964. p. 97.)

Política

Os fenícios foram ímpares também na organização política, pois, em vez de optarem pelos Estados centralizados dos grandes impérios orientais, introduziram o regime político de cidades-Estado, isto é, cidades independentes, autônomas e soberanas, controladas geralmente pelos grandes comerciantes. Destacaram-se, entre elas, Sidon, Tiro e Biblos.

Ultrapassando suas fronteiras e realizando verdadeiros **périplos**, os fenícios fundaram colônias em grande parte da orla do Mar Mediterrâneo, como a importante cidade de Cartago, fundada no norte da África.

Religião

Na Fenícia, como na Mesopotâmia, o politeísmo adquiriu feições sanguinolentas. Os sacrifícios humanos eram comuns, notadamente de crianças. Cada cidade possuía um **Baal** (deus) protetor, como: **Melcart**, em Tiro; **Adonis**, em Biblos; **Eshum**, em Sidon. Cartago tinha como protetor **Moloc**. Possuíam ainda divindades menores, protetoras do comércio, das rotas dos navios etc. O culto público era feito pelo clero que governava a cidade.

3. Cronologia do período estudado

1500 a. C.: início da hegemonia das cidades fenícias sobre as cidades cretenses.

1100 a. C.: supremacia de Tiro.

Séc. IX a. C.: surgimento do alfabeto fonético.

814 a. C.: fundação de Cartago.

Séc. VIII a. C.: conquista da Fenícia, com exceção de Tiro, pelos assírios.

332 a. C.: conquista de Tiro por Alexandre Magno.

4. Israel

Economia

A região dos judeus primitivos era também uma estreita faixa de terra, se bem que mais extensa, irrigada pelo Rio Jordão, que flui em direção ao Mar Morto. A área é seca, possui clima quente, pouca chuva e campos dedicados à criação de gado, principalmente de caprinos

e ovinos, dada a pobreza da vegetação existente. Os rebanhos eram obrigados a migrar constantemente à procura de melhores pastagens, pois a agricultura de fundo de vale era ainda mais difícil do que na Fenícia.

Política

Muito provavelmente, os hebreus chegaram a Canaã (Terra Prometida) originários das proximidades da cidade de Ur, na Mesopotâmia, às margens do Rio Eufrates, onde viviam agrupados em clãs e comandados pelos **patriarcas**.

Na Terra Prometida, não jorrava tanto leite e mel como afirmavam as profecias de Abraão. As constantes secas e o domínio dos hicsos no Egito deram-lhes a esperança de dias melhores em uma nova e rica terra. Migraram para o Egito, por volta de 1800 a. C., onde foram acolhidos pelos povos pastores. Com a expulsão dos hicsos, pelo faraó Amósis I, inverteu-se a situação dos hebreus: passaram à condição de escravos.

Moisés, líder hebraico, empreendeu o **Êxodo**, isto é, a saída dos hebreus do Egito para Canaã, terra de seus ancestrais. Após um período de constantes lutas, lideradas pelos Juízes, que exerciam o poder militar e religioso, os hebreus retomaram a terra dos filisteus e cananeus. Nesse momento, surgiu a necessidade de um Estado centralizador, materializado na figura dos reis Saul, Davi e Salomão.

“Deus deu a Salomão sabedoria e inteligência assombrosa e uma magnanimidade de coração como a areia que há na praia do mar. E a sabedoria de Salomão excedia a de todos os orientais e egípcios. Ele foi mais sábio do que qualquer outro homem; [...] e a sua fama estendeu-se por todas as nações circunvizinhas [...]”

(*Livro dos Reis*, 24: 29-31)

Apesar de organizador e pacífico, as extravagâncias e a ambição de Salomão, com a construção do imponente Templo de Jerusalém, provocaram um profundo **deficit** na economia do país e um grande descontentamento entre seus súditos. Após sua morte, ocorreu o **Cisma**, a divisão das tribos em dois reinos: *Israel*, ao norte, representado por dez tribos, com capital em Samaria; *Judá*, ao sul, formada por duas tribos, com capital em Jerusalém.

As tribos do norte foram conquistadas pelo Império Assírio, levadas para o cativeiro e misturadas a outros povos. Por isso, ficaram conhecidas como as “dez tribos perdidas de Israel”.

Mais tarde, as duas tribos do sul caíram no domínio do Segundo Império Babilônico. Jerusalém foi destruída, e a população de Judá também foi levada para o cativeiro na Mesopotâmia, de onde saiu somente quando os persas derrotaram os babilônios e autorizaram o retorno dos judeus a Canaã.

Périplo: navegação em volta de um continente, semelhante à que foi realizada pelos portugueses e espanhóis, na época das “Grandes Navegações”, nos séculos XV e XVI.

Patriarca: chefe de família, ao mesmo tempo sacerdote, juiz e chefe de uma pequena tribo.

Deficit: o que falta para as receitas igualarem o montante das despesas.

Restauraram o reino e passaram ainda pelo domínio macedônio e romano. Durante o domínio romano, a província da Judeia foi uma das mais rebeldes do Império por causa de uma série de insurgentes religiosos e da recusa em aceitar o culto ao deus-imperador.

Em 70 d. C., Jerusalém foi destruída pelo general Tito Flávio e sua população dispersa pelo mundo – **Diáspora** judaica.

Em 1948, a Organização das Nações Unidas (ONU) pôs fim ao longo período de dispersão, fundando o moderno Estado de Israel.

Religião

Durante todas as vicissitudes da história hebraica, a religião foi o elo entre todos os judeus e assegurou a sobrevivência da nação de Israel, por meio do monoteísmo. **Iavé** ou **Jeová** é a denominação que foi dada a

Deus, embora os hebreus o chamassem **Adonai** (Senhor) ou **Adonai Elohim** (o Senhor do Alto).

A religião foi estruturada por Moisés, que divulgou o *Decálogo* (Dez Mandamentos) e escreveu o *Pentateuco* (os cinco primeiros livros do Antigo Testamento). Foi adotada uma série de práticas religiosas, como a guarda do sábado, a frequência à sinagoga, a circuncisão etc.



Monte Sinai onde, segundo a tradição, Iavé entregou as tábuas da lei a Moisés.

5. Cronologia do período estudado

1500 a. C.: chegada dos hebreus a Israel.

1250 a. C.: êxodo dos hebreus, conduzido por Moisés.

1010 a. C.: proclamação de Saul como o primeiro rei dos hebreus.

1006 a 966 a. C.: reinado de Davi.

966 a 926 a. C.: reinado de Salomão.

926 a. C.: divisão de Israel em dois reinos: Israel e Judá.

722 a. C.: conquista de Israel pelos assírios.

587 a. C.: conquista e destruição de Jerusalém por Nabucodonosor.

586 a 538 a. C.: cativo dos hebreus na Babilônia e início da Diáspora.

332 a. C.: conquista de Israel por Alexandre Magno.

63 a. C.: anexação de Israel ao Império Romano por Pompeu.

70 d. C.: conquista e destruição de Jerusalém pelo imperador romano Tito.

133 d. C.: expulsão dos judeus de Jerusalém: segunda Diáspora.



A púrpura dos fenícios e a obra de Davi e Salomão em Israel

O fabrico da púrpura

Para a obtenção da púrpura, os fenícios utilizavam uma espécie de molusco ou caracol marinho, o múrex (ou múrice), que se encontra em grande quantidade em quase todas as praias do Mediterrâneo e que contém em certas glândulas uma mucosidade esbranquiçada que, aplicada a tecidos e exposta ao sol, adquire primeiro uma cor amarelada que brevemente se torna azul ou arroxeadada.

Os fenícios pescavam estes moluscos em quantidade, por meio de isca; abriam-nos depois em sentido longitudinal e tiravam-lhes a referida glândula para a triturarem. A massa assim obtida era misturada com sal e deixada em repouso durante três dias para se lhe extrair o suco.

Este era depois concentrado durante dez dias, a fogo moderado, em vasilhas de chumbo, tendo-se o cuidado de coar o líquido.

Quando este estava suficientemente espesso e purificado, mergulhava-se nele a peça que devia receber o tinto e que, depois de bem embebida, era exposta ao sol. Resultava daí que as cores obtidas não podiam ser alteradas por efeito dos raios solares.

A utilização da tinta

Assim se tingiam principalmente a lã fina da ovelha, os finíssimos tecidos egípcios que os gregos chamavam “byssos” e, nos últimos tempos, a seda. Segundo as manipulações, a escolha das espécies dos moluscos, a maior ou menor espessura e a redução mais ou menos lenta do

líquido, os preparativos e a repetição das imersões, assim se obtinham os mais variados matizes de cor. A púrpura de Tiro tinha uma cor vermelho-violácea, semelhante à do sangue coalhado, que era a mais apreciada e se chamava “púrpura real”; o tinto dos moluscos das costas gregas era mais violáceo; o de Tarento, mais vermelho; e o dos moluscos do Atlântico, mais escuro.

Como o tinto em púrpura era muito caro por causa da pequena quantidade que dava cada animal, e porque não havia outro processo de conseguir tintos insensíveis aos raios solares, o uso das vestes de púrpura tornou-se próprio da dignidade real.

(TORRES, M. Ferrandis. *História Geral da Cultura*. p. 126.)

A obra de Davi e Salomão

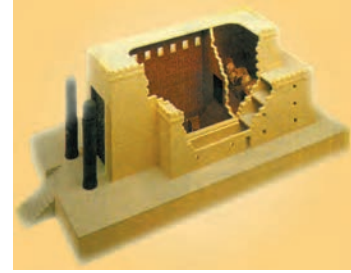
Davi escolheu para capital de todo Israel a cidade de Jerusalém, que conquistara aos jebuseus e que, sem pertencer nem a Judá nem às tribos setentrionais, parecia simbolizar a união e a igualdade entre o Sul e o Norte. Esse amplo raciocínio político tinha ainda um aspecto religioso. O rei mandou transportar para lá a Arca da Aliança, que, ao fixar, por assim dizer, a presença efetiva de Deus na montanha de Sião, acrescentava ao brilho da capital histórica o prestígio e a santidade de metrópole do iaveísmo. Salomão levou a termo a obra empreendida pelo pai, construindo o Templo para abrigar a Arca. Foi precisamente a presença da Arca o que conferiu ao Templo uma preeminência de fato sobre

os demais santuários do iaveísmo, aos quais, na origem, não se destinava a substituir. A ideia de que Deus residia em Jerusalém como em sua morada de predileção sobreviveu ao desaparecimento da Arca e do Templo, e o sentimento de que a santidade se irradiava de Sião, como de um foco central, para Israel inteiro associou-se em definitivo à fisionomia moral da cidade consagrada.

O cisma político que sobreveio após o reinado de Salomão, anulando a obra unificadora da monarquia, desdobrou-se em cisma religioso. Embora israelitas e judeus sentissem formar, a igual título, o povo de Yahweh, embora aspirassem a recompor uma única nação e produzissem compilações de tradições estreitamente comparáveis (compilação iaveísta

e compilação eloísta, respectivamente do Sul e do Norte), não tardou a se manifestar um distanciamento na religião dos dois reinos politicamente inimigos.

(GARELLI, Paul; NIKIPROWETZKY, V. *O Oriente Próximo Asiático – Impérios Mesopotâmicos – Israel*. São Paulo: Pioneira, 1982. p. 162.)



Maquete do Templo de Salomão.

Exercícios Resolvidos

Leia o texto para responder à questão 1.

“Subitamente, entreabria-se o quadro sonoro para irromper o coro das lamentações. Acabavam no ar, lucíolas extintas, os derradeiros sons da harpa de David; perdia-se em ecos a derradeira antístrofe de Salomão; [...] Clamavam as imprecações do dilúvio, os desesperos de Gomorra; flamejava no firmamento a espada do anjo de Senaqueribe; dialogavam em concerto tétrico as súplicas do Egito, os gemidos de Babilônia, as pedras condenadas de Jerusalém.”

(POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 1990. p. 37.)

1 (MODELO ENEM) – Leia as afirmativas abaixo:

I – A religião dos hebreus não teve nenhuma importância na construção da identidade daquele povo.

II – David foi considerado o primeiro patriarca hebreu.

III – No século XX, após a Segunda Guerra Mundial, com a criação do Estado de Israel pela ONU, os judeus voltaram a se reunir em um território.

IV – O dilúvio, narrado no Antigo Testamento, provavelmente foi inspirado em um relato muito mais antigo, conhecido pelos sumérios.

V – A construção do Templo de Jerusalém por Salomão foi um marco na centralização política dos hebreus durante o período monárquico.

É correto o que se afirma apenas em

- a) I e II. b) I, II e III. c) II, III e IV.
d) I, II e III. e) III, IV e V.

Resolução

A afirmativa I está incorreta, porque a religião é a base da identidade judaica.

A afirmativa II está errada, porque o primeiro patriarca foi Abraão, que recebeu dos caldeus, em Canaã, o nome de hebreu (aquele que veio de um lugar próximo do Rio Ur, na Suméria).

Resposta: E

2 (UEL – MODELO ENEM) – “... essencialmente mercadores, exportavam pescado, vinhos, ouro e prata, praticavam a pirataria, e desenvolviam um intenso comércio de escravos no Mediterrâneo...”

O texto refere-se a características que identificam, na Antiguidade Oriental, os

- a) fenícios. b) hebreus.
c) caldeus. d) egípcios.
e) persas.

Resolução

Os fenícios habitavam uma faixa aproximada de 200 Km, entre o Mar Mediterrâneo e as montanhas, onde atualmente existe o Líbano. A falta de um rio caudaloso (que facilitasse a agricultura), o extenso litoral e a abundância de madeira foram fatores que impeliram os fenícios à prática do comércio marítimo.

Resposta: A

Exercícios Propostos

1 Faça uma relação entre o desenvolvimento do comércio fenício e a invenção da escrita fonética.

RESOLUÇÃO:

A partir do desenvolvimento mercantil, surgiu a necessidade de se criar um sistema de escrita, a fim de facilitar o contato comercial com outros povos.

2 Qual a importância da religião monoteísta para a preservação do povo hebreu?

RESOLUÇÃO:

Manteve a unidade política do povo, em razão da crença em apenas um único Deus.

3 Que foi o Êxodo na história hebraica?

RESOLUÇÃO:

Fuga dos hebreus do Egito para a terra prometida, conduzidos por Moisés.

4 Que foi a Diáspora na história do povo hebreu e quando realmente cessaram seus efeitos?

RESOLUÇÃO:

Dispersão dos hebreus pelo mundo, no decorrer de sua história. Os efeitos da Diáspora somente cessaram com a criação do moderno Estado de Israel, em 1948.

5 Não podemos afirmar sobre a civilização fenícia:

(0) Era uma faixa estreita de terra com cerca de 200 quilômetros, situada entre o mar e as montanhas.

(1) Era de origem semita e ali foram fundadas diversas cidades como Ugarit, Arad, Biblos, Sidon e Tiro.

(2) Sua economia era essencialmente mercantil, praticada principalmente por meio da navegação marítima.

(3) Era contrária à prática da colonização e do comércio de escravos.

(4) A política era monopolizada pelas oligarquias mercantis.

(5) Os sacrifícios humanos faziam parte dos rituais religiosos.

(6) Os fenícios eram excelentes artesãos em cerâmica, vidro, joias e tecidos.

(7) Cartago tornou-se sua principal colônia no Mediterrâneo.

(8) A unificação não se concretizou em razão do caráter político das cidades-Estado.

RESOLUÇÃO:

Itens verdadeiros: (0), (1), (2), (4), (5), (6), (7) e (8).

Item falso: (3).

(3) Uma das suas mercadorias eram justamente os escravos, e os fenícios criaram colônias pelo Mediterrâneo, como a cidade de Cartago.

6 Coloque verdadeiro (V) ou falso (F) nas assertivas sobre os hebreus.

(0) O documento principal para o estudo de sua história é a Bíblia (Antigo Testamento).

(1) Escavações arqueológicas recentes fizeram importantes descobertas que confirmam os relatos bíblicos.

(2) O simbolismo da linguagem bíblica facilita sua interpretação.

(3) Sua origem é a cidade de Ur, de onde foram conduzidos por Abraão.

(4) Sua evolução política foi caracterizada pela presença de patriarcas, juízes e reis.

(5) O reinado de Salomão foi um período de esplendor.

(6) O monoteísmo é um traço marcante de sua religião, sendo provavelmente uma influência egípcia.

(7) Os profetas foram peças importantes na sua religião, reforçando as tradições e pregando a vinda de um Messias.

RESOLUÇÃO:

Itens verdadeiros: (0), (1), (3), (4), (5), (6) e (7).

Item falso: (2).

(2) O simbolismo dificulta sua interpretação, pois tem um caráter atemporal, ou seja, seu significado varia conforme a época da interpretação.

7 (UFRN – MODELO ENEM) – Entre os hebreus da Antiguidade, os profetas eram considerados mensageiros de Deus, lembrando ao povo as demandas da justiça e da Lei dadas por Javé. Isaías, um dos profetas dessa época, em nome de Javé proclamou:

“Ai dos que juntam casa a casa, reúnem campo a campo, até que não haja mais lugar, e ficam como únicos moradores no meio da terra!” (Isaías 5:8)

“Ai dos que decretam leis injustas; dos que escrevem leis de opressão, para negarem justiça aos pobres, para arrebatarem o direito aos aflitos do meu povo, a fim de despojarem as viúvas e roubarem os órfãos!” (Isaías 10:1-2)

Esses pronunciamentos do profeta Isaías estão ligados a uma época da história hebraica em que ocorre

a) a saída dos hebreus do Egito, sob o comando de Moisés, e o estabelecimento em Canaã, conquistando as terras dos povos que ali habitavam.

b) a imigração para o Egito, quando os hebreus receberam terras férteis no delta do Rio Nilo, por influência de José, que exercia ali o cargo de governador.

c) a formação de uma aristocracia, que enriquecera com o comércio e com a apropriação das terras dos camponeses endividados.

d) a conquista de Jerusalém por Nabucodonosor, quando os judeus foram despojados de suas terras e deportados para a Babilônia.

RESOLUÇÃO:

Como profeta do Reino de Judá, Isaías previu a destruição de Jerusalém pelos babilônios e o desterro do seu povo. Esse episódio é conhecido como o “cativeiro babilônico”.

Resposta: D



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M105**

Palavras-chave:

- Medos e Persas • Pastoreio • Satrâpias
- Dárico • Unificação • Expansão

1. Situação geográfica

Estendendo-se da Mesopotâmia ao Vale do Rio Indo, encontra-se o **planalto iraniano**. Grande parte dele está acima de 2 000 metros: aqui e ali surgem bruscas elevações, cujos vales são regados pelos rios que buscam o mar. A região toda é pouco irrigada e, por isso, grande parte dela é desértica.

A partir do II milênio a. C., essa região foi ocupada por tribos de pastores de origem ariana, os quais deram origem a dois reinos distintos: ao norte, a *Média*; ao sul, a *Pérsia*.

2. Política

A unificação política do planalto iraniano foi obra de **Ciro**, rei da Pérsia, que logrou anexar o Reino da Média (555 a. C.). Em seguida, **Ciro** derrotou Creso, rei da Lídia, e conquistou o Segundo Império Babilônico, permitindo que os hebreus retornassem a Israel. Procurou instaurar uma certa unidade econômica em seu império e tratou os povos submetidos com benevolência, deixando-os com seus próprios costumes, língua e tradição. Foi visto como um libertador do jugo dos caldeus.



*O túmulo de **Ciro**, o fundador do Império Persa.*

Cambises, filho e sucessor de **Ciro**, conquistou o Egito na Batalha de Pelusa (525 a. C.), vencendo o faraó Psamético III. Morreu quando se preparava para voltar à Pérsia, a fim de sufocar uma revolta.



*Relevo mostrando o rei **Ardashis** recebendo o poder das mãos do deus **Ahura-Mazda**.*



*Ruínas do palácio de **Dario**, em **Persépolis**.*

Em 522, **Dario I** subiu ao poder. Durante seu governo, o Império Persa atingiu o apogeu. Os domínios estendiam-se desde a Trácia, na Europa, até a Ásia Central. **Dario** consolidou o despotismo real, dando à sua pessoa um caráter semidivino. Dividiu o império em satrâpias, cuja administração era confiada

aos nobres escolhidos, os sátrapas, vigiados por funcionários reais ("olhos e ouvidos do rei") que percorriam as províncias fiscalizando a ação dos dirigentes. Houve estímulo ao comércio e ao florescimento das várias capitais (**Susa**, **Persépolis** e **Pasárgada**), pois a Corte persa deslocava-se periodicamente.

Dario envolveu-se em uma disputa pela hegemonia comercial no Mediterrâneo e, apoiado por seus aliados fenícios, deu início às **Guerras Médicas** contra os gregos, sendo derrotado na Batalha de Maratona, em 490 a. C.

Começou, então, a derrocada do Império Persa. No reinado de **Xerxes**, filho de **Dario**, foi realizada uma nova investida contra a Grécia. Os persas foram derrotados pelos atenienses na Batalha de Salamina. Ao mesmo tempo, tiveram de enfrentar várias revoltas de povos cujos territórios haviam conquistado.

O fim da independência política dos persas veio com a derrota e morte de **Dario III**, em consequência da investida dos gregos e macedônios comandados por **Alexandre Magno**.

3. A economia e a sociedade persa

O ambiente econômico do Império Persa teve seu período de apogeu sob o reinado de **Dario I**, que procurou estimular o comércio e a agricultura. Com a introdução de um padrão monetário que ficou conhecido com o nome de **dárico**, cunhado em ouro ou prata, de peso fixo e com a efigie do rei (inovação trazida da Lídia), o comércio interno foi incrementado de maneira espetacular. A construção de estradas, bem como um eficiente policiamento efetuado por tropas reais, permitiram um tráfego maior de caravanas que demandavam a Mesopotâmia, provenientes dos confins da Ásia. Os correios reais facilitavam as comunicações e dizia-se que "na capital, podia-se comer o peixe pescado no mar no mesmo dia".

O Império Persa nasceu do conflito entre as tribos pastoras e agricultoras. Quando o persa Ciro se impôs pela força, a nobreza agrária e guerreira também se sobrepôs. O povo, constituído de artesãos, agricultores e pastores, que podiam ser recrutados para a guerra, ocupava uma posição superior à dos escravos.

Entre os persas, o poder da camada sacerdotal era menor do que na maioria das civilizações da Antiguidade Oriental.



Localização geográfica do Império Persa.

4. A religião dualista dos persas

Antes mesmo do processo de unificação dos persas, realizado por Ciro, um personagem semilendário deu aos persas uma forma peculiar de religião: o dualismo. Esse personagem, conhecido como Zoroastro ou Zaratustra, escreveu o *Zend-Avesta*, estabelecendo os princípios gerais da religião persa.

Apesar de distorcido por seus seguidores, o zoroastrismo teve grande repercussão em certas regiões da Ásia, sendo ainda praticado, se bem que com modificações. Com base na existência dos princípios opostos do Bem (representado pelo deus Ormuz) e do Mal (Ariman), afirmava que ambos viviam em constante luta pelo controle das ações humanas. Os homens, agindo corretamente, estariam ajudando o Bem a vencer o Mal. Zoroastro previa que, no final dos tempos, Ormuz venceria e os que ficassem ao lado do Mal seriam destruídos.

5. Cronologia do período estudado

549 a. C.: Ciro, o Grande, torna-se rei dos persas.

539 a. C.: Ciro conquista a Babilônia.

529 a. C.: morte de Ciro.

529 a 522 a. C.: reinado de Cambises II.

525 a. C.: Cambises conquista o Egito, na Batalha de Pelusa.

512 a 484 a. C.: reinado de Dario I.

480 a 479 a. C.: expedição contra a Grécia.

448 a. C.: retirada persa do Mar Egeu, por meio da Paz de Calias (Tratado de Susa) com os gregos.

330 a. C.: conquista do Império Persa por Alexandre Magno.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M106**

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – “Os persas são descendentes de povos que habitavam o planalto iraniano há mais de 3 mil anos. Os termos **Pérsia** e **persa** foram adotados por todos os idiomas ocidentais por meio dos gregos, e vêm sendo usados para se referir oficialmente ao Irã e seus habitantes desde 1935. Não só os iranianos como também diversos outros povos são descritos como persas pelo fato de eles terem abraçado a língua e a cultura persa. O nome ‘Pérsia’ foi o nome ‘oficial’ do Irã no Ocidente antes de 1935, porém os próprios persas se referiam ao país desde o período sassânida (226-651 d. C.) como ‘Irã’.”

(Texto adaptado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Persas>, consulta em 7 de agosto de 2009.)

A partir da leitura do texto, podemos afirmar que a) historicamente os persas têm uma origem indefinida.

b) o nome “Irã” não possui relação alguma com o passado.

c) a língua é um elemento fundamental na identificação de um povo.

d) a história grega ignora a existência dos iranianos.

Resolução

Os elementos que identificam uma nacionalidade são a língua, a cultura (hábitos, costumes e crenças), o passado (história) e a ocupação de um espaço (geografia).

Resposta: C

2 (MODELO ENEM) – “Porém, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão (divulgar de forma cantada ou gritada) por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo:

‘Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá; quem entre vós é de todo o seu povo, que suba, e o Senhor, seu Deus, seja com ele.’ ”

(*II livro de Crônicas* 36:22, 23)

Pela leitura do texto, podemos concluir que

a) a história dos persas não possui ligação alguma com a dos hebreus.

b) ele ignora a relação entre religião e política.

c) a história de alguns povos tem influência da de outros.

d) o tempo é contado de forma idêntica por todos os povos.

Resolução

Não existem culturas puras, pois todos os povos têm relação (de uma maneira ou de outra) com outros povos e culturas, influenciando-se mutuamente. **Resposta: C**

Exercícios Propostos

1 Qual a importância de Dario I na organização política da Pérsia?

RESOLUÇÃO:

Dario I dividiu o Império em satrápias, governadas pelos sátrapas e fiscalizadas pelos “olhos e ouvidos do rei”, além de construir uma rede de estradas que facilitaram a integração do vasto Império.

2 Quem eram “os olhos e ouvidos do rei”, na administração do Império Persa?

RESOLUÇÃO:

Inspetores reais que fiscalizavam o Império, visando evitar atitudes independentes por parte dos governadores das satrápias.

3 Ao conquistar as regiões do Oriente, o Império Persa avançou para o Ocidente, confrontando-se com uma civilização em notável estágio de desenvolvimento.

A que povo estamos nos referindo e como foram chamadas essas guerras?

RESOLUÇÃO:

Aos gregos. Guerras Médicas ou Pérsicas.

4 Coloque falso (F) ou verdadeiro (V) nas assertivas sobre os persas.

(0) Ciro unificou medos e persas, anexando a Lídia e toda a Mesopotâmia.

(1) Os dáricos representavam a principal força militar.

(2) Dario I criou um sistema administrativo baseado nas satrápias.

(3) Zaratustra ou Zoroastro revolucionou a religião persa.

(4) O dualismo religioso de Ahura-Mazda (o Bem) e Ahriman (o Mal) dava uma dimensão transcendental à religião persa.

(5) A ideia de céu-inferno é originária dos hebreus, sendo copiada pelos persas.

(6) Pasárgada, Persépolis e Susa foram grandes cidades persas.

(7) O Zend-Avesta foi extraído das concepções religiosas da Mesopotâmia e do Egito.

RESOLUÇÃO:

Itens verdadeiros: (0), (2), (3), (4) e (6).

Itens falsos: (1), (5) e (7).

(1) Dárico era a moeda dos persas.

(5) Na verdade, foi o inverso.

(7) Foi criação original dos persas.

5 (MODELO ENEM) – No esquema a seguir, os algarismos I, II, III e IV correspondem às civilizações da Antiguidade.

Civilizações	Localização	Base econômica	Organização político-administrativa	Religião
I	Nordeste da África	Predominância da agricultura	Monarquia teocrática	Predominância do politeísmo antropozoomórfico
II	Atual Líbano	Comércio	Talassocracia	Politeísmo
III	da Ásia Menor à Ásia Central	Agricultura e comércio	Divisão do Império em satrápias	Zoroastrismo
IV	Atual Israel	Pastoril e agrária	Governo dos patriarcas, juizes e reis, sucessivamente	Monoteísmo

Assinale a alternativa que denomina corretamente as civilizações indicadas, respectivamente, por I, II, III e IV.

a) Fenícia, Hebraica, Egípcia e Persa.

b) Egípcia, Fenícia, Persa e Hebraica.

c) Persa, Fenícia, Hebraica e Egípcia.

d) Egípcia, Persa, Fenícia e Hebraica.

e) Hebraica, Egípcia, Fenícia e Persa.

RESOLUÇÃO:

O quadro apresenta um pequeno resumo das civilizações que compunham o Modo de Produção Asiático.

Resposta: B

1. Períodos históricos

Costuma-se dividir a história da Grécia Antiga em quatro períodos:

- Pré-Homérico – século XX a XII a. C.
- Homérico – século XII a VIII a. C.
- Arcaico – século VIII a VI a. C.
- Clássico – século VI a IV a. C.

Cada uma dessas fases tem características próprias, que procuraremos destacar a seguir.

Séc. XX a. C.	civilização creto-micênica	migrações indo-europeias
Séc. XIV a. C.	apogeu de Micenas	aqueus – jônios – eólios
Séc. XII a. C.	1. ^a diáspora – <i>genos</i>	invasão dos dórios
Séc. VIII a. C.	<i>Pólis</i> cidade-Estado	Atenas – Esparta – Tebas
Séc. VI a. C.	hegemonias	Atenas – Esparta – Tebas
Séc. IV a. C.	Império Helenístico	Macedônia Alexandre Magno

Cronologia dos principais períodos da história da Grécia Antiga.

2. A geografia da Grécia

A Grécia é um país da Europa, localizado ao sul da Península Balcânica. O território grego compreendia duas partes, unidas pelo Istmo de Corinto: ao norte, a Grécia Continental; ao sul, a Península do Peloponeso, ambas bastante montanhosas. A vida na Grécia foi determinada por duas paisagens distintas: a montanha e a orla marítima.

As montanhas dificultavam as comunicações entre as planícies e os pequenos vales férteis, fragmentando o território em numerosas comunidades, completamente independentes entre si. Além disso, a existência de um litoral bastante recortado e as numerosas ilhas do Mar Egeu, muito próximas entre si, orientaram a vocação marítima dos gregos, facilitando o contato com os povos do mundo exterior.

O clima da Grécia é muito seco, com chuvas raras, tendo poucas áreas férteis. Desta forma, a pecuária teve um papel importante na economia. A agricultura era praticada nos vales e nas encostas das montanhas, representada pelo cultivo do trigo, cevada e, principalmente, de vinhas e oliveiras.

3. Período Pré-Homérico

A partir do segundo milênio a. C., vários grupos de povos nômades, de origem indo-europeia (**arianos**),

procedentes do norte do Mar Negro, deslocaram-se em direção à Península Balcânica e invadiram a Grécia em sucessivas vagas de ocupação.

Os primeiros a chegar foram os *aqueus*. A Grécia, nesse momento, era ocupada por um povo de cultura bastante rudimentar, conhecido como **pelasgos**, que aos poucos foram assimilados pelos invasores. Com o passar do tempo, fundaram diversos núcleos urbanos bem fortificados, destacando-se Micenas, Tirinto e Argos.

Em seguida, entraram em contato com os habitantes da Ilha de Creta e assimilaram sua notável cultura, o que deu origem à civilização creto-micênica.

Por volta de 1700 a. C., chegaram os *eólios* e *jônios*, que se integraram pacificamente aos habitantes da região. A partir daí, teve início uma notável expansão da população grega, que se chocou contra a supremacia cretense no mar – *talassocracia*. Cnossos, a principal cidade de Creta, foi destruída. A lenda do Minotauro conta esse fato simbolicamente, transformando o rei de Creta em um monstro antropófago que foi morto por Teseu, herói grego de Atenas.

A expansão micênica continuou pelo Mar Egeu em direção ao Mar Negro, culminando com a destruição de Troia, conforme a descrição feita pela *Iliada*. Homero atribuiu como responsável pela Guerra de Troia o rapto de Helena, esposa de Menelau (rei de Esparta), por um príncipe troiano. Na realidade, a destruição de Troia foi a continuação de um capítulo que se iniciara com a tomada de Cnossos.



Reconstituição do Palácio de Cnossos, Creta.

No auge da expansão micênica, a Grécia sofreu a invasão dos dórios, também arianos, mas de nível cultural bem inferior. As cidades micênicas foram destruídas, o que provocou a *primeira diáspora grega*.

Os aqueus, eólios e jônios dispersaram-se em direção ao litoral da Ásia Menor, ilhas do Mar Egeu e regiões isoladas do interior da Grécia. Nesse processo, foram fundadas diversas colônias gregas.

Arianos: da raça dos árias; os mais antigos antepassados que se conhecem da família indo-europeia.

Pelasgos (ou pelágios): primeiros habitantes da Grécia Antiga, cuja civilização se encontrava no estágio Neolítico quando chegaram os indo-europeus.



Ruínas de Tirinto, destruída pela invasão dórica.

No interior da Grécia, a população passou a viver isoladamente, em comunidades familiares conhecidas como **genos**. Esse fato assinalou o fim do Período Pré-Homérico e o início do Homérico, assim chamado porque só pode ser entendido a partir da *Ilíada* e da *Odisseia*, poemas cuja autoria é atribuída a Homero.

4. Período Homérico

O *genos* constituía a primitiva unidade econômica, social, política e religiosa dos gregos. Toda a família vivia sob a autoridade do **pater familias** que, ao morrer, era sucedido pelo **primogênito**, e assim sucessivamente. Era um grupo consanguíneo, e a solidariedade entre seus membros era muito grande. Os casamentos eram feitos dentro da própria família. Por isso, o *genos* agrupava uma população relativamente numerosa.

Os bens de produção (terras, sementes, instrumentos) e o trabalho eram coletivos, sendo a produção distribuída igualmente entre todos os familiares.

Em razão da inexistência de diferenças econômicas, predominava a igualdade social. As únicas diferenças eram tradicionais, pois os parentes se hierarquizavam em função de sua proximidade com o *pater familias*, cujo poder político se devia ao fato de ser ele o responsável pelo culto dos antepassados, que era realizado todos os dias, antes das refeições comuns. Entre suas responsabilidades estavam o controle da justiça costumeira (as leis eram orais) e o comando do exército do *genos*.

No final do período homérico, as comunidades gentílicas começaram a se transformar. As famílias cresciam, mas a produção agrícola não acompanhava o mesmo ritmo. Faltavam terras férteis e as técnicas de produção eram rudimentares. Em vista disso, o *genos* desintegrou-se e seus membros resolveram partilhar as terras coletivas. Os parentes mais próximos do *pater familias* foram beneficiados com as melhores terras, passando a ser chamados *eupátridas* (bem-nascidos); os parentes mais afastados herdaram as terras menos férteis da periferia, sendo chamados *georgoi* (agricultores); muitos outros, porém, ficaram sem terras, o que lhes valeu a denominação *thetas* (marginais).

Genos (pronuncia-se “guenos”): espécie de família muito grande; um tipo de clã.

Pater familias: chefe de família, cujo poder era transmitido ao primogênito.

Os *eupátridas* herdaram a tradição do *pater familias*, monopolizando o poder político e constituindo uma aristocracia de base fundiária. Esses aristocratas se agrupavam em **fratrias**. Um grupo de fratrias, por sua vez, formava uma tribo.

A reunião de várias tribos deu origem a pequenos Estados locais, a *pólis* ou *cidade-Estado*. Por volta do século VIII a. C., surgiram na Grécia cerca de 160 cidades independentes. Cada uma delas possuía um templo construído em sua parte mais alta: a *acrópole*. Primitivamente, a *pólis* era governada por um *basileus* (rei), cujo poder era limitado pelos *eupátridas*. Em geral, quando os reis tentaram maior controle sobre o poder, foram depostos e substituídos por *Arcontes*, magistrados indicados pelo Conselho dos Aristocratas e renovados anualmente.

Durante a época arcaica (século VIII a VI a. C.), entre as numerosas cidades-Estado surgidas no final do período homérico, ganharam importância *Esparta* e *Atenas*, em razão da influência exercida sobre as demais cidades e do profundo antagonismo existente entre elas.

Ao mesmo tempo, os gregos iniciaram uma expansão que culminou com a colonização das principais áreas da Bacia do Mediterrâneo. Esse processo é conhecido como segunda diáspora e foi motivado por várias razões: o crescimento populacional, a escassez de alimentos e terras cultiváveis, o ideal de aventura, o espírito de navegação e o próprio interesse das principais cidades em manter colônias em outras regiões.



A chegada dos dórios à Península Balcânica (A) provocou a primeira diáspora (B) grega.

Primogênito: o filho mais velho; o que foi gerado antes dos outros.

Fratria: irmandade; reunião de eupátridas originários de vários *gene*.

5. Cronologia do período estudado

2000 a 1700 a. C.: chegada dos aqueus, jônios e eólios à Península Balcânica.

1400 a 1200 a. C.: predomínio de Micenas.

1150 a. C.: destruição de Micenas.

Século XII a. C.: formação do *genos*.

Século X a IX a. C.: colonização da Ásia Menor.

Século IX a. C.: surgimento da *Ilíada*, atribuída a Homero.

Século VIII a. C.: surgimento da *Odisseia*, desintegração do sistema gentílico e início da segunda diáspora grega.



Saiba mais

ILÍADA E ODISSEIA

Os dois livros são tradicionalmente atribuídos ao poeta Homero. Porém, pela diversidade de estilos e pelo tempo abrangido nestas obras, acredita-se que sejam resultado de uma compilação feita por uma escola literária.

Ilíada: relata a história da destruição de Ilion (Troia) por causa do rapto da esposa do rei Menelau por um príncipe troiano. A cidade foi invadida em razão da oferta de uma estátua gigantesca em forma de cavalo, que internamente estava cheia de guerreiros. O Cavalo de Troia deu origem à expressão “presente de grego”, que significa, segundo o dicionário Houaiss, “uma dádiva ou oferta que traz prejuízo ou aborrecimento a quem a recebe”. Descreve ainda a fúria do guerreiro Aquiles e sua destreza nas armas.

Odisseia: retrata a história de Odisseus (Ulisses) em suas viagens e seus feitos, após o término da Guerra de Troia.

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM)



Os gregos, quando decidiam partir, organizavam-se em grupos ao redor de um chefe. Consultavam os deuses, principalmente o oráculo de Delfos, e embarcavam, levando o fogo sagrado simbolizando a mãe-pátria. Exploraram as costas do Mediterrâneo e do Mar Negro, onde fundaram várias colônias ou cidades. As mais notáveis foram, **exceto**:

a) Mileto, na Ásia Menor, grande centro mercantil, de onde a colonização se irradiou, dando origem a dezenas de outras colônias.

b) Tarento, Sibaris e Crotona, no sul da Itália, denominada “Magna Grécia”.

c) Siracusa, na Sicília, e Marselha, na Gália (França).

d) Bizâncio (hoje Istambul), no Mar Negro.

e) Damasco, hoje capital da Síria, de que foram os fundadores.

Resolução

A cidade de Damasco foi provavelmente fundada por povos de origem semita.

Resposta: E

2 (MODELO ENEM) – “A partir do século VIII a. C., as cidades-Estado gregas conheceram um rápido processo de consolidação de suas estruturas internas, e, dadas as condições locais, iniciaram o estabelecimento de domínios territoriais em várias regiões do Mediterrâneo.”

Os fatores determinantes para o estabelecimento dessas áreas coloniais foram

I – a derrota para os troianos, seguida de um acentuado declínio econômico.

II – a busca de recursos minerais e o desenvolvimento de novas técnicas náuticas.

III – a escassez de terras cultiváveis e um crescimento populacional significativo.

Analise as afirmativas e assinale se a alternativa correta for:

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) III, apenas.

d) I e II, apenas.

e) II e III, apenas.

Resolução

A afirmativa I está incorreta, porque a guerra contra Troia (século XII a. C.) ocorreu no Período Pré-Homérico.

A afirmativa II está incorreta, porque a segunda diáspora grega foi provocada pela disputa por terras férteis. Aqueles que não conseguiram dominá-las tiveram que partir à procura de novos locais para se estabelecer.

Resposta: C

Exercícios Propostos

1 Quais foram as consequências da invasão dórica para a Grécia Antiga, no final do Período Pré-Homérico?

RESOLUÇÃO:

A destruição das antigas cidades gregas, como Micenas, provocando a fuga das populações para outras regiões da Grécia e para o exterior.

2) Quais os principais documentos para o estudo do Período Homérico, na Grécia Antiga?

RESOLUÇÃO:

A *Iliada* e a *Odisseia*, poemas épicos atribuídos ao poeta Homero.

3) A economia da Grécia, no Período Homérico (século XII a VIII a. C.), tinha como um de seus traços marcantes o fato de

- a) basear-se fundamentalmente na criação de animais, especialmente o cavalo, por sua importância militar.
- b) explorar o trabalho escravo, por ser este trabalho considerado uma atividade indigna pelos proprietários.
- c) visar ao comércio marítimo, estabelecendo ligações entre vários pontos do continente europeu.
- d) apresentar uma característica doméstica, concentrando-se quase exclusivamente no pastoreio e na agricultura.
- e) explorar numerosas colônias, sobretudo na Magna Grécia, tendo em vista a pobreza do solo continental.

RESOLUÇÃO:

O sistema gentilício (clã), característico desse período, era basicamente familiar.

Resposta: D

4) No *genos* da Grécia, não existiam diferenças econômicas e sociais. Entretanto, havia um elemento diferenciador entre seus membros. Estamos referindo-nos

- a) à existência da propriedade privada.
- b) à utilização do trabalho escravo como uma prática comum na organização da sociedade.
- c) às relações de parentesco com o *pater familias*, líder do *genos*, o que dava aos seus filhos uma posição mais destacada na comunidade.

- d) ao caráter democrático-cidadão da sociedade gentilícia.
- e) à predominância da mulher na organização política, em razão do caráter matriarcal da sociedade.

RESOLUÇÃO:

Como o *Pater Familias* tinha o poder maior, seus próximos gozavam de vantagens e privilégios.

Resposta: C

5) (UNESP – MODELO ENEM) – “A consequência mais aparente das invasões foi a destruição quase integral da civilização micênica. No espaço de um século, as criações orgulhosas dos arquitetos aqueus, palácios e cidadelas, não são mais do que ruínas. Ao mesmo tempo vemos desaparecer a realza burocrática, a escrita, que não passava de uma técnica de administração, e todas as criações artísticas...”

(Pierre Lévêque, *A Aventura Grega*)

O texto refere-se às invasões

- a) persas.
- b) germânicas.
- c) macedônicas.
- d) dórias.
- e) cretenses.

RESOLUÇÃO:

As invasões dóricas ocorreram por volta do século XI e destruíram a antiga civilização micênica. Provocaram a primeira diáspora grega e assinalaram o fim do Período Pré-Homérico e o início do Período Homérico.

Resposta: D



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M107**

Módulo

8

Esparta

Palavras-chave:

- Dórios • Licurgo • Militarismo
- Laconismo • Supremacia guerreira

1. A organização primitiva

Esparta surgiu na planície da Lacônia, no sul da Grécia, região localizada na Península do Peloponeso. Seus fundadores foram os *dórios*, que ali se estabeleceram depois de destruir Micenas, dando origem à cidade por volta do século IX a. C.

Até o século VII a. C., Esparta não diferia muito das demais cidades gregas, sendo governada por dois reis (*diarquia*), que exerciam o poder em tempo de guerra, assistidos pelo Conselho dos Anciãos – *Gerúsia*. O órgão mais importante era representado pela *Ápela*, uma assembleia que reunia todos os cidadãos dórios, a quem cabiam as decisões finais sobre todos os assuntos políticos e administrativos. Essa organização era atribuída a **Licurgo**, legislador lendário de Esparta.

2. As transformações do século VII a. C.

No século VII a. C., Esparta passou por profundas transformações econômicas e sociais. O motivo dessa mudança foi a conquista da vizinha planície da Messênia. Após o domínio da região, os messênios revoltaram-se, dando início a um prolongado período de guerra. Com a vitória dos dórios, a população derrotada foi conduzida a Esparta e reduzida à condição de escravos, cujo número superava em muito o de seus conquistadores.

Foi nesse momento que começaram as transformações, pois eram necessárias medidas que evitassem novas revoltas. As terras centrais, as mais férteis da planície, foram divididas em lotes correspondentes ao

número de cidadãos espartanos: cerca de 8 mil. Os escravos foram distribuídos à razão de seis por lote, em um total de aproximadamente 48 mil. Tanto os lotes quanto os escravos eram propriedade estatal, emprestados aos dórios vitaliciamente. Assim, cada espartano recebia dos escravos o necessário para seu sustento, podendo dedicar-se apenas ao preparo militar.

Nas terras periféricas, ficaram as populações que não haviam oposto resistência aos espartanos, quando estes ocuparam a Lacônia no século XII a. C. Nessas regiões, porém, a propriedade era particular, podendo seus donos vendê-la ou transferi-la.

Em consequência dessas transformações, a sociedade espartana organizou-se em três estamentos: *espartíatas*, a camada dominante; *periecos*, os habitantes de periferia, sem direitos políticos; *hilotas*, os escravos do Estado, que trabalhavam nos lotes dos cidadãos.

A estrutura política sofreu com essas alterações. Os *gerontes*, velhos com mais de 60 anos, adquiriram uma autoridade ainda maior. Sua política, totalmente conservadora, voltava-se para a preservação do **status quo**. Os reis perderam grande parte de seus poderes, os quais foram transferidos para os *éforos*, magistrados escolhidos pela *Gerúsia*. A *Ápela* também perdeu seu antigo poder, limitando-se apenas a aprovar, por aplauso, as proposições do Conselho dos Anciãos.

O problema vital em Esparta era conservar a proporção entre o número de espartíatas e o de hilotas. O aumento em qualquer uma das duas camadas desequilibrava o sistema. Por isso, os gerontes implantaram um sistema educacional extremamente rígido.

Status quo: situação vigente em dado momento, num local determinado.

Laconismo: modo breve, conciso, de falar e escrever; termo derivado da Lacônia, região habitada pelos dórios.

3. A educação espartana



Soldado espartano vestido para a guerra.

Em primeiro lugar, estimularam o **laconismo**, pois assim evitavam o desenvolvimento do espírito crítico. Os recém-nascidos eram selecionados por um critério estritamente físico, sendo eliminados pelo mínimo defeito. Até a idade de 7 anos, eram educados pela mãe. Aos 12, a responsabilidade era transferida ao Estado; ambos os sexos aprendiam os valores cívicos, praticavam exercícios físicos e também se adestravam militarmente.

Quando completavam 17 anos, os rapazes eram submetidos a uma prova na qual eram obrigados a matar um certo número de hilotas. Isso evitava a superação dos limites demográficos considerados ideais, mantendo o equilíbrio do sistema. Dos 17 aos 30, os espartíatas viviam em casernas, dedicando-se exclusivamente às atividades militares. Com a idade de 30 anos, podiam casar-se e participar da Assembleia (*Ápela*).

4. Cronologia do período estudado

Século XII a. C.: chegada dos dórios à Lacônia.

Século IX a. C.: fundação de Esparta pelos dórios.

Século VIII a. C.: início da guerra contra a população da Messênia.



A educação espartana

Quando uma criança nascia, o pai não tinha direito de criá-la: devia levá-la a um lugar chamado *lesche*. Lá assentavam-se os Anciãos da tribo. Eles examinavam o bebê. Se o achavam bem encorpado e robusto, eles o deixavam. Se era malnascido e defeituoso, jogavam-no no que se chama os Apotetos, um abismo ao pé do Taigeto. Julgavam que era melhor, para ele mesmo e para a cidade, não deixar viver um ente que, desde o nascimento, não estava destinado a ser forte e saudável (...).

A entrega dos filhos a Licurgo

Os filhos dos espartanos não tinham, por domésticos, escravos ou assalariados. Licurgo proibira-o. Ninguém tinha permis-

são para criar e educar o filho a seu gosto. Quando os meninos completavam sete anos, ele próprio os tomava sob sua direção, arregimentava-os em tropas, submetia-os a um regulamento e a um regime comunitário para acostumá-los a brincar e trabalhar juntos. Na chefia, a tropa punha aquele cuja inteligência sobressaía e que se batia com mais arrojo. Este era seguido com os olhos, suas ordens eram ouvidas e punia sem contestação. Assim sendo, a educação era um aprendizado da obediência. Os anciãos vigiavam os jogos das crianças. Não perdiam uma ocasião para suscitar entre eles brigas e rivalidades. Tinham assim meios de escutar em cada um as disposições naturais para

a audácia e a intrepidez na luta. Ensinavam a ler e escrever apenas o estritamente necessário. O resto da educação visava acostumá-los à obediência, torná-los duros à adversidade e fazê-los vencer no combate. Do mesmo modo, quando cresciam, eles recebiam um treinamento mais severo: raspavam a cabeça, andavam descalços, brincavam nus a maior parte do tempo. Tais eram seus hábitos. Quando completavam doze anos, não usavam mais camisa.

Só recebiam um agasalho por ano. Negligenciavam o asseio, não conheciam mais banhos nem fricções, a não ser em raros dias do ano, quando tinham direito a essas "boas maneiras". Dormiam juntos, agru-

pados em patrulhas e tropas, sobre catres que eles próprios fabricavam com juncos que crescem às margens do Eurotas e que quebravam sem faca, com as mãos. No inverno, colocavam nos seus catres o que se chama de *lycophones*. Parece que essas plantas têm poder calorífico.

O adolescente

Nessa idade, encontravam amantes entre jovens de boa família. Então, crescia ainda mais o zelo dos anciãos: assistiam aos seus exercícios, olhavam-nos lutar ou brincar entre si. Não negligenciavam nada, considerando-se, de certa forma, todos para todos, pais, mestres e chefes. Não davam oportunidade nem refúgio ao culpado para escapar à reprovação ou ao castigo. No entanto, era também escolhido um *paidonome* entre as pessoas consideradas e, para chefiá-la, cada tropa escolhia o mais sério e o mais combativo dos que se chamam *irenes*. Chamam-se irenes aqueles que saíram há um ano da categoria dos *paides*, e *millirenes* os mais velhos dos *paides*. Este *irene*, que tem vinte anos, comanda seus subordinados nos exercícios militares e, no quartel, encarrega-os das tarefas domésticas, nas refeições. Manda os mais fortes trazerem lenha e, os menores, legumes. Para tanto, eles devem roubar. Uns penetram nos jardins, outros nos alojamentos dos homens, e devem usar muita destreza e precaução: quem for apanhado, é chicoteado sob pretexto de que não passa de um ladrão preguiçoso e inábil. Eles roubam toda a comida possível e adquirem prática

para ludibriar quem dorme ou os guardas preguiçosos. Aquele que for apanhado, está sujeito a chicotadas e jejum. Com efeito, sua alimentação é escassa. Obrigam-nos a defender-se por si mesmos contra as restrições e recorrer à audácia e à destreza (...).



Coluna dórica.

As crianças

As crianças tomam tanto cuidado em não ser apanhadas quando roubam, que uma delas, conforme se conta, depois de roubar uma raposa que tinha enrolado no seu agasalho, se deixou arrancar o ventre pela fera que lhe cravou os dentes e as garras. Para não ser descoberta, resistiu até a morte. Essa história não é de estranhar se se consideram os efebos atuais.

Muitos, no altar de Ortia, deixam-se chicotear até morrer. Eu pude vê-los. Após a refeição, o irene, ainda na mesa, mandava uma das crianças cantar, à outra fazia uma pergunta cuja resposta exigia reflexão, por exemplo: “Qual é o melhor cidadão?” ou “Qual é o mérito da conduta deste ou daquele?” Assim, eles eram treinados para apreciar o valor e interessar-se pela vida da cidade desde a meninice.

Se a criança a que se perguntava quem era um bom cidadão ou quem era indigno de estima não sabia responder, via-se aí indício de uma alma lerda e pouco ciosa do valor. Além disso, a resposta devia conter sua razão e sua justificativa, condensadas numa fórmula breve e concisa. A resposta descabida trazia uma punição. O autor era mordido no polegar pelo irene. Frequentemente, os anciãos e os magistrados estavam presentes para ver o irene punir as crianças e mostrar se o fazia devidamente e como convinha. Não impediam que ele as castigasse. Mas, após a partida das crianças, ele devia explicar se fora demasiado severo no castigo ou, ao contrário, se fora indulgente e brando demais.

(Plutarco, *Vidas Paralelas – A Vida de Licurgo*)



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M108**

Exercícios Resolvidos

(MODELO ENEM) – Utilize a leitura do texto para responder às questões 1 e 2.

“Representando pequeno número em relação às outras classes, eles estavam constantemente preparados para enfrentar quaisquer revoltas, daí a total dedicação à arte militar. A agricultura, o comércio e o artesanato eram considerados indignos para o (...), que desde cedo se dedicava às armas. Aos sete anos deixava a família, sendo educado pelo Estado que procurava fazer dele um bom guerreiro, ensinando-lhe a lutar, a manejar armas e a suportar as fadigas e a dor. Sua educação intelectual era bastante simples (...). Aos vinte anos o (...) entrava para o serviço militar, que só deixaria aos sessenta, passando a viver no acampamento, treinando constantemente para as coisas da guerra (...). Apesar de ser obrigatório o casamento após os trinta anos, sua função era simplesmente a de fornecer mais soldados para o Estado.”

1 A transcrição anterior refere-se aos cidadãos que habitavam

- a) Atenas. b) Creta. c) Esparta.
d) Chipre. e) Roma.

Resolução

Fundada pelos dórios, a cidade de Esparta valorizava o militarismo, pois a conquista da planície da Messênia gerou um grande contingente de escravos. Com o propósito de assegurar o seu domínio, os espartanos dedicavam-se às artes bélicas, formando-se soldados por excelência.

Resposta: C

2 Quanto ao caráter dessa estrutura, pode-se afirmar que

- a) uma intensa permeabilidade social possibilitava até servos e escravos chegarem à condição de cidadãos.
b) a educação visava ao desenvolvimento físico e à destreza, indispensáveis ao soldado, e estendia-se a todas as categorias sociais.

c) uma minoria social – os hilotas – detinha o usufruto das terras agrícolas e recebia uma educação destinada a formar bons soldados.

d) o grupo menos numeroso da sociedade detinha os privilégios sociopolíticos e integrava o exército da cidade-Estado dos 20 aos 60 anos.

e) os periecos, descendentes dos primitivos habitantes, controlavam todos os órgãos do poder e deveriam procriar filhos para fortalecer as fileiras dos exércitos.

Resolução

Os escravos (hilotas) compunham a maior parte dos habitantes da cidade. Para controlar a escravaria, os filhos de espartanos recebiam uma educação militar e lacônica a fim de se tornarem soldados. A subjugação da maioria era a primordial condição para obter os direitos concedidos pela pólis.

Resposta: D

1 No Período Arcaico, o mundo grego passou por diversas transformações. Quais foram essas transformações em Esparta?

RESOLUÇÃO:

Em virtude do grande número de escravos provenientes das conquistas, Esparta criou uma legislação própria atribuída a Licurgo. Por essa razão, a cidade isolou-se e passou a adotar a força para manter o *status quo*, isto é, a supremacia dos espartíatas sobre as populações dominadas.

2 Como se originou a escravidão em Esparta e como eram chamados os escravos?

RESOLUÇÃO:

A escravidão foi originada das conquistas militares na planície da Messênia, sendo os escravos denominados hilotas.

3 Esparta constituiu uma exceção no modelo das cidades antigas da Grécia, pois

- apresentava uma economia dinâmica e voltada para o mercado externo.
- tinha terras particulares no centro da Lacônia e estatais na periferia.
- dividia-se em eupátridas, comerciantes, artesãos e escravos.
- era governada por um conselho de 28 gerontes, a *Gerúsia*, que monopolizava todo o poder.
- era governada por dois reis, vigiados sistematicamente por dois *éforos*.

RESOLUÇÃO:

O governo espartano pode ser definido de várias formas: aristocracia militar (superiores do Exército); gerontocracia (governo dos mais velhos) e oligarquia militar (governo de poucos militares).

Resposta: D

4 (MODELO ENEM) – “A educação prolongava-se até a idade madura, pois ninguém tinha liberdade de viver como quisesse. Viviam-se na cidade, como num acampamento, onde os pormenores da existência eram regulamentados tanto quanto o serviço público a que estava obrigado. Pois os cidadãos consideravam-se, durante toda a vida, pertencentes à pátria e não a eles mesmos.”

O texto refere-se à cidade-Estado e ao legislador seguintes, respectivamente:

- Atenas – Drácon.
- Esparta – Sólon.
- Corinto – Licurgo.
- Esparta – Licurgo.
- Tessália – Platão.

RESOLUÇÃO:

O texto descreve a vida e os valores dos espartanos, como o laconismo e o patriotismo. Acredita-se que Licurgo foi o criador dessa estrutura.

Resposta: D

Responda à questão 5 com base no código abaixo:

- Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
- Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
- Todas as afirmativas estão corretas.
- Todas as afirmativas estão incorretas.

5 Sobre Esparta, é válido afirmar que

- a organização político-social era dividida em *espartíatas* (os cidadãos), *periecos* e *hilotas* (ambos sem direitos políticos).
- os gerontes, velhos com mais de 60 anos, comandavam a política, assessorados por uma *Diarquia*, pelos *éforos* e pelo Exército.
- a Assembleia (*Ápela*) tinha a mera função de votar as questões, sendo-lhe proibido discuti-las.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

6 (PUC-PR – MODELO ENEM) – “Um deus, parece, se ocupou de vós: prevendo o futuro, implantou duas estirpes gêmeas de reis, em lugar de uma única (...) Introduziu o comediamento do sábio poder exercido pela velhice na força arrogante que se apoiava sobre o nascimento, tornando a competência dos vinte e oito Gerontes igual à dos Reis na votação dos assuntos mais importantes (...) Constatando que o governo ainda era cheio de orgulho e desconfiança, impôs-lhe à guisa de freio a soberania dos Éforos (...).”

(Platão, *As Leis*)

O texto de Platão e o conhecimento da conservadora organização política da cidade-Estado ou pólis espartana permitem afirmar corretamente:

- No lugar de uma monarquia existia uma diarquia, ou seja, dois reis, certamente para evitar a autocracia.
- Os componentes do Senado ou *Gerúsia* eram anciãos, em número de vinte e oito, com mais de sessenta anos e competia-lhes fazer as leis.
- O texto de Platão omite a existência da Assembleia do povo ou *Ápela*, formada por cidadãos de mais de 30 anos, que ratificava ou não as decisões da *Gerúsia* ou Senado.

Está(ão) correta(s):

- I, II e III.
- Apenas II e III.
- Apenas II.
- Apenas I.
- Apenas I e III.

RESOLUÇÃO:

A afirmativa I está incorreta, porque apesar de existirem dois reis, eles possuíam funções diferentes: um militar (estratego), encarregado do comando do exército, e outro religioso, encarregado de ministrar os sacrifícios aos deuses. Não existia o conceito de absolutismo entre eles.

Resposta: B

Palavras-chave:

- Evolução política • Comércio • Conflito entre nobres e populares • Sólon
- Censitário • Péricles • Democracia

1. O “berço” da democracia

Durante o período arcaico, Atenas sofreu importantes transformações econômicas. O comércio externo desenvolveu-se bastante, principalmente em razão das colônias fundadas pelos gregos nas ilhas do Mar Egeu e no litoral da Ásia Menor.

Ocorreram, então, profundas mudanças sociais. Alguns dos antigos marginais – *thetas* – dedicaram-se ao comércio e ao artesanato, passando a ter uma grande importância na vida da cidade. Muitos escravos foram comprados para trabalhar na agricultura, enquanto os *georgoi*, não podendo pagar os empréstimos contraídos com os *eupátridas*, perderam as terras e a liberdade, tornando-se escravos por dívidas.

As novas classes sociais que surgiram — comerciantes e artesãos — começaram a pressionar os aristocratas, dando início a uma grave crise política em Atenas. Dois partidos antagônicos formaram-se: o *aristocrático* e o *popular*.

2. Os legisladores

O partido popular reivindicava reformas, a começar por leis escritas, pois até então a legislação era oral e sujeita às interpretações mais duvidosas.

Os eupátridas incumbiram **Drácon**, um **arconte**, de redigir as primeiras leis escritas de Atenas, o que fez com extrema severidade. A crise, no entanto, continuou. O partido popular exigiu a participação no poder político. Os aristocratas acabaram cedendo e encarregaram outro legislador, **Sólon**, de realizar uma reforma. Entre suas propostas, destacaram-se:

- Reformas econômicas – estímulo ao desenvolvimento comercial; incentivo à vinda de artesãos estrangeiros, os metecos; adoção de um padrão monetário único; proibição da exportação de cereais.
- Reformas sociais – abolição da escravidão por dívidas; diminuição da herança do primogênito.
- Reformas políticas – criação de um regime **censitário**; abolição do monopólio do poder pela aristocracia.

A reforma de Sólon não chegou a ser integralmente realizada, por causa da resistência dos aristocratas. O reformador foi expulso de Atenas, agravando a situação política, até que um eupátrida habilidoso, Pisístrato, tomou o poder ilegalmente, dando início à fase da *tiranía*.

Arconte: magistrado, primeiramente com poder de legislar e, depois de Sólon, mero executor das leis.

Censitário: relativo à participação do cidadão na política proporcional à sua situação econômica.



Atenas, o berço da democracia antiga.

3. Os tiranos

Pisístrato adotou uma política de equilíbrio entre as camadas sociais. Durante o seu governo, confiscou as terras dos aristocratas que não eram cultivadas e distribuiu-as aos camponeses. Além disso, estimulou o comércio marítimo, construiu importantes obras públicas, como fontes, aquedutos e templos, e incentivou as artes.

Com sua morte, em 527 a. C., o poder foi exercido por seus filhos, que transformaram a *tiranía* em um governo cruel e marcado por violentas perseguições. Hiparco acabou sendo assassinado e Hípias foi deposto e exilado de Atenas.

Os aristocratas colocaram **Iságoras** no poder, o qual solicitou auxílio dos espartanos para manter seus privilégios políticos. Essa atitude gerou uma revolta geral dos atenienses que, liderados por um aristocrata de nome **Clístenes**, expulsaram o *tirano* da cidade e derrotaram o exército inimigo.

4. A reforma de Clístenes

Aproveitando-se dessa coesão temporária entre aristocratas e populares, Clístenes realizou a reforma que implantou em Atenas a *democracia*. Nesse novo regime de governo, todos os cidadãos teriam direitos políticos, sendo a participação direta, mediante o comparecimento à Assembleia.

O “pai da democracia” ateniense preocupou-se em eliminar a influência das famílias eupátridas, dividindo o território em *demos*, pequenas comunidades autônomas em que os cidadãos eram relacionados com base na residência. Em seguida, foram criadas dez tribos, que reuniam elementos de todas as classes sociais.

O principal órgão era a *Eclésia* – Assembleia dos Cidadãos –, que votava as leis preparadas pela *Bulé* ou *Conselho dos 500*. A justiça era distribuída pela *Helíae*, formada por 12 tribunais. A execução das leis e o comando do exército cabiam aos *estrategos*, em número de dez, escolhidos pela *Eclésia* para um mandato anual.

Com a finalidade de preservar a democracia na cidade de Atenas, Clístenes instituiu o *ostracismo*, que consistia em um exílio forçado dos maus cidadãos. Para isso, o nome do indivíduo era escrito em um pedaço de argila chamado *ostrakon*. Quando a maioria votava pela expulsão, o cidadão perdia seus direitos políticos, sem perda dos bens. Depois de dez anos, a pessoa banida podia voltar à cidade e recuperar todos os seus direitos de cidadão. Esse costume introduzido por Clístenes prevaleceu até o final do século V a. C.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M109**

5. Cronologia do período estudado

Séc. VIII a VII a. C.: governo monárquico em Atenas, substituído por uma oligarquia.

624 a. C.: legislação de Drácon.

594 a. C.: legislação de Sólon.

560 a 510 a. C.: tirania em Atenas, exercida por Pisístrato, Hiparco e Hípias.

510 a 507 a. C.: reformas de Clístenes.



Ruínas da Eclésia, em Atenas.

Exercícios Resolvidos

1 (UEL – MODELO ENEM) – “Com a nova divisão da sociedade, qualquer cidadão poderia participar das decisões do poder. Apenas os escravos e os metecos (estrangeiros) não participavam das decisões políticas, pois não tinham direito de cidadania.”

Ao texto pode-se associar

- a) Drácon e a expansão colonial em direção ao Mediterrâneo.
- b) Sólon e a militarização da política espartana.
- c) Pisístrato e a helenização da Península Balcânica.
- d) Péricles e a hegemonia cultural grega no Peloponeso.
- e) Clístenes e a democracia escravista ateniense.

Resolução

Clístenes foi o legislador que criou a democracia em Atenas. Esta tinha suas bases na escravidão e excluía a maior parte dos habitantes da

cidade. O conceito atual de democracia procura envolver o maior número possível de pessoas.

Resposta: E

2 (FUVEST – MODELO ENEM)

“Ao povo dei tanto privilégio quanto lhe bastasse, nada tirando ou acrescentando à sua honra; Quanto aos que tinham poder e eram famosos por sua riqueza, também tive cuidado para que não sofressem nenhum dano... e não permiti que nenhum dos dois lados triunfasse injustamente.”

Sobre esse texto, é correto afirmar que seu autor,

- a) o dramaturgo Sólon, reproduz um famoso discurso de Péricles, o grande estadista e fundador da democracia ateniense.
- b) o demagogo Sólon, recorre à eloquência e à retórica para enganar as massas e assim obter seu apoio para alcançar o poder.

c) o tirano Sólon, lembra como, astutamente, acabou com as lutas de classes em Atenas, submetendo ricos e pobres às mesmas leis.

d) o filósofo Sólon, evoca de maneira poética a figura do lendário Drácon, estadista e criador da democracia ateniense.

e) o legislador Sólon, exprime o orgulho pelas leis, de caráter democrático, que fez aprovar em Atenas quando governou a cidade.

Resolução

Com o crescimento do comércio, os mercados buscavam participar das decisões políticas de Atenas, fundando o partido popular. O governo era dominado pelos eupátridas (aristocratas) e resistia à possibilidade de mudanças. Quando Sólon substituiu Drácon como legislador, procurou inserir os comerciantes na vida política, adotando o voto censitário.

Resposta: E

Exercícios Propostos

1 Qual foi a evolução política de Atenas no período arcaico e qual a importância de Drácon, nesse contexto?

RESOLUÇÃO:

Dividia-se em dois partidos antagônicos: aristocrático e popular. As pressões do partido popular obrigaram os aristocratas a convidar Drácon para escrever o primeiro código de leis de Atenas, de extrema severidade para as camadas populares.

2 “[...] O território de Atenas, outrora escravo, dizia ele, é agora livre; os cidadãos que tinham sido adjudicados aos credores, uns foram trazidos dos países estrangeiros para onde os tinham vendido e onde vaguearam durante tanto tempo que nem já compreendiam a língua ática; outros, restituídos à liberdade no seu próprio país, onde estavam reduzidos à mais vergonhosa escravidão.”

O texto refere-se às mudanças que ocorreram em Atenas durante o período arcaico. Pergunta-se:

- Qual é a essência dessa mudança contida no texto?
- Quem foi o legislador responsável por isso?

RESOLUÇÃO:

- A proibição da escravidão por dívidas.**
- Sólon.**

3 **(MODELO ENEM)** – “... Nesse período, o governo era monopolizado pelos eupátridas. O regime – monárquico e hereditário – era encabeçado pelo basileus, chefe de guerra, juiz e sacerdote, cujo poder era limitado por um conselho de aristocratas, o Areópago.”

Nesse texto, o regime de governo se refere à

- organização política de Atenas no período clássico.
- organização política da pólis grega, segundo a descrição de Homero na *Ilíada*.
- estrutura política de Esparta, antes das transformações sociopolíticas ocorridas entre o final do século VII e o início do VI a. C.
- estrutura política ateniense durante o sistema comunal-gentílico.
- organização política de Atenas, antes das reformas sociopolíticas de Drácon e Sólon.

RESOLUÇÃO:

No início do Período Arcaico, Atenas era dominada pelos aristocratas (bem nascidos ou eupátridas). Drácon e Sólon fizeram reformas, permitindo maior participação política dos comerciantes do partido popular.

Resposta: E

Responda à questão 4 com base no código abaixo:

- Se apenas as afirmativas I e II forem corretas.
- Se apenas as afirmativas II e III forem corretas.
- Se apenas as afirmativas I e III forem corretas.
- Se todas as afirmativas forem corretas.
- Se todas as afirmativas forem incorretas.

4 Sobre a fase da tirania ateniense,

- durante o seu governo, Pisístrato buscou aplicar as reformas de Sólon e manter o equilíbrio entre as camadas sociais.
- após a morte de seu irmão Hiparco, Hípias adotou um governo despótico e foi deposto por Iságoras.
- Iságoras, aristocrata nomeado arconte, sofrendo forte oposição dos grupos populares, pediu o apoio militar de Esparta a fim de conseguir governar.

RESOLUÇÃO:

Os três itens demonstram a sequência de fatos da fase da tirania em Atenas.

Resposta: D

5 **(MODELO ENEM)** – O regime democrático de governo instituído por Clístenes, em Atenas, a partir de 507 a. C., era resultado de um longo processo iniciado com as reformas de Sólon, em 594. As propostas de Clístenes incluíam

- a participação de todos os habitantes da cidade na Assembleia.
- a exclusividade de participação política para os cidadãos.
- a ampliação do conceito de cidadania extensivo aos escravos.
- a participação indireta no sistema político.
- a divisão de poderes e a eliminação do ostracismo.

RESOLUÇÃO:

Para Clístenes, a democracia era restrita aos cidadãos, excluindo mulheres, menores de 21 anos, estrangeiros e escravos.

Resposta: B

6 **(PUCCAMP – MODELO ENEM)** – “É precisamente para assegurar o reino da igualdade, para permitir que os mais humildes cidadãos assumam uma parte legítima na vida política, que o Estado concede uma remuneração àqueles que se colocam ao seu serviço de participação das Assembleias.”

O texto referente a Atenas, no século V, expressa

- o interesse do Estado em criar uma sociedade igualitária, remunerando melhor os funcionários públicos.
- a necessidade de estimular os desinteressados habitantes da pólis a participarem das Assembleias políticas.
- a fragilidade da democracia ateniense, uma vez que aos cidadãos não correspondiam direitos políticos, apenas obrigações.
- a preocupação do regime democrático em garantir o direito de igualdade política aos cidadãos atenienses mais pobres.
- a determinação dos tribunais atenienses em banir a escravidão no vasto território grego sob o seu domínio.

RESOLUÇÃO:

A pobreza não era um empecilho à participação política do ateniense, pois este recebia do governo uma determinada quantia que possibilitava ausentar-se dos seus afazeres sem maiores prejuízos.

Resposta: D

Palavras-chave:

- Invasão persa • Ilha de Delos
- Hegemonia • Guerra de Peloponeso
- Alexandre Magno • Helenismo

1. As Guerras Médicas

A hegemonia política de Atenas, na Grécia, começou com seu êxito nas *Guerras Pérsicas* ou *Médicas*. No final do século VI a. C., o Império Persa encontrava-se no auge de sua expansão. O rei Dario I avançou com as conquistas em direção ao Mar Negro, submetendo as colônias gregas da Ásia Menor a uma pesada tributação.

A cidade de Mileto, localizada no litoral da Jônia, organizou uma revolta. Apesar da ajuda enviada por Atenas, foi completamente destruída. Com isso, a guerra atingiu todo o mundo grego.

Em 490 a. C., aproveitando-se do antagonismo existente entre as cidades-Estado, os persas invadiram a Grécia. A esquadra persa desembarcou a poucos quilômetros de Atenas, na planície de Maratona. Mesmo contando com um pequeno número de soldados, os atenienses venceram a *Batalha de Maratona*, em virtude da estratégia de seu comandante Milcíades.



As alianças das cidades-Estado e as guerras de hegemonia que fragilizaram o mundo grego.

2. O imperialismo ateniense

Em 477 a. C., Atenas liderou a formação de uma liga marítima que reunia algumas cidades do continente e das ilhas do Mar Egeu. O local escolhido como sede foi a ilha de **Delos**. As cidades deveriam fazer uma contribuição anual em navios, soldados ou ouro. Essa liga recebeu o nome de *Confederação de Delos*. Entretanto, Esparta e as cidades do Peloponeso mantiveram-se isoladas.

A *Liga de Delos*, que estava promovendo a guerra contra os persas, acabou libertando todas as colônias gregas da Ásia Menor. Em 448 a. C., foi assinada a *Paz de Cális*, em que os persas reconheceram a hegemonia de Atenas no Mar Egeu, expressa no *Tratado de Susa*.

Com o final da guerra, Atenas transformou as contribuições das cidades aliadas em imposto obrigatório. Os atenienses sofreriam uma profunda crise se a liga fosse dissolvida: a indústria naval seria paralisada, o comércio entraria em decadência e numerosos remadores, mercenários e artesãos ficariam sem emprego. Por esta razão, Atenas impôs seu domínio pela força. As cidades que se revoltassem eram atacadas e destruídas. Era o início da **hegemonia** ateniense.



Péricles, líder de Atenas no "Século de Ouro" da Grécia.



O templo do deus Apolo em Delfos foi uma oferenda dos atenienses pela vitória em Maratona.

Dez anos depois, sob o reinado de Xerxes, que sucedeu Dario I, os persas fizeram uma dupla ofensiva. Por terra, venceram os espartanos na *Batalha das Termópilas*, onde morreu Leônidas, o célebre rei de Esparta. Por mar, uma numerosa frota foi destruída na *Batalha de Salamina* pelos atenienses, comandados por Temístocles. Sem o apoio da esquadra, o exército persa recuou para Plateia, sendo derrotado por um exército composto de espartanos e atenienses, liderado por Pausânias.

Delos: ilha do Mar Egeu; sede da liga que reuniu toda a Grécia contra a invasão persa, no período das Guerras Médicas.

Hegemonia: preponderância de um povo ou de uma cidade sobre outros povos ou outras cidades; supremacia.

Em 444 a. C., os rumos de Atenas começaram a ser decididos por Péricles, sobrinho de Clístenes. As realizações de seu governo foram tão extraordinárias que o século V a. C. se tornou conhecido como Século de Péricles, o “Século de Ouro” da Grécia.

Péricles utilizou as contribuições das cidades aliadas para embelezar Atenas com vários templos e monumentos. Desta forma, aumentou o emprego na cidade, melhorando as condições de vida das classes populares. Durante seu governo, foi cercado por um grande número de intelectuais e artistas, como o escultor Fídias, o historiador Heródoto e o poeta Sófocles.

3. A Guerra do Peloponeso

O imperialismo ateniense desagradava a muitas cidades da Grécia, que se sentiam ameaçadas. Esparta passou, então, a apoiar os antigos aliados de Atenas, que se rebelavam contra sua hegemonia. Essas cidades e as do Peloponeso foram reunidas na formação de uma poderosa liga terrestre, conhecida como *Liga do Peloponeso*.

Em 431 a. C., teve início a *Guerra do Peloponeso*, que deixou a Grécia completamente exaurida pelas destruições. No começo do conflito, enquanto Atenas conduzia sua frota contra a região do Peloponeso, Esparta atacou a Ática, causando grande pânico na população, que foi surpreendida pela peste. Péricles morreu vitimado pela doença em 429 a. C.

Apesar de algumas vitórias atenienses, o exército espartano era mais bem preparado. Em 404 a. C., finalmente, na Batalha de Egos-Pótamos, os espartanos venceram a esquadra ateniense. Consequentemente, Esparta substituiu Atenas como potência hegemônica na Grécia.

4. A hegemonia de Tebas

A cidade de Esparta adotou a mesma conduta imperialista de Atenas. Aproveitando-se das crises existentes nas duas principais cidades-Estado da Grécia, Tebas resolveu impor sua hegemonia sobre as cidades gregas.

Em 371 a. C., Esparta foi derrotada pelo exército tebano na *Batalha de Leuctras*. Essa vitória deveu-se à organização das **falanges**, dos generais Pelópidas e

Falange: unidade de infantaria grega formada por 16 384 homens; corpo de tropas.

Epaminondas, e a uma rebelião de escravos em Esparta, obrigando grande parte dos soldados a suspender sua campanha na defesa da cidade.

Assim, teve início o predomínio de Tebas sobre a Grécia, mas não por muito tempo. Atenienses e espartanos, unidos, venceram os tebanos na *Batalha de Mantíneia*, pondo fim às hegemonias dos Estados gregos.

5. O domínio macedônico

O período das hegemonias levou ao enfraquecimento geral das cidades-Estado gregas. Os macedônios, povo de origem ariana que habitava a região ao norte da Grécia, liderados por seu rei Felipe II, conquistaram toda a Grécia na Batalha de Queroneia, em 338 a. C.

Alexandre Magno, filho de Felipe, sucedeu-o ao trono, consolidando a conquista da Grécia e expandindo o Império para o Oriente. Em 333 a. C., na Batalha de Issos, Alexandre destruiu um imenso exército persa comandado pelo próprio rei Dario III; no ano seguinte, marchou para a Fenícia, conquistando a importante cidade de Tiro, e deslocou-se, em seguida, para o Egito, onde os sacerdotes do templo de Amon-Ra o receberam como o filho do deus; em 331 a. C., Alexandre invadiu o centro do Império Persa, sendo coroado rei dos persas.

O Império Macedônico conquistou ainda a Palestina e a Índia, fundando um dos mais vastos impérios da humanidade.

Em 323 a. C., antes que pudesse organizar suas conquistas, Alexandre Magno morreu na Babilônia, aos 33 anos de idade, em razão de uma febre violenta.



Alexandre Magno, o fundador do Império Macedônico.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M110**

Exercícios Resolvidos

1 (FUVEST – MODELO ENEM) – “Democracia e imperialismo foram duas faces da mesma moeda na Atenas do século V a. C.”

Tal afirmativa é

a) correta, já que a prosperidade proporcionada pelos recursos provenientes das regiões submetidas liberava, aos cidadãos atenienses,

o tempo necessário a uma maior participação na vida política.

b) falsa, pois aquelas práticas políticas eram consideradas contraditórias, tanto que fora em nome da democracia que Atenas enfrentara o poderoso Império Persa nas Guerras Peloponésicas.

c) correta, pois foi o desejo de manter a Grécia unificada e de estender a democracia a todas

suas cidades que levou os atenienses a se oporem ao imperialismo espartano.

d) falsa, já que o orgulho por seu sistema político sempre fez com que Atenas ficasse fechada sobre si mesma, desprezando os contatos com outras cidades-Estado.

e) correta, se aplicada exclusivamente ao período das Guerras Médicas contra Esparta e sua liga aristocrática.

Resolução

A liderança sobre a Liga de Delos e a vitória sobre os persas nas Guerras Médicas deram aos atenienses os recursos necessários para imporem a sua hegemonia (imperialismo) sobre as demais cidades gregas e um volume de riquezas e de escravos que proporcionou o pleno desenvolvimento da democracia. Além disso, os atenienses remuneravam os mais pobres a fim de eles participarem da vida política da cidade.

Resposta: A

2 (MODELO ENEM) – Entre os séculos V e IV a. C., as cidades-Estado da Grécia entraram num processo de guerras fratricidas que levariam ao suicídio das cidades-Estado. O enfraquecimento sucessivo de cidades como Atenas, Esparta e Tebas contribuiu para

a) o domínio dos persas, liderados por Dario, a partir da vitória destes nas Guerras Médicas.

b) a destruição das cidades-Estado gregas e o conseqüente nascimento de um império na região, controlado pelos romanos.

c) o domínio do território grego pelos macedônios, primeiro com Filipe II e depois com seu filho, Alexandre.

d) a diáspora grega em direção ao norte da Europa e à península itálica, onde foram responsáveis pela fundação de Roma.

Resolução

As guerras entre as cidades-Estado gregas levaram ao enfraquecimento da Grécia, facilitando a sua conquista pelos macedônios, que, apesar de numericamente inferiores, souberam tirar proveito dessas rivalidades internas.

Resposta: C



Exercícios Propostos

“Tal aventura foi duplamente vergonhosa porque, dezesseis anos atrás, uma embaixada ateniense tinha ido a Susa com instruções para celebrar uma paz permanente com a Pérsia. O embaixador principal era Cálías, o homem mais rico de Atenas. No devido tempo, redigiu-se um tratado. Atenas reconheceu a soberania do Grande Rei sobre as cidades gregas da Ásia Menor. Por sua vez, o Grande Rei concordou em manter a frota persa fora do Mar Egeu etc. O tratado era muito comprido. De fato, muitas vezes pensei que foi durante a composição do texto persa que afetei para sempre a minha visão.”

(Citado por Gore Vidal, *Criação*)

1 Com base no texto, responda:

a) A que tratado se refere o texto e em que contexto está inserido?

RESOLUÇÃO:

Tratado de Susa, firmado entre gregos e persas, marcando o final das Guerras Médicas.

b) Quais as conseqüências desse tratado para persas e gregos?

RESOLUÇÃO:

Os persas reconheceram a hegemonia grega sobre o Mar Egeu, prometendo não invadir mais a Grécia e suas colônias na Ásia Menor, o que marcou a ascensão política de Atenas e a decadência do então poderoso Império Persa.

2 (FAAP) – Iniciado por Filipe II e concluído por Alexandre Magno (século IV a. C.), o Império Macedônico provocou substanciais modificações sociais, econômicas e culturais no panorama das regiões por ele abrangidas.

Cite e explique duas conseqüências das conquistas macedônicas.

RESOLUÇÃO:

A formação da cultura helenística, marcada pela fusão da cultura grega com a oriental, e a fragmentação do Império Persa, causada pelo fim do poder centralizado em um rei persa.

3 (MODELO ENEM) – “Péricles, querendo que o povo que não se ocupava do exército tivesse também ele parte do dinheiro público, não por meio do ócio e da preguiça, mas pelo trabalho, propôs ao povo o empreendimento de grandes construções e projetou trabalhos envolvendo várias artes e longos períodos, para que os que permanecessem em Atenas tivessem, não menos do que os marinheiros, sentinelas e soldados, um pretexto para obter seu quinhão da riqueza pública.”

(Plutarco, *Vida de Péricles*)

Com relação ao texto, assinale a alternativa correta.

a) Na época de Péricles, a escravidão foi suprimida em Atenas.

b) O texto trata de Atenas no século V a. C., conhecido como o “Século de Ouro”, quando a cidade foi totalmente remodelada com a construção de grandes obras públicas.

c) Péricles destruiu o partido aristocrático e, apoiando-se demagogicamente no povo, destruiu a democracia ateniense.

d) O texto revela que em Atenas também se praticava a “política do pão e circo”.

e) Durante o século de Péricles, a Assembleia dos Cidadãos não se reuniu uma vez sequer.

RESOLUÇÃO:

O texto refere-se ao apogeu de Atenas, em razão do seu domínio sobre as demais cidades gregas.

Resposta: B

(MODELO ENEM) – Com base no texto, responda às questões 4 e 5.

“Entregues a si mesmos, os gregos bem depressa esqueceram que seu êxito na Segunda Guerra Médica era fruto exclusivo de sua união. Os espartanos, que por comum acordo haviam recebido o supremo comando na Grécia Balcânica, mostraram-se pouco desejosos ou incapazes de explorar, no interesse comum, as vitórias conquistadas sob sua chefia.”

4 A guerra mencionada refere-se

- a) à luta fratricida entre Atenas e Esparta, na Guerra do Peloponeso.
- b) à luta entre gregos e troianos, descrita por Homero.
- c) à luta entre macedônios e gregos, prevista por Demóstenes.
- d) à luta entre Alexandre da Macedônia e Dario III da Pérsia.
- e) à luta dos gregos contra o imperialismo persa.

RESOLUÇÃO:

O texto faz menção às Guerras Médicas.

Resposta: E

6 O texto refere-se à falta de união entre os gregos. Este fato é geralmente explicado

- a) pela presença do mar, que atraiu os gregos para a formação de impérios coloniais isolados.
- b) pelo arraigado sentimento de soberania das cidades-Estado gregas.
- c) pela existência de escravos e o conseqüente desprezo dos cidadãos pelo trabalho.
- d) pela falta de unidade religiosa e pelo culto extremado de divindades locais.
- e) pela existência de inúmeros dialetos, o que dificultava a comunicação entre os povos helênicos.

RESOLUÇÃO: Os gregos não possuíam uma união política, um poder centralizado, embora fossem unidos culturalmente.

Resposta: B

6 “No comando dos helenos, tomou o rumo do Oriente. Em 334 a. C., conquistou a Pérsia, tendo depois se voltado para a Síria e mais tarde a Tiro, importante cidade-Estado fenícia. Posteriormente, conquistou Israel (Canaã) e o Egito, chegando, depois, à Índia. Com todo o Oriente conquistado, tornou a cidade da Babilônia, a capital do seu Império.”

O texto refere-se

- a) à atuação da Liga de Delos.
- b) ao imperialismo ateniense.
- c) ao expansionismo de Alexandre, responsável pela instauração do Império Macedônico.
- d) às conquistas gregas no Oriente, no quadro das Guerras Médicas.
- e) à expansão dos medos, que resultou na conquista do Império Persa.

RESOLUÇÃO:

Alexandre promoveu a rápida expansão do império herdado de seu pai, devido à sua liderança como guerreiro e à absorção e superação das técnicas de combate de seus adversários.

Resposta: C

7 **(MODELO ENEM)** – “Então Alexandre aproximou-se ainda mais dos costumes bárbaros que ele também se esforçou em modificar mediante a introdução de hábitos gregos, com a ideia de que essa mistura e essa comunicação recíproca de costumes dos dois povos... contribuiria mais do que a força para solidificar seu poder...”

(Plutarco, *Vidas Paralelas*)

A respeito do texto, é correto afirmar que:

- a) A política de conquista de Alexandre Magno procurou misturar a cultura grega com a cultura dos povos orientais.
- b) Os bárbaros eram todos aqueles povos que não pertenciam à civilização romana.
- c) A política de conquista era baseada na subjogação cultural dos povos bárbaros.
- d) Alexandre adotou uma política de tolerância, concedendo liberdade para os povos conquistados manterem seus costumes.

RESOLUÇÃO:

A política de Alexandre, o Grande, consistia em fundir a cultura grega com a dos povos orientais, a fim de que desaparecessem os rótulos de conquistadores e conquistados. A essa rica cultura chamamos de helenismo.

Resposta: A

- Lendas • Rômulo e Remo
- Invasões etruscas • Casta
- Lucrecia • Absolutismo

1. A Itália primitiva

Apesar de sua posição geográfica privilegiada, no centro do Mediterrâneo, a Península Itálica manteve-se durante muito tempo isolada do contato com outros povos.

A região apresenta várias planícies férteis, como o **Lácio** e a Campânia, junto ao Mar Tirreno, e a Apúlia, no Mar Adriático. A grande fertilidade do solo despertou as comunidades para a agricultura e o pastoreio, além da exploração de alguns recursos minerais, como cobre, estanho, chumbo e ferro. A existência de poucos portos naturais retardou a navegação e o desenvolvimento do comércio exterior.

No século VIII a. C., a península era ocupada por diversos povos: itálios, ao centro, dividindo-se em vários grupos ou tribos; gregos, estabelecidos em colônias ao sul, na região conhecida como Magna Grécia; etruscos, localizados ao norte, entre os Rios Tibre e Arno.

Foi, porém, com a fundação de Roma que a Península Itálica conseguiu projeção entre os povos da Antiguidade. Situada às margens do Rio Tibre, a pequena cidade em pouco tempo dominou o mundo antigo, passando a ser conhecida apenas como *urbis* – a cidade, centro de todas as decisões.

A história de Roma passou por três períodos distintos de governo:

- Monarquia ou Realeza, de 753 a 509 a. C.
- República, de 509 a 27 a. C.
- Império, de 27 a. C. a 476 d. C.

2. As origens lendárias

As origens da história de Roma envolvem diversas lendas, narradas por historiadores e poetas. Entre elas, a mais aceita foi escrita por Virgílio, poeta romano. Em sua obra, *Eneida*, relata que os romanos descendiam dos troianos. Após a destruição de **Troia** pelos gregos, o príncipe Eneias navegou pelo Mediterrâneo com seu pai e alguns companheiros. Depois de algum tempo, chegou à planície do Lácio, onde se casou com a filha de um rei latino. Posteriormente, diz a lenda, seu filho Ascânio fundou a cidade de Alba Longa.

Alguns séculos mais tarde, a cidade de Alba Longa foi governada por um rei chamado Númitor. Após uma revolta liderada por seu irmão Amúlio, o rei foi destronado. A princesa Reia Sílvia, transformada em sacerdotisa, gerou dois filhos gêmeos, que foram jogados nas

águas do Rio Tibre a mando do novo rei. As crianças foram salvas por uma loba, até serem encontradas por uma família de pastores que as criou e deu-lhes o nome de Rômulo e Remo. Ao se tornarem adultos, voltaram a Alba Longa e recolocaram o verdadeiro rei Númitor no poder. A partir daí, resolveram fundar uma nova cidade, localizada nas proximidades do local em que foram encontrados. Após uma discussão entre ambos, Rômulo matou Remo e se tornou o primeiro rei de Roma, fundada em 21 de abril de 753 a. C.

Em termos históricos, porém, a interpretação mais coerente sobre a fundação de Roma é que se tratava de uma pequena fortificação construída pelos itálios, às margens do Rio Tibre. A finalidade era defender a região do Lácio das constantes incursões dos povos etruscos, que habitavam o norte.

Após a fundação de Roma, os *latinos* integraram-se aos *sabinos*, que habitavam as montanhas próximas do Lácio. A lenda do *Rapto das Sabinas* conta a integração desses dois povos.

3. A organização econômica, social e política

Durante a fase da Monarquia, a economia de Roma era baseada na agricultura e no pastoreio. A sociedade era formada pelos *patrícios*, originários das antigas famílias, que se constituíam nos grandes proprietários de terra e rebanhos; *clientes*, homens livres, de famílias pobres, que viviam sob a proteção dos patrícios; *plebeus*, representados pelos estrangeiros, pequenos proprietários, artesãos e comerciantes.

Em toda a fase monárquica, as lendas falam da existência de sete reis: dois latinos, dois sabinos e os três últimos etruscos. Nessa última fase, a cidade de Roma teve um grande desenvolvimento urbano, em decorrência do notável conhecimento de técnicas arquitetônicas dos etruscos, que exerceram uma profunda influência na civilização romana.

Até o advento dos reis etruscos, em 640 a. C., Roma era governada por soberanos que dependiam do Senado — Conselho dos Anciãos —, órgão formado exclusivamente por patrícios. As decisões eram aprovadas pela Assembleia Curiata, que reunia todos os cidadãos das famílias aristocráticas, cuja finalidade era votar as leis e aprovar a guerra.

Lácio: planície romana cortada pelo Rio Tibre, ocupada pelos latinos; região onde se falava o latim, idioma que deu origem à língua portuguesa.

Troia: cidade no extremo noroeste da Ásia Menor, que foi destruída pela expansão micênica por volta de 1400 a. C., numa guerra narrada por Homero na epopeia *Iliada*; em finais do século passado, o sítio arqueológico foi localizado pelo alemão Schliemann.

4. A crise da Monarquia

O último rei de Roma, Tarquínio, o Soberbo, de origem etrusca, aproximou-se da plebe com a finalidade de anular a força do Senado. Por esta razão, os patrícios depuseram-no e implantaram a República, órgão essencialmente aristocrático, em 509 a. C.

As lendas, porém, atribuem a deposição do rei Tarquínio, o Soberbo, a uma crise que envolveu *Casta Lucrecia*, uma jovem de família aristocrática, seduzida pelo filho do rei. Assim, a justificativa que assinalou o fim da Monarquia envolveu uma profunda questão moral, que orientou a conduta dos cidadãos romanos durante grande parte de sua história.

5. Cronologia do período estudado

Século VIII a. C.: ocupação do sul da Itália pelos gregos e do norte pelos etruscos.

753 a. C.: fundação de Roma, segundo a tradição.

640 a. C.: domínio de Roma pelos etruscos.

509 a. C.: expulsão de Tarquínio, o Soberbo, e fundação da República.



Os colonizadores da Península Itálica.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M111**



Exercícios Resolvidos

1 (FATEC – MODELO ENEM) – “Não é sem razão que os deuses e os homens escolheram este lugar para a fundação da cidade: a extrema salubridade dos seus outeiros; a vantagem de um rio capaz de trazer as colheitas do seu interior, bem como de receber os aprovisionamentos marítimos, as comodidades da vizinhança do mar, sem os perigos a que as frotas estrangeiras exporiam a uma excessiva proximidade; uma posição central relativamente às diferentes regiões da Itália, posição que parece ter sido prevista unicamente para favorecer a expansão da cidade. Acha-se no seu 365 ano, e durante esse tempo o círculo dos povos estrangeiros que a rodeia nunca deixou (...) de estar em guerra convosco; e, todavia, não puderam vencer-nos.”

(Tito Lívio (adaptação))

O autor do fragmento acima destaca

- a privilegiada posição geográfica da cidade de Roma, situada na região do Lácio e às margens do Tibre, mas que, devido à proximidade com outros povos, viveu, incessantemente, a falta de alimentos pelo bloqueio de suas fronteiras.
- as razões pelas quais Roma teria sido favorecida desde sua fundação, exemplificando com a impossibilidade de ataques inimigos.
- a relação harmoniosa entre o espaço físico de Roma e os objetivos desta cidade, que se pretende expansionista, independente e segura.
- as diferenças entre a região do Lácio e da Toscana, na Itália, apontando na primeira as condições ideais para a fundação de uma cidade totalmente isolada das fronteiras inimigas.

e) a necessidade de Roma aproximar-se do círculo dos povos estrangeiros, para poder garantir seus aprovisionamentos e garantir a paz, em uma região de relevo muito recortado e sujeita, portanto, a ataques-relâmpago.

Resolução

Tito Lívio viveu a passagem da República para o Império, trabalhou para Augusto e, em sua obra *Desde a fundação da cidade*, descreveu as razões que levaram à fundação de Roma.

Resposta: C

2 (MODELO ENEM) – “Os jovens eram educados para serem fortes para a guerra. No Campo de Marte, perto de Roma, aprendiam a manejar a espada, a lançar o disco e as lanças, a correr, saltar, nadar e cavalgar. Aprendiam a obedecer para depois saberem mandar.”

(Bruna R. Cantele, *História Dinâmica Antiga e Medieval*)

Com base no texto, qual era a função da educação romana?

- Preparar administradores para exercerem o consulado.
- Treinar competidores para os Jogos Olímpicos.
- Formar intelectuais e filósofos.
- Adestrar guerreiros para o combate.

Resolução

Historicamente, Roma nasceu de um acampamento militar, para se defender das invasões etruscas, resultando, então, na grande ênfase na preparação militar de seus jovens.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 Comente a origem lendária de Roma, contrapondo com a origem histórica.

RESOLUÇÃO:

Roma, segundo o poeta Virgílio, foi fundada por Rômulo e Remo, tendo sido Rômulo o primeiro rei lendário da cidade. Historicamente, podemos dizer que Roma se originou de uma fortificação construída pelos habitantes do Lácio, para se defenderem das incursões etruscas.

2 Qual a relação existente entre Tarquínio, o Soberbo, e a queda da Monarquia romana?

RESOLUÇÃO:

A deposição de Tarquínio, o Soberbo, pelos patrícios assinalou o fim da dominação etrusca em Roma e a implantação de uma República oligárquica.

3 Descreva a organização política de Roma durante a Monarquia.

RESOLUÇÃO:

O rei dependia do Conselho dos Anciãos (Senado). A Assembleia Curíata votava as leis e aprovava a guerra.

Responda às questões 4 e 5, de acordo com o código abaixo.

- Se apenas as afirmativas I e II forem verdadeiras.
- Se apenas as afirmativas I e III forem verdadeiras.
- Se apenas as afirmativas II e III forem verdadeiras.
- Se todas as afirmativas forem verdadeiras.
- Se todas as afirmativas forem falsas.

4 Sobre as origens de Roma,

I – a lenda da *Casta Lucrecia* justifica, em termos morais, a expulsão do último rei etrusco, Tarquínio, o Soberbo.

II – a luta dos irmãos Horácio é uma lenda associada à República romana.

III – a fundação de Roma está relacionada à luta dos povos latinos contra os invasores etruscos.

RESOLUÇÃO:

A lenda dos irmãos Horácio está relacionada à expansão da Roma monárquica.

Resposta: B

5 Sobre a sociedade romana,

I – a princípio, os romanos dividiam-se em grandes unidades familiares, que se identificavam com um *pater*.

II – as famílias possuíam grupos agregados, os clientes, a quem cediam terras mediante o pagamento de uma renda anual.

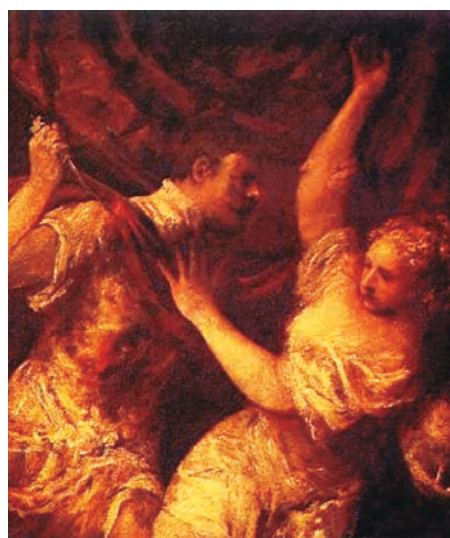
III – os plebeus eram em geral indivíduos vencidos em guerra ou estrangeiros, constituindo-se na minoria da população.

RESOLUÇÃO:

Os plebeus eram a maioria da população, composta de pequenos proprietários, estrangeiros, artesãos e comerciantes, todos esses despossuídos de direitos civis.

Resposta: A

6 (MODELO ENEM) – A lenda a respeito da violação da “casta Lucrecia” significa:



a) Os crimes sexuais eram sempre punidos pela lei.

b) Muitas mudanças de sistema eram justificadas moralmente.

c) A promiscuidade era tolerada pelos romanos.

d) Homens e mulheres possuíam direitos iguais.

RESOLUÇÃO:

A lenda da *Casta Lucrecia* foi narrada por Tito Lívio (59 a. C. - 17) para justificar a derrubada da Monarquia e a implantação da República Romana.

Resposta: B

Palavras-chave:

- Patrícios • Senado • Magistraturas
- Revoltas da plebe • Lei das XII Tábuas • Cônsul • Ditador

1. A organização política

A organização da República Romana foi feita pelos patrícios, representados pelo Conselho dos Anciãos, que, dessa forma, recuperava o antigo poder que havia perdido com a dominação etrusca. A partir daí, o novo governo conduziu a política no sentido de evitar a participação da plebe e qualquer tentativa de concentração de poder em uma única pessoa. As instituições básicas da República eram o *Senado*, as *Magistraturas* e a *Assembleia Centuriata*.

O Senado era o principal órgão, formado pelos patrícios mais ilustres, que exerciam cargos vitalícios. Entre suas atribuições mais importantes, destacamos: conduzir a política externa; administrar as províncias; cuidar das práticas religiosas; supervisionar o tesouro público (*Aerarium*).

Os magistrados exerciam o Poder Executivo, sendo eleitos pela Assembleia Centuriata. Como não recebiam qualquer tipo de remuneração, os cargos eram monopolizados pelos patrícios. Em geral, o mandato era limitado pelo período de apenas um ano e havia dois ou mais representantes para cada função. Os principais magistrados eram:

- *Cônsul* – era a principal magistratura, sendo eleitos dois cônsules dotados de poderes iguais: um permanecia dentro de Roma, exercendo o poder civil (*potestas*); o outro, fora de Roma, detinha o poder militar (*imperium*). Assim, anulavam-se mutuamente, não havendo perigo de um deles assumir o poder absoluto. Os cônsules comandavam o Exército, convocavam o Senado e presidiam os cultos públicos. Em caso de crise interna ou externa, excepcionalmente grave, eram substituídos por um ditador, que assumia poderes absolutos e limitados por um período de apenas seis meses.

- *Pretor* – na hierarquia política, estava apenas abaixo dos cônsules, tendo como função administrar a Justiça.

- *Questor* – cuidava das finanças públicas, cujo tesouro era depositado no Templo de Saturno.

- *Censor* – era o único magistrado eleito por cinco anos, responsável pelo recenseamento da população, pela moral dos cidadãos e pela indicação dos futuros senadores.

- *Edil* – era responsável pela administração da cidade, sendo encarregado da supervisão dos mercados, abastecimento de gêneros alimentícios e policiamento.

- *Tribuno da Plebe* – representava a plebe perante o Senado; essa magistratura surgiu em razão das pressões populares, que defendiam reformas sociais.

O Poder Legislativo era exercido pelas assembleias populares, nas quais se destaca a *Assembleia Centuriata*, um agrupamento militar de patrícios e plebeus. Nesses comícios, reuniam-se em **centúrias**, da mesma forma que faziam para ir à guerra. A finalidade era votar e decidir, por maioria, a eleição dos magistrados, assim como aprovar

as leis e declarar a guerra ou aceitar a paz. Apesar da participação dos plebeus, os patrícios controlavam as decisões. A antiga Assembleia Curiata passou a ter apenas funções religiosas.

2. As lutas sociais

O monopólio do poder pelos patrícios acarretou diversos problemas para a plebe: guerras constantes, impostos elevados, endividamento e escravidão por dívidas. Para os patrícios, a guerra traria **espólios** de terras e escravos. A plebe, revoltada, começou a fazer reivindicações.

Os plebeus iniciaram as greves e abandonaram a cidade, refugiando-se no Monte Sagrado, nas proximidades de Roma. Com isso, forçaram os patrícios às concessões, conquistando vários direitos: os *Tribunos da Plebe*, em 494 a. C.; a *Lei das Doze Tábuas*, em 450, primeiras leis escritas; a Lei Canuleia, em 445, que autorizava o casamento entre classes, até então proibido. Mais tarde, os plebeus obtiveram o direito de ocupar as magistraturas inferiores, até chegar ao consulado e à ditadura.

Em 366 a. C., por conta de mais uma revolta, a escravidão por dívidas foi abolida com a *Lei Licínia*. A maior vitória da plebe, porém, deu-se em 287 a. C., quando os patrícios permitiram que todas as decisões aprovadas pela Assembleia da Plebe fossem aceitas como lei, independentemente da aprovação do Senado. Esse direito ficou conhecido como **plebiscito**.

As vitórias da plebe deram-lhe praticamente a igualdade política perante os patrícios, mas isso ocorreu nos meados do século III a. C. Nesse momento, os romanos já haviam conquistado toda a Itália e estavam iniciando as *Guerras Púnicas* contra Cartago. Essas conquistas estavam mudando de tal maneira a economia, a sociedade e a vida política de Roma, que o sentido da vitória da plebe se tornou praticamente nulo.



Os povos conquistados nas guerras foram reduzidos a escravos.

Centúria: uma das divisões políticas dos romanos, formada por 100 cidadãos.

Espólios: bens conquistados como saque de guerra; bens que alguém, morrendo, deixou.

Exercícios Resolvidos

1 (UEL – MODELO ENEM)

I – “...os comícios eram assembleias populares encarregadas de votar as leis e eleger os magistrados. Havia dois tipos de comícios: os centúriais e os tribais.”

II – “...os magistrados eram eleitos pelos comícios por um período de um ano e cada magistratura era exercida concomitantemente pelos cônsules, pretores, questores e edis.”

III – “...o senado, encarregado da elaboração das leis, era o poder de fato (...) e se encarregava das finanças, religião e administração do território e política exterior.”

Em relação à Roma antiga, os itens I, II e III referem-se

- à organização administrativa do Baixo Império.
- às principais instituições políticas da República.
- às características políticas do Período Monárquico.
- às razões da concentração do poder no Principado.
- à fase de instauração da “pax romana” durante o Alto Império.

Resolução

Os três itens descrevem características da política no início da República. O primeiro trata

do lado “democrático” do regime; o segundo, das magistraturas, o poder executivo, antes exercido pelo rei e agora fragmentado em várias funções, e, finalmente, o poder legislativo (mais importante), controlado pelos chefes das famílias patrícias.

Resposta: B

2 (PUCCAMP – MODELO ENEM) – Leia o texto sobre as instituições políticas da antiga República romana.

“Mesmo para um cidadão romano, seria impossível dizer, com certeza, se o sistema, em seu conjunto, era aristocrático, democrático ou monárquico. Com efeito, a quem fixar atenção no poder dos cônsules, a Constituição romana parecerá totalmente monárquica; a quem a fixar no Senado, parecerá aristocrática, e a quem fixar no poder do povo, parecerá, claramente, democrática.”

(Políbio, historiador grego do século II a. C. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Roma: Vida pública e vida privada*. São Paulo: Atual, 1993. p. 21.)

Com base no texto e no conhecimento histórico, pode-se afirmar que

a) as instituições romanas não sofreram influências dos gregos, uma vez que os roma-

nos mantiveram uma política isolacionista durante todo o período republicano.

b) os romanos não inovaram na formação das instituições políticas, já que imitaram o sistema político das civilizações gregas e das civilizações orientais.

c) a instituição do equilíbrio de poderes, presente na constituição da antiga República romana, influenciou, posteriormente, as instituições ocidentais, trazendo enorme contribuição à ciência do Direito.

d) o equilíbrio de poderes, instituído após a queda da monarquia, evitou totalmente conflitos entre as classes sociais durante toda a República, já que permitiu a participação do povo na vida política.

e) os plebeus não tinham direito de participação nas instituições políticas romanas da República, já que eles eram estrangeiros e não possuíam, portanto, a cidadania romana.

Resolução

O regime republicano foi estruturado em oposição à Monarquia absolutista. Se, no sistema anterior, o poder era concentrado nas mãos de uma só pessoa, agora estava dividido, buscando atender ao interesse geral dos cidadãos. Cabe, contudo, lembrar que a República era essencialmente aristocrática, como se observa nos motivos que geraram as Revoltas da Plebe.

Resposta: C

Exercícios Propostos

1 (FMTM) – As principais instituições políticas da República Romana eram:

- Senado, magistraturas (cônsul, ditador, pretores, censores, edis, questores) e assembleia (centuriata e tribunícia).
- Senado, conselho do imperador, prefeito da cidade, prefeito da pretória, ordem equestre e inferior.
- Senado, magistraturas (cônsul, ditador, pretores, censores, edis, questores), prefeito da pretória, prefeito da cidade, ordem equestre e inferior.
- Rei, conselho dos anciãos, Assembleia Curiata, *auspicium*.
- Senado, magistraturas (cônsul, ditador, pretores, censores, edis, questores), *collegia*, tetrarquia, patronato.

RESOLUÇÃO:

Bases da política da fase republicana.

Resposta: A

2 Cite as principais magistraturas romanas e dê as suas funções.

RESOLUÇÃO:

Cônsules: principais magistrados, eram os verdadeiros chefes da República, com a função de comandar o Exército, convocar o Senado e presidir cultos públicos; questores: exerciam a administração do erário público e o recolhimento dos impostos; censores: antigos cônsules, escolhidos a cada cinco anos, sendo suas funções elaborar o álbum senatorial, fazer o recenseamento dos cidadãos e zelar pela moral pública.

Texto para a questão 3.

“O patriciado romano era uma ordem singularmente inelástica, somente aberta a recruta de fora pela adoção de um indivíduo do sexo masculino por uma família patricia, um ato solene que requeria aprovação do Estado. Portanto, o corpo arcaico da *plebis* tinha se convertido também numa ordem, análoga ao Papado medieval italiano.”

(M. I. Finley, *A Política no Mundo Antigo*)

3 O texto acima faz referência à rígida composição social romana. Com base nele, responda:

a) Que eventos abalaram o poder do patriciado e quais as suas consequências?

RESOLUÇÃO:

As lutas sociais, pelas quais a plebe reivindicou melhores condições de vida e igualdade de direitos.

b) Qual a importância da Lei Licínia Sextia?

RESOLUÇÃO:

A Lei Licínia proíbe a escravidão por dívidas; os Tribunos da Plebe defendiam os interesses dos plebeus no Senado, podendo vetar as leis que fossem contra os interesses da classe.

4 Comente o caráter oligárquico da República romana.

RESOLUÇÃO:

Apesar de a palavra “república” (do latim *res publica*) significar “coisa pública”, na realidade os patricios detinham o controle do poder político no Senado, por meio das magistraturas, e na Assembleia Centuriata.

5 (MODELO ENEM) – No início da República romana, apenas os patricios possuíam direitos políticos. Os plebeus, por meio de acirradas lutas, foram gradativamente conquistando igualdade de direitos. Uma de suas primeiras conquistas foi a criação dos *Tribunos da Plebe*, que lhes asseguravam

a) o acesso às terras conquistadas nas guerras, uma vez que o tamanho das posses foi delimitado, sobrando um pouco para a plebe.

b) o cumprimento em todo o território romano das leis aprovadas na Assembleia da Plebe.

c) a participação na *Assembleia Centuriata*, podendo vetar as leis que fossem contrárias aos interesses da plebe.

d) o casamento com pessoas da classe patricia.

e) a extinção da escravidão por dívida.

RESOLUÇÃO:

Os tribunos passaram a representar os interesses da plebe.

Resposta: C

6 A luta entre patricios e plebeus, desencadeada no período de 494 a 287 a. C., envolveu os seguintes aspectos:

a) Os plebeus reclamavam da existência de leis orais, da proibição de casamento entre classes e da escravidão por dívidas.

b) Os plebeus empreenderam o êxodo rural, revoltando-se contra os baixos salários.

c) O direito ao *Tribuno da Plebe* e à *Lei das XII Tábuas* foi a última vitória da plebe.

d) A Lei Licínia e a Lei Canuleia permitiam o casamento entre classes e proibiam a escravidão, respectivamente.

e) A maior vitória da plebe foi o direito ao *Comício Plebis*, que lhe assegurava o plebiscito, isto é, participar do Senado Romano.

RESOLUÇÃO:

As revoltas tinham como origem o domínio dos patricios e a marginalização social e política dos plebeus.

Resposta: A

7 (FGV – MODELO ENEM) – Leia atentamente os textos:

I – “Como tudo entre nós depende não de uma minoria, mas de todo o povo, ... quando se trata de resolver as questões de cada um, todos são iguais perante a lei; quando se trata de escolher entre uma pessoa e outra, para posições de responsabilidade pública, o que vale não é o fato de pertencer a determinada classe, mas o mérito real que o homem possui.”

II – “Se alguém atentar contra os tribunos da plebe, ... ele terá a cabeça imolada a Júpiter, e todos os seus bens vendidos em benefício dos templos.”

Estes textos se referem, respectivamente,

a) à República espartana e à democracia romana.

b) à democracia grega e à oligarquia de Esparta.

c) à democracia ateniense e à República romana.

d) à oligarquia ateniense e à democracia romana.

e) à democracia ateniense e à tirania de Esparta.

RESOLUÇÃO:

Os dois sistemas de governo são considerados referências para a construção da democracia atual.

Resposta: C



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M112**

1. As primeiras conquistas

O primeiro momento a ser considerado quando tratamos da expansão romana é a conquista da própria Península Itálica. Foi um processo lento que precisou de mais de 230 anos para se efetivar, mas que resultou na anexação de todos os povos vizinhos (inclusive os aliados, como os latinos). Roma logrou derrotar os sabinos e anexar seus territórios; também conquistou a Etrúria, a Gália, a Planície da Campânia e Tarento, conquistas que lhe deram o controle sobre toda a Península.

O principal instrumento para a conquista foi um exército muito bem preparado para dominar os demais povos.

Os romanos foram grandes engenheiros. Por volta de 200 a. C., centenas de quilômetros de estradas, algumas com até 12 metros de largura, cortavam seus domínios. Elas eram construídas pelos legionários do exército durante suas campanhas. Primeiro, eles colocavam fogo no local escolhido, a fim de destruir a vegetação e evitar emboscadas inimigas; em seguida, ajustavam os blocos de pedra sobre uma camada de areia, para depois cobri-los com mistura de cascalho e cimento. As estradas eram levemente encurvadas de modo que drenavam a água das chuvas. Elas permitiam o trânsito dos viajantes a cavalo, de carroças puxadas por bois e mulas e das tropas de soldados, que viajavam a pé, em marcha.

As campanhas militares eram longas e, durante o avanço das tropas, era preciso montar e desmontar acampamentos com rapidez e eficiência. Para isso, cada soldado era sempre encarregado de executar as mesmas tarefas, como nivelar o terreno e demarcá-lo, cavar o fosso, erguer a paliçada e as torres de observação e abrir ruas no interior do acampamento, dividindo-o em quarteirões. Roma preocupou-se com a construção de estradas para, justamente, facilitar o deslocamento de suas tropas e a mobilização de recursos necessários às conquistas.

Quando Roma partiu para a expansão além da Península Itálica, internamente havia uma relativa estabilidade política, pois as questões sociais entre patrícios e plebeus tinham sido resolvidas, temporariamente, pelas conquistas plebeias — algumas ocorreram paralelamente à unificação da Península Itálica.

Com a conquista de Tarento, o grande alvo de Roma passou a ser a cidade de Cartago, pois essa antiga colônia fenícia dominava o comércio no Mediterrâneo, chegando a atingir a costa ocidental da África, a Bretanha e a Noruega. Os cartagineses ofereciam tecidos, perfumes, pedras preciosas, trigo, marfim e ouro, além de possuírem uma poderosa frota naval e um exército de terra.

Na **Primeira Guerra Púnica** (264-241 a. C.), os romanos investiram contra Cartago na disputa pelo controle sobre a Sicília. A vitória romana forçou os cartagineses a pagar-lhes uma pesada indenização de guerra e a entregar-lhes a Sicília, a Córsega e a Sardenha.

A **Segunda Guerra Púnica**, entre Roma e Cartago (218-202 a. C.), deu aos romanos o controle sobre o norte da África e o sul da Espanha, exceto o Reino da Numídia e Cartago.

Entre 150 e 146 a. C., Roma e Cartago enfrentaram-se na **Terceira Guerra Púnica**, e Cartago sucumbiu diante de Roma.

Ao mesmo tempo em que Roma e Cartago se defrontavam, os romanos desenvolviam guerras também no Mediterrâneo Oriental. Durante a Segunda Guerra Púnica, como Filipe V da Macedônia havia dado apoio aos cartagineses, Roma invadiu o seu território, tornando as cidades-Estado gregas independentes da Macedônia. O domínio sobre a Macedônia e a Grécia concluiu-se em 146 a. C. Também no século II a. C., Roma anexou a Síria, a Ásia Menor, a Gália, o Ponto, Israel, a Bitínia e o Egito.

2. As consequências das conquistas

O comércio interligava Roma e suas províncias em toda a orla do Mediterrâneo, permitindo o desenvolvimento das atividades agrícolas.

Na própria Itália, contudo, a agricultura praticamente desapareceu. Os campos ficaram incultos ou subocupados, por causa da evasão dos camponeses plebeus, convocados para a guerra.

Como consequência do desenvolvimento mercantil, surgiu uma classe de comerciantes, banqueiros, arrendatários, cobradores de impostos (*publicanos*), denominados *homens novos* ou *cavaleiros*. Os patrícios, dependentes da exploração **fundiária**, empobreceram-se, passando a depender dos cargos públicos para manter seu nível social. A plebe, marginalizada pelo aumento do número de escravos, passou a ser sustentada pelos homens novos ou pelo Estado, que distribuía trigo e proporcionava espetáculos circenses gratuitamente: a *política de pão e circo*, que tinha como meta principal a alienação política da plebe romana.

Frequentemente, os plebeus serviam como **agregados** aos mais ricos em troca de esmolas e alimentos, passando a se incorporar aos clientes. Nessa fase, os es-

Fundiário: rural, que explora atividade econômica em fazendas; agrário.

Agregado: aquele que presta serviço mediante pagamento ou habitação; submisso.

cravos provenientes das conquistas militares chegavam a Roma em grandes proporções, tornando-se cada vez mais baratos e sendo considerados seres inferiores, apenas “instrumentos falantes” (*instrumenta vocalia*).

O contato com o Oriente e com a Macedônia colocou os romanos em encontro direto com sua cultura, a helenística, que passou a ser assimilada por Roma. O Exército, principal agente das conquistas, também se alterou: os soldados foram profissionalizados e passaram a receber salários. O Exército cada vez mais interferia na vida política romana. A estrutura republicana já não dava mais conta do império universal e passava a dar sinais de desintegração.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M113**

3. Cronologia do período estudado

395 a. C.: conquista da cidade etrusca de Veios.

335 a. C.: submissão dos latinos.

272 a. C.: conquista de Tarento, no sul da Itália.

265 a. C.: anexação da Etrúria.

264-241 a. C.: Primeira Guerra Púnica.

218-202 a. C.: Segunda Guerra Púnica.

200 a. C.: ocupação da Macedônia.

150-146 a. C.: Terceira Guerra Púnica.

146 a. C.: submissão da Grécia.

133 a. C.: domínio romano sobre a Espanha.

120 a. C.: anexação do sul da Gália.

Século I a. C.: conquista da Ásia Menor, Síria, restante da Gália e Egito.

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – A partir da leitura do texto e de seus conhecimentos, podemos afirmar que esses acontecimentos são conhecidos como

- a) Guerras Médicas.
- b) Revolução Cartaginesa.
- c) Guerras Púnicas.
- d) Guerra de Troia.
- e) Guerra da Reconquista.

Resolução

As Guerras Púnicas foram o passo inicial para os romanos na conquista do Mediterrâneo, chamado por eles de *mare nostrum*.

Resposta: C

2 (MACKENZIE – MODELO ENEM – modificada) – Os romanos davam aos fenícios o nome de “puni”. Cartago, antiga colônia fenícia, teve que enfrentar Roma numa série de guerras que duraram, com longos intervalos de trégua, mais de um século (264-146 a. C.). A colônia fenícia de Cartago, localizada onde hoje se encontra a cidade de Túnis, ao norte da África, havia se desenvolvido consideravelmente, a

ponto de se constituir em poderosa rival dos interesses romanos no Mediterrâneo. Por mais de um século, os romanos lutaram para destruir Cartago, acabando por arrasá-la (146 a. C.).

As Guerras Púnicas, conflitos entre Roma e Cartago, no século II a. C., foram motivadas

- a) pela disputa do controle do comércio no Mar Negro e posse das colônias gregas.
- b) pelo controle das regiões da Trácia e Macedônia e o monopólio do comércio no Mediterrâneo.
- c) pelo domínio da Sicília e pelo controle do comércio no Mar Mediterrâneo.
- d) pela divisão do Império Romano entre os generais romanos e a submissão de Siracusa a Cartago.
- e) pelo conflito entre o mundo romano em expansão e o mundo bárbaro persa.

Resolução

O texto se refere às Guerras Púnicas, motivadas pelo controle do Mediterrâneo ocidental e iniciadas pelo ataque romano à Ilha da Sicília.

Resposta: C

Exercícios Propostos

1 Comente as três Guerras Púnicas, ressaltando as conquistas romanas.

RESOLUÇÃO:

A Primeira Guerra Púnica (264-241 a. C.) ocorreu em razão da disputa pelo controle da Sicília; ao final, Roma obteve – além da Sicília – Córsega e Sardenha. **Na Segunda Guerra Púnica (218-202 a. C.),** Roma recebeu o controle sobre o norte da África e a Espanha. **Na Terceira Guerra Púnica (150-146 a. C.),** Roma derrotou Cartago e passou a controlá-la.

- 2 As Guerras Púnicas entre Roma e Cartago, 264 a 146 a. C., tiveram entre as principais causas
- a disputa pelo domínio do Mediterrâneo.
 - a crise do governo de Caio Otávio.
 - o fim da Monarquia.
 - a invasão de Roma pelos cartagineses.
 - a necessidade de controle do leste da Europa.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

- 3 Explique a seguinte frase: “Roma atingiu fronteiras nunca antes imaginadas e que acabaram por comprometer sua estrutura política.”

RESOLUÇÃO:

Ao final dessa primeira grande expansão, Roma tornou-se um vasto império, a cujas necessidades políticas o Senado não conseguia atender.

- 4 A expansão de Roma, durante a República, com o consequente domínio da Bacia do Mediterrâneo, provocou sensíveis transformações sociais e econômicas, entre as quais se destacam

- um marcado processo de industrialização, o êxodo urbano e o endividamento do Estado.
- o fortalecimento da classe plebeia, a expansão da pequena propriedade e a propagação do cristianismo.
- o crescimento da economia agropastoril, a intensificação das exportações e o aumento do trabalho livre.

d) o enriquecimento do Estado Romano, o aparecimento de uma poderosa classe de comerciantes e o aumento do número de escravos.

e) a diminuição da produção nos latifúndios, o acentuado processo inflacionário e a escassez da mão de obra escrava.

RESOLUÇÃO:

O expansionismo permitiu o saque das riquezas, a expropriação de terras e a escravização dos povos conquistados.

Resposta: D

- 5 (PUCCAMP-MODELO ENEM) – “Um filme do meu tempo de jovem: *Spartacus*, com Kirk Douglas. Roma já não era, àquela época, um centro imperial de globalização? Escravos do mundo, uni-vos! — conclamará algum Marx daqueles tempos, convocação que viria a ecoar também em nosso Palmares, tantos séculos depois. Não deixo de me lembrar que, em nossos dias, multidões de expatriados em marcha, buscando sobreviver, continuam a refazer o itinerário dos vencidos.”

(Cândido de Castro, *Visões do multimundo*)

A história de *Spartacus* representa, na Roma Antiga, a luta dos

- escravos contra o sistema de opressão estabelecido principalmente a partir da expansão romana.

- camponeses, que defendiam a aprovação de uma reforma agrária nas terras conquistadas pelos romanos.

- patrícios, que reivindicavam a manutenção dos privilégios políticos que tinham no Senado Romano.

- cartagineses, que não aceitavam o saque e a pilhagem das suas terras pelo exército romano.

- plebeus, que exigiam do Estado cargos públicos e salários justos em troca de fidelidade política.

RESOLUÇÃO:

A expansão republicana pelo Mediterrâneo acarretou a sujeição de diversos povos. A revolta comandada pelo grego Spartacus, por volta do ano 70 a. C., contra a escravidão, acabou sendo massacrada pelo exército romano comandado pelo triúviro Crasso. Este personagem foi transformado num símbolo de luta contra a opressão.

Resposta: A

Módulo

14

A crise da República

Palavras-chave:

- Irmãos Graco • Guerras Civis
- Triunviratos • Pão e Circo
- Exército • Generais

1. As guerras civis

Com as conquistas militares, as instituições políticas da República Romana começaram a se desintegrar, pois não mais se adequavam às novas condições de um império universal.

A crise da República evidenciou-se durante as guerras civis, que acabaram implantando o Império. Diversas forças se defrontaram durante essas guerras: os patrícios, que procuravam manter a República e os seus privilégios; os cavaleiros, que almejavam o controle do poder; os clientes, que serviam de instrumento na

luta política; o Exército, que se tornou profissional, a partir da reforma realizada em 105 a. C., constituindo-se, igualmente, em um instrumento político nas mãos dos generais.

Os primeiros sinais da crise apareceram com a tentativa dos irmãos **Tibério** e **Caio Graco**, que pretendiam realizar reformas a fim de libertar a plebe de seu estado de submissão.

Em 133 a. C., ao ser eleito tribuno da plebe, Tibério Graco propôs realizar uma reforma agrária, que tinha por finalidade redistribuir entre os pobres as terras do Estado – *ager publicus* –, as quais haviam sido tomadas ilegalmente pelos patrícios. Seu plano sofreu forte oposição, e o tribuno foi assassinado.

Dez anos mais tarde, ao ser reeleito tribuno da plebe, Caio Graco tentou introduzir reformas populares ainda mais profundas. Além de dar início à reforma agrária, contando com o apoio dos cavaleiros, instituiu a *Lei Frumentária*, que barateava o preço do trigo, facilitando o seu consumo pela plebe romana. A forte oposição dos patrícios desencadeou uma violenta crise. O Senado decretou estado de sítio e Caio Graco, ferozmente perseguido, ordenou a um escravo que o matasse.

Aos poucos, o Exército distanciou-se dos ideais republicanos. As legiões em que se dividia converteram-se em organizações permanentes, nas quais os soldados deviam lealdade apenas aos seus chefes.

A conquista do Reino da Númia, no norte da África, deu ao general **Caio Mário** um enorme prestígio. A sua popularidade, em Roma, tornou-se tão grande que acabou sendo eleito cônsul seis vezes consecutivamente, o que era ilegal.

Com a morte de Mário, em 86 a. C., e o sucesso nas conquistas militares, o general **Sila** assumiu o poder em Roma, proclamando-se ditador com poderes ilimitados.



Sila, que promoveu reformas para beneficiar a elite romana.

A partir daí, procurando restabelecer os privilégios da aristocracia e do Senado, reduzidos na época de Mário, moveu uma violenta repressão contra os cavaleiros e as camadas populares.

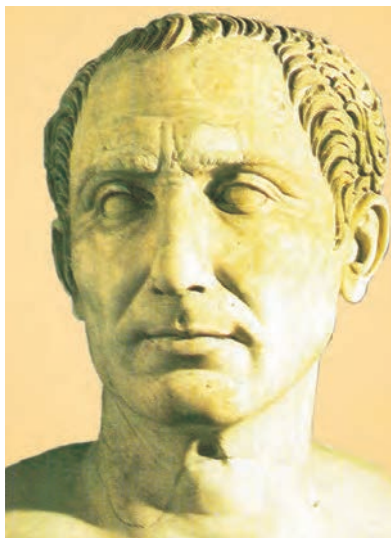
Após a morte de Sila, em 79 a. C., eram evidentes os sintomas de crise da República. Esse período de ditaduras militares mostrou que a plebe e o Exército se transformaram em forças poderosas, verdadeiros instrumentos nas mãos de indivíduos ambiciosos pelo poder político.

2. Os triunviratos

Em 60 a. C., **Júlio César**, **Pompeu** e **Crasso**, vitoriosos em diversas campanhas militares, formaram o Primeiro Triunvirato. Com o apoio do Exército, assumiram o poder em Roma, reduzindo a autoridade do Senado.



Pompeu, que, junto a Crasso e Júlio César, formou o Primeiro Triunvirato.



Júlio César, um dos membros do Primeiro Triunvirato.

Em 53 a. C., Crasso morreu na Síria. Alguns anos depois, enquanto César combatia na Gália, o Senado nomeou Pompeu único cônsul e defensor da República. Ao ser destituído do comando do Exército, César invadiu a Itália e ocupou Roma com suas legiões, combatendo Pompeu, que fugiu para a Grécia; em seguida, ao tentar refugiar-se no Egito, foi assassinado.

Após aliar-se à rainha Cleópatra, César voltou para Roma com o intuito de legalizar o seu poder, instaurando a ditadura. Apesar dos poderes concedidos pelo Senado, César queria a **hereditariedade**, obtida somente com o título de “rei”. Por isso, em 15 de março de 44 a. C., foi assassinado por um grupo de senadores, liderado por Brutus e Cássio.

O general **Marco Antônio** uniu-se a **Caio Otávio**, sobrinho de César, e, juntamente com **Lépido**, formaram o Segundo Triunvirato. Após uma violenta perseguição, os senadores que conspiraram contra César fugiram para o exterior, sendo mortos na Grécia. Em 40 a. C., os triúmviros dividiram as províncias romanas entre si: Otávio ficou com o Ocidente; Marco Antônio, com o Oriente; Lépido, com a África.

Em razão da enorme rivalidade entre os triúmviros, seguiu-se um período de luta. Caio Otávio afastou Lépido, venceu Marco Antônio e Cleópatra, que se suicidaram, e se apoderou do Egito após a *Batalha de Ácio*, em 30 a. C. Os tesouros pilhados propiciaram-lhe um exército poderoso e os celeiros abarrotados de trigo serviram para alimentar a plebe romana em seu nome.

Ao regressar a Roma, Caio Otávio foi recebido como salvador da República; na verdade, seria o fundador do Império.

Hereditariedade: o que se transmite por herança, de pais a filhos ou de ascendentes a descendentes.

3. Cronologia do período estudado

133 a. C.: Tibério Graco é eleito tribuno da plebe e inicia a reforma agrária.

123 a 122 a. C.: tribunato de Caio Graco.

107 a 100 a. C.: consulados de Mário.

82 a 79 a. C.: ditadura de Sila.

73 a 71 a. C.: revolta escrava de Espártaco, na Itália.

60 a. C.: formação do Primeiro Triunvirato: César, Pompeu e Crasso.

58 a 51 a. C.: conquista da Gália por César.

53 a. C.: Crasso é assassinado em Carras, na Pérsia.

48 a 44 a. C.: ditadura de César.

44 a. C.: assassinato de César (15 de março).

43 a 33 a. C.: triunvirato de Antônio, Lépido e Otávio.

31 a. C.: Batalha de Ácio, no Egito.

30 a. C.: mortes de Antônio e Cleópatra.



Saiba mais

ASTERIX

As histórias da famosa série de gibis dos franceses Groscolny e Uderzo estão inseridas na fase do primeiro triunvirato e da ditadura de César.



Asterix e Obelix em "Os 12 trabalhos de Asterix".



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M114**

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – "Ao receber a mensagem dos senadores de que o Senado fora destruído, César resolveu lutar e dirigiu-se a Roma, causando a fuga de Pompeu. César assume imediatamente o poder romano, mas só iria derrotar Pompeu definitivamente em 49 a. C."

Considere a figura a seguir:



Até tu, Brutus?

Com base no texto e na imagem, é possível afirmar que eles fazem parte de qual período da história romana?

- a) Monarquia.
- b) Crise do Império.
- c) Crise da República.
- d) Alto Império.

Resolução

O texto refere-se ao I Triunvirato e à luta pelo poder entre César e Pompeu; já a imagem tem relação com o assassinato de César por um grupo de senadores, que não queriam que este conquistasse o direito à hereditariedade. Nos dois casos, os fatos estão inseridos no contexto das guerras civis que marcaram a crise da República romana.

Resposta: C

2 (UnB-MODELO ENEM) – "Com a introdução do trabalho escravo em larga escala, o número de plebeus desocupados aumentou. A esta legião de desocupados somou-se o grande número de pequenos agricultores arruinados que se dirigiram para as cidades, especialmente Roma."

(Maurice Crouzet, *História Geral das Civilizações*)

Com o auxílio das informações do texto acima, julgue os itens seguintes, relativos à antiguidade romana.

- I – A massa dos trabalhadores escravos foi obtida por meio das conquistas militares, que se iniciaram à época da República.
- II – A substituição do trabalho plebeu pelo trabalho escravo possibilitou aos plebeus tornarem-se pequenos produtores agrícolas, que abasteciam as feiras urbanas.
- III – As diversões foram um dos expedientes adotados pelos governantes para apaziguar as populações desocupadas: era o "pão e circo".
- IV – O Estado assumiu o ônus de abrigar a grande maioria dos desocupados, enquanto a minoria abastada controlava as instituições políticas e dirigia o exército.

Resolução

A afirmativa II está incorreta, porque as conquistas geraram um grande afluxo de escravos, cujo valor de compra tornou a mão de obra plebeia muito dispendiosa. Além disso, as terras públicas, trabalhadas por escravos, baratearam o preço dos alimentos, levando as pequenas propriedades à falência.

Resposta: V F V V

1 (MODELO ENEM) – “Em Roma, o filho de Mário, Mário, o jovem, continuava a obra de seu progenitor. Tinha apenas 25 anos, mas nada ficava a dever a seu pai no que respeita à coragem e à persistência. No entanto, era desprovido de experiência militar e não dispunha, como outrora, seu pai, de tropas disciplinadas. Resistiu o mais que pôde, com outros chefes do partido popular, mas não tinha qualquer probabilidade de vencer as legiões de Sila.”

(Carl Grimberg, *História Universal*)

Com base no texto, responda:

a) A que período da história romana se refere?

RESOLUÇÃO:

Ao final da República, no período das guerras civis; a luta entre Mário e Sila deu-se entre 88 e 83 a. C.

b) Que cargos ocupavam os personagens?

RESOLUÇÃO:

Eram generais romanos vitoriosos em campanhas no norte da África e no Mar Negro; Mário, eleito cônsul por seis vezes consecutivas, foi deposto por Sila, que governou como ditador.

2 O que foi a *Lei Frumentária*?

RESOLUÇÃO:

Lei que obrigava o Estado a vender trigo à plebe por um preço inferior ao de mercado.

3 A questão agrária tem gerado, até hoje, muita polêmica e marcado profundamente a luta de classes. Esta questão, todavia, não se coloca apenas neste momento histórico atual. Na história de Roma, já se fazia presente, como nas reformas propostas pelos irmãos Tibério e Caio Graco, os quais defendiam

- (0) a abolição da escravidão.
- (1) a entrega do excedente de terra ao Estado para ser arrendado aos cidadãos pobres, mediante pagamento nominal.
- (2) a participação política dos segmentos populares nas decisões agrárias da República.
- (3) a retomada das terras públicas, ilegalmente nas mãos dos nobres, para distribuí-las aos cidadãos pobres.
- (4) o estabelecimento de um limite máximo para as propriedades territoriais rurais.
- (5) a compra de alimento por baixo preço pelos segmentos populares (pobres).

RESOLUÇÃO:

0 – A abolição não fazia parte dessas propostas.

1 – Defendiam a distribuição de terras do Estado sem nenhuma forma de cobrança.

Resposta: 0 e 1 = F; 2, 3, 4 e 5 = V.

4 Responda às questões abaixo, de acordo com o código.

- a) Apenas I e II estão corretas.
- b) Apenas II e III estão corretas.
- c) Apenas I e III estão corretas.
- d) Todas estão corretas.
- e) Todas estão incorretas.

I. Os irmãos Graco propunham a ditadura da plebe sobre o patriciado romano.

II. A reforma agrária era um ponto básico nas reivindicações da plebe romana.

III. A revolta da plebe deu início às guerras civis, que culminaram com a implantação do Império.

RESOLUÇÃO:

A afirmação I é incorreta, porque os irmãos Graco tinham origem patricia e não cogitavam uma ditadura plebeia, procuravam apenas fazer algumas reformas.

Resposta: B

5 Os irmãos Graco

- a) defenderam os camponeses sem-terra contra a aristocracia.
- b) foram os conquistadores de Cartago.
- c) eram os principais líderes do partido aristocrático.
- d) elaboraram a primeira lei escrita de Roma.
- e) foram os autores da *Lei Licínia Sextia*.

RESOLUÇÃO:

A proposta dos irmãos Graco era retomar as terras do Estado, apropriadas indevidamente pelos patricios, e doá-las aos populares pobres.

Resposta: A

6 (UNESP-MODELO ENEM) – “O vínculo entre os legionários e o comandante começou progressivamente a assimilar-se ao existente entre patrão e cliente na vida civil: a partir da época de Mário e Sila, os soldados procuravam os seus generais para a reabilitação econômica e os generais usavam os soldados para incursões políticas.”

(Perry Anderson, *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*)

O texto oferece subsídios para a compreensão

- a) da crise da República romana.
- b) da implantação da monarquia etrusca.
- c) do declínio do Império Romano.
- d) da ascensão do Império Bizantino.
- e) do fortalecimento do Senado.

RESOLUÇÃO:

O texto descreve a relação de clientelismo entre o legionário e o seu comandante, responsável pela projeção política dos generais, o que conduziu à centralização do poder e ao esvaziamento do domínio do Senado.

Resposta: A

Palavras-chave:

- Concentração de poderes
- Reformas • Helenismo
- Pax de Augusto

1. A formação do império

O Império Romano foi estabelecido, de fato, quando Caio Otávio retornou do Egito com seu numeroso exército. O Senado concedeu-lhe vários títulos que legalizaram seu poder absoluto, destacando-se: *Pontífice Máximo*, em que se tornou o chefe da religião romana; *Princeps Senatus*, recebendo o direito de governar o Senado; *Imperator*, reservado aos generais vencedores; finalmente, **Augusto**, título até então destinado aos deuses e que permitia a Otávio escolher seu sucessor.

Embora Otávio Augusto conservasse durante seu reinado as aparências republicanas, seu poder apoiava-se efetivamente no *imperium*, em que exercia o comando do Exército; no *poder proconsular*, direito de indicar os governadores das províncias; no poder *tribunício*, poder de caráter popular delegado pela plebe.

Nessa fase conhecida como *Principado*, Otávio Augusto disfarçou sua autoridade de imperador, mantendo as aparências republicanas.

Augusto reorganizou as províncias, dividindo-as em *imperiais* (militares) e *senatoriais* (civis). Indicava os governadores, que eram controlados por meio de inspeções diretas e relatórios anuais feitos pelos sucessores deles. Criou o sistema estatal de cobrança de impostos, acabando com a concessão da arrecadação a particulares.

No plano social, acabou com a tradicional superioridade do patriciado e criou um sistema censitário baseado na renda anual de cada um. Os mais ricos, acima de 1 milhão de **sestércios**, pertenciam à *Ordem Senatorial*, que tinha os privilégios políticos e se distinguia pelo uso da cor **púrpura**. A renda acima de 400 mil sestércios indicava o homem da *Ordem Equestre*, com menos direitos e a cor distinta azul. Abaixo desse índice monetário, ninguém tinha direitos políticos.



O Império Romano sob o governo de Augusto.

Augusto procurou conter a influência da cultura oriental e da grega (helenística), que dominava Roma e estimulava a busca do prazer (hedonismo), e empenhou-se em diminuir a importância do culto aos deuses místicos orientais. Em seu governo, tentou reavivar os valores morais do passado agrário de Roma, sem muito êxito. Para defender suas ideias, trouxe para a Corte literatos como Tito Lívio, Virgílio, Ovídio, Horácio e outros.

Não tendo herdeiros diretos, Augusto indicou como sucessor seu filho adotivo, Tibério. Não obstante, as indicações seguintes seriam em geral feitas pelos militares, notadamente os da **guarda pretoriana**.

Com Augusto, teve início a *Dinastia Júlio-Claudiana*, que seria continuada pelos *Flávios*, até o ano 96 da Era Cristã, encerrando a fase dos chamados *Doze Césares*. Em seguida, vieram os *Antoninos*, que governaram o Império Romano de 96 a 192, e, posteriormente, a *Dinastia dos Severos*, que exerceu o poder de 193 a 235.

2. Cronologia do período estudado

27 a. C. a 14 d. C.: Principado de Otávio Augusto.

14 a 68: Dinastia Júlio-Claudiana: Tibério, 14 a 37; Caio Calígula, 37 a 41; Cláudio, 41 a 54; Nero, 54 a 68.

64: perseguição de Nero aos cristãos.

69 a 96: Dinastia dos Flávios: Vespasiano, 69 a 79; Tito, 79 a 81; Domiciano, 81 a 96.

96 a 192: Dinastia dos Antoninos: Nerva, 96 a 98; Trajano, 98 a 117; Adriano, 117 a 138; Antonino Pio, 138 a 161; Marco Aurélio, 161 a 180; Cômodo, 180 a 192.

193 a 235: Dinastia dos Severos: Septímio Severo, 193 a 211; Caracala e Geta, 211 a 212; Caracala, 212 a 217; Heliogábalo, 218 a 222; Alexandre Severo, 222 a 235.

212: concessão de cidadania a todo o Império.

Augusto: filho dos deuses; escolhido dos deuses.

Sestércio: antiga pequena moeda romana de prata.

Púrpura: a cor vermelha arroxeada.

Guarda pretoriana: tropa de elite; guarda dos imperadores.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M115**



Saiba mais



NASCIMENTO DE CRISTO

Jesus teria nascido e vivido no início do Império Romano.

A frase de Cristo, "Dai a César o que é de César" (Mateus 22:21), refere-se ao tributo pago pelos povos submetidos ao domínio do Império Romano. As moedas ao lado são do imperador Tibério, governante nesse período.

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – “Neste depoimento, o imperador Augusto (30 a. C.-14 d. C.) descreve a *Pax Romana*, realização que assinala o apogeu da expansão do Império no Mediterrâneo:

‘Estendi os limites de todas as províncias do povo romano fronteiriças de nações que escapavam à obediência ao Império. Restabeleci a ordem nas províncias das Gálias, das Espanhas, na Germânia. Juntei o Egito ao Império, recuperei a Sicília, a Sardenha e as províncias além do Adriático.’ “

(Texto adaptado de Gustavo Freitas, "900 textos e documentos de História", Lisboa: Plátano, s.d., v. 1, p. 96-7.)

A respeito da *Pax* de Augusto, é correto afirmar que

- a) por ser um grande pacifista, destituiu todos os militares de suas funções públicas.
- b) esvaziou o poder do Senado e se impôs como chefe da Monarquia.
- c) ainda durante a República, comandou o fim das guerras de expansão.
- d) estimulou a cultura da paz através da retomada das tradições romanas.
- e) pôs fim às guerras de expansão e pacificou as fronteiras, no início do Império.

Resolução

A “Paz Romana” (em latim *pax romana*) foi o longo período de relativa paz e mínima expansão vivenciado no início do Império Romano.

Resposta: E

2 (MODELO ENEM) – “Augusto conquistou os soldados com presentes, o povo com pão barato, e todos os homens com os frutos da paz. Assim tornou-se progressivamente mais poderoso, congregando em si as funções do Senado, dos magistrados e das leis.”

(Tácito, Anais 1.2, MOSES HADAS, ED., THE COMPLETE WORKS OF TACITUS, NEW YORK: RANDOM HOUSE, 1942, p. 3.)

A respeito do Principado de Augusto, é possível afirmar que:

- a) Como republicano convicto, lutou contra a implantação do Império.
- b) Seu governo é considerado o último da República e o primeiro do Império.
- c) Impediu Júlio César de promover um golpe para tornar-se ditador perpétuo.
- d) Assumiu o controle do Senado para impedir que este fosse dominado pelo triunvirato.

Resolução César Otávio (ou Augusto) manteve a aparência republicana de governo quando não extinguiu o Senado, mas esvaziou-lhe por completo suas funções. Foi o primeiro imperador de Roma, ao concentrar todos os poderes republicanos em suas mãos.

Resposta: B

Exercícios Propostos

1 Com a implantação do Império Romano, quais foram as reformas de Augusto, no que se refere à política e à sociedade?

RESOLUÇÃO:

Políticas – centralização do poder em suas mãos, disfarçando sua autoridade de imperador e mantendo as aparências republicanas.

Sociais – criação de um sistema censitário como critério de divisão da sociedade.

2 Explique o que foi a *Pax Romana*.

RESOLUÇÃO:

A presença do Exército nas províncias do Império para garantir os interesses romanos.

- 3 Entre as reformas introduzidas em Roma, por Augusto, podemos citar
- o estabelecimento do divórcio.
 - a drástica redução dos efetivos militares.
 - a restauração do antigo sistema de cobrar impostos provinciais.
 - a criação de um sistema centralizado de tribunais.
 - a redução da autonomia das províncias.

RESOLUÇÃO:

As províncias seriam controladas pelo imperador ou pelo Senado, e os governadores deveriam prestar contas quando assumissem ou deixassem a província.

Resposta: E

- 4 A cidadania romana representava o gozo de direitos econômicos, sociais e políticos que somente aos cidadãos de Roma era dado usufruir. A extensão de tais direitos a todos os homens livres do Império, estabelecida pelo Edito de Caracala, representou
- a liberdade de culto para os cristãos.
 - a helenização do mundo romano.
 - a abolição da escravidão.
 - a universalização do Império.
 - o domínio total do mundo conhecido.

RESOLUÇÃO:

Decreto do imperador do mesmo nome em 212 d. C. e que fazia parte da Dinastia dos Severos.

Resposta: D

- 5 O Principado, transição entre a República e o Império na história de Roma, caracterizou-se, entre outros aspectos, pelo fato de Otávio
- concentrar em suas mãos a autoridade do Senado, dos magistrados e das leis.
 - obter o apoio dos patrícios por meio da revogação das leis agrárias dos irmãos Graco.
 - devolver ao Senado os privilégios e poderes perdidos na época de Cornélio Sila.
 - eliminar a influência etrusca em Roma, em razão da aliança com os demais povos do Lácio.
 - outorgar vantagens sociais à plebe, aprovando a *Lei Licínia*, que estabeleceu limites à concessão de terras aos patrícios.

RESOLUÇÃO:

Ao concentrar os poderes, Otávio lançou as bases do domínio imperial, estruturando uma nova forma de poder.

Resposta: A

- 6 (FATEC) – A ascensão de Otávio Augusto ao poder inaugurou uma nova fase para o mundo romano, durante a qual teve início a chamada Paz Romana, também conhecida como *Pax Augusta*.

A respeito dessa fase é correto afirmar:

- Caracterizou-se por uma política externa que visava a consolidar as fronteiras mediterrâneas, reduzindo o ímpeto da expansão romana.
- Refere-se ao processo de expansão militar romana pela região do Mediterrâneo, durante a Monarquia.
- Foi marcada pela política de apaziguamento entre patrícios e plebeus, durante os primeiros tempos da República.
- Refere-se à oficialização do cristianismo como religião do Império, pondo fim às perseguições às comunidades cristãs.
- Levou à incorporação do Império Chinês e da Península Arábica aos domínios romanos, no final do período republicano.

RESOLUÇÃO:

O governo de Otávio Augusto (27 a. C. a 14 d. C.) caracterizou-se pela interrupção temporária da expansão militar de Roma, depois que duas legiões romanas foram destruídas na Germânia (9 d. C.). Entretanto, o examinador confundiu *Pax Romana* com *Pax Augusta*: a primeira, iniciada por Augusto, continuou até o século III e foi marcada pela segurança existente dentro do Império; já a segunda se refere à suspensão das guerras externas e deixou de vigorar no governo dos sucessores de Augusto.

Resposta: A

- 7 (MODELO ENEM) – “Após a batalha de Filipos, Otaviano conheceu o poeta Virgílio e passou a financiar sua arte. Além de Virgílio, o historiador Tito Lívio, o arquiteto Vitruvius, os poetas Horácio e Ovídio foram protegidos por Augusto e por seu ministro Mecenas. Por isso, no plano cultural o Século de Augusto foi muito produtivo e cheio de promessas criadoras, inaugurando uma época clássica para a arte europeia, um classicismo latino que, ainda na Renascença, mil anos depois, estaria dando frutos. Augusto fundou bibliotecas públicas; a literatura latina, primitivamente, influenciada pelos gregos, adquiriu independência e se tornou uma das mais brilhantes do mundo ocidental.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/augusto>, adaptado, acesso em 14 de agosto de 2009)

De acordo com o texto, podemos afirmar que

- Augusto esteve preocupado apenas com questões políticas.
- o Renascimento teve sua inspiração na cultura romana.
- a literatura latina influenciou a cultura grega.
- Augusto governou Roma por um século.
- Cesár Otávio interessou-se apenas pela literatura.

RESOLUÇÃO:

O Renascimento inspirou-se na cultura clássica, também conhecida como greco-romana.

Resposta: B

Palavras-chave:

- Crise • Colonato • Invasões Bárbaras
- Cristianismo • Edito de Milão
- Tessalônica

1. A ruralização da economia

No século III, teve início a crise do Império Romano, abalado por profundos problemas econômicos, políticos, militares e religiosos.

A crise econômica tinha suas origens na redução das guerras de conquista e, como consequência, na drástica diminuição do número de escravos. O *deficit* orçamentário, resultante do aumento das despesas, levou o poder político a aumentar excessivamente os impostos. Os preços foram elevados, os mercados se retraíram e a produção declinou.

Ocorreu, então, o **êxodo urbano**. A população começou a se concentrar nos campos, em propriedades autossuficientes, denominadas *villas*, precursoras dos feudos medievais. Essas construções caracterizavam-se pela economia agrária de consumo, sendo o trabalho exercido em termos de **meação**.

Os antigos *clientes* romanos e os *colonos*, representados pelos germânicos que fugiam das guerras e avançavam pelas fronteiras do Império, cultivavam a terra como meeiros. Os pequenos proprietários endividados (*precários*) tinham o mesmo estatuto, sendo porém livres, ao passo que os clientes e os colonos se viam presos à área em que trabalhavam.

2. A expansão do cristianismo

Nessa mesma época, agravou-se a crise religiosa. O *cristianismo* começou a se difundir pelo Império, logo após o martírio de Cristo, ocorrido no reinado de Tibério.

A difusão era feita pelos apóstolos, que percorriam as regiões da época, pregando a mensagem do messias.

São Pedro foi para Roma, onde pregou os ensinamentos para os pobres e escravos, tendo sido martirizado juntamente com São Paulo, na época de Nero. O imperador foi responsável pela primeira perseguição aos cristãos, acusados de não cultuar os deuses pagãos, nem o imperador – também considerado uma divindade. Além disso, atribuía-se aos cristãos a responsabilidade por todas as calamidades que ocorriam: enchentes, tempestades, pestes e incêndios.

As perseguições continuaram até o início do século IV, sendo a última desencadeada, entre 303 e 304, pelo imperador Diocleciano (284-304). Contudo, tiveram um efeito contrário ao esperado, pois acabaram convertendo os espectadores pagãos, impressionados com a firmeza e resignação dos cristãos diante dos sofrimentos.

Em 313, Constantino baixou o **Edito de Milão**, proibindo as perseguições e dando aos cristãos liberdade de culto. A partir de então, a difusão do cristianismo ganhou um impulso ainda maior. Em 380, o imperador Teodósio proibiu o culto pagão e oficializou o cristianismo como religião do Império Romano, com a **Lei da Tessalônica**.

Nessa época, o clero cristão já estava estruturado. Os **presbíteros** obedeciam aos bispos; os bispos das cidades menores, aos bispos das capitais (metropolitanas); estes, aos bispos das grandes cidades (Constantinopla, Antioquia e Alexandria), os chamados patriarcas. Estes, enfim, obedeciam ao papa (bispo de Roma), cuja autoridade sobre os cristãos foi oficializada pelo imperador Valentiniano III, em 455.

Êxodo urbano: emigração; saída da cidade para o campo.

Meação: divisão em duas partes iguais; repartição do resultado da

plantação com o dono da terra.

Presbítero: sacerdote; padre.



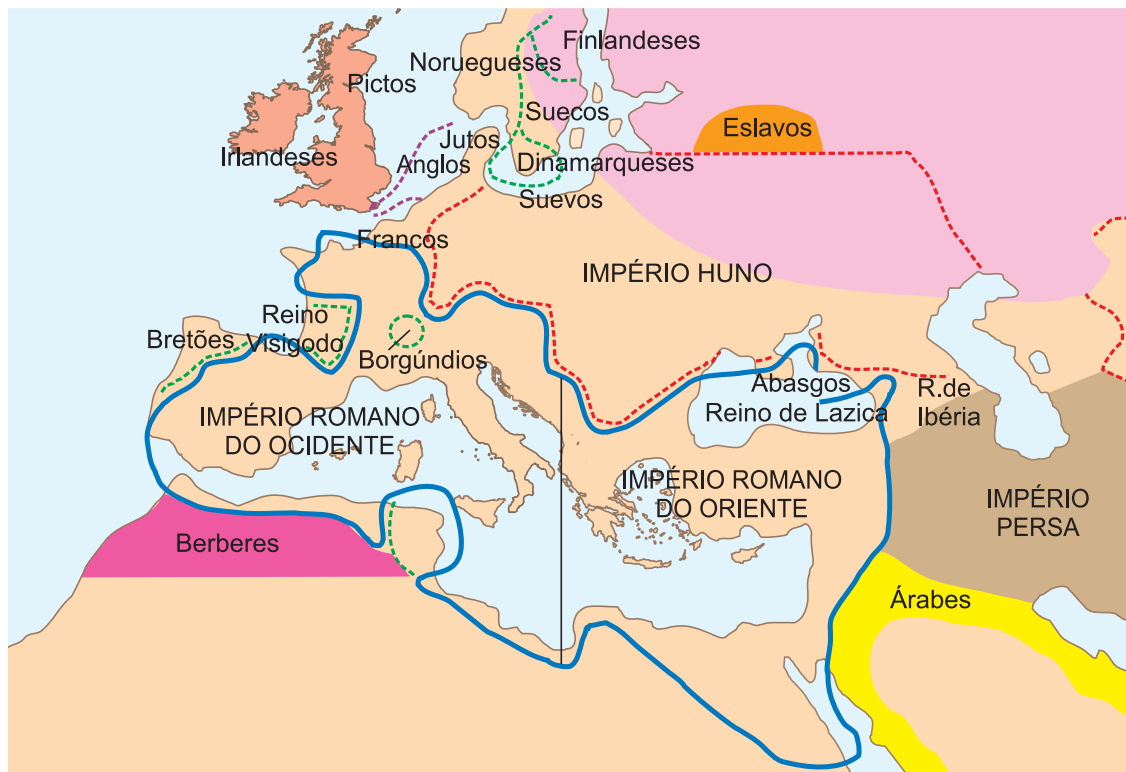
Jesus de Nazaré – obra de M. Grunewald (1455-1528). O cristianismo foi um dos fatores responsáveis pela crise do Império.



Catacumba de São Pedro e São Marcelino.



A Basílica de Constantino em Roma.



A divisão do Império Romano, realizada pelo imperador Teodósio, em 395, e a demarcação dos limites, destacando os impérios existentes nas fronteiras em 450.

Ao *clero secular*, que vivia em contato com a sociedade laica, ou “o mundo” (*saeculum*), contrapunha-se o *clero regular*, constituído pelos monges – **ascetas** que viviam isolados nos desertos. Era denominado “regular” porque obedecia a uma “regra”, que impunha a castidade, pobreza e renúncia aos bens materiais. A primeira regra foi estabelecida por São Basílio, seguindo-se a de São Bento (beneditinos).

Portanto, ao mesmo tempo que enfraquecia o poder imperial, o cristianismo tornava-se a própria base legal no fim do Império Romano.

Entretanto, a situação se agravava. A crise estava intimamente relacionada com os problemas militares. O Exército conturbava a ordem na época da sucessão imperial. Nessa última fase, o imperador Diocleciano tentou contornar o problema dividindo o Império em quatro partes (*tetrarquia*). Depois de sua morte, as disputas sucessórias renasceram, pois Constantino reunificou o Império.



Moeda de Constantino.

Outras divisões se verificaram, até a última, determinada por Teodósio, em 395, que criou o Império Romano do Ocidente, com sede em Roma, e o Império Romano do Oriente, com sede em Constantinopla.

Depois dessa divisão, nunca mais o Império se

reunificou em sua integridade, pois os **bárbaros** germânicos ocuparam a parte ocidental, enquanto o Império Oriental sobreviveu até a conquista turca de Constantinopla, em 1453.

3. As invasões dos bárbaros germânicos

O golpe final no Império Romano do Ocidente foi desfechado pelos *bárbaros* germânicos, que começaram a se infiltrar militarmente no início do século V. Primeiramente, vieram os *visigodos*; liderados por Alarico, saquearam Roma e fixaram-se na Península Ibérica e no sul da Gália, constituindo o primeiro reino germânico dentro das fronteiras do Império. Os *vândalos* seguiram-lhes os passos, saindo do Danúbio, cruzando a Gália e a Espanha e estabelecendo-se na África do Norte. Os *francos* ocuparam o norte da Gália. Os *anglos* e *saxões* invadiram a Bretanha (Inglaterra), ocupando as terras baixas.

Em 476, o Império do Ocidente reduzia-se ao território da Itália. O imperador Júlio Nepos foi deposto por Orestes, chefe do Exército, que colocou seu filho de 6 anos no trono com o nome de Rômulo Augústulo.

Odoacro, rei dos hérulos, chefe bárbaro aliado a Júlio Nepos, deu um contragolpe: afastou Orestes e Rômulo Augústulo, assumindo o título de “rei da Itália”. As insígnias imperiais foram enviadas a Constantinopla, o que significava, ao menos teoricamente, a reunificação do Império.

Asceta: pessoa que se consagra a um exercício prático que leva à efetiva realização da virtude, à plenitude da vida moral.

Bárbaro: designação dada pelos romanos a todos os povos que habitavam além das fronteiras (limites) do Império.



Ruínas do Fórum Romano.

Mais tarde, o imperador do Oriente, Zenon, pretendendo livrar-se dos ostrogodos, que lhe causavam problemas, concedeu-lhes a Itália. Chefiados por Teodorico, esses *bárbaros* formaram o último reino germânico do Ocidente: o Reino Ostrogótico da Itália.

4. O grande legado

A estrutura do Direito Romano influenciou toda a sociedade ocidental. Seu código de justiça é até hoje a base de todos os códigos de justiça do Ocidente e, por isso, disciplina obrigatória na formação dos juristas atuais.

As demais ciências não atingiram grande destaque na civilização, já que muitas delas, como a Medicina, permaneceram por muito tempo no campo do folclore.

A visão que os romanos tinham da sociedade constituiu a nossa mola mestra no mundo atual. Afinal, é deles que herdamos a ideia de família como a **célula-mater** de toda a organização social.

Célula-mater: célula-mãe; ponto de partida; embrião.

5. Cronologia do período estudado

257 a 259: perseguições aos cristãos por Valeriano.

270 a 275: imperador Aureliano.

293: estabelecimento da tetrarquia por Diocleciano.

303: início da última perseguição aos cristãos, liderada por Diocleciano.

313 a 337: governo de Constantino Augusto.

313: legalização do cristianismo (Edito de Milão) por Constantino.

324 a 330: construção da cidade de Constantinopla.

325: Concílio de Niceia, estabelecendo, como dogma, que Cristo era Filho de Deus e igual ao Pai.

379 a 395: governo de Teodósio I Augusto, que recebe batismo, tornando-se cristão; oficialização do cristianismo como religião do Império.

406 a 455: invasão do Império Romano pelos bárbaros e o reinado deles na Europa Ocidental.

410: captura de Roma por Alarico.

476: deposição de Rômulo Augústulo por Odoacro.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M116**

Exercícios Resolvidos

- 1 (FAAP-MODELO ENEM)** – A religião romana era essencialmente politeísta, e o culto ao imperador era de grande significado pelo fator da unidade que representava. Durante um período determinado, teve início o questionamento dessa ideia. Esse grupo que não reconhecia a divindade do imperador era dos
- bárbaros invasores.
 - primeiros cristãos.
 - bons espíritos familiares.
 - escravos e estrangeiros.
 - judeus vindos da Palestina.

Resolução

Os primeiros cristãos eram considerados subversivos e estimulavam a desobediência civil ao defender que Jesus Cristo era o único Deus.

Resposta: B

- 2 (PUC-PR – MODELO ENEM)** – “Os cristãos insistiam em que só eles possuíam a verdade e que todas as outras religiões, inclusive as do Estado, que eram praticadas pelos romanos eram falsas. Recusavam-se, por exemplo, a cumprir os rituais ligados à figura do imperador – tais como a queima do incenso diante da estátua. Afirmavam que tais gestos significavam adorar o imperador como um deus. (...)”

(HADAS, Moses. *Roma Imperial*. José Olympio, 1969. p. 136.)

Assinale a alternativa que **não** corresponde ao cristianismo:

- São Paulo (Paulo de Tarso) teve papel preponderante na estruturação do pensamento cristão.

b) Através do Edito de Milão, o cristianismo tornou-se a religião oficial do Estado romano no século III, durante o governo de Juliano.

c) A ascensão do cristianismo em Roma foi lenta. No início, os cristãos foram perseguidos. Somente no século IV, com o imperador Constantino, a Igreja cristã foi permitida.

d) Os cristãos foram perseguidos porque a sua fé resultava em desobediência política.

e) As massas miseráveis convertiam-se ao cristianismo, pois esperavam que Cristo, ao retornar ao mundo, as livrasse da opressão.

Resolução

O Edito de Milão legalizou o cristianismo, encerrando, assim, as perseguições aos cristãos. A oficialização dessa religião só ocorreu com o imperador Teodósio e seu Edito de Tessalônica, em 380 d. C. **Resposta: B**

1 O que foi o Edito de Milão?

RESOLUÇÃO:

Foi o Edito realizado pelo imperador Constantino, que legalizou o cristianismo no Império, proibindo as perseguições.

Texto para a questão 2.

Condenado a ser lançado às feras, por não abjurar as suas crenças na ida a Roma, Justino escreveu:

“Que venha a mim o fogo e a crucificação, com lutas com animais ferozes, despedaçamento de carnes, torturas dos ossos, mutilação dos membros, esmagamento do meu corpo inteiro, todos os cruéis suplícios do diabo, se desse modo eu alcanço Jesus Cristo!”

(Citado por Will Durant, *De César a Cristo*)

2 Com base no texto, responda:

a) Que motivos levaram o Estado Romano a perseguir os cristãos?

RESOLUÇÃO:

Os cristãos negavam a autoridade divina do imperador e também não aceitavam a exploração do trabalho escravo.

b) Por que, apesar das violentas perseguições, o cristianismo expandiu-se dentro do Império Romano?

RESOLUÇÃO:

Geograficamente, o Império Romano não possuía fronteiras internas; a resistência aos sofrimentos impressionou os pagãos, que se converteram ao cristianismo.

3 Várias razões explicam as perseguições sofridas pelos cristãos no Império Romano, entre elas

- a) a oposição à religião do Estado Romano e a negação da origem divina do imperador pelos cristãos.
- b) a publicação do Edito de Milão, que impediu a legalização do cristianismo e alimentou a repressão.
- c) a formação de heresias, como a do arianismo, de autoria do bispo Ário, que negava a natureza divina de Cristo.
- d) a organização dos Concílios Ecumênicos, que visavam promover a definição da doutrina cristã.
- e) o fortalecimento do paganismo, conduzido pelo imperador Teodósio, que mandou martirizar milhares de cristãos.

RESOLUÇÃO:

Para os cristãos, Jesus Cristo era o único Deus e com isso estimulavam a desobediência civil.

Resposta: A

4 O Império Romano, no século III, começou a declinar, entre outros fatores, como resultado

- a) da acentuada decadência dos costumes e da moral, por influência do Oriente.
- b) do decréscimo do índice de natalidade, o que determinou o desequilíbrio demográfico.
- c) da excessiva expansão territorial, derivada de uma prolongada política de conquistas.
- d) da perda de controle do Estado sobre o desenvolvimento da expansão econômica.
- e) do desaparecimento da escravidão, que foi substituída por um regime de iniciativa individual.

RESOLUÇÃO:

O controle de uma extensa fronteira necessitava de um grande número de soldados e gerava gastos elevados para impedir a penetração de vizinhos não amigáveis.

Resposta: C

5 Segundo estudiosos da História do Mundo Antigo, as principais causas da dissolução do Império Romano (27 a. C. a 476 d. C.) foram

- a) as sucessivas guerras defensivas contra os espartanos, interessados em apoderar-se das riquezas minerais de Roma, e os efeitos nefastos dos grandes surtos epidêmicos, responsáveis pela morte de quarta parte da população.
- b) as sucessivas guerras imperiais, para as quais eram canalizados todos os recursos existentes, embora o Império tivesse plenas condições de satisfazer às necessidades materiais de sua população.

c) a estagnação das formas primitivas de produção, baseadas principalmente no trabalho assalariado, e a consequente incapacidade para satisfazer às necessidades materiais de uma população numerosa.

d) a estagnação das formas primitivas de produção, baseadas principalmente no trabalho escravo, e a consequente incapacidade para satisfazer às necessidades materiais de uma população numerosa.

e) a estagnação das formas primitivas de produção, baseadas no trabalho semiassalariado, e as consequentes interrupções das jornadas de trabalho, motivadas pelas constantes greves dos jornaleiros.

RESOLUÇÃO:

A retração das guerras levou à diminuição do número de escravos e ao encarecimento do custo de vida.

Resposta: D

6 Entre os séculos III e V os historiadores costumam demarcar a crise e decadência do Império Romano. Uma crise generalizada envolvendo alterações político-administrativas, o declínio de sistema escravista, e as invasões bárbaras conduziram à derrocada de um dos maiores impérios que o mundo já conheceu.

Sobre a crise do Império Romano considere:

- | | |
|----------------|-------------------|
| A) Teodósio | B) Constantino |
| C) Diocleciano | D) Átila |
| E) Odoacro | F) Rômulo Augusto |

- I – Rei dos Hunos
- II – Depôs o último imperador do Ocidente
- III – Edito do Máximo
- IV – Edito de Tessalônica
- V – Último imperador de Roma, deposto em 476 d. C.
- VI – Edito de Milão

Assinale corretamente a sequência correspondente:

- a) I – A, II – C, III – D, IV – B, V – E, VI – F.
- b) I – D, II – C, III – A, IV – F, V – E, VI – B.
- c) I – C, II – F, III – B, IV – A, V – D, VI – E.
- d) I – D, II – E, III – C, IV – A, V – F, VI – B.
- e) I – B, II – C, III – F, IV – E, V – A, VI – D.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

7 (UnB – MODELO ENEM – modificada) – Leia o texto abaixo, extraído de uma carta de Plínio, o Moço, ao imperador Trajano, datada de 112 d. C.

“(…) Nesse ínterim, segui os seguintes procedimentos com relação aos que se me apresentaram como cristãos. Perguntei-lhes, pessoalmente, se eram cristãos. Aos que confessavam, perguntei-lhes duas, três vezes. Os que não voltaram atrás foram executados. Qualquer que fosse o sentido da sua fé, sabia que sua pertinácia (perseverança) e obstinação tinham de ser punidas. Outros, possuidores da cidadania romana, mantiveram-se na loucura e foram enviados para julgamento em Roma (...). Os que negavam serem, ou terem sido cristãos, se evocassem os deuses, segundo a fórmula que lhes ditava, e se sacrificassem, com incenso e vinho, diante da sua imagem, que trazia comigo para tanto, juntamente com estátuas de outras divindades; se, além disso, blasfemassem Cristo – atitudes que, diz-se, não são possíveis de obter de verdadeiros cristãos –, considere apropriado liberar... A questão pareceu-me digna da sua atenção, em particular devido ao número de envolvidos. Há muita gente, de toda idade, condição social, de ambos os sexos, que estão ou estarão em perigo. Não apenas nas cidades, como nos vilarejos e no campo, expande-se o contágio dessa superstição. Parece-me, entretanto, que se possa delimitá-la e corrigi-la.”

(Carta de Plínio, o Moço, ao imperador Trajano, de 112 d. C., Cartas (10.96))

Com o auxílio das informações contidas no texto, julgue os seguintes itens.

- a) Na época de Trajano, o chamado culto ao imperador já havia desaparecido por completo do mundo romano.
- b) O cristianismo, que se expandia pelo mundo romano no século II, era uma religião seletiva, admitindo, como convertidos, somente cidadãos.
- c) Plínio mostra como o sacrifício, o culto a imagens e os rituais com incenso e vinho foram empréstimos culturais feitos pelo paganismo ao cristianismo.
- d) Por ser uma religião oriunda das regiões ocidentais do Império, o cristianismo era velho conhecido de Trajano, que nascera na chamada Roma Hispânica.
- e) Os cristãos foram perseguidos porque negavam a divindade do imperador e essa fé resultava em desobediência política.

RESOLUÇÃO:

Trajano, imperador de origem hispânica e que governou Roma de 98 a 117d. C., levou o Império ao máximo de sua extensão territorial. Recebeu do Senado o título de *optimus princeps* pela excelente administração que realizara. No período de seu governo, ocorreu grande perseguição aos cristãos, considerados por muitos romanos – incluindo Plínio, o moço – perversores dos tradicionais costumes romanos.

Resposta: E

ARTES

Educação Artística - Módulos

- 1 – A arte na Pré-História
- 2 – A arte mesopotâmica e a arte egípcia
- 3 – A cultura de fenícios, hebreus e persas
- 4 – A arte grega
- 5 – Filosofia, teatro, poesia e história na Grécia
- 6 – A arte romana
- 7 – Literatura e filosofia em Roma
- 8 – A arte bizantina



A arte é o retrato dos tempos.

Módulo

1

A arte na Pré-História

Palavras-chave:

- Matriarcado • Fertilidade
- Pintura rupestre • Megalítico
- Dolmens • Cromlech

1. Conceito de arte

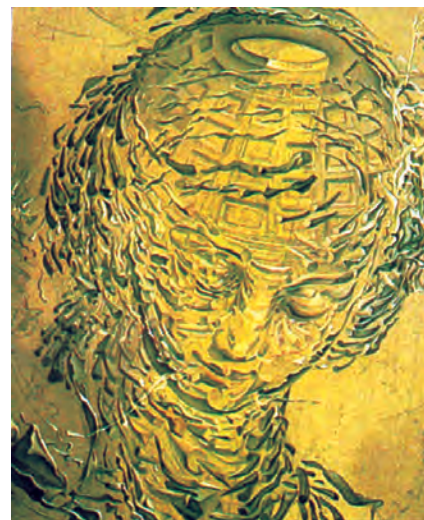
Que é arte? Por que o homem reproduz seus sentimentos pela arte? A resposta a essas perguntas mostra a razão de ser do próprio homem, suas aspirações e a importância da compreensão artística como meio de se conhecer o momento histórico, a visão de mundo do criador.

A arte é uma mensagem, é o retrato dos tempos. Portanto seu conhecimento fornece um “diálogo visual” da imaginação do artista.

“A arte nos dá a possibilidade de comunicar a concepção que temos das coisas através de procedimentos que não podem ser expressos de outra forma.

Na verdade, uma imagem vale por mil palavras não apenas por seu valor descritivo, mas também por sua significação simbólica. Na arte, assim como na linguagem, o homem é sobretudo um inventor de símbolos que transmitem ideias complexas sob formas novas. Temos de pensar na arte não em termos de prosa do cotidiano, mas como poesia, que é livre para reestruturar o vocabulário e a sintaxe convencionais, a fim de expressar significados e estados mentais novos, muitas vezes múltiplos. Da mesma forma, uma pintura sugere muito mais do que afirma. E, como no poema, o valor da arte encontra-se igualmente naquilo que ela diz, e como o diz. Mas qual é o significado da arte? O que ela tenta dizer? Os artistas em geral não nos dão uma explicação clara, uma vez que a obra é a própria afirmação. Se fossem capazes de dá-la em forma de palavras, então seriam escritores.”

(JANSON, H. W.; JANSON, Anthony. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes. p. 7.)



Salvador Dalí (1904-1989), *Rafael*.

A arte começa no momento em que o homem cria não com um propósito utilitário, mas para representar ou exprimir.

(René Huyghs)

Para apresentar o mais simples animal, a mais fácil forma geométrica, é fundamental, antes de tudo, pensar, abstrair, construir uma "ideia" do que será feito; a seguir, dominar uma técnica. Finalmente, o resultado dessa atitude tem um significado que pode, ou não, ser mágico ou religioso.

O progresso tecnológico, social e cultural do homem é refletido na arte de cada civilização. Por esse motivo, podemos associar, grosso modo, as várias faces da Pré-História com alguns tipos característicos de arte.

A História apoia-se, basicamente, em documentos escritos. Mas o homem não apareceu na face da Terra ao mesmo tempo que a escrita. Essa invenção, fundamental para o historiador, é bastante recente. Todo o período anterior à invenção da escrita, embora já apresente manifestações culturais bastante características, chama-se *Pré-História*.

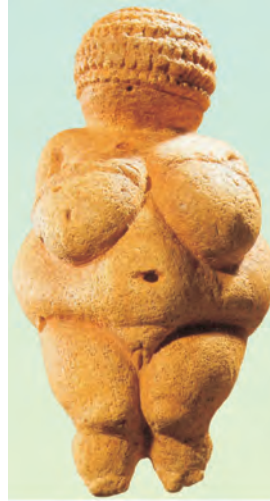


Vestígios da arte pré-histórica encontrados em abrigos subterrâneos e grutas da Europa Ocidental.

Obviamente, esse período opõe muitas dificuldades ao estudo. Por exemplo, só pode ser conhecido por vestígios, nem sempre fáceis de achar e reconhecer. São restos

humanos, utensílios de pedra, ossos, cerâmicas e metais (cobre, bronze e ferro). Muitos desses indícios da presença humana são pinturas, esculturas e monumentos.

2. A arte no Paleolítico Superior



As primeiras formas de arte até agora encontradas estão longe de serem belas. São as chamadas Vênus. Os traços femininos bastante exagerados (seios enormes e ancas largas) e a pouca preocupação com rosto, pernas e braços nos levam a supor que sejam formas ligadas ao culto da fertilidade. Esculpidas em marfim ou pedra, têm dimensões tão pequenas que podem ser facilmente transportadas e difundidas.

Vênus de Willendorf.

PALEOLÍTICO SUPERIOR	NEOLÍTICO
Esculturas de pequenas estatuetas (Vênus e pinturas rupestres com representações de animais)	Pinturas rupestres com representações humanas estilizadas e "arquitetura" de monumentos megalíticos .
30 000 a 18 000 a. C.	18 000 a 5 000 a. C.



A pintura rupestre era feita em paredes de rochas a céu aberto ou cavernas. Os primeiros exemplares dessa arte são identificados em cavernas de difícil acesso e, muitas vezes, escuras. É, portanto, razoável imaginar que não foram pintadas apenas para a apreciação humana, fazendo parte de um ritual mágico com vistas a assegurar uma caça bem-sucedida.

As duas damas.

Rupestre: gravado ou traçado nas rochas; construído em rochedo.

Megalítico: feito de grandes pedras; pedra monumental dos templos pré-históricos; do grego *mega* = grande + *lithos* = pedra.

Entretanto, o realismo e a preocupação **naturalista** na representação de vários animais, a técnica de explorar as saliências da rocha para conseguir a impressão de profundidade, demonstram aguda observação da Natureza. São enormes salões repletos de cavalos, bisões, veados e mamutes nas mais variadas atitudes, de uma beleza indescritível.

As obras mais impressionantes desse período foram encontradas nas grutas de Altamira, ao norte da Espanha, e nas de Lascaux, descobertas em 1940, na região franco-cantábrica de Dordogne. As numerosas galerias e salas de Lascaux, algumas das mais significativas, contêm quase todos os estilos pré-históricos de pintura e incisão.

3. A arte no Neolítico

Nesse período, constatamos a representação de figuras humanas quase sempre **estilizadas**, nas quais predominam as cenas de caça.



Dolmens e menires de Stonehenge, na Inglaterra.

Muito pouco podemos falar sobre a cerâmica neolítica, uma vez que o material é bastante frágil. Percebe-se a preocupação com motivos geométricos e a simetria é a marca registrada.

Em termos de arte pré-histórica, foi durante o Neolítico que assistimos ao impressionante aparecimento dos monumentos "megalíticos". A grandeza e a dificuldade



Cerâmica do Período Neolítico.

em se criar tais obras pressupõem a utilização de mão de obra abundante e a estruturação da sociedade.

A invenção da agricultura e a domesticação de animais produziram excedentes que ofereciam a possibilidade de tempo livre ou, pelo menos, não dedicado à sobrevivência imediata.

O que levaria o homem a carregar por quilômetros blocos de pedra, organizá-los em fileiras, círculos ou erguê-los na forma de gigantescas mesas?

A resposta para essa pergunta é que o homem deve ter sido motivado pela religião. Muitos desses monumentos são localizados perto de importantes vestígios arqueológicos, sendo representados pelos *menires* (*men* = pedra; *hir* = comprida) – grandes blocos fincados no chão; *dólmens* (*dol* = mesa; *men* = pedra) – dois menires sobre os quais repousa horizontalmente uma terceira pedra; *cromlechs* – menires dispostos em círculo, normalmente em torno de um ou mais dolmens.

Esses monumentos merecem o nome *megalíticos*, pois as dimensões dos blocos de pedra raramente são inferiores a 4 metros de altura, com pesos de, no mínimo, 10 toneladas. (Os blocos mais pesados podem pesar até 50 toneladas.)

É importante lembrar que essas obras se espalharam por toda a Europa Ocidental, embora os exemplares mais importantes se encontrem na Grã-Bretanha, na França e na Espanha. Não é sem motivo que o símbolo desse período é o famoso *Cromlech de Stonehenge*, na Grã-Bretanha. Sabemos que essa obra, verdadeiramente arquitetônica, foi levantada em honra ao Sol porque sua estrutura inferior está orientada de maneira que coincide com o nascer do astro no mais longo dia do ano.

No final do Neolítico, surgiu a metalurgia, que deu origem à maior estruturação social e econômica que culminou com o aparecimento das civilizações e da escrita.

Naturalista: relativo à representação realista da Natureza.

Estilizada: referente à modificação da figura ou do objeto para se obter determinados efeitos.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M117**



As origens históricas da arte e o pensamento e a arte dos povos caçadores

Origens históricas da arte

Por que o homem pinta o bisão, ou uma cena de caça à rena, no fundo de uma gruta? (Note: num lugar à parte e resguardado – não seria mesmo numa espécie de templo? – e não onde habitava, pois o homem não habitava na gruta em que pintou.) É difícil responder a esta pergunta. As respostas podem ser muitas. Entre essas respostas, uma pode ser afastada imediatamente, com relativa certeza. Outra pode, ao contrário, ser aceita com relativa tranquilidade, porque, salvo divergências sobre detalhes isolados, é a opinião mais acreditada da ciência.

A resposta a afastar é esta: o homem pintou o bisão, ou desenhou a rena, ou esculpiu o mamute pelo gosto de realizar “obra de arte”, trabalho com finalidade intrínseca, para satisfazer a quem o realizou, para ter um motivo de contemplação, ou um afresco numa parede para não se fastidiar ante a tão só brancura da pedra calcária. A arte não é nunca isso, em tempo algum: quando o é, é porque está em plena fase de obscuridade, de involução. É sinal que a arte está atravessando um dos seus períodos cíclicos de ofuscamento.

Arte e magia

Quanto à resposta a aceitar, é esta: o homem pintou ou desenhou uma figura ou uma ação, pensando, com esse gesto, cumprir um ato humano alto e raro, porque somente um ou outro sabia desenhar, pintar ou esculpir e essa faculdade rara podia ser encarada como manifestação prodigiosa. Pintar ou desenhar era uma ação para a qual não bastavam as sugestões da técnica e das indústrias. Ainda hoje, no seio dos povos primitivos, quando precisam iniciar grandes empreendimentos (guerra, caça, empresas) cujo êxito é incerto e, de acordo com a experiência, a técnica e a energia pessoal não bastam para alcançá-lo, recorre-se à pintura, à escultura, ao desenho, à música, como atos propiciatórios.

Assim, é-nos dado afirmar que, na sua condição pura e originária, a arte não pode ser considerada como a expressão de uma impressão, de uma ideia, de uma visão. A arte não é um sonho vazio da mente, por esta criado sem uma finalidade e sem outra origem que ela mesma – é o desejo de relacionar-se mais, confrontando fatos e figuras do mundo visível com o invisível, de entrar em contato mais íntimo com eles, que induz o homem a criar uma força, um novo instru-

mento mais alto e mais eficaz do que todos os instrumentos práticos. O desenho de um bisão, representado como ferido de morte por uma lança e nas vascas da agonia, era considerado mais eficaz para o êxito da caça ao bisão do que o instrumento normal da indústria das armas do tempo, ou seja, a lança. Esta é – presumivelmente – a origem da arte.

Mesmo milênios e milênios depois, a religião produzirá frequentemente os mesmos efeitos: quando o catolicismo europeu tiver de empenhar o homem num formidável esforço moral, encarregará equipes de pintores, escultores, músicos, poetas, para tornar eficaz e autêntico o enunciado da teologia. [...]

A arte como expressão humana

Arte é expressão, linguagem, instrumento da comunicação entre homem e homem – dissemo-lo. E é, nesse sentido, o instrumento mais universal, mais acessível que se manifesta com clareza além da matéria, além do espaço, além do tempo. Se a palavra humana é o primeiro instrumento para formar uma sociedade concreta, talvez possamos considerar que a arte é o maravilhoso instrumento ao qual se confiou o secreto objetivo de realizar a união de todos os espíritos, sobre os quais repousa a esperança de uma sociedade definitiva e pura.

Mas, agora nos devemos perguntar: como o homem superou a fase zoológica do seu desenvolvimento?

As respostas são muitas: cada historiador, cada filósofo e, nos tempos modernos, cada arqueólogo forneceu uma. [...]

O artista observou os animais do seu tempo com interesse visual, com prazer, talvez: daí, aquela segurança da ampla linha direita, da curva decidida, e o senso de movimento, da violência e da calma, da ferocidade e da ternura.

A arte enquanto documento

Estes incríveis documentos da arte valem como demonstração de um fato essencial: que a evolução do homem não se verificou de acordo com uma trajetória hipotética que vai do macaco ao homem e do homem bárbaro ao homem civilizado, de forma que o homem antigo seria o homem mais bárbaro e o mais recente, o homem mais civilizado. Esta ideia, muito difundida, precisa ser corrigida: não é verdade que o passado seja a barbárie e o futuro a civilização. A verdade é que barbárie e civilização coexistem sempre em todos

os tempos e que, junto às mais refinadas experiências de civilização, se desenvolvem sempre abismais provas de barbárie.

O misterioso homem que há dezenas de milênios traçou numa rocha espanhola estes animais possuía um espírito expressivo, uma cultura interior comparável à de Piero della Francesca, de Rembrandt ou de Henri Matisse. De resto, o pintor da caverna também teve seus precursores, e pode-se dizer que a técnica do cimento armado, fruto de séculos de pesquisas, ainda não chegou a criar estruturas tão ousadas e variadas como as construídas com materiais flexíveis pelos pigmeus da África Central.



Círculo de Stonehenge.

O progresso da arte

A diferença reside somente numa ordem de tempo, numa disposição cronológica: no sentido de que o italiano, o flamengo e o espanhol puderam servir-se da experiência do ignoto pintor das grutas de Altamira, ao passo que não pôde suceder o inverso. E mesmo que Piero della Francesca e Rembrandt não tenham podido ver os animais de Altamira, deles, contudo, transportavam em si a longínqua comoção, o fermento por assim dizer, porque nada do que é realizado pela obra humana se perde no nada: apenas às vezes parece eclipsar-se por séculos e milênios; nada se apaga, tudo continua. E o progresso é lentíssimo, feito de lances de asas e de quedas. E é um progresso sempre em ordem técnica; é o domínio progressivo sobre a matéria que permitirá ao homem exprimir tudo quanto tinha a dizer desde o primeiro dia em que apareceu sobre a face da Terra e, abrindo os olhos às maravilhas do mundo, não soube extrair do seu espírito mais que uma simples interjeição de assombro: um grito.

E o eco desse grito continuará enquanto o homem for um homem.

(BARDI, Pietro Maria. *Pequena História da Arte*. São Paulo: Melhoramentos. pp. 16-19.)

Exercícios Resolvidos

1 (ENEM)



(Pintura rupestre da Toca do Pajau – PI –
Internet: <www.botocelli.com>)

A pintura rupestre acima, que é um patrimônio cultural brasileiro, expressa

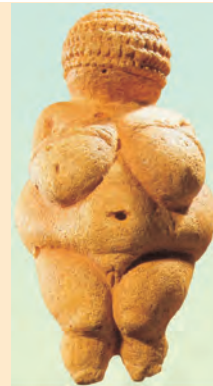
- o conflito entre os povos indígenas e os europeus durante o processo de colonização do Brasil.
- a organização social e política de um povo indígena e a hierarquia entre seus membros.
- aspectos da vida cotidiana de grupos que viveram durante a chamada pré-história do Brasil.
- os rituais que envolvem sacrifícios de grandes dinossauros atualmente extintos.
- a constante guerra entre diferentes grupos paleoíndios da América durante o período colonial.

Resolução

A pintura rupestre reproduzida na questão apresenta uma cena de caça – tema recorrente na arte pré-histórica em todas as regiões do mundo e que mostra um aspecto essencial para a sobrevivência das comunidades primitivas.

Resposta: C

- 2 (MODELO ENEM) – “A arte começa no momento em que o homem cria não com um propósito utilitário, mas para representar ou exprimir.” (René Huyghs)



A Vênus de Willendorf ao lado representa

- a imagem de familiares que já haviam morrido.
- a importância da fertilidade e da maternidade.
- o descaso com a figura feminina.
- um ideal de beleza grega.

Resolução

Na Pré-História, o ser humano não sabia exatamente como se dava a concepção. Entretanto, valorizava o seu agente visível — a mulher, pois ela garantia a continuidade da vida, como se pode observar na estátua de barro, com o quadril largo e enormes seios.

Resposta: B

Exercícios Propostos

- 1 Qual é a importância da arte para a compreensão da História?

RESOLUÇÃO:

Ao analisar uma obra de arte podemos reconstruir um momento histórico (roupas, costumes, crenças) sob o ponto de vista daquele que a criou.

- 2 Quais foram as primeiras manifestações artísticas encontradas na Pré-História?

RESOLUÇÃO:

As pinturas rupestres no interior das cavernas, representando cenas de caça e animais, e as esculturas femininas feitas de pedra.

- 3 Por que, no Paleolítico Superior, as estátuas femininas tinham seios exagerados e ancas largas?

RESOLUÇÃO:

Demonstra o valor da mulher, entendida naquele momento como a autora da vida, a fertilidade feminina e o matriarcado.

- 4 O que era menir?

RESOLUÇÃO:

Monólito de dimensões variáveis, colocado verticalmente sobre uma sepultura ou perto dela.

5 O que eram dólmenes?

RESOLUÇÃO:

Duas ou mais pedras grandes fixadas verticalmente no solo, sobre as quais repousava horizontalmente uma terceira laje, parecendo um teto, onde se realizavam as cerimônias religiosas.

Responda às questões abaixo utilizando o código:

- a) Se apenas I e II estiverem corretas.
- b) Se apenas II e III estiverem corretas.
- c) Se apenas I e III estiverem corretas.
- d) Se todas estiverem corretas.
- e) Se todas estiverem incorretas.

6 I. A arte nasceu no Paleolítico Superior.
II. Nas paredes de suas cavernas, os homens dessa época fizeram representações de cenas de caça.
III. A característica dessas pinturas era o naturalismo.

Resposta: D

7 I. Traços geométricos e esquematizados são características da pintura neolítica.
II. Entre os monumentos megalíticos, destacamos os de Stonehenge (Inglaterra).
III. As pedras fincadas no chão são denominadas *cromlech* quando a sua disposição é na forma circular.

Resposta: D

8 (MODELO ENEM) – A partir desta imagem a seguir, podemos concluir que



- a) eram habitações feitas pelos primeiros moradores do planeta Terra.
- b) serviam de fortificações em caso de guerra contra invasores.
- c) os *cromlech* eram formados por *menires* e *dólmenes* dispostos em círculos.
- d) faziam parte da grande muralha da China.

RESOLUÇÃO:

Esses monumentos eram chamados de megalíticos (*mega = grande + lithos = pedra*), pois as dimensões dos blocos de pedra raramente eram inferiores a 4 metros de altura, com pesos de, no mínimo, 10 toneladas. Possuíam um significado religioso.

Resposta: C

Módulo

2

A arte mesopotâmica e a arte egípcia

Palavras-chave:

- Zígarate • Hierática • Estelas • Cuneiforme
- Pirâmides • Código de Hamurábi • Hieroglifos
- Pedra de Roseta • Lei da Frontalidade

1. A arte mesopotâmica

As condições geográficas da **Mesopotâmia** propiciaram um importante desenvolvimento cultural. Os povos que ocuparam a região souberam utilizar os elementos naturais disponíveis para a realização de diversas obras de arte.

O desgaste e o desaparecimento de grande parte dessas obras foram decorrentes da conturbada história política da região, repleta de invasões das mais diversas culturas; do material utilizado, quase sempre tijolos de barro cru, cerâmicas, madeiras e fibras vegetais; finalmente, do tempo que nos separa desses povos.

Mesopotâmia: região compreendida entre os Rios Tigre e Eufrates; do grego *meso* = meio + *potamós* = rios; atualmente corresponde ao Iraque.

Sumério-Babilônico



Escadaria do Zígarate sumeriano da cidade de Ur, cuja base é um quadrado de 90 metros.

O primeiro grande centro de expansão na Mesopotâmia foi a cidade sumeriana de Ur, seguida por uma infinidade de outras. Foi nesse centro que surgiu, pela primeira vez, o zígarate, característico da religião desses povos. As construções eram forma-

das por grandes colinas artificiais, sustentadas por muralhas construídas com tijolos, e não com pedras (como as pirâmides do Egito), compostas de terraços em vários níveis, cujo acesso se dava por escadarias.



Ao contrário do que acontecia no Egito, os zigurates não eram apenas monumentos funerários. Eram imensos altares que funcionavam como templos e, muitas vezes, constituíam o centro da vila onde se encontravam.

Reconstrução da Porta de Ishtar, Babilônia.



Reconstrução das muralhas da cidade de Ninive, do século VII a. C., que alcançaram um perímetro de 15km.



A escultura desse período é o que podemos chamar **hierática**. Não há preocupação descritiva, salvo pelo rosto. As figuras esculpidas em **baixo-relevo** caracterizam-se por um grande realismo.

Touro alado, de cabeça humana, procedente do Palácio de Sargão II, em Khorsabad.

Com o fim da supremacia sumeriana, acádios e babilônicos realizaram uma grande renovação artística. A **ourivesaria** ganhou força e as **estelas** tornaram-se importantes formas de expressão artística. Os desenhos eram mais suaves e a liberdade de representação aumentou, sem romper com o padrão tradicional.

A escrita **cuneiforme**, utilizada pelos mesopotâmicos, foi criação dos antigos sumérios. Entre os mais importantes legados, destaca-se o **Código de Hamurábi**, que se tornou, posteriormente, a base do Direito de quase todos os povos semitas.

Hierática: referente às formas em geral, rígidas e majestosas, feitas conforme regras bastante precisas e inabaláveis.

Baixo-relevo: escultura em que as figuras sobrealçavam muito pouco o plano que lhes serve de fundo.

Ourivesaria: arte de trabalhar com metais e pedras preciosas.

Quando da invasão dos assírios, um povo de cultura muito diferente, ocorreu uma verdadeira ruptura na arte dessa região.

Assírios

A característica mais importante dessa arte é o seu caráter **belicoso**, incentivado pela grande expansão militar e econômica. Assur, Nínive e Khorsabad tornaram-se grandes centros culturais, representados por ricas bibliotecas. A mais importante era Nínive, criada durante o reinado de Assurbanipal (cerca de 900 a. C.), que continha aproximadamente 22 mil tabuletas de argila, relatando os feitos militares, as práticas medicinais, magia etc.

Surgiram os grandes palácios reais voltados para a glorificação do soberano e, com eles, a estatuária tornou-se elemento separado da arquitetura. A escultura assíria é agressiva, descritiva e realista, principalmente nas cenas de caça e guerra. Os baixos-relevos são importantes nesse momento, retratando caçadas, pescarias e expedições guerreiras, o que demonstra grande conhecimento da natureza e da fisiologia humana e animal.

Em 539 a. C., quando a Babilônia e o que restava do Império Assírio foram destruídos pela invasão persa, percebe-se uma nova ruptura artística, estreitamente ligada às novas condições sociais, políticas e econômicas.

2. A arte egípcia

“Uma das principais civilizações da Antiguidade foi a que se desenvolveu no Egito. Era uma civilização já bastante complexa em sua organização social e riquíssima em suas realizações culturais. Além disso, os egípcios produziram uma escrita bem estruturada, graças à qual temos um conhecimento bastante complexo de sua cultura.

Mas a religião é talvez o aspecto mais significativo da cultura egípcia. Tudo no Egito era orientado por ela: o mundo poderia – na visão desse povo – ser destruído não fossem as preces e os ritos religiosos; a felicidade nessa vida e a sobrevivência depois da morte eram asseguradas pelas práticas rituais, e até mesmo o ritmo das enchentes, a fertilidade do solo e a própria disposição racional dos canais de irrigação dependiam diretamente da ação divina do faraó. A religião, portanto, invadiu toda a vida egípcia, interpretando o universo, justificando sua organização social e política, determinando o papel de cada classe social e, conseqüentemente, orientando toda a produção artística desse povo.”

(PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 1990. p. 17.)

Estela: monumento comemorativo dos grandes feitos de reis e imperadores.

Cuneiforme: que tem forma de cunha; referente à escrita criada pelos antigos sumérios.

Belicoso: guerreiro; violento; habituado à guerra.



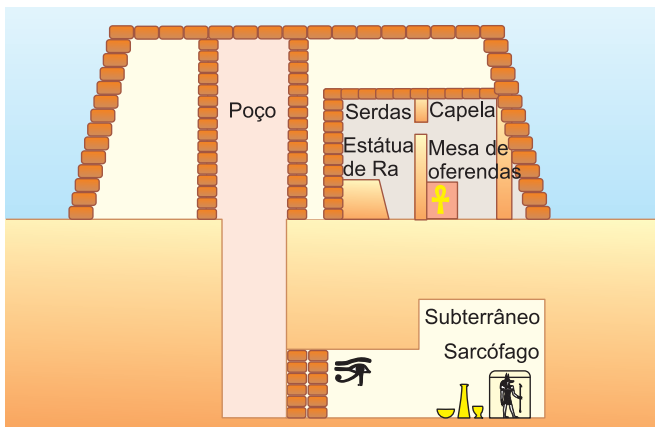
Relevo mostrando o rei Assurbanipal caçando um leão, o que era considerado um ato religioso e simbólico pelos assírios.

Quando falamos em arte egípcia, o primeiro pensamento que nos ocorre é a arquitetura monumental das pirâmides, que teve início com a famosa pirâmide em degraus de Saccara, construída pelo faraó Djoser, até atingir sua forma clássica encontrada no Vale de Gizé, da qual a mais importante é a de *Quéops*, faraó da quarta dinastia do Antigo Império.



As pirâmides de Gizé: Miquerinos, Quéfren e Quéops.

Muito já se falou sobre elas, mas o que poucos percebem é que na maior parte de sua história, enquanto império unificado, o Egito não se interessou pela construção de pirâmides. A arquitetura egípcia é muito mais rica, incluindo desde esfinges até templos monumentais, como os de Luxor e Carnac.

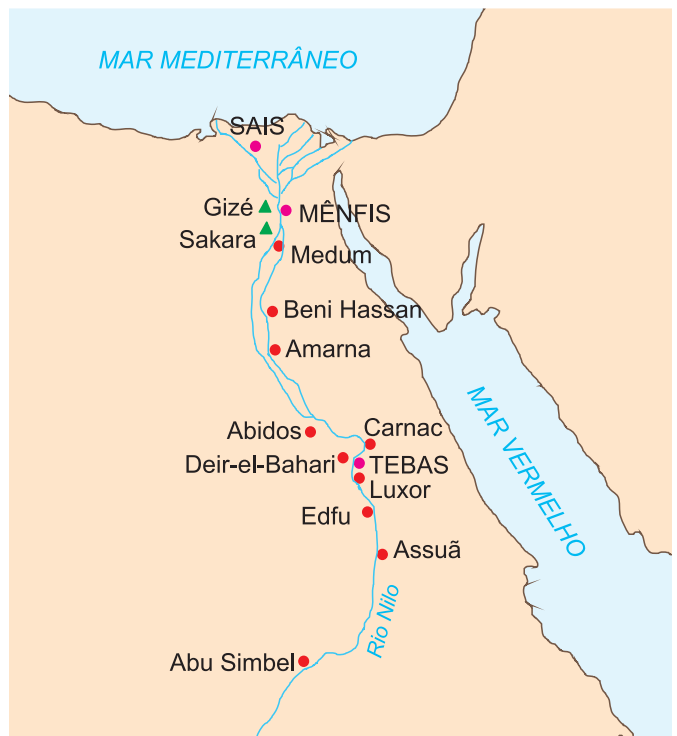


Corte esquemático de uma mastaba.



Templo de Amon, Carnac.

A arquitetura funerária dos antigos egípcios também incluía as *mastabas*, túmulos característicos do Antigo Império. Na fase do Novo Império, porém, em razão dos constantes roubos de túmulos, os faraós contentaram-se em perder a grandiosidade e a majestade das construções, resignando-se em mandar construir seus túmulos em escavações subterrâneas, denominadas *hipogeus*.



O Egito, localizado no nordeste da África, considerado uma "dádiva" do Rio Nilo pelo historiador grego Heródoto de Halicarnasso.

Por outro lado, a estatúria e a pintura desenvolveram-se bastante ao longo dos vários séculos da história egípcia. Apesar de sua postura quase sempre rígida, seguindo padrões de representação ditados pela religião, a arte egípcia chegou a atingir momentos em que a representação de animais, e sobretudo dos rostos humanos, demonstrava grande técnica, aliada à preocupação naturalista.

De um modo geral, na pintura e na escultura de **sarcófagos** predominava a frontalidade, isto é, o corpo apresentado sempre de frente, enquanto a cabeça, as pernas e os pés eram vistos de perfil.

Ligadas à religião e à política, podemos dizer que algumas das mais belas obras de arte dessa civilização foram executadas justamente em um momento de ruptura e crise política: a tentativa de implantação do monoteísmo organizada pelo faraó Amenófis IV.

Romper com o culto anterior significava desenvolver novas formas de expressão artística que pudessem estar vinculadas à nova doutrina. Vemos, então, aparecer uma preocupação muito mais decorativa; a liberdade artística foi incentivada e, sobretudo, financiada pelo faraó. O exemplo mais belo que nos chegou desse período é o busto da rainha Nefertiti, esposa de Amenófis IV.

O nome dessa rainha significa “chegou a bela (ou beleza)”. Seu rosto ainda jovem traduzia traços perfeitos que mal conseguiam dissimular certa melancolia e contemplação. Até hoje, é considerada uma das mulheres mais belas que a arte humana conseguiu perpetuar.

Muito do que poderíamos conhecer sobre a arte egípcia nos foi tirado pela ação de ladrões, que, desde a Antiguidade, saqueiam tumbas e ruínas. Sabemos, entretanto, que, durante o apogeu do Império de Alexandre Magno e em períodos subsequentes, a cultura egípcia era reverenciada pelos sábios gregos como uma das maiores riquezas jamais construídas pelo gênero humano.

Toda a história da antiga civilização egípcia chegou até nós por meio de sua escrita. Além dos hieróglifos, considerados escrita sagrada e encontrados nos túmulos e templos, havia a hierática, utilizada nos textos dos sacerdotes, e a demótica, mais popular, empregada nos contratos redigidos pelos escribas.

A descoberta da **Pedra de Roseta**, durante a campanha militar de Napoleão Bonaparte ao Egito, possibilitou, em 1822, ao jovem sábio francês Champollion decifrar a escrita hieroglífica, desvendando muitos dos mistérios que cercam essa civilização.

Em geral, a temática da literatura era de cunho religioso, notabilizando-se o Livro dos Mortos e os textos das pirâmides.

Sarcófago: parte de um monumento fúnebre que representa o ataúde; utilizado pelos egípcios para conservar o corpo mumificado do faraó.

Pedra de Roseta: tablete que possui um texto bilingue, metade em grego, metade em egípcio.



Detalhe da escultura do faraó Quéfren.



Nefertiti, esposa do faraó Amenófis IV (Akhenaton); é o trabalho mais conhecido da arte egípcia.



Escriba sentado em calcário policromado.



O conhecimento da História

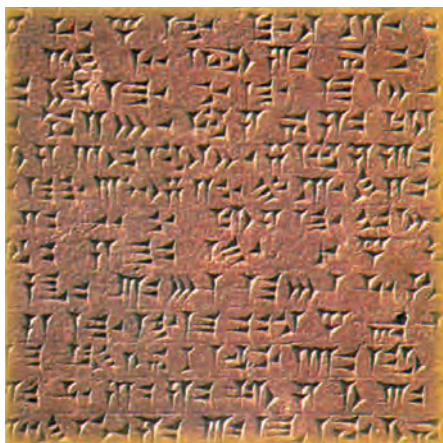
A Mesopotâmia

O problema fundamental da arte mesopotâmica consiste no fato de, a despeito da existência de uma economia

baseada predominantemente no comércio, na indústria, na finança e no crédito, apresentar um caráter mais rigidamente disciplinado, menos evolutivo e menos

dinâmico do que a arte do Egito, muito embora este país se encontrasse muito mais ligado à agricultura e à economia natural. O Código de Hamurábi, que data

do segundo milênio a. C., mostra-nos que o comércio, as artes manuais, a escrituração comercial e o crédito haviam atingido largo desenvolvimento na Babilônia, nesta época, e que se realizavam já operações bancárias relativamente complexas, tais como pagamentos a terceiros e cálculos contábeis. O comércio e a atividade financeira estavam aqui muito mais desenvolvidos do que no Egito.



Tábua com caracteres cuneiformes.

Comparados com os egípcios, era já possível designar certos habitantes da Babilônia simplesmente pela expressão “comerciante”. A maior disciplina formal da arte babilônica, correlacionada com uma economia mais móvel e mais caracteristicamente urbana, refuta, no entanto, a tese, sobre outros aspectos normalmente válida, segundo a qual o estilo estritamente geométrico está ligado à atividade agrícola tradicionalista e o naturalismo aberto, à economia urbana, mais dinâmica. É possível que na Babilônia as formas mais violentas do despotismo e o espírito mais intolerante da religião se hajam conjugado contra a influência emancipadora da vida urbana, isto é, partindo da hipótese de que existiu nesta região apenas uma arte da corte e do templo e de que ninguém, além do chefe político e dos sacerdotes, podia exercer qualquer influência sobre a arte, é justo presumir também que não chegou sequer a ser necessário destruir quaisquer tentativas de caráter individualista e naturalista. A arte camponesa e as formas menores da arte mais popular desempenharam um papel ainda mais insignificante no “País

de entre os Rios” do que em qualquer outra região do Oriente Antigo. A atividade artística foi aqui mais pessoal ainda do que no Egito, por exemplo. Não conhecemos qualquer nome entre os artistas babilônicos e dividimos a história da arte babilônica apenas de acordo com os reinados. Não se faz qualquer distinção, quer na terminologia quer na prática, entre a arte e o ofício manual; o código de Hamurábi refere o arquiteto (mestre de obras) e o escultor, ao lado do ferreiro e do sapateiro.

Racionalismo e arte

O racionalismo abstrato é ainda mais pronunciado na arte babilônica e assíria do que na egípcia. A figura humana apresenta-se não só sob o aspecto da frontalidade estrita, com a cabeça voltada a fim de tornar mais evidente o perfil definidor do indivíduo, como apresenta ainda as partes mais características do rosto – o nariz e os olhos – sujeitas à ampliação considerável, enquanto os traços acessórios – como a fronte e o queixo – são grandemente reduzidos. Em parte alguma, o princípio anti-naturalista da frontalidade se apresenta mais patente do que nos Gênios Alados, conjunto de leões e touros da escultura arquitetônica assíria. Dificilmente se encontrará qualquer setor da arte egípcia, em que a estilização total, com renúncia a qualquer espécie de ilusionismo, tenha sido levada a efeito com tamanha ausência de compromisso, como nessas figuras de cinco pernas, que apresentam, vistas de lado, quatro em movimento e, vistas de frente, duas em repouso, e que constituem uma mistura de dois animais. A transgressão patente da lei natural deve-se, neste caso, a motivos de ordem puramente racional; é evidente que o artista procurou fazer com que o observador tivesse, de qualquer dos ângulos por que encarasse a figura, uma ideia completa e formalmente perfeita do objeto representado.

A fase naturalista

Em época mais adiantada, provavelmente, não antes dos séculos VIII e VII a. C., a arte assíria passou por uma

fase que, de certo modo, pode considerar-se naturalista. Os baixos-relevos de Assurbanipal, representando cenas de batalhas e de caçadas, são já vivos e naturais, pelo menos no que diz respeito aos animais representados; porém, a figura humana é ainda retratada de forma tão rígida e com aspecto tão hirto, principalmente no referente à barba e à cabeleira, como 2 000 anos antes. Trata-se de um fenômeno de dualismo estilístico semelhante ao que teve lugar no Egito no período de Akhenaton e apresenta a mesma diferença de tratamento entre a figura humana e as figuras de animais, que existiu no período paleolítico e pode ser observada no decurso de toda a história da Arte. Na Época Paleolítica, pintaram-se os animais de forma mais naturalista do que o homem, porque naquele período tudo girava à roda dos animais; nos períodos posteriores, procedeu-se da mesma forma, porque não se consideravam os animais susceptíveis de estilização.

(HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972. tomo 1, pp. 77-81.)



O tribunal de Osiris.

A Lei da Frontalidade na arte egípcia

De todos os princípios formais e racionalistas da arte do Oriente Antigo, e especialmente da arte egípcia, o mais saliente e o mais característico é o da “frontalidade”. Por “frontalidade” entendemos a lei da representação da figura humana, descoberta por Julius Lange e Adolf Erman, segundo a qual, seja qual for a posição em que o corpo humano é representado, toda a superfície da caixa torácica se volta para o observador, de tal forma que a metade superior do corpo é sempre divisível em duas partes, inversa-

mente simétricas, seguindo uma linha vertical. Este processo de representação axial, que oferece a mais ampla visão do corpo humano, pretende também, sem dúvida, apresentar a impressão mais clara e menos complicada, a fim de evitar qualquer mal-entendido, confusão ou omissão dos diversos elementos da figura. A atribuição da frontalidade a uma deficiência básica da aptidão técnica pode justificar-se em certa medida; mas a fidelidade obstinada e persistente a esta técnica, mesmo no período em que a limitação involuntária dos objetivos artísticos está fora de causa, exige outra explicação.

Frontalidade e História

Na representação frontal, a posição da figura humana vista de frente traduz a expressão de um sistema de correlações, definido e direto, em função do observador. A arte paleolítica, na qual se não descortina nenhuma noção de público, não conheceu, por isso, qualquer espécie de frontalidade; o seu caráter ilusionista constitui meramente outro aspecto dessa atitude de não tomar em consideração o observador. A arte do Oriente Antigo, por seu turno, toma em consideração a pessoa que deve receber a impressão. É uma arte que simultaneamente pede e testemunha respeito pelo público. A sua atitude perante o espectador constitui um ato de reverência, de cortesia e etiqueta. Toda a arte cortesã tem como objetivo outorgar fama e glória; contém assim, de certo modo, o germen do princípio da frontalidade – olhar de frente para o observador, para a pessoa que subsidiava a obra de arte, para o amo a quem servia e a quem tinha obrigação de proporcionar deleite. A obra de arte dirige-se diretamente a ele como conhecedor, que não se deixaria ludibriar pelos embustes do ilusionismo vulgar. Semelhante atitude encontra expressão tardia, mas suficientemente clara, nas convenções do teatro clássico da corte, em que o ator, sem consideração pelas necessidades da verossimilhança, se dirige diretamente ao

auditório, por assim dizer o interpela em cada palavra e gesto, e não só evita “voltar-lhe as costas”, como procura salientar, por todos os meios, que o seu comportamento constitui pura ficção, simples divertimento conduzido de acordo com regras previamente estabelecidas. As formas naturalistas do teatro, a transição para o polo oposto a esta “arte frontal”, nomeadamente o cinema com a mobilização do espectador, levando-o até aos acontecimentos em vez de os trazer simplesmente até ele e exibi-los à sua vista, tentando apresentar esses mesmos acontecimentos de forma a sugerir que os atores foram apanhados em flagrante, por acaso e de surpresa, reduzem ao mínimo as ficções e as convenções do teatro. Com a sua forte possibilidade de ilusionismo, a sua franqueza direta e indiscreta, o seu ataque violento ao auditório, esta atitude exprime uma concepção democrática da arte, mantida por sociedades liberais antiautoritárias, tão claramente como toda a arte cortesã e aristocrática – que fazia apenas sobressair o palco, as ribaltas, a moldura – e constitui a expressão indiscutível de uma situação artificial e especialmente encomendada, de onde decorre que o patrono é um conhecedor iniciado que não necessita ser iludido.



Tutancamon e sua rainha.

Outras convenções

Além da frontalidade, a arte egípcia apresenta uma série de fórmulas estereotipadas, que, embora menos óbvias, exprimem igualmente o convencionalismo da maioria dos princípios estilísticos que dominam esta arte, especialmente no Império Médio. Entre eles, destaca-se a regra de que as pernas da figura devem ser desenhadas de perfil e que ambas devem ser apresentadas de dentro, isto é, como se fossem vistas do lado do dedo polegar; daqui resulta a regra de que a perna que se move e o braço estendido – provavelmente em primeiro lugar para evitar sobreposição – devem ser o mais afastados do observador. Vem finalmente a convenção de que é sempre o lado direito da figura representada que se volta para o observador.

Todas estas regras e convenções tradicionais eram observadas com o maior rigor pela classe sacerdotal, corte, aristocracia feudal e burocracia do período do Império Médio. Os senhores feudais eram pequenos reis que tentavam ultrapassar, em formalismo, o próprio faraó; e a alta burocracia, que se mantinha ainda separada da classe média, estava fortemente imbuída de espírito hierático e agia segundo normas conservadoras. As condições sociais não se alteraram até ao advento do Novo Império, que emergiu da balbúrdia da invasão dos hicsos. O Egito, isolado e autárquico, tornou-se não só um país florescente do ponto de vista material e cultural, mas adquiriu também uma visão mais ampla, lançando os fundamentos de uma cultura supranacional. A arte egípcia não se limitou a arrastar os países marginais do Mediterrâneo e de todo o Oriente Próximo para a sua esfera de influência; adotou também sugestões de todas as partes e descobriu que existia todo um mundo para lá das suas fronteiras e das suas convenções tradicionais.

(HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972. tomo 1, pp. 63-66.)

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – A figura a seguir representa um zigurate.



(AQUINO, Rubim; FRANCO, Denize e LOPES, Oscar. *História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. p.111.)

Estes monumentos

- serviam de palácio, templo e armazém.
- eram utilizados para enterrar os governantes mais importantes da região.
- seguem o modelo piramidal utilizado anteriormente pelos astecas.
- representavam a primeira forma de edificação utilizada pelo homem.

Resolução

Possuindo a forma piramidal, porém escalonada (ou de degraus), os zigurates serviam de palácio real, além de serem espaços religiosos (templo), tendo em vista o caráter divino do rei. Nesses locais, funcionava, ainda, um tipo de banco, pois neles ficavam armazenados os grãos a serem emprestados aos camponeses.

Resposta: A



Osiris, Ísis e Néftis.

2 (MODELO ENEM) – A pintura egípcia pode ser caracterizada como uma arte que

- definiu os valores passageiros e transitórios como forma de representação privilegiada.
- concebeu as imagens como modelo de conduta, utilizando-as em rituais profanos.
- adornou os palácios como forma de representação pública do poder político.
- valorizou a originalidade na criação artística como possibilidade de experimentação de novos estilos.
- elegeu os valores eternos, presentes nos monumentos funerários, como objeto de representação.

Resolução

A vida dos egípcios estava diretamente relacionada com a religiosidade. Inevitavelmente, essa característica apareceu em todas as formas de arte dos egípcios.

Resposta: E

Exercícios Propostos

1 As construções realizadas com tijolos crus, na região mesopotâmica, dificultaram o estudo das civilizações que ali floresceram. Por quê?

RESOLUÇÃO:

Em razão do desgaste do material utilizado, pouco resistente, associado ao longo tempo decorrido e, por se localizar numa região em que se apresenta muita conturbação, grande parte de seu legado cultural foi destruído.

2 Faça uma comparação entre os zigurates da Mesopotâmia e as pirâmides do Egito, em termos de utilidade artístico-religiosa.

RESOLUÇÃO:

No Egito, as pirâmides eram construções de caráter monumental e religioso, destinadas a servir de túmulo para os faraós, refletindo a grande preocupação com a vida após a morte. Na Mesopotâmia, os zigurates não possuíam base lisa e o topo era acessado por meio de platôs ou degraus; serviam como altares, templos, palácios, bancos e constituíam o centro das cidades.

3 Qual foi a principal manifestação artística da civilização assíria?

RESOLUÇÃO:

Os baixos-relevos que ornamentavam as paredes dos suntuosos palácios, geralmente retratando a guerra e a caça.

4 A realização de construções baseadas na utilização de tijolos de barro cru, cerâmicas, madeiras e fibras vegetais, na região da Mesopotâmia, implicou

- a) extrema facilidade para o estudo da região.
- b) completo desaparecimento de qualquer vestígio da civilização.
- c) grande quantidade de vestígios das sociedades que aí floresceram.
- d) notável área de pesquisa, visto sua arte ter-se conservado em perfeitas condições até os dias atuais.
- e) grande dificuldade para o estudo das diversas sociedades que aí floresceram, dado o escasso vestígio de materiais.

RESOLUÇÃO:

Esses materiais entraram em decomposição com o passar dos séculos.

Resposta: E

5 A característica mais importante da manifestação artística assíria é representada

- a) pelo seu caráter pacifista.
- b) pelo caráter belicoso, incentivado por sua grande expansão militar.
- c) por um caráter exclusivamente religioso.
- d) pela participação popular no poder.
- e) por um caráter exclusivamente científico.

RESOLUÇÃO:

A arte assíria exalta o militarismo e as práticas guerreiras desse povo.

Resposta: B

6 Com relação à arquitetura egípcia, pode-se afirmar que

- a) se limitou à construção de pirâmides.
- b) não existiu nenhuma manifestação dessa arte.
- c) se desenvolveu somente no Baixo Império.
- d) foi sempre secundária.
- e) envolveu a construção de pirâmides, esfinges e templos monumentais.

RESOLUÇÃO:

A arquitetura egípcia era marcada pela grandiosidade das construções.

Resposta: E

7 (PUC-PR – MODELO ENEM) – O Império Babilônico dominou diferentes povos como os sumérios, os acádios e os assírios. Para governar povos tão diferentes, o rei Hamurábi organizou o primeiro código de leis escritas, o Código de Hamurábi.

- “Se um homem acusou outro de assassinato mas não puder comprovar, então o acusador será morto.
- Se um homem ajudou a apagar o incêndio da casa de outro e aproveitou para pegar um objeto do dono da casa, este homem será lançado ao fogo.
- Se um homem cegou o olho de outro homem, o seu próprio será cegado. Mas se foi olho de um escravo, pagará metade do valor desse escravo.
- Se um escravo bateu na face de um homem livre, cortarão a sua orelha.
- Se um médico tratou com faca de metal a ferida grave de um homem e lhe causou a morte ou lhe inutilizou o olho, as suas mãos serão cortadas. Se a vítima for um escravo, o médico dará um escravo por escravo.
- Se uma mulher tomou aversão a seu marido e não quiser mais dormir com ele, seu caso será examinado em seu distrito. Se ela se guarda e não tem falta e o seu marido sai com outras mulheres e despreza sua esposa, ela tomará seu dote de volta e irá para a casa do seu pai.”

Assinale a alternativa correta:

- a) As leis aplicavam-se somente aos homens livres e que possuíssem propriedades.
- b) Estabeleceu o princípio que todos eram iguais perante a lei e por isso um escravo teria os mesmos direitos que um homem livre.
- c) O Código de Hamurábi representava os ideais democráticos do Império Babilônico.
- d) O Código tinha como princípio a “pena de talião” resumida na expressão “olho por olho, dente por dente”.
- e) O Código considerava a mulher propriedade do homem e sem direitos.

RESOLUÇÃO:

A Lei de Talião define o princípio da justiça e equidade. Atualmente, este princípio do Direito é expresso popularmente pela frase: “pagando na mesma moeda”.

Resposta: D



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M118**

Palavras-chave:

• Monoteísmo • Ourivesaria • Alfabeto fonético • Baixos-relevos • Pentateuco • Monumentalidade • Zoroastrismo • Dualismo

1. A arte fenícia e hebraica

A civilização fenícia era essencialmente comercial, situada em uma região propícia para as trocas entre Ocidente e Oriente. Apesar de suas características próprias, a arte fenícia tem como elemento fundamental a síntese entre as muitas tendências artísticas existentes na região. Estilizada, apoiada na ourivesaria e nos trabalhos em marfim e bronze, a arte fenícia não ficou presa a padrões rígidos de beleza. Porém, o grande legado cultural foi a invenção da escrita fonética, como necessidade de efetuar os registros de mercadorias, facilitando o intercâmbio comercial com outros povos.

Já os hebreus enfrentaram outro tipo de problema: a divisão em tribos, que dificultava a unidade política, e a religião rigorosamente monoteísta, que proibia a representação divina. Não é estranho, portanto, que a grande obra artística dessa civilização tenha sido a literatura. A Bíblia imortalizou o povo hebreu, transformando-se em seu grande legado cultural. Praticamente inexistiu a arte figurativa e, em termos arquitetônicos, a economia precária e as inúmeras invasões deixaram poucos vestígios, dos quais os mais importantes são as ruínas das muralhas de Jericó e a base do templo de Salomão.



Rolos de pergaminho nos quais estão escritos os primeiros cinco livros da Bíblia, cuja autoria é atribuída a Moisés.

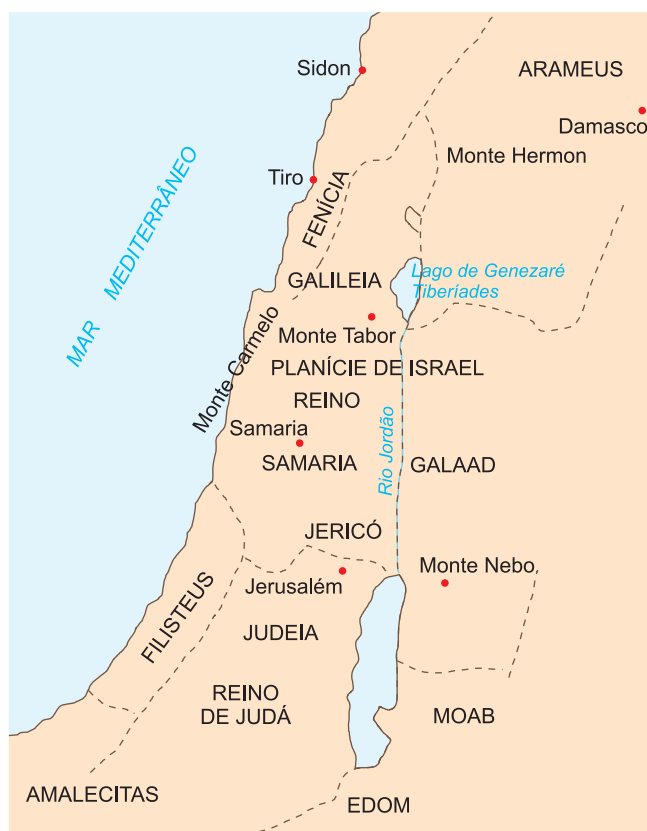
relição rigorosamente monoteísta, que proibia a representação divina. Não é estranho, portanto, que a grande obra artística dessa civilização tenha sido a literatura. A Bíblia imortalizou o povo hebreu, transformando-se em seu grande legado cultural. Praticamente inexistiu a arte figurativa e, em termos arquitetônicos, a economia precária e as inúmeras invasões deixaram poucos vestígios, dos quais os mais importantes são as ruínas das muralhas de Jericó e a base do templo de Salomão.

2. A arte persa

A cultura persa é caracterizada por um **sincretismo** dos povos conquistados. Os seus túmulos, palácios,

joias e trajes revelam o esplendor de um império, organizado de maneira militarista e autoritária, centrado no poder absoluto do rei e na vasta burocracia estatal.

Sobre as planícies arenosas mandaram abrir suas câmaras funerárias, imitando os túmulos dos faraós egípcios. Os reis persas, fascinados pelos grandes palácios, herança dos assírios, ergueram seus jardins e esculturas decoradas não apenas com baixos-relevos, mas também com tijolos pintados, garantindo um colorido magnífico que resiste ainda hoje. Não há dúvida de que os enormes conjuntos arquitetônicos de Pasárgada, Susa e Persépolis têm grandeza e revelam a impressionante sensação do poder imperial.



A antiga Palestina, considerada a Terra Prometida dos hebreus, com a localização de outros povos que habitaram a região; ao norte, as cidades fenícias de Tiro e Sidon.

Sincretismo: fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagonônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originais.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M119**



Persépolis

[...] Porque o culto de Ahuramazda se celebrava em altares de fogo, ao ar livre, os persas não tiveram arquitetura religiosa. Em compensação, os palácios eram edifícios enormes e impressionantes.

O mais ambicioso, em Persépolis, foi começado sob Dario I, em 518 a. C. O seu traçado geral – um imenso número de câmaras, salas e pátios reunidos sobre uma plataforma alteada – lembra as residências reais da Assíria, cujas tradições se mostram aqui dominantes. Contudo, não determinam o caráter do edifício, onde se combinam influências de todos os cantos do Império, de tal maneira que deram origem a um estilo novo, exclusivamente persa. Assim, as colunas são usadas em grande escala. A sala do trono de Dario, de cerca de 125m², tinha um teto de madeira sustentado por 36 colunas de 12 metros de altura, algumas ainda de pé.

Esta acumulação de colunas é uma reminiscência da arquitetura egípcia, visível também nos pormenores ornamentais das bases e dos capitéis, enquanto os esbeltos fustes canelados das colunas de Persépolis revelam a mão de artistas gregos jônicos a trabalhar na corte persa. Sem qualquer precedente é o estranho “berço” que coroa as colunas e onde se assentam as traves, composto das partes frontais de dois bovídeos, de origem assíria, mas combinados de uma forma que recorda as extremidades das varas ou bastões do Luristão. É o único caso de utilização de motivos artísticos de origem nômade pelos arquitetos persas.

A escadaria dupla de acesso à sala do trono está decorada com relevos de longas filas de personagens, em solene marcha. O caráter repetitivo e cerimonial das figuras acusa a submissão ao

conjunto arquitetônico, típica de toda a escultura persa. Encontramo-la até em cenas de importância especial, como na de Dario e Xerxes em Audiência: a energia expressiva e a perícia narrativa dos relevos assírios foram deliberadamente rejeitadas.

(JANSON, H. W. *História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes. p. 82.)



Leão alado com chifres de carneiro e patas traseiras de grifo, Susa.

Exercícios Resolvidos



1 (MODELO ENEM) – Ao observar a imagem acima, podemos notar

- que a maior expressão da arte persa foi
- a pintura de feitos históricos.
 - a confecção de objetos de cerâmica.
 - a construção de suntuosos palácios.
 - as necrópoles.

Resolução

As ruínas presentes na imagem fazem parte do palácio de Dario, localizado na cidade de Persépolis.

Resposta: C

2 (UFSC – MODELO ENEM – modificada) – Entre as civilizações da Antiguidade, que tiveram o Mar Mediterrâneo como cenário do seu desenvolvimento, destacaram-se os hebreus (judeus, israelitas), por terem sido o primeiro povo conhecido que afirmou sua fé em um único Deus. As bases da História, da Filosofia, da religião e das leis hebraicas estão contidas na *Bíblia*, cujos relatos, em parte confirmados por achados arqueológicos, permitem traçar a evolução histórica e cultural do povo hebreu e identificar suas influências sobre outras civilizações.

Assinale a(s) proposição(ões) correta(s) nas suas referências à cultura hebraica.

- Entre os princípios religiosos contidos na *Bíblia* está o politeísmo, isto é, a crença em muitos deuses.
- O vínculo visível das influências do judaísmo sobre o cristianismo está na pessoa de Cristo, considerado “O Messias” pelas duas religiões.
- Os hebreus destacaram-se em diferentes áreas do conhecimento humano e nos legaram os livros do Antigo Testamento, chamados de *Torá*.
- O cristianismo e o islamismo, religiões que têm hoje milhões de seguidores, receberam influências do judaísmo.
- O *Pentateuco*, o *Talmud* e o *Alcorão* representam o conjunto dos escritos que reúnem os preceitos do judaísmo.

Resolução

Tanto o cristianismo como o islamismo tiveram o seu monoteísmo derivado do judaísmo.

Resposta: D

1 Qual foi a principal manifestação da arte hebraica? Explique.

RESOLUÇÃO:

A literatura, destacando-se a Bíblia judaica (composta pelo Pentateuco, livros históricos, poéticos e proféticos), além dos comentários rabínicos, tais como o Talmude e o Midrash. A religião rigorosamente monoteísta proibia a representação divina e a confecção de imagens que pudessem se tornar objetos de adoração.

2 Qual foi a principal manifestação artística no Império Persa? Justifique.

RESOLUÇÃO:

A arquitetura, voltada para a construção de suntuosos palácios, luxuosamente decorados, com jardins internos.

3 Como se justifica a invenção do alfabeto fonético pelos fenícios?

RESOLUÇÃO:

O alfabeto fonético dos fenícios foi criado para facilitar o contato comercial com outros povos. Ao escrever o som ficava mais fácil aprender a língua para retomar o comércio posteriormente.

4 A arte fenícia possui como principal característica

- a) a construção de templos.
- b) a construção de pirâmides colossais, à semelhança dos egípcios.
- c) a escultura e o desenvolvimento da pintura na cerâmica.
- d) a escrita, visto terem sido os fenícios os criadores do alfabeto fonético.
- e) a síntese entre as várias tendências artísticas existentes na região, viabilizada pela dinâmica atividade mercantil.

RESOLUÇÃO:

A necessidade de comercializar com outros povos levou a uma produção artística diversificada.

Resposta: E

5 A principal manifestação artística da cultura hebraica foi caracterizada pela

- a) construção de palácios.
- b) construção de oráculos.
- c) disseminação da pintura.
- d) literatura.
- e) fartura de esculturas.

RESOLUÇÃO:

Como era proibida a representação plástica de Deus, o maior legado do povo hebreu foi o Velho Testamento, que se divide em: Pentateuco e textos históricos, poéticos e proféticos.

Resposta: D

6 A principal manifestação artística do Império Persa, estritamente vinculada ao padrão militarista, autoritário e centralizador do poder, é marcada pela

- a) construção de grandes palácios.
- b) construção de templos.
- c) consolidação da literatura.
- d) disseminação da escrita.
- e) estatuária.

RESOLUÇÃO:

A grandiosidade dos palácios deveria refletir o poder do rei.

Resposta: A

7 (UFPE – MODELO ENEM) – Entre os povos do Oriente Médio, os hebreus foram os que mais influenciaram a cultura da civilização ocidental, uma vez que o cristianismo é considerado como uma continuação das tradições religiosas hebraicas.

A partir do texto anterior, assinale a alternativa **incorreta**:

- a) Originários da Arábia, os hebreus constituíram dois reinos: o de Judá e o de Israel na Palestina.
- b) As guerras geraram a unidade política dos hebreus. Esta unidade se firmou primeiro em torno de juízes e, depois, em volta dos reis.
- c) Os profetas surgiram na Palestina por volta dos séculos VIII e VII a. C., quando o povo começou a afastar-se das tradições.
- d) A religião hebraica passou por diversas fases, evoluindo do politeísmo ao monoteísmo implantado por Moisés.
- e) Os hebreus se organizaram social e economicamente com base na propriedade da terra, o que deu início à Diáspora.

RESOLUÇÃO:

A Diáspora Judaica teve seu início no ano 70 d. C., quando o general romano Tito destruiu Jerusalém e expulsou os judeus de Israel espalhando-os pelo mundo.

Obs. Alguns autores chamam essa diáspora de segunda diáspora. Para os teólogos ela é a primeira.

Resposta: E

- Cnossos • Afrescos • Abstratas
- Antropocentrismo • Racionalismo
- Humanismo • Século de Péricles

1. Introdução

Nosso conhecimento sobre a história de Creta e Micenas deve-se, sobretudo, às descobertas de dois arqueólogos: Heinrich Schliemann, que encontrou os vestígios de Troia, em 1870, e as ruínas das cidades de Micenas e Tirinto, em 1876; Sir Arthur Evans, que descobriu o palácio de Cnossos, a resplandecente capital dos reis de Creta.

A cultura nesses dois períodos é designada genericamente de cultura egeia e pode ser considerada o berço da civilização europeia.

2. A arte cretense

A construção do palácio de Cnossos, do qual ainda existem ruínas, data do período de 1700 a 1500 a. C. Trata-se de um palácio composto de várias salas e com uma arquitetura mais sofisticada.



Sala do trono do palácio real de Cnossos, com afrescos reproduzindo animais mitológicos.

A técnica utilizada na pintura em Creta mostra uma influência egípcia, decorrente das relações comerciais. As convenções estilísticas têm certa similitude: olhos de frente em uma cabeça de perfil, ancas ainda mais estreitas e ombros ainda mais largos; porém, a alternância perfil-frente não é tão generalizada. Figuras desenhadas com duros traços esquemáticos e coloridas aparecem de perfil, ou com uma combinação desajeitada de cabeça em perfil, corpo de frente e pernas de perfil. As cores possuem convenções simples: o homem é vermelho e a mulher é branca.

As pinturas reproduzem cenas da vida na corte, da vida cotidiana, de procissões, rituais, acrobacias, flores exóticas e animais fantásticos.



As Damas do palácio de Cnossos, afresco que representa as figuras convencionalmente de perfil.

3. A arte micênica

O período da arte micênica inicia-se por volta de 1400 a. C., época em que se acredita ter sido destruído o palácio de Cnossos, chegando ao fim por volta de 1100 a. C., quando da invasão **dórica** na Grécia.



Os principais centros da cultura creto-micênica.

A maior contribuição da civilização micênica foram os projetos arquitetônicos, destacando-se os palácios e os túmulos. Os palácios eram ricamente decorados com **afrescos**, influência da arte cretense, representando cenas do cotidiano, bem como da guerra.

Dórico: relativo aos dórios, povos provenientes da região danubiana, que se instalaram na Grécia, na região do Peloponeso, fundando a cidade de Esparta.

Afresco: técnica de pintura aplicada em paredes e tetos, que consiste em pintar sobre camada de revestimento recente, fresco, de nata da cal, gesso ou outro material apropriado ainda úmido, de modo que possibilita o embebedimento da tinta.

O artesanato em cerâmica desenvolveu-se até a utilização de temas decorativos, com base naturalista, e outros de formas **abstratas** e geométricas. Para muitos estudiosos, é o prenúncio da arte grega posterior.



O mundo grego, onde floresceu a mais brilhante cultura da Antiguidade Clássica e suas regiões vizinhas (Macedônia, Trácia e Frígia).

4. Características da arte grega

A Grécia Antiga alcançou um notável desenvolvimento artístico e cultural. A arte grega é uma arte **antropocêntrica**, exprimindo valores de equilíbrio, harmonia, ordem, proporção e medida e buscando exaltar a beleza e o calor da vida humana, não o mundo além-túmulo.

Nessa arte, é condenado o mistério. Os artistas gregos não estavam sujeitos às limitações impostas pelos sacerdotes e reis, como na maioria das civilizações orientais, e tiraram suas ideias da filosofia **racionalista** e **humanista** dominante.

A arte grega não estava voltada somente para a **estética**, pois tinha como meta prioritária o orgulho do povo por sua cidade. Desta forma, a arte era também uma expressão da vida política dos cidadãos.

A busca do equilíbrio, a forma de pensar e filosofar e a valorização do humanismo foram, de certa forma, a fonte de toda a cultura ocidental.

O período mais brilhante da civilização **helênica** corresponde ao século V a. C., em Atenas, o chamado *Século de Péricles*, o período clássico da cultura grega.

Abstrata: que expressa uma qualidade ou característica separada do objeto a que pertence ou a que está ligada; diz-se da manifestação artística de conteúdo e forma alheios a qualquer representação figurativa, que é característica de diferentes épocas, culturas ou correntes estéticas, e transcendentem às aparências exteriores da realidade.

Antropocêntrica: que considera o homem como o centro ou a medida do Universo, sendo-lhe por isso destinadas todas as coisas.



Santuário de Delfos.

Por que “clássico”? Afinal, esse é um valor que alguém conferiu ao período. Sem nos preocuparmos com as questões técnicas, que muito ajudaram o desenvolvimento da arte grega em seus primeiros passos, podemos dizer que o período clássico é quase sempre associado a dois termos: racionalidade e ideal.

Assim, uma obra do período clássico grego dificilmente mostrará rostos e corpos com defeito, distorcidos ou pouco proporcionais. Ao contrário, a preocupação era atingir a perfeição e o equilíbrio, ou seja, é uma arte idealista.

Arquitetura

Dos edifícios da arquitetura grega, os templos foram os mais importantes. Apesar de toda a sua excelência artística, são uma das formas estruturais mais simples, não concebidos para receber multidões. Os cultos eram realizados na parte externa, muito mais importante do que o interior, cujo acesso era exclusivo aos sacerdotes e onde era colocada a estátua do deus protetor da cidade.



Parthenon, o mais célebre dos templos gregos, arquitetado por Ictino e decorado por Fídias.

Racionalista: referente ao racionalismo – método de observar as coisas baseado exclusivamente na razão, considerada como única autoridade quanto à maneira de pensar e/ou de agir.

Humanista: partidário do humanismo – doutrina ou atitude que se situa expressamente numa perspectiva antropocêntrica.

Estética: beleza física ou plástica; na Filosofia, o estudo racional do belo.

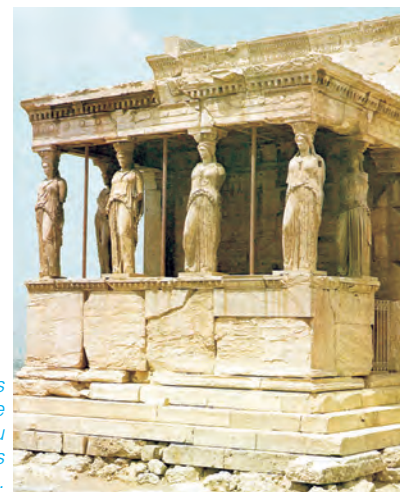
Helênica: relativo ou pertencente à Hélade (Grécia Antiga); nome dado à cultura grega.



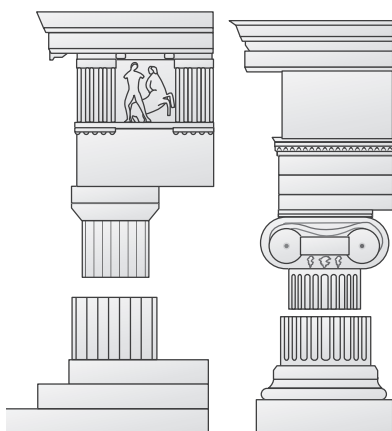
A Acrópole de Atenas, que reunia várias edificações, destacando-se o Parthenon.



Templo de Atena Niké.



O Pórtico das Cariátides do Erectheion, onde o arquiteto substituiu as colunas por seis figuras femininas.



A ordem dórica e a jônica, principais estilos da arquitetura grega.

Os templos eram construídos sobre uma plataforma de dois ou três degraus, denominada *estereóbato*, que junto às colunas forma a parte sustentadora, determinando a ordem arquitetônica. Apesar da ordem *dórica* ser a mais popular, fazendo uso de uma coluna mais pesada e fortemente estriada, destaca-se também a ordem *jônica*, que

possui colunas mais delgadas, com ligeiro estriado. No século V a. C., surgiu o estilo coríntio, mais ornamentado, na procura de enriquecer a ordem jônica.

O ápice da arquitetura grega deu-se após as Guerras Médicas, quando Péricles convocou o escultor Fídias para a reconstrução de Atenas, destruída pelos persas. Um dos mais belos monumentos construídos foi a *Acrópole*, destacando-se o *Parthenon*; o *Erechtheion*, dedicado a Erecteus, rei mítico de Atenas, que possuía o pórtico das *Cariátides*, com o teto sustentado por seis estátuas de jovens, em vez de colunas; o *Templo de Atena Niké*, deusa alada da vitória, que representava a guerra dos gregos contra os persas.

Escultura

No final do século VII a. C., apesar da influência das civilizações orientais, a escultura grega começou a manifestar suas próprias características, utilizando-se dos depósitos locais de pedra e mármore. Partindo de uma atitude puramente não representativa, desenvolveram-se formas geométricas para representação de homens e animais, possuindo qualidades de grandeza e proporção que marcaram a escultura grega nos períodos posteriores.

Os escultores gregos do século VI a. C., livres das influências externas e profundamente interessados na representação anatômica, aproximaram-se mais da realidade, observando as leis de proporção e **simetria** e rompendo definitivamente com as influências externas.

Simetria: harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares; na Matemática, propriedade de uma função que não se altera numa determinada transformação de suas variáveis.



Koré, a estátua feminina de Atenas.

Na escultura figurativa, os esquemas ideais do homem (*kouros*) nu e da figura feminina vestida (*koré*) predominaram até o início do século V a. C. As poses das figuras utilizadas para decoração de prédios alcançaram tamanha liberdade de expressão que pareciam romper com as antigas convenções, atingindo uma concepção totalmente livre. Nesse momento, para imprimir maior expressão aos movimentos, o artista grego empregou a técnica do molde oco nas estátuas de bronze.

O ápice da escultura grega foi alcançado durante o *Século de Péricles*. Os grandes nomes da época são Fídias, amigo de Péricles e diretor de todos os seus projetos de construção, criador das imagens de Zeus em Olímpia e Atena no Parthenon de Atenas; Praxíteles, que se notabilizou pelos retratos de divindades humanizadas, como a estátua de *Hermes*, talvez o mais belo produto da arte grega; Miron, famoso por retratar os tipos atléticos de Atenas, destacando-se a figura do *Discóbulo*, que representa um atleta no instante em que se prepara para lançar o disco em uma competição. A característica marcante dessa escultura deve-se à engenhosidade de Miron: o movimento do *Discóbulo* deveria ser bastante instável e “desequilibrado”, mas, engenhosamente, o autor usou artifícios para evitar o problema.

Pintura e cerâmica

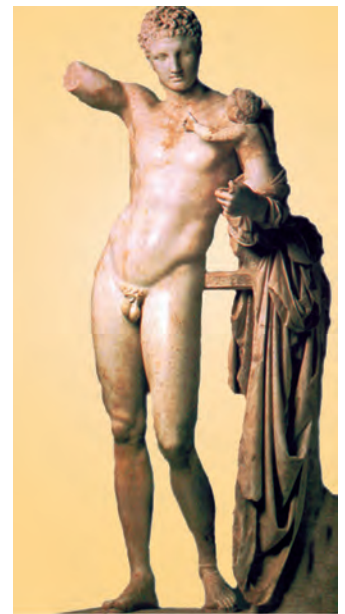
A pintura era muito utilizada em cerâmica, com uma forte decoração linear ou de figuras geometrizadas, notando-se a ausência de paisagens. Seus temas eram os feitos dos deuses e semideuses e amores olímpicos. Encontram-se também cenas de jogos atléticos, de funerais e de carros de corrida, que se distinguem pela liberdade de inspiração, pelos detalhes anatômicos e pela combinação, de forma engenhosa, das quatro cores clássicas: azul, amarelo, branco e vermelho.

Entre os maiores representantes da pintura grega, destacam-se Zeuxis e Apeles.

A indústria de cerâmica, que teve seus principais centros em Atenas e Corinto, funcionou sob a pressão das exigências dos mercados internos e externos, comportando uma grande variedade de objetos, utilizados como recipientes de vinho, azeite, mel e perfumes. As proporções dos vasos eram calculadas com o mesmo requinte que as do Parthenon, não sendo sua qualidade artística a técnica, mas sim a forma, o perfil puro e elegante dado a um material maleável.



Cópia romana do Discóbulo de Miron.



Estátua de Hermes.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M120**



As pesquisas arqueológicas e a arte na Grécia

Arqueólogos localizam o muro da antiga Troia

A descoberta do que parece ser parte de um muro queimado perto da antiga cidade de Troia pode ser a primeira evidên-

cia importante de que a guerra de Troia era mais do que uma lenda. Uma equipe internacional chefiada pelo arqueólogo alemão Manfred Korfmann, da Universidade de Tubingen, localizou o muro perto de onde

estão as ruínas do que se supõe seja a cidade – ou as cidades – de Troia, cada uma construída sobre os restos da outra.

Segundo o arqueólogo alemão, essa muralha poderia ser parte das fortifica-

ções avançadas que protegiam Troia. A revista inglesa *New Scientist* explica que a equipe que estuda há três anos (1990) o local não viu diretamente a muralha. Manfred Korfmann usou um magnetômetro, instrumento que detecta desvios no campo magnético terrestre provocados pela presença de achados enterrados, para localizar a construção. As escavações serão iniciadas em meados do ano (1993).

Outro arqueólogo da equipe, o inglês Donald Easton, disse que há evidências de que o muro foi queimado, o que apoia a *Ilíada*, poema épico de Homero escrito por volta do século IX a. C. O poema diz que, depois de dez anos de luta, em que a sorte ora pendia para um lado, ora para o outro, soldados gregos entraram em Troia dentro de um grande cavalo de madeira e abriram as portas da cidadela para o exército invasor. Nunca se encontrou qualquer prova da existência desse cavalo e a própria guerra foi posta em dúvida.

Korfmann fez muitas observações numa área grande ao redor de Troia, na entrada do Estreito de Dardanelos, atual Turquia. Traduzidas em imagens de computador, mostram a existência no local de uma muralha de 120 metros de largura e entre 3 e 4 metros de altura. Se as escavações confirmarem as imagens, a muralha deve pertencer a um assentamento do final da Idade de Bronze, entre 1700 a. C. e 700 a. C. A guerra, se de fato ocorreu, deve ter acontecido por essa época, mais ou menos no século XIII a. C.

Os arqueólogos têm provas de que a região estava habitada por volta de 3000 a. C. até o ano 400 da nossa era. Ao longo de quase 4 mil anos, pelo menos nove cidades foram construídas sobre uma colina que controlava todo o comércio pelo Estreito de Dardanelos entre a Europa e a Ásia. Como foi possível fazer de uma montanha a base de várias cidades? Os especialistas explicam que Troia I estava sobre a base e ali se levantaram casas de pedra, terra e adobe, pouco resistentes e sujeitas a incêndios que rapidamente as destruíram.

Depois de um terremoto ou um incêndio, tirou-se o que era aproveitável das ruínas, aplainou-se o que restava e construíram-se outras casas em cima. Acredita-se que Troia VI tenha sido a cidade descrita por Homero. Outras se sucederam, mas é provável que tenha havido várias

guerras de Troia. Afinal, os gregos, ricos comerciantes, dominavam o Mar Egeu e Creta. Mas, para chegar ao Mar Negro, tinham que atravessar o Dardanelos e o Mar de Mármara, domínios de Troia.

Essa possibilidade menos romântica e mais interessada explicaria melhor a guerra do que o pretexto invocado por Homero do rapto de Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta, por Páris, filho do rei de Troia. Os dez anos de guerra e de muitos heróis tiveram um fim graças à inventividade de Ulisses que criou o estratagema do cavalo. O cavalo que abriu os portões da fortaleza sitiada deu origem ao famoso "presente de grego".

(*O Estado de S. Paulo*,
30 de janeiro de 1993, p. 12.)

O Palácio de Cnossos

[...] Fragmentos de pintura encontrados nas escavações foram empregados para reconstituir a decoração das paredes; o resultado é que hoje o palácio parece uma ruína antiga e moderna ao mesmo tempo. Hoje, uma visita a Cnossos é uma experiência inesquecível e que deixa-nos perplexos. Atravessamos corredores e aposento após aposento sem recordar um ponto de parada; por toda parte vemos provas de uma vida confortável e até luxuosa, restos de uma vida palaciana e religiosa ainda hoje mal compreendida. As grandes salas dos apartamentos oficiais a oeste do pátio desapareceram quase todas, menos parte do andar térreo reconstruído por Evans; somente no lado leste, onde se presume estivessem situados os apartamentos particulares do palácio, é que as galerias de pilares, as escadarias colunárias e as claraboias foram inteiramente reconstruídas. Ainda estamos longe do mundo grego; ocasionalmente, o estudioso da arquitetura clássica sente-se familiarizado com as colunas de madeira reconstruídas, pois seus elementos de coroamento parecem ter algo em comum com o estilo dórico clássico. As pinturas murais que decoram os aposentos do palácio constituem nosso melhor ponto de contato com o povo que ali viveu. A visão do chamado Salão do Trono mostra uma das tentativas de reconstruir um esquema decorativo completo a partir de fragmentos sobreviventes; tentativas semelhantes foram feitas

por Evans em outras partes do palácio. Essas pinturas permitem uma visão da vida da corte, dos jogos e rituais do povo, embora nos tenham chegado num estado lamentavelmente fragmentário.

(STRONG, Donald E. *O Mundo da Arte – Antiguidade Clássica*. Expressão e Cultura. pp. 12-13. Adaptado)



Pintura em cerâmica na qual se representa o mito de Teseu e do Minotauro.

A Revolução na Arte Grega

Costuma-se falar na revolução que se processou na arte grega nos primeiros anos do século V a. C., mas não é fácil compreender seu caráter e sua importância. Já tivemos ocasião de observar como o *kouros* arcaico se aproxima gradativamente da natureza e como os escultores, sobretudo os que trabalham em relevos e na decoração de edifícios, já conseguem representar com precisão e vigor poses de ação complicadas. Pode parecer que esta evolução progressiva leve inevitavelmente ao completo abandono das fórmulas arcaicas. Mas há um passo vital a ser dado, e ao que sabemos isso só se deu no início do século V a. C., quando os escultores, com seu profundo conhecimento do corpo humano, sentiram-se livres para abandonar completamente os tipos de estátuas tradicionais, quase mágicas, de figuras masculinas e femininas de pé, que há tanto tempo eram usadas para representar deuses e humanos.

Não é fácil situar com precisão esta evolução revolucionária. Há indícios de mudança no conhecido Apolo de Piombino, em bronze, no Louvre, de cerca de 490 a. C. Mas o ligeiro relaxamento da pose frontal não é integralmente expresso pelas formas do corpo. A ruptura completa foi realizada pelo escultor do chamado Jovem de Critios, estátua encontrada entre os escombros persas na Acrópole, que deve ter sido feita pouco antes de 480 a. C. Esta figura, "o primeiro belo nu

na arte”, nas palavras de Sir Kenneth Clark, pertence a um mundo diferente do mundo do *kouros*. Já não se apresenta tão quadrangular e frontal, com o peso do corpo distribuído de forma desigual sobre as pernas rígidas; em lugar disso, o peso é apoiado na perna esquerda enquanto a direita é recuada e dobrada no joelho. Há movimento no corpo, com um quadril aci-

ma do outro e a cabeça virada suavemente para a direita. O rosto também é diferente, não só quanto à estrutura mas quanto à expressão. O rosto arcaico, alerta ou sorridente, é substituído por uma fisionomia séria e pensativa que associamos com os artistas do século V. O Jovem de Crítios parece dar novos rumos à escultura grega, que parte em busca de um

ideal de beleza humana e divina, baseada na natureza mas disciplinada pela perfeição da simetria, proporções e equilíbrio. O grande escultor argivo Policleto dedicou a maior parte de sua vida e obra, na segunda metade do século V a. C., a esse ideal.

(STRONG, Donald E. *O Mundo da Arte – Antiguidade Clássica*. Expressão e Cultura. p. 61.)

Exercícios Resolvidos

1 (UFPE – MODELO ENEM) – As artes foram um ponto de destaque na Grécia, sobretudo a Arquitetura, em Atenas, em que se destacaram estilos arquitetônicos gregos, representados pelas figuras a seguir:



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

Em qual das alternativas estão indicados os três estilos?

- O dório, o jônio e o coríntio.
- O sofista, o platônico e o socrático.
- O alexandrino, o maneirista e o barroco.

d) O dório, o gótico e o alexandrino.

e) O helênico, o romântico e o helenístico.

Resolução

O estilo *dórico* era o mais popular, fazendo uso de uma coluna mais pesada e fortemente estriada; o *jônico* era mais delgado, com ligeiro estriado e o *coríntio* apresentava maior ornamentação.

Resposta: A

(MODELO ENEM) – Leia o fragmento a seguir para responder à questão **2**.

“A civilização da Grécia, em especial na sua forma ateniense, fundava-se em ideais de liberdade, otimismo, secularismo, racionalismo, glorificação tanto do corpo como do espírito e de grande respeito pela dignidade e mérito do

indivíduo. A religião era terrena e prática, servindo aos interesses dos homens. A religião era um meio de enobrecimento do homem.”

(Texto adaptado de BURNS, Edward McNall. *História da Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Globo, 1986. v.1. p.123.)

- 2** O fragmento trata, principalmente, do(a)
- hegemonia cultural da Grécia na cultura antiga.
 - politeísmo na religião grega.
 - antropocentrismo na cultura grega.
 - influência dos gregos sobre o Ocidente.

Resolução

O texto tem como ideia principal a glorificação do homem, apresentando suas características mais relevantes, além da influência deste na própria concepção religiosa.

Resposta: C

Exercícios Propostos

1 Como se explica a influência da arte egípcia na pintura cretense?

RESOLUÇÃO:

A lei da frontalidade exerceu forte influência na pintura cretense, porém seus padrões eram menos rígidos do que os egípcios.

2 Por que a época de Péricles é considerada o “Século de Ouro” da Grécia Antiga?

RESOLUÇÃO:

Porque, durante o governo de Péricles, houve um grande estímulo à produção artística, quando se desenvolveram várias formas de arte. Por este motivo, Atenas se transformou em um centro de referência da cultura grega.

- 3 As escavações arqueológicas de Heinrich Schliemann, entre 1870 e 1880, revelaram
- os restos de Atenas e Esparta, no período arcaico.
 - as ruínas de Ílion, retratada por Homero em sua obra *Iliada*.
 - as ruínas de uma civilização pré-helênica, a egeia, considerada como protogrega.
 - a inexistência de uma relação entre a civilização creto-micênica e a grega no Período Homérico.
 - as ruínas de Cnossos, palácio e centro da cultura egeia.

RESOLUÇÃO:

Ele encontrou as ruínas das cidades de Micenas e Tirinto.

Resposta: C

- 4 Com relação às características gerais da arte grega, assinale a alternativa **errada**:
- Era uma arte essencialmente religiosa.
 - Buscava o ideal de equilíbrio e harmonia.
 - A produção artística tinha um caráter coletivo.
 - Evoluiu lentamente, atingindo seu apogeu no período clássico.
 - Valorizava o antropocentrismo, considerando o homem como centro de todas as medidas.

RESOLUÇÃO:

A arte grega é essencialmente antropocêntrica.

Resposta: A

Responda as questões 5 e 6, de acordo com o código abaixo.

- Se apenas I e II estiverem corretas.
- Se apenas I e III estiverem corretas.
- Se apenas II e III estiverem corretas.
- Se todas estiverem corretas.
- Se todas estiverem erradas.

- 5 I. A arte grega está ligada à pólis, à sua religião, às condições de sua vida coletiva e à sua concepção do homem; a relação é de tal modo estreita que a arte perde sua grandeza generalizadora quando a pólis, tendo ultrapassado seu apogeu, entra em fase de declínio.

II. A arquitetura grega preocupou-se demasiado com a residência dos homens.

III. A arquitetura grega focalizou as moradas dos deuses, ou seja, os templos.

RESOLUÇÃO:

Os templos foram as maiores expressões da arquitetura grega.

Resposta: B

- 6 Sobre a arquitetura e escultura na Grécia Antiga,
- Fídias foi o maior escultor da época, protegido de Péricles, responsável pela construção do Parthenon e pelas esculturas de Zeus e Palas Atena.

II. a arquitetura grega utilizou três estilos de colunas: a coríntia, mais usada no período clássico, a dórica e a jônica, predominantes no período arcaico.

III. Praxíteles, um dos mais importantes escultores gregos, foi o criador da estátua de Hermes com Dionísio menino.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

7 (MODELO ENEM) – Considerando a arte egípcia e grega, na Antiguidade, especialmente a escultura, podemos afirmar corretamente:

- O Mediterrâneo, situado entre a Europa e a Ásia, impediu qualquer influência artística entre essas sociedades.
- A escultura egípcia configurava uma visão idealizada do homem.
- Os egípcios, assim como os gregos, rejeitaram associar a arte às concepções religiosas e ao poder.
- Os egípcios foram professores dos gregos na arte da escultura, fornecendo-lhes a inspiração e, mais importante, a técnica.

RESOLUÇÃO:

O Egito é apontado como a influência mais importante para a Grécia europeia. Registros informam que escultores de Samos aprenderam seu ofício em oficinas egípcias. O estilo hierático, impessoal e frontal dos egípcios tem similitude com as primeiras estátuas de grande porte produzidas na Grécia.

Resposta: D

Módulo

5

Filosofia, teatro, poesia e história na Grécia

Palavras-chave:

- Sofistas • Sócráticos • Tragédia
- Comédia • Fusão de culturas

1. O teatro grego

O teatro, criação dos gregos, era ao ar livre. Os atores usavam máscaras e os papéis femininos eram desempenhados por homens. Em Atenas, onde havia concursos de tragédia no teatro de Dionísio, surgiram grandes poetas trágicos. Ésquilo (525 a 456 a. C.) exaltou a glória

de Atenas e o poder dos deuses justiceiros em *Os Persas*, *Os Sete contra Tebas* e *Orestíada*; Sófocles (496 a 405 a. C.) mostrou os heróis às voltas com o destino em *Antígona* e *Édipo-Rei*; Eurípedes (485 a 406 a. C.), espírito crítico, menos religioso que os anteriores, interessou-se mais pelos homens, suas paixões, grandezas e misérias em *Alceste* e *Medeia*.



Teatro do Santuário de Delfos.

Os autores cômicos foram bem recebidos em Atenas. O favorito no século V a. C. era Aristófanes. Amigo da vida tradicional, atacava com vigor os partidários da guerra em *A Paz*, os excessos dos juízes populares em *As Vespas* e os inovadores excessivos em *Os Novos*.

2. Outros gêneros

A poesia teve em Píndaro o grande representante (518 a 448 a. C.), que foi o celebrador dos grandes vencedores dos jogos gregos. Heródoto de Halicarnasso foi o prosador das *Guerras Médicas*, fazendo uma análise equilibrada e buscando as causas da guerra e seus afins. O ateniense Tucídides contou a Guerra do Peloponeso com objetividade, apesar de seu amor por Atenas.

A filosofia grega começou na Ásia (Jônia) com Tales de Mileto e, no sul da Itália, com Pitágoras. No século V a. C., a ascensão do homem médio nas cidades gregas trouxe uma nova preocupação: solucionar os problemas práticos mais intimamente relacionados ao próprio homem. Essa nova corrente deu origem aos **sofistas**, que procuraram dar ênfase aos argumentos, mesmo que seus resultados fossem falsos.

Sócrates, considerado um dos maiores filósofos gregos, continuou fiel aos antigos métodos filosóficos, buscando sobretudo um método de reflexão. Criticou duramente os sofistas, sendo condenado à morte, acusado de corromper a juventude e introduzir novos deuses. Seu grande discípulo foi Platão, que deixou muitos escritos, destacando-se suas obras políticas, como *A República*, em que considera como essenciais a sabedoria, a bravura e a justiça. Aristóteles, com base nas ideias de Sócrates e Platão, sistematizou os princípios da **lógica**.

Sofistas: pensadores gregos contemporâneos de Sócrates, que procuravam servir-se dos mais variados argumentos para atingir fins imediatos, mesmo comerciais. Um exemplo de sofisma: "Já deixaste de bater no seu pai?" Se responde sim, prova que batia; se responde não, prova que vai continuar batendo.

Lógica: na tradição clássica, conjunto de estudos que visam determinar os processos intelectuais que são condição geral do conhecimento verdadeiro; maneira de raciocinar particular a um indivíduo ou a um grupo.

Helenístico: diz-se da cultura que sobreveio à fusão de elementos da cultura ocidental (grega) e oriental (egípcio-persa), resultante das conquistas de Alexandre Magno.

3. O período helenístico

Com as conquistas de Alexandre Magno, houve grandes transformações no mundo grego. As influências não ocorreram apenas de Ocidente para Oriente, mas também de Leste para Oeste. A arquitetura, pintura e escultura gregas nada ganharam, uma vez que os artistas **helenísticos** desprezaram a noção de equilíbrio e harmonia, traços marcos da arte helênica, preocupando-se em dominar um realismo exagerado e sensacionalista.

Na arquitetura, a suavidade dos templos gregos cedeu lugar à construção de suntuosos palácios e casas espaçosas e confortáveis, bem como edifícios burocráticos que simbolizavam a riqueza e o poder, refletindo o sentimento individualista do período. Um exemplo desse exagero é o **farol de Alexandria**, com 120 metros de altura, tendo no topo oito colunas para sustentar a luz.

As cidades eram dispostas segundo desenho regular e de acordo com os métodos de planejamento urbano desenvolvidos no século V a. C.

Os escultores da época helenística julgavam-se na obrigação de exprimir a ação e o movimento, forçando dessa forma a atenção do espectador, em um caráter quase teatral, extravagante, sentimental e algumas vezes até grotesco. Uma obra-prima que traduz esse sentimento é o *Gaulês Moribundo*, representado por um guerreiro que, para não se fazer prisioneiro, matou primeiro a mulher e suicidou-se em seguida. Outras obras que merecem destaque são: a *Vitória de Samotrácia* e a *Vênus de Milo*.



Gaulês Moribundo

A pintura conheceu, durante a fase helenística, um período de grande prosperidade. Os pintores dessa época deram preferência a temas trágicos e emocionantes; descreveram uma tensão que chegou à morbidez. Seu maior nome foi Apeles.



Vitória alada de Samotrácia.



Vênus de Milo.



Diana caçadora.



Apolo, cópia romana em mármore. A escultura helênica contrasta com o estilo helenístico principalmente pela harmonia e suavidade das linhas.



As sete maravilhas do Mundo Antigo

As grandes realizações artísticas feitas na Antiguidade foram conhecidas como **Sete Maravilhas do Mundo Antigo**, consideradas realizações insuperáveis, não só pelo seu custo, mas também pelo tempo que levaram a fazer. **A primeira maravilha** era constituída pelas muralhas da Babilônia, onde se incluía a célebre torre de que fala a Bíblia e os belos jardins suspensos. **A segunda maravilha** era o farol, na Ilha de Faraos, junto de Alexandria. Tinha forma de pirâmide e era tão alto, que, olhando de cima, não se distinguia, segundo diziam, o cavaleiro do cavalo. (...) **A terceira maravilha** era a estátua sentada de Júpiter, esculpida por Fídias. Criticaram o escultor por ter feito uma estátua tamanha, que, se erguesse, furaria o teto do templo, ao que Fídias respondera que não haveria este perigo porque jamais seria capaz de levantar os pés. (...) **A quarta maravilha** era o Colosso de Rodes, estátua de metal colocada à entrada do porto. Era tão alto, que por debaixo dele passava um navio. Os dedos das mãos eram tão grandes, que um homem mal conseguia abraçar um deles. A lanterna estava na mão direita. **A quinta maravilha** foi o enorme templo de Diana, na cidade de Éfeso, erguido sobre um lago, por causa dos terremotos. (...) Contava 128 colunas de mármore e, além de numerosas estátuas, uma grandiosíssima de Diana. **A sexta maravilha** era o mausoléu de Ártemis, Cária, na Ásia. O encanto do mausoléu consistia na grandiosidade e monumentalidade de sua arquitetura. **A sétima maravilha** eram as pirâmides do Egito, que, segundo um escritor do século XVI, admiravam-se por se verem pedras tão altas, de uma só peça, que os homens emudeciam, pensando como as teriam tirado das montanhas e, sendo tão duras, como as teriam trabalhado, reduzido e lavrado figuras; finalmente, como as teriam transportado e posto ao alto da construção.

(RODRIGUES, Adriano Vasco.

História Geral da Civilização. Porto: Porto Editora, 1974. p. 261.)



Baixo-relevo coríntio no qual é representada a cena da fábula "A Raposa e as Uvas", de Esopo.

Exercícios Resolvidos

1 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – “... andava pelas ruas e praças de Atenas, pelo mercado e pela assembleia indagando a cada um: ‘Você sabe o que é isso que está dizendo?’, ‘Você sabe o que é isso em que você acredita?’, ..., ‘Você diz que a coragem é importante, mas o que é a coragem?’, ‘Você acredita que a justiça é importante, mas o que é a justiça?’,..., ‘Você crê que seus amigos são a melhor coisa que você tem, mas o que é a amizade?’.

Suas perguntas deixavam seus interlocutores embaraçados,... descobriam surpresos que não sabiam responder e que nunca tinham pensado em suas crenças e valores ...

... as pessoas esperavam que ele respondesse, mas para desconcerto geral, dizia: ‘Não sei, por isso estou perguntando.’ Daí a famosa frase: ‘Sei que nada sei.’”

(Marilena Chauí)

O texto relaciona-se com

- a) a criação dos princípios da Lógica, por Aristóteles, de maneira a formar uma ciência analítica: a Metafísica.
- b) as tragédias de Sófocles, que tinham como tema dominante o conflito entre o indivíduo e a sociedade.
- c) a obstinação do historiador Tucídides em descobrir as causas políticas que determinaram os acontecimentos históricos.

d) as preocupações de Eurípedes com os problemas do homem, suas paixões, grandezas e misérias.

e) a filosofia de Sócrates, voltada para as questões humanas, preocupada com as virtudes morais e políticas.

Resolução

Embora não exista uma prova concreta da sua existência, Sócrates é considerado o “Pai da Filosofia” por criar um método que levava o homem a adquirir conhecimento através da lógica – o método socrático. As informações a respeito de Sócrates estão relatadas nos livros do seu mais brilhante discípulo – Platão.

Resposta: E

2 (MODELO ENEM) – No ano de 415 a. C., Alcibiades, um general de Atenas, assim defendeu suas qualificações para comandar uma esquadra contra os espartanos:

“Mais que a qualquer outro, atenienses, cabe-me receber o comando (...) Os helenos, que consideravam a nossa cidade esgotada pela guerra, passaram a fazer uma ideia de sua grandeza muito além de seu poder, diante do meu desempenho nos Jogos Olímpicos, pois entraram na pista hípica sete carros meus (...) e ganhei o primeiro, o segundo e o quarto prêmios, além de ter-me apresentado em tudo

mais num estilo digno de minhas vitórias. De acordo com as tradições, isto é uma honra, e pelos feitos se deduz o poder.”

(Texto adaptado de Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*
6.16. 1-2, Brasília: UnB, 1982. p.296.)

Sobre a origem desses jogos é correto afirmar: (01) Os Jogos Olímpicos faziam parte de festejos sociais e políticos de cidades da Grécia antiga.

(02) Durante a realização dos Jogos Olímpicos se estabelecia uma trégua entre as cidades em guerra.

(04) Os Jogos Olímpicos eram desprestigiados pelas autoridades político-militares da Grécia antiga.

(08) Os vencedores dos Jogos eram festejados, premiados e tratados como heróis das suas cidades.

(16) O termo Olimpíadas tem origem nos jogos quadrienais, realizados nas cidades gregas de Corinto e Delfos.

Resolução

A afirmativa (04) está errada, porque os Jogos eram o momento máximo de demonstração da identidade cultural dos gregos.

A afirmativa (16) está errada, porque os Jogos eram realizados na cidade sagrada de Olímpia.

Resposta: 01 + 02 + 08 = 11

Exercícios Propostos

1 Quem eram os sofistas na Grécia Antiga?

RESOLUÇÃO:

Pensadores que procuravam servir-se de argumentos com aparência de grande sabedoria para manipular a verdade e atingir fins imediatos (políticos, educacionais ou comerciais); foram confrontados pela filosofia de Sócrates.

2 Mencione dois expoentes da Filosofia grega, na Antiguidade.

RESOLUÇÃO:

Sócrates, considerado o pai da Filosofia por criar um método de reflexão baseado em questionamentos, e Platão, fundador da Academia de Atenas e discípulo de Sócrates, que desenvolveu uma teoria do conhecimento alicerçada no idealismo.

3 Que foi a cultura helenística?

RESOLUÇÃO:

Fusão da cultura helênica (helena = grega) com a oriental (egípcio-persa) que se notabilizou pela monumentalidade, pelo misticismo e pelo excessivo realismo na representação artística, mistura de valores resultantes das conquistas do macedônio Alexandre Magno.

4 Faça uma comparação entre a arquitetura helênica e a helenística.

RESOLUÇÃO:

A arquitetura helenística abandonou os princípios harmoniosos e leves da arquitetura grega, assumindo características suntuosas e individualistas.

Responda as questões 5 e 6, de acordo com o código abaixo.

- a) Se apenas I e II estiverem corretas.
- b) Se apenas I e III estiverem corretas.
- c) Se apenas II e III estiverem corretas.
- d) Se todas estiverem corretas.
- e) Se todas estiverem erradas.

5 Sobre a pintura e a cerâmica na Grécia Antiga,

I. a pintura nos é desconhecida, pois nenhuma obra chegou até nós.

II. a cidade de Esparta ocupou, incontestavelmente, o primeiro lugar no que se refere à cerâmica, em razão de sua grande importância nas exportações de azeite e vinho.

III. a cerâmica decorada era de uso corrente, até mesmo nos níveis mais humildes, e raras eram as casas que, contentando-se com potes grosseiros, não possuíam alguns de seus exemplares.

RESOLUÇÃO:

A pintura era muito utilizada na decoração das cerâmicas. Estas eram produzidas com muito requinte. Atenas e Corinto eram grandes produtoras em virtude de seu uso comercial.

Resposta: E

6 Sobre a História grega,

I. Tucídides foi o célebre autor da História da **Guerra do Peloponeso**.

II. não houve nenhuma preocupação dos gregos em narrar os acontecimentos históricos, usando a mitologia para explicar a realidade.

III. Heródoto foi considerado o **pai da História**, sendo o primeiro homem a utilizar o termo "História" com o sentido de investigação.

RESOLUÇÃO:

A mitologia explicava de forma fantasiosa e religiosa o surgimento das coisas.

Resposta: B

7 (UFPR – MODELO ENEM) – “De tal modo a nossa cidade se distanciou dos outros homens, no que toca ao pensamento e à palavra, que os seus alunos se tornaram mestres dos outros, e o nome de Gregos já não parece ser usado para designar uma raça, mas uma mentalidade...”

(SÓCRATES, orador ateniense, “Panegírico”. In: AQUINO, R.

S. L. de et alii. *História Das Sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. p.215.)

A supremacia cultural dos gregos, na Antiguidade Clássica, destacada nesse comentário, pode ser justificada por algumas afirmações. Escolha as alternativas corretas.

(01) Os gregos utilizaram uma concepção de História que não se fundamentava unicamente em lendas e mitos, mas em fatos produzidos pelas ações humanas.

(02) Ao lado do pensamento mágico-religioso, os filósofos gregos desenvolveram formas de pensamento racional.

(04) Através da retórica e da sofística, os gregos elaboraram técnicas de persuasão, discurso e argumento falado, amplamente utilizadas nas atividades políticas.

(08) Sócrates, Platão e Aristóteles criaram filosofias que os fizeram mestres de escolas de pensamento na Antiguidade Clássica.

(16) Em função do pensamento democrático e liberal, o uso da língua grega era facultativo nas comunicações oficiais.

(32) Os gregos se destacaram porque os romanos foram seus mestres. Assimilaram ideias e valores de Roma e rejeitaram a influência do pensamento homérico em suas atitudes e comportamentos.

RESOLUÇÃO:

A afirmação (16) está incorreta, porque a língua é o principal elemento definidor de uma cultura.

A afirmação (32) está incorreta, porque os romanos conquistaram militarmente a Grécia, mas os gregos conquistaram culturalmente os romanos.

Resposta: 01 + 02 + 04 + 08 = 15



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M121**

- Arco • Abóbada • Necrópoles
- Coliseu • Panteão

1. A arte etrusca

Situados ao norte da Península Itálica e expandindo-se rumo ao sul, os etruscos entraram em contato com as civilizações micênica e grega, estabelecidas na chamada **Magna Grécia**.

A dificuldade que encontramos para conhecer melhor a arte etrusca reside no fato de que sua escrita ainda não foi decifrada e a imensa maioria dos vestígios que chegaram até nós são túmulos. Suas casas e templos eram feitos de madeira e tijolos que não resistiram ao tempo.

Por sua vez, os túmulos construídos em pedra (geralmente chamados hipogeus) procuravam “imitar” as casas dos vivos. Eram mobiliados e suas paredes decoradas com magníficos afrescos representando bailarinos, músicos e outras atividades comuns e alegres da vida humana. Conhecedores das técnicas de fundir ferro e bronze, os etruscos também erigiram bustos, estátuas funerárias que retratavam realisticamente os seres humanos.



Região da Etrúria, ao norte da Itália, berço de uma cultura antiga.

A arquitetura desses templos demonstra o conhecimento do **arco** e da **abóbada**, não utilizados pelos gregos, o que propiciava espaços internos mais amplos e mais bem estruturados.

Magna Grécia: região do sul da Itália colonizada pelos gregos, a partir do século VIII a. C.

Arco: elemento estrutural, geralmente semicircular, usado para servir de suporte a uma abertura; exige o suporte de paredes, pilares ou

Se não conhecemos quase nada da arquitetura doméstica etrusca, o mesmo não podemos falar de sua arquitetura urbana. Construídos em lugares altos e protegidos, os centros de povoamento eram sempre orientados para os quatro pontos cardeais e cercados por muralhas. Do lado externo, estavam as **necrópoles**. Em escavações mais recentes, encontraram-se, até mesmo, grandes avenidas de até 15 metros de largura, pavimentadas com pedras delimitando “ilhas”, onde provavelmente se localizavam as casas.



Roma e o seu Império, que reunia grande parte do mundo conhecido na Antiguidade Clássica.

2. A arquitetura romana

Os romanos aprenderam a construir, a partir da influência deixada pelos etruscos nas técnicas de utilização do arco e da abóbada.

Os modelos de construções gregas, apesar de muito admirados pelos romanos por toda sua beleza, tornaram-se insuficientes, em vista de raramente os edifícios helênicos serem feitos para acomodar multidões sob seu teto.

Em razão, talvez, da existência de uma grande população, associada às condições climáticas da Itália, os romanos, com o uso do arco, eliminaram boa parte das

colunas nas laterais.

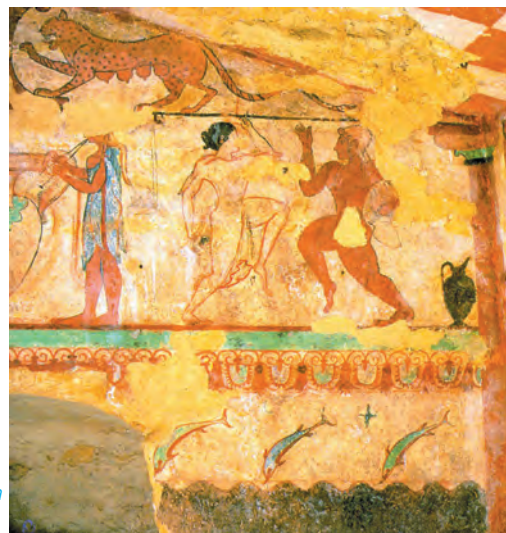
Abóbada: telhado ou cobertura em forma de arco, feito geralmente com pedras e tijolos.

Necrópole: cemitério.

colunas muito usadas na Grécia, ampliando os espaços internos e tornando os edifícios mais utilitários. Buscando satisfazer as necessidades dos cidadãos, desde a água até a diversão em grande escala, criaram formas mais arrojadas na edificação, empregando métodos e materiais mais baratos.

Os mais notáveis exemplos da arquitetura romana foram os edifícios públicos, anfiteatros, banhos públicos, estádios para corrida e casas particulares.

A imponência e a grandiosidade eram características da arquitetura romana, destacando-se: o Coliseu, enorme anfiteatro construído no centro da velha cidade, que podia acomodar quase 60 mil espectadores; o Panteão, um templo circular e enorme, dedicado a todos os deuses, cuja cúpula tinha um diâmetro de quase 45 metros, dando a impressão, quando se olha de seu interior, de que o teto paira livremente no ar.



Detalhe da pintura da Tumba dos Lioneses.



A expressiva e imponente arte romana

As realizações da arquitetura romana

A arquitetura ocupa lugar de destaque no programa de propaganda do Império Romano. A reconstrução de Roma como capital digna de um império universal fora iniciada por Júlio César, e sua política foi levada adiante por seu sucessor Augusto, que se gabava de ter encontrado a cidade de Roma construída de tijolos e tê-la deixado feita de mármore. Edifícios dentro dos padrões romanos foram erguidos por todo o Império: foros, basílicas, arcos triunfais, teatros e anfiteatros, templos e santuários. [...] As formas básicas da maior parte dessas construções haviam sido criadas no final da República, mas agora surgem com nova magnificência, fazendo grande uso de mármore lisos e coloridos. Conjuntos de edifícios eram projetados em escala grandiosa, e o desenvolvimento da técnica de construção em concreto recoberto por tijolo, no início do Império, deu às construções romanas um caráter inteiramente diferente. [...] A influência do século V ateniense é particularmente marcante e pode ser observada nas cópias das Cariátides do pórtico de Erecteu, em Atenas, que decoram a ordem superior das colunatas laterais, e também no entalhe dos perfis ornamentais. A sim-

plicidade clássica e a moderação do Foro de Augusto foram substituídas por um estilo decorativo mais elaborado, considerado tipicamente romano, exemplificado pelo templo de Vespasiano divinizado, no Foro.

Construções arquitetônicas

O período dos imperadores Flávios assistiu a mais um programa ambicioso de construção em Roma. Foi erguido o Palácio Imperial na colina Palatina, construídas novas termas, foros imperiais, templos e outros edifícios públicos. O mais famoso monumento da arquitetura flávia é o Coliseu de Roma, o maior dos anfiteatros romanos e um dos mais belos exemplos da técnica arquitetônica da época. Aqui vemos a típica mistura romana de detalhes gregos e construção romana. As paredes externas desse edifício monumental erguem-se em quatro andares de arcos decorados com uma arquitetura de ordens gregas embutidas. No plano, o auditório ovalado sustentado por compactas abóbadas de concreto mede 206m x 178m e calcula-se que teria capacidade para cerca de 45 mil pessoas. Teatros e anfiteatros, erguidos de acordo com estes princípios, foram construídos por toda parte durante os dois primeiros séculos do Império. Um dos mais bonitos e mais bem conservados é o de Orange,

Provença, região onde as construções remanescentes recordam a grandeza do Império Romano.



Vista aérea do Coliseu.

O Panteão

O Panteão, erguido na época de Adriano, há muito uma das construções romanas mais admiradas, tem uma história que vem desde a Antiguidade Clássica, e hoje é uma igreja cristã. O grande recinto circular, abobadado, do templo, iluminado por uma claraboia circular no alto, tem uma área de cerca de 47m². As paredes eram decoradas elaboradamente, com nichos e revestimento de mármore colorido.



Interior do Panteão.

Diante da rotunda há um pórtico com seis colunas coríntias sustentando o frontão. Os romanos haviam aperfeiçoado de tal forma as técnicas de construção em concreto que eram capazes de cobrir áreas enormes com abóbadas e cúpulas de concreto, servindo-se do mesmo método para construir os grandes conjuntos de edifícios que serviam às diversas finalidades das termas públicas. Por todo o Império, continuaram a dar à sua arquitetura o acabamento do detalhe tradicional grego. A combinação resultou nos arcos triunfais romanos, geralmente erguidos para comemorar triunfos militares. Consistem em uma ou mais arcadas, ladeadas por colunas embutidas ou inteiras, encimadas por um entablamento,

acima do qual o ático geralmente serve de base para um grupo de carros (bigas) esculpido. Arcos do Triunfo foram erguidos desde o final da República até o final do Império.

(STRONG, Donald E. *O Mundo da Arte – Antiguidade Clássica*. Expressão e Cultura. pp. 135-136; 153.)

A casa romana

A primitiva casa romana assemelhava-se à grega dos tempos homéricos, o que não deve espantar, dado que ambos os povos têm uma base indo-europeia. Quatro paredes de madeira, cobertas de colmo, uma abertura ao centro para se escapar o fumo e outra para recolher a água das chuvas. Havia apenas uma porta. São estas as semelhanças entre a casa romana, a que chamaram *atrium*, e o *megaron* grego.



Decoração do interior de uma casa romana.

Com o tempo, a evolução gerou entre gregos e romanos tipos de casas diferentes. Assim, os primeiros passaram a construir os aposentos para os homens em torno de um pátio central e para as mulheres à volta de outro. Às vezes, este segundo conjunto ficava num andar superior.

Os romanos mantiveram ao longo dos tempos, nas suas linhas gerais, o plano de construção inicial, embora, depois da conquista da Grécia, tivessem aceito certas alterações.

O *atrium* era o lugar de reunião da família. A sua iluminação fazia-se pelo *compluvium*, abertura retangular feita no teto. Era no *atrium* que se reuniam as mulheres fiando a lã, e era também ali que, nos tempos primitivos, dormia o pai.

Os outros compartimentos serviam de quartos de dormir e despensas.

A primeira modificação importante que os Romanos introduziram na sua casa foi a da ligação de um compartimento com o *atrium*, sem porta de comunicação. Este compartimento, o *tablinium*, passou a funcionar como “escritório” do dono da casa. Dali podia vigiar o que se passava nos outros cantos da residência, ao mesmo tempo que examinava os seus documentos (*tabulae*), escrevia as suas missivas ou guardava o seu dinheiro.

Por influência grega, acrescentaram na parte posterior do *tablinium* um jardim, fechado por paredes altas, contornadas no interior por colunas. Daí a origem do nome *peristilo* ou *hortus*.

(RODRIGUES, Adriano Vasco. *História Geral da Civilização*. Porto: Porto Editora, 1974. v. 1, p. 357.)

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – Observe a figura a seguir:



Estatua etrusca de figura reclinada sobre sarcófago.

“De todos os povos da Península Itálica, os mais importantes foram os etruscos, estabelecidos na Etrúria, mais tarde chamada Toscana, cuja arte revela influência grega, mas

com uma sensibilidade própria, que repercutirá na arte romana.”

Sobre os etruscos, é correto afirmar que sua arte buscava

- expressar figurativamente o homem.
- caricaturar os seres humanos.
- apontar a pouca importância dos funerais.
- retratar realisticamente os seres humanos.
- representar, de forma abstrata, os seres humanos.

Resolução

Os etruscos também erigiram bustos, estátuas funerárias que retratavam realisticamente os seres humanos.

Resposta: D

2 (MODELO ENEM) – Segundo o historiador da arte E. H. Gombrich: “Os romanos eram um povo de grande sentido prático, e pouco se importavam com deuses fantasiosos”.

De acordo com essa afirmação, podemos concluir que

- a pintura sobre a cerâmica representava cenas do cotidiano e das Olimpíadas.
- as imagens esculpidas demonstravam feitos dos seres mitológicos.
- o objetivo principal da escultura foi fixar os traços dos que governavam o Império.
- na literatura, destaca-se a descrição do nascimento dos deuses.
- a exaltação dos padroeiros das cidades tornou-se comum na fase republicana.

Resolução

A confecção de bustos era muito utilizada para difundir entre os romanos a imagem de seus imperadores.

Resposta: C

Exercícios Propostos

1 Atualmente, que dificulta o conhecimento mais aprofundado da arte etrusca?

RESOLUÇÃO:

A utilização de madeira e tijolos na construção de casas e templos, que não resistiram à ação do tempo, além do desconhecimento do significado da escrita etrusca.

2 Quais os dois elementos da arquitetura que os etruscos legaram para as edificações romanas?

RESOLUÇÃO:

O arco e a abóbada.

3 Estabeleça um paralelo entre a finalidade da arquitetura grega e a romana, destacando duas importantes obras de cada um desses povos.

RESOLUÇÃO:

A arquitetura grega, em virtude do amplo uso de colunas, oferecia pouco espaço interno, sendo os templos construídos para morada de deuses; os edifícios romanos, por sua vez, foram feitos para receber grandes multidões, utilizando arcos com vistas ao maior aproveitamento do espaço interno. Na Grécia, destacam-se o Parthenon e o Erechtheion; em Roma, o Coliseu e o Panteão.

4 Os etruscos erigiam bustos e estátuas funerárias que buscavam

- a) simbolizar a união dos homens.
- b) descaracterizar os seres humanos.
- c) apontar a pouca importância dos funerais.
- d) representar de forma abstrata os seres humanos.
- e) retratar realisticamente os seres humanos.

RESOLUÇÃO:

Os bustos e estátuas deveriam ser uma cópia fiel da realidade.

Resposta: E

5 A arquitetura da Roma Antiga era caracterizada

- a) apenas pela construção de templos, à semelhança dos gregos, com vistas a embelezar suas cidades.
- b) por construções feitas de argila e barro, que pouco resistiram à ação do tempo.
- c) pelas construções imponentes e grandiosas, de caráter prático, muitas das quais dedicadas à vida pública e aos grandes feitos.
- d) por preocupações essencialmente religiosas, voltadas para as construções de túmulos e templos.
- e) pela influência dos etruscos, que utilizavam as colunas gregas, aproveitando pouco os espaços internos.

RESOLUÇÃO:

Os romanos construíam os arcos, em homenagem aos imperadores ou aos seus feitos, e prédios públicos, como o Senado, as termas etc.

Resposta: C

6 O mais belo dos anfiteatros romanos, utilizando a influência grega nas colunas e a etrusca nos arcos, é chamado

- a) Parthenon.
- b) Coliseu.
- c) Panteão.
- d) Acrópole.
- e) Propileus.

RESOLUÇÃO:

Era palco de grandes espetáculos de luta de gladiadores e de animais, sendo composto de três partes: arena, arquibancada e camarins.

Resposta: B

7 (UFC – MODELO ENEM) – Analise o comentário abaixo sobre a situação da mulher romana.

“Suas qualidades domésticas, virtude, docilidade, gentileza, bom caráter, dedicação ao tricô, piedade sem superstição, discricção nas roupas e na maquiagem, por que lembrá-las? Por que falar do seu carinho e devoção aos familiares, já que você tratava tão bem meus pais quanto os seus [...]”

(“Elogio fúnebre a Túria”. apud FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Roma: vida pública e vida privada*. 4.^a ed. São Paulo: Atual, 1993, p.47.)

Considerando-se a ideia básica do texto, é correto afirmar que a) a mulher usufruía de prerrogativas idênticas às desfrutadas pelo homem na vida em sociedade.

b) a mãe de família dirigia, com toda a independência, a educação dos filhos e os negócios do marido.

c) o respeito dedicado à mulher romana garantiu a sua emancipação da tutela masculina, a partir do regime republicano.

d) as condições de liberdade, reservadas à mulher, tinham como limite a autoridade do pai de família.

e) a independência feminina constituía uma vitória, acatada pela nobreza romana, após a implantação do Império.

RESOLUÇÃO:

O elogio feito à esposa falecida destaca o papel da mulher na sociedade romana.

Resposta: D



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M122**

Módulo

7

Literatura e Filosofia em Roma

Palavras-chave:

- Grafite • Prosaico • Pictóricos
- Estoicismo • Epicurismo

1. A escultura e a pintura romana

O espírito prático dos romanos guiava-os para o real e não para o imaginário. Dessa forma, produziram uma arquitetura racional, e o objetivo principal da escultura foi fixar os traços dos que governavam o Império, continuando a tradição etrusca do retrato fiel muito expressivo. Assim, a escultura orientava-se, por um lado, para o retrato, a fim de satisfazer o desejo de glorificação pessoal e de comemoração e, por outro lado, para um ornamentalismo teatral, um enriquecimento superficial da arquitetura. Os escultores romanos faziam produção em massa de corpos de estátuas e, quando recebiam uma encomenda, bastava-lhes fazer a cabeça à semelhança do comprador e colocá-la no corpo já preparado.



A grande realização da escultura romana foram os painéis de baixo-relevo. O número de figuras aumentava sem cessar e cada polegada de espaço tinha de ser opulentamente preenchida.

Escultura de um romano mostrando com realismo a figura retratada.

Fazer retratos humanos sempre foi uma característica do povo romano. Parece, até mesmo, que em sua **proto-história** e na monarquia havia uma tendência a se carregarem bustos de cera em procissão, talvez até por uma crença de que a representação da imagem humana preservava a alma do homem, por influência da cultura egípcia.

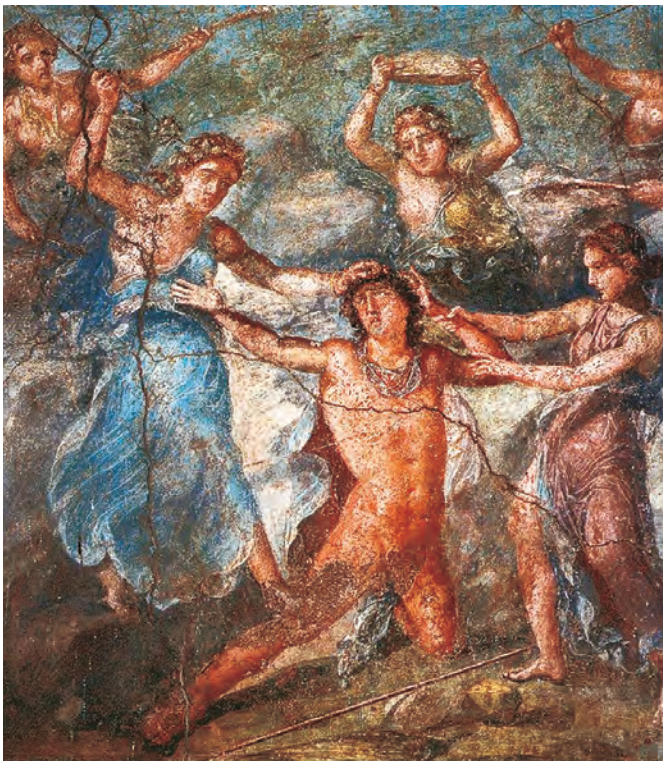
Por outro lado, havia na cultura romana a obrigação de queimar incenso diante do busto do imperador. A perseguição cristã, por exemplo, teve início quando os cristãos se negaram a prestar o culto ao imperador.

Os retratos, tanto na pintura quanto na escultura, eram a expressão da verdade. Assim, quando vemos um busto de Pompeu, Vespasiano, ou mesmo uma pintura de um homem comum na parede de um templo, ou em um **grafite** eleitoral, podemos ter a certeza de que ele era de fato como foi retratado.

Os romanos defendiam que a obra de arte deveria ser a expressão da verdade; primavam pelo detalhe e pela perfeição.

Proto-história: a história primitiva; os primeiros tempos históricos.

Grafite: palavra, frase ou desenho, geralmente de caráter jocoso, informativo, contestatório ou obsceno, em muro ou parede de local público.



Pintura procedente de Pompeia, denominada "O Suplicio de Penteo", na qual foi utilizada a técnica do afresco.

A pintura de murais era um elemento predominante entre os romanos. Ainda assim, erigiam colunas e muros gigantescos, nos quais retratavam suas vitórias nas guerras, os eventos e conquistas, com perfeição de detalhes.

A pintura é conhecida graças a Pompeia, destruída pelo Vesúvio no ano 79 e descoberta no século XVIII por Alcubierre. Pelo que sobrou, tem-se a impressão de que a atividade dos pintores se orientava, de preferência, para a decoração da casa ou do palácio. Trata-se de uma pintura decorativa.

Os romanos, segundo o historiador da arte E. H. Gombrich, "eram um povo **prosaico**, de grande sentido prático, e pouco se importavam com deuses fantasiosos. Entretanto, seus métodos **pictóricos** de narrar façanhas de heróis provaram ser de grande valor para as religiões que entraram em contato com o extenso império".



Pintura de um jovem egípcio, provavelmente do século II.



Retrato feminino que mostra a preocupação com o realismo na representação da figura humana.

2. Outros gêneros

A cultura romana, em grande parte influenciada pelos valores gregos e orientais, foi profundamente marcada por obras filosóficas, literárias e históricas.

Filosofia

Na Filosofia, os romanos não produziram nenhuma corrente de pensamento original. Sua principal orientação voltou-se para a moral, com a adoção de valores éticos gregos e da filosofia helenística. Enquanto o povo romano se apegava aos mistérios da religião e à adoção de deuses estrangeiros, os homens cultos inclinaram-se para a Filosofia.

Influenciada pelo **estoicismo** e pelo **epicurismo**, a filosofia romana não preponderou tanto quanto a grega, que foi, sem sombra de dúvida, a grande inspiradora do pensamento ocidental.

Entre os principais filósofos, destacam-se:

- Sêneca (4 a 65 d. C.) – natural de Córdoba, na Espanha, escreveu *Cartas a Lucílio* e traduziu *Medeia*. Foi professor de Nero, que exigiu, posteriormente, que se suicidasse.
- Epiteto (século I d. C.) – era escravo liberto e suas ideias foram depois condensadas no *Manual de Epiteto*. Assim como ele, Fedro, escravo liberto de Augusto, sobressaiu no campo das fábulas, que criticavam a sociedade de seu tempo.
- Marco Aurélio – o grande imperador romano, que viveu e governou entre 161 e 180 d. C., escreveu *Pensamentos*, salientando-se assim no campo da Filosofia.

História

Entre os pensadores romanos, muitos são os que se dedicaram à História, preocupados com o passado, deixando compêndios que retratavam guerras, vidas célebres e condensavam as tradições romanas.

Júlio César – viveu entre 102 e 44 a. C., preocupou-se com as guerras e assim escreveu *A Guerra da Gália* (De Bello Gallico), importante documento sobre a dominação romana na região.

Prosaico: de caráter prático; positivo.

Pictórico: referente à, ou próprio da pintura.

Estoicismo: designação dada às doutrinas do filósofo grego Zenão de Cício (340 a 264 a. C.), do período helenístico, e seus seguidores, que acentuava a firmeza do espírito, a indiferença à dor e a submissão à ordem natural das coisas, bem como a independência em relação a todos os bens.

Epicurismo: doutrina de Epicuro, filósofo grego (341 a 270 a. C.), do período helenístico, e de seus seguidores, caracterizada, na física, pelo atomismo e, na moral, pelo aconselhamento à busca dos verdadeiros prazeres, isto é, dos prazeres duráveis da vida, encontrados na prática da virtude e na cultura do espírito.

Tito Lívio – escreveu a história de Roma em 142 livros, sem se preocupar com a interpretação e as causas dos grandes problemas, valorizando a grandeza, a moral e a tradição do povo romano.

Plutarco – de origem grega, nasceu na Beócia, mas latinizou-se. Sua obra, *Vidas Paralelas*, representa um importante documento histórico, relatando a história de vida de 50 homens ilustres, cuja maioria põe em paralelo um grego e um romano.

Suetônio – secretário de Adriano, preocupou-se com a vida dos primeiros imperadores romanos e deixou isso registrado a partir de sua obra *Vida dos Doze Césares*. Escreveu também *O Asno de Ouro*, uma crítica ao Império Romano.

Literatura

Na literatura, destacam-se muitos nomes e existem três gêneros: a poesia *épica*, *lírica* e *satírica*.

Talvez o mais conhecido dos poetas romanos tenha sido Virgílio, autor de *Eneida*, na verdade um **compêndio** das tradições do passado romano, de sua origem lendária.

Petrônio – viveu na corte de Nero, sendo amigo íntimo do imperador e seu conselheiro. Escreveu *Satiricon*, uma crítica bem-humorada do Império Romano e do governo de Nero.

Horácio – viveu entre 65 e 8 a. C., foi amigo íntimo de Virgílio. Sua obra compreende poemas escritos para serem lidos com acompanhamento musical e interpretação: são as Odes. Além delas, escreveu *Sátiras*, *Epístolas* e *Epodos*. Sua obra atacou a corrupção de seu tempo.

Ovídio – notabilizou-se por suas obras *A Arte de Amar* e *Metamorfose*, duas grandes produções da

Compêndio: resumo de doutrinas; síntese; nome dado também ao livro de textos para escola.

poesia latina, nas quais discute a mutação do ser humano na sociedade, envolvido pelos elementos de um amor que desconhece fronteiras.

Lucrécio – preocupou-se em expor a doutrina de Epicuro em sua obra *A Natureza das Coisas*. O poeta via o universo em que vivemos como o resultado da combinação de átomos – um pensamento bastante além de seu tempo.

Muitos outros poetas poderiam ser citados, de grande importância para a literatura latina, entre eles: Lívio Andrônico, Catulo, Propércio, Marcial e Juvenal.

Teatro

No teatro, destacaram-se: Plauto, que escreveu *O Anfitrião*, *O Soldado Fanfarrão* e *Os Cativos*; Terêncio, que foi o autor de *Adriana*, *O Eunuco* e *Os Adelfos*.

Apesar da falta de originalidade em muitos aspectos da cultura romana, seu legado para a ciência do Direito, os ensinamentos militares, a vida urbana e o idioma latim está presente no mundo contemporâneo. Tão grandiosa civilização só poderia representar também uma grande cultura.



O Destaque



Cícero (106 a 43 a. C.) – o maior representante da cultura latina, conhecedor da filosofia grega, condenou o epicurismo por considerá-lo corruptor dos costumes e dos valores éticos da sociedade de sua época.

Busto de Cícero.



A retratística e a propaganda

A retratística e a propaganda

Os retratos do imperador eram um dos principais veículos da propaganda imperial. Os generais da República tardia já haviam adquirido o hábito helenístico de cunhar sua imagem em moedas e recorriam aos artistas gregos para esculpirem seus bustos e estátuas. A criação de uma imagem pública satisfatória do Imperador era um problema sutil e complexo. Os conselheiros artísticos de Augusto ofereceram-lhe soluções brilhantes. Preservaram para nós as feições do Imperador, mas o trataram com uma pureza quase

clássica, que confere à sua aparência ascética uma majestade quase divina. Podia ser tudo para todos. Ora o cidadão romano devoto, dedicado, vestindo sua toga, um grande homem entre seus pares, ora o símbolo prepotente do poder imperial apresentado na famosa estátua de Prima Porta, no Vaticano, em que aparece fardado, numa pose clássica, executando um gesto de autoridade simples, mas altamente expressivo. Nem todos os imperadores se serviram destes ideais em seus retratos. Vespasiano, que se orgulhava de sua origem simples,

itálica, prefere uma semelhança terra a terra, despojada de idealizações, que nos lembra a retratística romana da República, e nas mãos dos melhores artistas transmite força de personalidade e firmeza de propósitos.

Não podemos imaginar Vespasiano se sujeitando ao retrato cômico, como a estátua de Cláudio no papel de deus Júpiter, e ninguém desejaria retratá-lo assim. Trajano, “o melhor dos Imperadores”, projeta nos retratos que chegaram até nós uma maravilhosa imagem de benevolência, e Adriano, barbado, entusiasta de

tudo que é da Grécia, parece quase um herói grego. Os retratos de seu favorito, Antínous, combinam a pureza clássica de suas feições aos ideais da escultura grega em seu corpo, fazendo dele uma divindade quase comparável às grandes criações do passado. Os imperadores Antoninos foram prejudicados pelas preocupações técnicas dos escultores da época, que tinham uma forte predileção pelos

contrastes marcantes entre o fino acabamento das feições e o cabelo desordenado, profundamente sulcado. Contudo, alguns retratos de particulares da mesma época estão entre os melhores estudos de personalidade remanescentes do período romano.

(STRONG, Donald E. *O Mundo da Arte – Antiguidade Clássica*. Expressão e Cultura. p. 153.)



Retrato do jovem, no qual os traços realistas afirmam a característica marcante dessa arte em Roma.

Exercícios Resolvidos

1 (UnB – MODELO ENEM – modificada) – “Para ganhar o favor popular, o candidato deve conhecer os eleitores por seu nome, elogiá-los e bajulá-los, ser generoso, fazer propaganda e levantar-lhes a esperança de um emprego no governo. (...) A generosidade é um tema amplo. Talvez sua renda privada não possa atingir todo o eleitorado, mas seus amigos podem ajudá-lo a agradar a plebe. Ofereça banquetes e providencie que seus amigos façam o mesmo, procurando atingir os eleitores ao acaso e o eleitorado específico de cada tribo. (...) Faça com que os eleitores falem e pensem que você os conhece bem, que se dirige a eles pelo nome, que sem parar e conscienciosamente procura seu voto, que você é generoso e aberto, que, mesmo antes do amanhecer, sua casa está cheia de amigos, que todas as classes são suas aliadas, que você fez promessas para todo mundo e que as cumpriu, realmente, para a maior parte das pessoas.”

(Cícero, “Notas sobre as eleições, versículos 41, 50, 52, 54”, apud P. Mackendrick, *THE ROMAN MIND AT WORK*, p. 178-9.)

Com o auxílio das palavras de Cícero (106-43 a. C.), julgue os itens a seguir, relativos à história da Roma antiga e assinale a alternativa correta.

- As práticas clientelistas eram inexistentes no mundo político republicano, sendo a amizade e o compadrio relações que não ultrapassavam a esfera do privado.
- O Tribunal Eleitoral romano geralmente punia os abusos do poder econômico com a cassação dos candidatos infratores.
- Na época de Cícero e mesmo depois, com a política do pão e circo, o povo, a plebe ou a massa, constituía um elemento a ser cativado e não coagido.
- A propaganda eleitoral da República visava principalmente mulheres e escravos, que formavam percentagem considerável do colégio de votantes.

Resolução

Cícero (106 a 43 a. C.) foi o maior representante da cultura latina, conhecedor da Filosofia grega, condenou o epicurismo por considerá-lo corruptor dos costumes e dos valores éticos da sociedade de sua época.

Resposta: C

2 (MODELO ENEM) – “Este animal previdente, sagaz, complexo, penetrante, dotado de memória, capaz de raciocinar e de refletir, ao qual damos o nome de homem... Único entre todos os vivos e entre todas as naturezas animais, só ele raciocina e pensa. Ora, o que há... de mais divino que a razão, que chegada à maturidade e à sua perfeição é justamente chamada de sabedoria?”

(Cícero, *Sobre as Leis*, 106 - 43 a. C.)

O texto aborda um dos importantes valores clássicos, ou seja:

- hedonismo.
- naturalismo.
- universalismo.
- antropocentrismo.
- humanismo.

Resolução

O texto do orador e advogado Cícero – considerado o maior representante da cultura latina e o responsável pela apresentação da cultura grega para os romanos – exalta o homem e suas habilidades.

Obs.: Não confundir antropocentrismo com humanismo, pois este último se refere ao movimento cultural que fazia parte da Renascença e que valorizava a cultura clássica.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 Qual o objetivo principal da escultura romana na Antiguidade?

RESOLUÇÃO:

Fixar os traços dos que governavam o Império da maneira mais real possível.

2 Que revelou a descoberta de Pompeia, soterrada pelo Vesúvio, com relação à pintura romana?

RESOLUÇÃO:

Revelou que a pintura romana possuía uma função altamente decorativa, realizada na forma de afrescos nas paredes das casas.

3 A biografia dos homens ilustres de Roma e até da Grécia Antiga foi relatada por dois historiadores na Antiguidade Clássica. Quem são eles e quais são suas obras?

RESOLUÇÃO:

Plutarco, com sua obra *Vidas Paralelas*, e Suetônio, que escreveu *Os Doze Césares*.

Utilize o código para responder às questões 4 e 5.

- a) Se as afirmativas I, II e III são corretas.
- b) Se as afirmativas I, II e III são incorretas.
- c) Se apenas as afirmativas I e II são corretas.
- d) Se apenas as afirmativas I e III são corretas.
- e) Se apenas as afirmativas II e III são corretas.

4 Sobre a escultura,

- I – os romanos sofreram influência da escultura etrusca, mais viril e realista que a escultura grega.
- II – seus baixos-relevos alcançaram a perfeição, representando cenas reais e combates.
- III – a de bustos não foi muito difundida.

RESOLUÇÃO:

A afirmativa III está errada, pois a escultura de bustos era amplamente utilizada para a glorificação pessoal ou para a ornamentação.

Resposta: C

5 Sobre a pintura,

- I. os retratos foram muito difundidos, principalmente nos grafites eleitorais.
- II. ela limitou-se aos arabescos, que influenciaram os árabes.
- III. a de mural predominava entre os romanos, notando-se semelhança com as figuras de vasos gregos.

RESOLUÇÃO:

A pintura romana era a expressão da verdade e primava pelo detalhe e perfeição. Arabesco é o estilo de escrita árabe de forma artística.

Resposta: D

6 A civilização romana exerceu uma influência definida sobre as civilizações posteriores. Como maiores legados de Roma ao mundo ocidental, temos

- a) a religião politeísta associada ao culto do Estado.
- b) o sistema econômico e a organização social.
- c) o idioma e o Direito.
- d) a cultura clássica e o poder monárquico.
- e) a destruição da cultura grega.

RESOLUÇÃO:

O latim influenciou boa parte das línguas ocidentais, chamadas neolatinas. O Direito romano é a base do Direito ocidental.

Resposta: C

7 Sobre a cultura romana do fim da República até a época de Otávio Augusto, podemos afirmar **exceto** que

- a) sofreu influência da civilização helenística.
- b) o maior filósofo deste período foi Tito Lívio.
- c) o uso da língua grega se generalizou entre as elites romanas.
- d) a filosofia estoica de Cícero se baseava na virtude e no uso da razão.
- e) as criações literárias e artísticas atingiram sua fase culminante.

RESOLUÇÃO:

Tito Lívio era historiador e contou a história de Roma para exaltar os valores morais e a cultura dessa civilização.

Resposta: B

8 (MODELO ENEM) – “Em Roma, a civilização, a cultura, a literatura, a arte e a própria religião provieram quase inteiramente dos gregos ao longo de quase meio milênio de aculturação.”

(Paul Veyne, *História da Vida Privada*)

Com relação à cultura greco-romana, assinale a alternativa **incorreta**:

- a) Pode-se afirmar que de Gibraltar ao Indo, região dominada pelo Império Romano, reinava a civilização helenística.
- b) O aparelho de Estado romano não se espelhou na política grega devido às diferentes perspectivas que tinham os romanos sobre duas questões: a riqueza e o poder.
- c) Apesar de copiarem a arte grega, os romanos foram originais no que diz respeito ao ato de retratar, tanto através da pintura quanto da escultura.
- d) Assim como em Atenas, a posição da mulher romana era de grande poder político e prestígio social.
- e) No início do período republicano, a vida familiar entrou em crise: adultério e divórcio, cultos orientais e gregos tomaram o lugar da religião formalista, patriótica e do culto aos antepassados.

RESOLUÇÃO:

A mulher, geralmente, ocupava uma posição subalterna dentro das culturas da Antiguidade.

Resposta: D



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M123**

1. Origem histórica

No ano 330, quando o imperador romano Constantino, o Grande, fundou a cidade de Constantinopla, talvez não tenha conseguido imaginar as consequências que sobreviriam daí. Após a divisão do Império Romano, efetuada por Teodósio, o Ocidente foi ocupado pelas tribos germânicas invasoras – ostrogodos, visigodos, vândalos e lombardos –, desaparecendo em pouco tempo o poder central. No entanto, o Oriente resistiu a esses ataques e, mais tarde, no governo de Justiniano (527 a 565), as conquistas do norte da África, partes da Itália e Península Ibérica deram origem a um novo poder.

Apesar de sua herança greco-romana, a situação geográfica de Constantinopla deu-lhe um certo estilo oriental. Em razão da influência cristã, o imperador não poderia ser considerado uma divindade, como nas civilizações da Antiguidade Oriental, porém colocou-se à frente da Igreja, submetendo-a à autoridade do Estado, por meio da prática do *cesaropapismo*.

O espírito bizantino de arte surgiu no século VI, no governo de Justiniano, alcançando uma grande expansão com as tentativas do imperador em reunificar o Império Romano do Ocidente com o Oriente. A arte tinha como finalidade representar a grandiosidade imperial e, ao mesmo tempo, expressar seu poder sagrado, numa época que foi considerada como a Idade de Ouro do Império Bizantino.



O Império Bizantino, originado da divisão do Império Romano, em 395, pelo imperador Teodósio.

2. A majestosa arquitetura bizantina

A arquitetura produziu quase que exclusivamente igrejas, pois a **liturgia** oriental impunha a missa como centro que agrupa os fiéis. O recurso empregado pelos arquitetos para a construção de edifícios espaçosos e monumentais foi utilizar a **cúpula** sobre um plano circular, octogonal ou quadrado. Além do arco, também usado com frequência, os **capitéis** eram decorados profusamente, trabalhados com desenhos entrelaçados, figuras de animais ou **monogramas**, guardando certa relação com o estilo coríntio grego. O fausto predominava em todos os campos artísticos.

O material empregado nas construções variava de acordo com a matéria-prima disponível em cada região. Em Constantinopla, por exemplo, utilizavam-se principalmente tijolos queimados revestidos de pedra, nas paredes e no exterior, e as superfícies interiores eram preparadas para um revestimento de ouro, cores e desenhos murais.

A Igreja de Santa Sofia

De todos os edifícios da arquitetura bizantina, a Igreja de Santa Sofia é a mais grandiosa. Construída em cinco anos e dez meses pelos arquitetos Antêmio de Trales e Isidoro de Mileto, o projeto utilizou os mais engenhosos recursos da arquitetura bizantina e foi supervisionado pelo próprio imperador.

A planta é quase quadrada (94m x 72m), possuindo uma única grande cúpula que assegura a unidade do conjunto. A igreja estende-se para leste e oeste sob duas semicúpulas com o mesmo diâmetro da central, embora mais baixas. O interior é obra de requintado luxo, em que mosaicos dourados recobrem toda a superfície interna, iluminada por quarenta janelas dispostas ao redor da base da cúpula central, dando uma sensação de leveza e de notável grandeza monumental.

Liturgia: culto público e oficial instituído por uma igreja.

Cúpula: parte superior côncava (interna) e convexa (externa) de alguns edifícios.

Capitel: arremate superior, em geral esculpado, de uma coluna.

Monograma: entrelaçamento das letras iniciais ou principais do nome de pessoas ou entidades.



Santa Sofia conserva a simplicidade exterior das primitivas igrejas cristãs; os minaretes foram acrescentados pelos turcos.



Mausoléu de Gala Placídia, em Ravena, uma das construções mais notáveis do séc. V.



Vista aérea da Basílica de São Vital, Ravena.

A arquitetura em Ravena

Quando Ravena, a cidade italiana das margens do Adriático, foi reintegrada ao Império Bizantino, nasceu aí um estilo no qual se mesclaram elementos latinos, **paleocristãos** e orientais. A antiga cidade acordou, então, com novos monumentos, destacando-se duas igrejas consagradas a Santo Apolinário, uma na cidade e outra no porto, e a Igreja de São Vital, construída e decorada entre 526 e 547. Mas, em nenhuma dessas três igrejas, pode-se observar o brilho opulento de Santa Sofia ou a unidade do mausoléu da imperatriz Gala Placídia, com sua decoração de **mosaico**, construído no século V. A planta da igreja dedicada a São Vital foi traçada nos mesmos princípios da arquitetura bizantina: todos os elementos agrupados em torno de uma cúpula central, sustentada por pilares e colunas. Também aí, encontra-se a extraordinária arte dos mosaicos.

Mausoléu: sepulcro suntuoso; alusão ao túmulo que Artemisa, viúva de Mausolo, rei da Cária, antiga cidade da Ásia Menor, mandou erguer ao marido; sepulcro de Mausolo, considerado como uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Paleocristão: *paleo* = antigo, primitivo; refere-se aos primitivos cristãos do Ocidente, nos séculos III, IV e V.

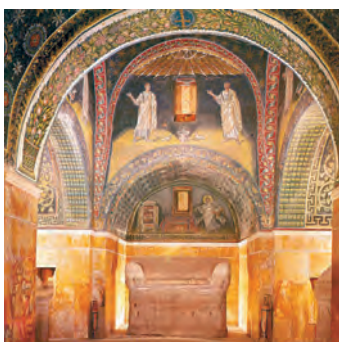
Mosaico: desenho formado pelo encaixe de pequenos pedaços de pedra ou vidro coloridos sobre cimento.

3. A arte dos mosaicos

O mosaico ocupa um lugar preponderante na arte bizantina, marcando o máximo que se podia conseguir com esse meio. Na época de Justiniano, os mosaicos da Igreja de São Vital, em Ravena, ultrapassaram qualquer outra manifestação artística, sendo as figuras, em geral, delgadas e inexpressivas.



Mosaico da Igreja de São Apolinário, em Ravena, retratando a pesca milagrosa e a vocação de Pedro.



Mosaicos do Interior do Mausoléu de Gala Placidica, em Ravena.

No conjunto artístico formado por árvores, flores, plantas e animais, sobre fundo de ouro, há imagens de profetas e apóstolos. Num dos frisos, porém, encontra-se o imperador Justiniano e, no oposto, a imperatriz Teodora, ambos acompanhados de sua corte, levando oferendas para a nova igreja. O contraste é notório, e estas imagens refletem uma corte celestial, demonstrando a autoridade divina do imperador.



Mosaicos de São Vital.

4. A escultura e a pintura

Muito pouco foi revelado nas poucas obras existentes, tanto na escultura quanto na pintura bizantina, pois, após a era de Justiniano, eclodiu a questão **iconoclasta** e a maioria das obras desapareceu. Por outro lado, em 1204, Constantinopla foi saqueada pelos venezianos que empreenderam a Quarta Cruzada, levando vários despojos de conquista.

Pelo pouco conhecimento que se tem, acredita-se que houve muita influência das técnicas greco-romanas, não existindo, porém, grandes obras, e sim numerosos baixos-relevos. Em geral, evitaram a produção de estátuas monumentais.

A extraordinária realização da escultura bizantina verifica-se no **marfim**. Eram consideradas antes decorações acessórias do que obras de arte independentes. Embora seu uso fosse comum em **dípticos** ou **trípticos** semi-independentes em altares e capelas particulares, elas ornaram geralmente capas de livros, **escrínios** e mesmo tronos. O assunto favorito era Cristo coroando o imperador e a imperatriz, sendo comuns também as imagens da Virgem e do Menino, de Cristo ou dos Apóstolos. Como é comum nas obras de arte orientais, o desenho é admirável, quer considerado como um todo quer como unidade.

Somente após o período de Justiniano, em 843, desenvolveu-se a pintura dos **ícones**. "Com a cor dourada no plano de fundo e a mesma cor utilizada para realçar os pontos luminosos das formas, o efeito não pode ser considerado nem plano, nem espacial; pelo contrário, é transparente, pois o dourado do fundo brilha por toda parte, como se a pintura fosse iluminada por trás. Painéis como este... devem ser vistos como uma descendência estética dos mosaicos..."

(JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 100.)

5. Conclusão

Os bizantinos desenvolveram um estilo de arte e arquitetura religiosa que influenciou todas as nações com quem entraram em contato. Na Itália, que cons-

Iconoclasta: diz-se de quem destrói imagens ou ídolos e, por extensão, obras de arte; partidário da luta contra as imagens sagradas, desencadeada no século VII por Leão Isáurico (Leão II).

Marfim: substância fina e resistente, de um branco leitoso, de que são constituídas as presas ou defesas do elefante e que é muito usada para delicados trabalhos de entalhe.

Díptico: obra em baixo-relevo, constituída de dois pequenos painéis que se fecham.

Tríptico: obra de pintura ou de escultura, constituída de um painel central e de duas meias-portas laterais capazes de se fechar sobre ele, recobrimdo-o completamente.

Escrínio: escrivaninha; pequeno cofre estofado, para guardar joias; estojo.

Ícone: pintura em painel com imagens de Cristo, da Virgem Maria ou dos santos; considerado sagrado pelos cristãos orientais.

tituiu parte do Império Oriental até o século VII, construíram igrejas em Roma, Milão, Ravena, Nápoles e, praticamente, uma cidade inteira em Veneza. Os búlgaros e sérvios copiaram cuidadosamente conhecidas igrejas e palácios bizantinos e os russos planejaram cidades importantes, tomando como modelo a cidade de Constantinopla. Os persas respeitavam tanto o gosto bizantino que um de seus soberanos demoliu seu novo palácio quando um enviado do imperador comentou a respeito do edifício: “A parte superior serve para os pássaros e a inferior para os ratos.”

O Império Romano do Oriente é romano apenas no nome e na ideologia imperialista; sua língua, porém, é grega e sua arte fortemente oriental.

Após a conquista dos cruzados, no início do século XIII, Constantinopla foi devastada, caindo sob dominação latina. Sua produção artística, cuja grandiosidade constituía um reflexo das glórias passadas, declinou rapidamente. Os imperadores latinos, ocupados com as guerras, não patrocinaram mais a arte, e a pobreza do Império não permitia mais a aquisição dos ricos materiais que eram empregados anteriormente pelos artistas. Os mosaicos tornaram-se caros demais e os afrescos os substituíram na decoração mural. Os grandes mestres bizantinos dispersaram-se e o trabalho de suas escolas foi interrompido.

O Império Bizantino caminhava para seu fim, quando foi invadido pelos turcos otomanos em 1453.



O estilo artístico bizantino e a Idade de Ouro da arte bizantina

O estilo artístico bizantino

Nunca teria sido possível à arte da corte bizantina tornar-se a arte cristã por excelência se a própria Igreja não se houvesse tornado uma autoridade absoluta e não se sentisse senhora do mundo. Por outras palavras: o estilo bizantino só foi capaz de firmar pé onde houvesse arte cristã, porque a Igreja Católica do Ocidente desejava chamar a si o poder que o imperador já tinha em Bizâncio. O fim artístico de ambos era o mesmo: essa arte devia ser a expressão de uma autoridade absoluta, de uma grandeza sobre-humana e de uma inacessibilidade mística. A diligência no sentido de representar personalidades oficiais que exigissem o respeito e a reverência do povo, uma tendência que se fizera sentir, aumentando sempre, desde os últimos tempos do Império, atinge o seu máximo na arte bizantina.

A frontalidade

O método usado para tentar alcançar este fim foi, em primeiro lugar, a frontalidade, tal como acontecera na antiga arte oriental. O mecanismo psicológico que este método põe em movimento é duplo: por um lado, a atitude rígida da figura, representada frontalmente, induz a uma atitude espiritual correspondente da parte daquele que observa; por outro lado, por este processo de representar as figuras, o artista manifesta o seu respeito pelo observador, que consubstancia, na pessoa do imperador, seu patrão e seu

patrono. Esta deferência encerra o significado íntimo da frontalidade, mesmo quando, e, de fato, sobretudo quando – como resultado do funcionamento simultâneo dos dois mecanismos – a personalidade retratada é o próprio governante, quando, paradoxalmente, a atitude respeitosa é tomada pela própria pessoa que, na verdade, se pretendia honrar. A psicologia desta auto-objetivação é a mesma quando o próprio soberano mais estritamente observa o cerimonial que envolve a sua própria pessoa. Em virtude da frontalidade, cada representação-figura toma de certo modo característica de cerimônia. O formalismo do ritual da corte e da Igreja, a solene gravidade de uma vida regulada pelo ascetismo e pelo despotismo, a tentativa de hierarquia secular e espiritual para criar os símbolos da sua autoridade, fazem as mesmas exigências à arte e encontram expressão nas mesmas formas estilísticas.

Formalidade, arte e religião

Na arte bizantina, Cristo é representado como um rei e Maria como uma rainha; usam trajes reais e suntuosos e sentam-se, reservados e sem expressão, intangíveis, nos seus tronos. A longa série de apóstolos e santos aproxima-se deles, com ritmos solenes e vagarosos, exatamente como o séquito do imperador e da imperatriz nas cerimônias da corte. Os anjos acompanham e formam procissões em boa ordem, exatamente como os

dignitários espirituais nas cerimônias eclesiásticas. As figuras são impedidas, por um rito inviolável, de se mover livremente, de sair do seu alinhamento e até de olhar para qualquer um dos lados. Tudo aqui, na sua magnificência régia, com todos os elementos, subjetivos e arbitrários, dominados, se destina a inspirar medo.



Este ritual encontrou expressão paradigmática nos mosaicos votivos de S. Vital, os quais, sob este aspecto, nunca foram ultrapassados. Nenhum movimento clássico ou de inspiração clássica, nenhuma arte, quer idealista quer abstrata, conseguiu expressar formas e ritmos de uma maneira tão direta e tão pura. Tudo quanto seja complicação, o que dissolve em meios-tons, em luz crepuscular, não tem aqui lugar; tudo é simples, claro e óbvio; tudo é contido dentro de linhas nítidas, definidas e expresso sem cores nem

valorações. A história transformou-se completamente em fausto. Justiniano e Teodora, com o seu séquito, apresentam ofertas votivas, um tema fora do comum, para o presbitério de uma igreja. Mas, assim como as cenas sagradas se baseiam no caráter das cerimônias da corte, também nesta arte cesaropapista os cerimoniais da corte começaram, sem dificuldade, a ter um colorido eclesiástico.

(HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972. pp. 196-198.)



Mosaico da Igreja de Santo Apolinário, Ravena.

A Idade de Ouro da arte bizantina

Das basílicas romanas restam apenas as coberturas planas e o fato característico de as colunas não sustentarem abóbadas, mas arquivoltas ou arcos. Durante o longo reinado de Justiniano, acabam as hesitações e constrói-se no estilo que, por ter produzido as suas obras-primas na capital, chamamos bizantino, cujo monumento mais famoso é a igreja metropolitana de Santa Sofia de Constantinopla, ainda em relativo bom estado de conservação. Nela são usados já todos os métodos construtivos e os mais engenhosos recursos da construção bizantina. É a maior realização desta arte singular e, ao mesmo tempo, o primeiro monumento do seu gênero. Como nos tempos de Constantino, também esta igreja se deve à iniciativa pessoal de um monarca; o imperador até chegou a mandar fazer uma residência provisória no local das obras, a fim de poder inspecionar diariamente o andamento dos trabalhos.

O povo atribuía a forma da planta e os pormenores da igreja à inspiração de um anjo que conversava frequentemente com Justiniano. Mas Procópio, o historia-

dor da época, no livro em que fala dos edifícios de Justiniano, explica a parte que nesta iniciativa coube ao monarca e as consultas que diariamente lhe faziam os diretores da obra.

Antêmio de Trales

“Servia-se para as suas ideias, diz o escritor oficial, de Antêmio de Trales, príncipe, sem exceção, de todos os arquitetos e engenheiros, não só do seu tempo, mas de quantos tinham existido até então; todavia, ainda que este fosse o primeiro, junto dele estava também Isidoro, nascido em Mileto, homem de singular inteligência e verdadeiramente digno de ser chamado para a execução da obra concebida por Justiniano Augusto. [...] Há que fazer justiça à grande perspicácia do imperador, continua Procópio, que entre todos os homens soube escolher aqueles que melhor podiam interpretar os seus altos pensamentos.



Retrato de Cristo, do Codex Evangelizador.

E assim conseguiu que esta igreja acabasse por ser uma realização invulgar de beleza, admirada capacidade de sentir de quem a contempla, que fica maravilhada, e superior o quanto possa imaginar quem, por muito longe, apenas ouviu falar dela.”

Estas palavras do historiador bizantino refletem a consciência da beleza excepcional do que a estava realizando, tal como, uns dez séculos antes, a tiveram Péricles e os arquitetos e escultores do Partenão. Mas quanta diferença entre o sentido da beleza de sua e de outros.

Santa Sofia veio a custar tesouros imensos. Justiniano recomendava aos governadores das províncias que lhe enviassem os mármore e materiais mais preciosos.

Um historiador moderno, depois de comparar acertadamente os diferentes critérios com que os antigos gregos e os construtores imperiais de Santa Sofia empregavam os materiais e como os primeiros tinham preferido a beleza pura do mármore branco para os monumentos mais apreciados, como o Partenão ou o Propileu, faz justiça à arte bizantina, reconhecendo que, em Santa Sofia, tanta riqueza, tão magnífica profusão de ouro, de mármore e de mosaicos, fora utilizada com o gosto mais requintado.

A planta de Santa Sofia

A planta do edifício revela que todo ele se desenvolverá obedecendo a um novo sentido artístico; um simples exame permite-nos ver que todas as partes estão dispostas de modo a conter a grande cúpula central, de 31m de diâmetro, inscrita num grande quadrado e sustentada nos ângulos por quatro pendentis sobre quatro pilares. Isto constitui a principal inovação da arquitetura bizantina e é o que torna famosa a cúpula de Santa Sofia, que as apoia unicamente sobre quatro pontos, e não sobre uma grande parede circular, como a abóbada do Panteão de Roma e as das salas das termas romanas, que lhe eram superiores em diâmetro. As cúpulas romanas assentavam, por intermédio das suas paredes, diretamente no solo, ao passo que a enorme meia-laranja de Santa Sofia está como que suspensa no ar, apoiada nos seus arcos e pilares, mantidos pela compressão que contra eles a exercem as abóbadas das meias cúpulas adjacentes. (Cada uma das meias cúpulas apoiava-se noutras três, menores.) Assim recebe uma pressão oposta por dois lados, enquanto nas outras duas o seu empuxo está contrariado por arcos que atuam como contrafortes. A fim de diminuir o peso da cúpula, os hábeis arquitetos de Santa Sofia utilizaram na sua construção telhas brancas e esponjosas fabricadas na ilha de Rhodes, e tão leves que eram necessárias cinco para igualar o peso de uma telha vulgar.



Basilica de Santa Sofia.

Exteriormente, a grande cúpula central não revela a importância da obra, pois está dissimulada por um tambor cilíndrico até um terço da sua altura; neste tambor abre-se uma série de janelas que circundam a zona inferior da grande calota esférica e servem para iluminar a igreja e, ao mesmo tempo, para descarregar o peso da cúpula. No interior, pelo contrário, a novidade não pode ser maior – a vista perde-se no alto, afundando-se naquele grande espaço; não é a impressão de repouso e estabilidade do Partenão, mas a de um mágico equilíbrio, como se a cúpula estivesse misteriosamente suspensa do céu. Os mosaicos que a decoravam deviam tornar mais impressionante aquela grande meia esfera rica de colorido. Destruídas pelos turcos as figuras angélicas e a imagem do Redentor, que se viam no alto, só nas abóbadas angulares dos pendentives foi tolerada a presença de quatro serafins com múltiplas asas.



Cúpula da Igreja de Santa Sofia.

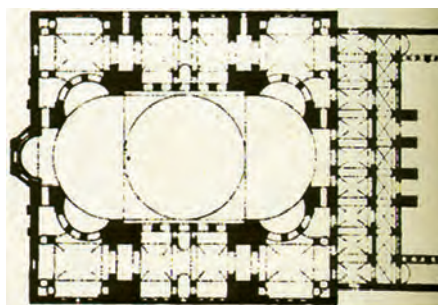
As delicadas proporções desta magnífica cúpula, cuja chave está suspensa a 55m do solo, convertem-na numa das maiores glórias da arquitetura. Nas

paredes sob os dois arcos laterais abriam-se janelas e as tribunas de onde a corte e os altos funcionários assistiam às cerimônias realizadas no grandioso templo. Essas paredes estão cheias de aberturas porque não sustentam a cúpula. Todo o peso do grande hemisfério recai sobre os quatro pilares e não é, portanto, de estranhar que os arquitetos de Justiniano os tenham construído com especial cuidado. Estes pilares, segundo Procópio, eram formados por pedras quadradas, duras por natureza, talhadas com muita arte [...] e ligadas com cimento e gatos de ferro; as fiadas de pedra assentavam sobre folhas de chumbo laminadas, para tornar mais uniforme e repartir as cargas. (O mesmo se fazia algumas vezes nas colunas, cujos tambores ficavam separados por lâminas de chumbo de 1mm de espessura.)

A decoração interior

Procópio exalta também a magnífica decoração do edifício, dos seus pórticos e altas tribunas ou galerias, uma das quais se destinava aos homens e outra era reservada às mulheres (gineceu). “Quem poderia descrever”, diz este historiador, “a parte superior do gineceu, os mármore e as colunas empregadas na sua construção? Quem poderia referir a sua prodigiosa variedade? Os mosaicos que o decoram produzem a ilusão de um maravilhoso jardim cheio de flores, com o azul do fundo e a sua verde e amena folhagem [...]”.

Ainda hoje estas tribunas laterais de Santa Sofia figuram entre as mais belas joias do tesouro da humanidade. A igreja está, além disso, enriquecida com dois pórticos: um anterior, como uma galeria fechada, que dava para o pátio quadrado, e outro mais largo, uma espécie de narthex ou antessala do imenso templo, quase intacto, com suas belíssimas colunas e mosaicos.



Planta da Catedral de Santa Sofia.

Dá também Procópio uma ideia de como o imperador procurou dotar o templo “das mais magníficas alfaias litúrgicas”; só o altar pesava 40 mil libras de prata. Estes objetos desapareceram, como era de se esperar, mas restam ainda, para nos dar uma ideia da sua riqueza, as admiráveis portas de bronze no narthex.

O culto

Para a sustentação do culto, destinou-se a renda de 300 propriedades e quintas dos arredores da capital e os sucessores de Justiniano continuaram a aumentar ainda prodigamente com novos donativos estas rendas consideráveis. Construiu-se a igreja em pouco mais de cinco anos, desde 532 até dezembro de 537, ano em que se realizou a consagração, mas cedo começaram as restaurações. Esta rapidez de construção da maior igreja do mundo parece milagrosa aos contemporâneos. Mas a rapidez era devida aos meios econômicos postos à sua disposição e ao sistema bizantino de construção, que consistia em alternar as fiadas de tijolo com camadas igualmente grossas de argamassa. Este sistema não convinha a um trabalho apressado, visto que a argamassa, ainda antes de secar, devia suportar as grandes pressões dos gigantescos muros e abóbadas. Procópio escreve que já em vida de Antêmio e Isidoro tinham sucedido vários acidentes desagradáveis nos arcos que sustentavam a grande cúpula; poucos anos depois, esta caiu completamente e teve de ser reedificada por um sobrinho de Isidoro, que herdara a perícia do mestre.

Procópio descreve, depois de Santa Sofia, os restantes monumentos construídos ou reedificados pelo próprio Justiniano na capital. Primeiro, a sua estátua equestre no centro da Praça de Augusto e depois o templo de Santa Irene e os diversos hospitais. Segue-se um capítulo dedicado ao templo de Santa Maria das Blaquemas, de Sant'Ana, de Santa Zoe e do Arcanjo Gabriel, de São Pedro e São Paulo, dos Santos Sérgio e Baco e, por último, a igreja-mausoléu dos Santos Apóstolos, onde se encontravam os sepulcros dos imperadores e dos grandes santos da igreja bizantina.

(*História da Arte*. Salvat Editora do Brasil Ltda. tomo 3, pp. 69-76.)

Exercícios Resolvidos



1 (MODELO ENEM) – “Expressão máxima da arte bizantina servia também como fonte de instrução e guia espiritual aos fiéis, mostrando-lhes cenas da vida de Cristo, dos profetas e dos vários imperadores.”

Estamos nos referindo à/ao

a) arquitetura. b) filosofia. c) mosaico. d) escultura. e) pintura.

Resolução

O mosaico é um desenho ou imagem formada pelo encaixe de pequenos pedaços de pedra ou vidro coloridos sobre cimento.

Resposta: C

2 (MODELO ENEM) – No século VI, o Império Bizantino foi governado pelo seu mais célebre imperador, Justiniano. Conseguiu anexar várias regiões ao seu território, praticou o cesaropapismo, isto é, fazia constantes intervenções nos assuntos religiosos, e mandou edificar a suntuosa Igreja de Santa Sofia. Na cultura jurídica, organizou o *Corpus Juris Civilis*, no qual podemos destacar:

I – Um código, que continha toda a legislação romana revisada desde o imperador Adriano.

II – O Digesto ou Pandectas, que incluía um sumário da jurisprudência romana.

III – As Institutas, que constituíram um resumo para ser utilizado pelos estudiosos de Direito.

IV – As Novelas ou Autênticas, que reuniam as novas leis do imperador.

Assinale:

- a) Se todas são falsas.
- b) Se todas são corretas.
- c) Se apenas II e III são corretas.
- d) Se apenas II e IV são corretas.
- e) Se apenas I, II e III são corretas.

Resolução

As alternativas apresentam um resumo da estrutura jurídica criada por Justiniano I, durante o seu governo no Império Bizantino.

Resposta: B

Exercícios Propostos

1 Em termos culturais, por que podemos dizer que o Império Bizantino foi um dos baluartes da civilização cristã?

RESOLUÇÃO:

Porque, ao contrário do Ocidente que se fragmentava, por causa das invasões bárbaras, o Império Bizantino permaneceu unificado. Por esta razão, tornou-se um centro de irradiação cultural, preservando os tesouros da civilização antiga; nesse processo, foram extremamente importantes as bibliotecas, pois guardaram grande parte das obras greco-romanas.

2 Defina sucintamente mosaico.

RESOLUÇÃO:

Mosaico é uma forma de arte na qual são embutidas em cimento (parede, teto ou chão) pedras coloridas, com a finalidade de se formar um desenho.

3 Qual é a maior expressão da arquitetura bizantina?

RESOLUÇÃO:

A Igreja de Santa Sofia, construção iniciada no governo de Justiniano, que a transformou numa espécie de igreja-palácio como forma de consolidar o seu cesaripapismo.

- 4 Sobre a Basílica de Santa Sofia, **não** podemos dizer que
- Isidoro de Mileto e Artêmio de Trales foram seus arquitetos.
 - sua construção durou 6 anos, exigindo o trabalho de cerca de 10 mil homens.
 - muitas colunas (das 107) foram retiradas de outros templos, como o de Heliópolis, no Egito, e o de Diana, em Éfeso.
 - suas paredes foram pintadas pelos muçulmanos para apagar as imagens cristãs.
 - possuía várias colunas monocromáticas.

RESOLUÇÃO:

O interior era todo revestido com ouro, cores e desenhos murais.

Resposta: E

- 5 As estátuas nuas não condiziam com respeito à virgindade e ao celibato. Quando o corpo foi considerado instrumento do Diabo e o monge, em vez do atleta, passou a ser o ideal, a estatuária quase desapareceu e, quando teve um breve retorno, sofreu uma "pressão" da iconoclastia, que foi
- um movimento contra as estátuas nuas, em Bizâncio.
 - um movimento reformista da Igreja Católica em Bizâncio contra estátuas de nu artístico.
 - um movimento em que os seguidores quebravam as imagens de santos, os ícones.
 - uma heresia que adorava imagens, mesmo sendo estas contra os princípios cristãos.
 - um movimento da Igreja Ortodoxa a favor de estátuas de monges, em vez de atletas e mulheres nuas.

RESOLUÇÃO:

As estátuas foram consideradas obras de idolatria e contrárias à verdadeira prática de fé cristã.

Resposta: C

- 6 Sobre a cultura bizantina, **não** podemos afirmar que
- o Império Bizantino se denominava romano, mas foi um Império Grego.
 - o grego substituiu o latim como língua oficial.
 - teve forte influência da cultura chinesa.
 - a arquitetura religiosa, os ícones sagrados e os mosaicos são exemplos de sua arte.
 - teve na Rússia Czarista e nos países dos Balcãs uma grande influência.

RESOLUÇÃO:

A civilização bizantina foi transmissora do legado clássico, contribuindo decisivamente para a preservação da cultura greco-romana.

Resposta: C

- 7 A civilização bizantina floresceu na Idade Média, deixando em muitas regiões da Ásia e da Europa testemunhos de sua irradiação cultural. Assinale a alternativa que apresenta as preponderantes contribuições artísticas bizantinas que se difundiram expressando forte destinação religiosa:

- Adornos de bronze e cobre.
- Aquedutos e esgotos.
- Telhados de beirais recurvos.
- Mosaicos coloridos e cúpulas arredondadas.
- Vias calçadas com artefatos de couro.

RESOLUÇÃO:

Os mosaicos eram amplamente utilizados na decoração interna dos templos bizantinos, e a cúpula arredondada era a característica arquitetônica mais marcante.

Resposta: D

- 8 (MODELO ENEM) – Analisando a imagem, podemos afirmar que



- os temas da arte bizantina eram sempre políticos.
- o mosaico foi uma técnica aprendida com os egípcios.
- a religiosidade sempre se fez presente na representação artística bizantina.
- os cristãos latinos eram iconoclastas.
- o imperador bizantino se considerava um deus.

RESOLUÇÃO:

O Império Bizantino era profundamente marcado pela religiosidade cristã e sua forma de arte mais comum eram os mosaicos.

Resposta: C



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M124**